UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANAS

ROSEMEIRE ANDRADE DE OLIVEIRA ROMÃO CARVALHO

Roberto Arlt, cronista e viajero.
Uma leitura das crônicas de viagem à Andaluzia e ao norte do Marrocos

São Paulo
2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANAS

Roberto Arlt, cronista e viajero.
Uma leitura das crônicas de viagem à Andaluzia e ao norte do Marrocos

Rosemeire Andrade de Oliveira Romão Carvalho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americanas do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Teresa Cristófani Barreto

São Paulo
2009

Dedicatória

Aos meus filhos, Morena, Camila e Vinícius por fazerem parte
de minha vida.

Ao meu companheiro Walter por seu apoio, paciência e
dedicação na leitura de cada linha deste trabalho.

À minha mãe, colega para toda vida.

Agradecimentos

À Prof.^a Dr.^a Teresa Crstófani Barreto pelo apoio e orientação.

À Coordenaria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos de mestrado.

Ao Convênio Centro Associados de Pós-Graduação Brasil/Argentina pela concessão da bolsa de estudos na Universidade de Buenos Aires.

A Paulo Cesar Thomaz e a Sandra Martins Correia pela atenta leitura e revisão do texto e, principalmente, pelos importantes comentários de ambos.

A Elena Vinelli por me abrir sua casa em San Telmo, por sua amizade e por introduzir-me nos prazeres do mate argentino.

Aos funcionários da hemeroteca da Biblioteca Nacional Argentina Jorge Viladrich, Mirta Paredes e Graciela Weller pela gentileza e presteza com que me atenderam.

*El hábito de viajar despierta una insaciabilidad de
paisaje, necesidad compuesta de llegar y partir, y un
solo miedo: quedarse.*

Roberto Arlt

Resumo

O relato de viagem, considerado pela crítica como um gênero literário menor, muitas vezes ocupa um lugar periférico na obra de um escritor. Misturado a crônicas, diários, memórias, compõem um conjunto de escritos que a crítica, muitas vezes, se abstém de analisar e classificar. Roberto Arlt, escritor e cronista do jornal *El Mundo*, realizou algumas viagens como correspondente desse diário. As crônicas resultantes dessa experiência, apesar do pouco interesse da crítica, se configuram importante material, que nos permite recuperar a visão do cronista sobre os lugares visitados e sobre o próprio viajero que, também se mostra através do relato de sua viagem. Esta dissertação pretende, a partir da leitura da série de crônicas “Aguafuertes Españolas” e “Aguafuertes Africanas”, mostrar a imagem da Andaluzia e norte do Marrocos a partir da representação que faz viajero Roberto Arlt da realidade observada e, também, como vai tecendo sua imagem de viajero e convencendo o leitor, valendo-se de recursos da retórica, a aceitar suas escolhas e opiniões no decorrer da viagem.

PALAVRAS-CHAVE: Roberto Arlt, crônica, relato de viagem, retórica, narrador.

Abstract

The travel writing, considered by the critics as a minor literary genre, often takes a peripheral place in a writer's work. Mixed to chronicles, diaries, memories, it makes up a series of writings that the critics, frequently, absents itself from analyzing and classifying. Roberto Arlt, writer and journalist, went on a few trips as a correspondent for the newspaper *El Mundo*. The chronicles, immediate product from this experience, despite of the little interest from the critics, constitutes an important material, which allow us to recover the writer's vision about the visited places and about the traveler who also shows himself through the report of his journey. This dissertation intends to recover the image of Andaluzia and north of Marrocos represented by the traveler Robert Arlt, in the series of chronicles "Aguafuertes Españolas" and "Aguafuertes Africanas" and, also show how the writer builds his image of traveler and convinces the reader, taking in resources from the rhetoric, to accept his choices and opinions along the journey.

KEYWORDS: Roberto Arlt, chronic, travel writing, rhetoric, narrator.

Sumário

Introdução	9
I Roberto Arlt escritor e jornalista	13
1.1 O escritor jornalista	17
1.2 A crônica: literatura e jornalismo	19
1.3 Roberto Arlt cronista do jornal <i>El Mundo</i>	23
1.3.1 A crônica local	25
1.3.2 A crônica de viagem	29
1.3.3 A notícia internacional	34
II Roberto Arlt cronista/viajeiro	37
2.1 O diário do viajeiro	38
2.2 A construção da imagem do viajeiro	40
2.3 A bagagem do viajeiro	47
III A imagem da Andaluzia nas “Aguafuertes Españolas”	54
3.1 Primeiras imagens/impressões	57
3.2 Pelos caminhos da Andaluzia	69
3.2.1 O trabalho e os dias	69
3.2.2 Festas	72
3.2.4 Cidades	79
3.2.5 Viagem ao passado	81
3.2.3 Ciganos	86
IV A imagem do Marrocos nas “Aguafuertes Africanas”	89
4.1 Roberto Arlt, um turista em Tânger	92
4.2 O retorno do cronista/viajeiro	98
Considerações finais	101
Bibliografia	103
Obras de Roberto Arlt	103
Sobre Roberto Arlt	109
Geral	112
Endereços eletrônicos	117
Anexo I	118
Anexo II	120

Introdução

O relato de viagem é considerado pela crítica um gênero literário menor e, por isso, não consegue firmar-se como gênero independente na produção de um escritor, ocupando, quase sempre, um modesto lugar no corpo de sua obra. Misturados a crônicas, diários, memórias compõem um conjunto de escritos que a crítica, muitas vezes, se abstém de analisar e classificar. É o caso de *Aguafuertes Españolas – Primeras impresiones* (1936) de Roberto Arlt que aparece ao lado do volume *Aguafuertes Porteñas* (1933) como uma antologia de crônicas, o que é uma imprecisão, como veremos mais adiante.

Os relatos de viagem de Roberto Arlt, por terem origem no trabalho jornalístico, são agrupados junto às crônicas portenhas, não merecendo nenhuma atenção diferenciada, mesmo tratando-se de textos que tiveram na atividade viageira o motivo de sua escritura. Noé Jitrik (JITRIK, 1969), em “Crónicas del viaje a Europa”, critica o desinteresse pelo texto de viagem e aponta a importância de retomá-los, pois são a oportunidade de recuperar a visão do escritor sobre o lugar visitado e sobre determinada época porque “cuando un escritor habla no es sólo él el que por su boca se expresa: es su mundo, su tiempo, su clase.” (*ibid*, p. 12)

Entre as viagens realizadas por Roberto Arlt destacamos a ida à Espanha por três razões: (a) por sua duração, foi a mais longa, por isso, lhe permitiu percorrer várias regiões do país e manter um maior contato com o povo espanhol; (b) por seu destino, a Europa – o que insere Arlt numa tradição de escritores que viajaram a esse continente; (c) e por ter sido a única que, por obra do próprio escritor, foi registrada em livro, possibilitando a inclusão do gênero relato de viagem no conjunto de sua obra.

O livro de viagens *Aguaфuertes Españolas*, que relata a atividade viageira do cronista, pouco explorada pela crítica, despertou nosso interesse pela sua singularidade. No entanto, ainda no início de nossa pesquisa verificamos que o volume citado tratava apenas da etapa inicial da viagem à Espanha, correspondente ao período em que Roberto Arlt percorreu a Andaluzia e o norte do Marrocos. Consultando os arquivos da hemeroteca da Biblioteca Nacional Argentina¹, pudemos comprovar que a etapa Andaluzia/Marrocos originou noventa e quatro crônicas que foram publicadas no jornal *El Mundo* entre 8 de abril e 17 de setembro de 1935.² Esses textos, por nós compilados e incluídos em anexo neste trabalho, mais as crônicas que anunciam a viagem e, as da travessia, compõem o *corpus* desta dissertação.

Com a descoberta de textos inéditos constatamos que, o registro da viagem era mais amplo que o apresentado no livro. Optamos por concentrar nossa análise nesse conjunto de crônicas, não só porque representam um volume maior de textos, mas também porque são o produto imediato da experiência viageira. Descartamos assim do nosso *corpus* de análise o livro *Aguaфuertes Españolas* que narra a experiência de viagem mediada pela distância temporal e física do país visitado.

Ainda que o livro *Aguaфuertes Españolas* não seja objeto de estudo deste trabalho parece-nos relevante dar a conhecer algumas informações a seu respeito: o volume contém três partes, “Cádiz”, “Marruecos” e “Granada”, que respeitam o trajeto e a cronologia da viagem. Das noventa e quatro crônicas publicadas no jornal, trinta e nove foram transpostas para o livro. Desse modo, um pouco mais da metade continua inédita. A junção das crônicas ocasionou algumas alterações com a finalidade de dar coesão aos textos, modificando assim, sua estrutura original. Verificou-se também a inserção de oito fragmentos inéditos. Por conseguinte, não se pode considerar o livro como uma coletânea de crônicas, como é o caso de *Aguaфuertes Porteñas*, volume organizado pelo autor, que apenas selecionou algumas crônicas, sem efetuar qualquer tipo de alteração. Podemos afirmar, portanto, que *Aguaфuertes Españolas* é um texto original que relata a experiência viageira de Roberto Arlt durante seu périplo pela Andaluzia e norte do Marrocos. Se as crônicas, publicadas no jornal, são o

¹ A consulta de material inédito, efetuado na Biblioteca Nacional Argentina, foi possível graças a uma bolsa de estudos de três meses, concedida pelo Convênio USP/UNICAMP/UBA (Universidade de Buenos Aires).

² A publicação das crônicas relativas à viagem à Espanha se estendeu de 12 de fevereiro de 1935 a 11 de julho de 1936.

resultado da obrigação do correspondente de dar notícia dos lugares por onde passava, o livro é a manifestação do desejo do autor de narrar a experiência viageira.

Parte de nosso interesse por esse período da viagem se deve à atenção demonstrada pelo próprio cronista, que fez questão de dar visibilidade à etapa Andaluzia/Marrocos. Moveu-nos, também, a oportunidade de trabalhar com material inédito do autor. Assim sendo, o objetivo desta dissertação é, além de resgatar esses textos da periferia, que ocupam na literatura de Roberto Arlt, mostrar sua importância no conjunto da obra. O trabalho também pretende revelar a imagem do viageiro, pois seu modo de pensar, sentir e posteriormente, representar a experiência da viagem emerge de sua escritura. Sempre tendo em conta a condição em que viajou Arlt: como correspondente do jornal, ou seja, escritor-jornalista, que viajou a trabalho e que tinha como encargo fornecer notícia dos lugares por onde passava.

O panorama da produção jornalística de Roberto Arlt será assunto do primeiro capítulo. É nossa intenção apresentar sua trajetória de cronista que se inicia com a crônica local, passa pela a crônica de viagem e termina na crônica que encontra na notícia internacional seu tema. O texto de viagem aparece como um momento de transição entre a temática local e a internacional, pois apresenta o autor fora de sua cidade, que necessita documentar-se – entrevistar, perguntar, ler, pesquisar - para escrever, uma vez que sua atividade de passeante atento não é suficiente, em terra estrangeira, para cumprir a tarefa de cronista.

No segundo capítulo nos ocuparemos do narrador das crônicas, a quem denominamos cronista-viageiro. No discurso literário a figura do narrador está relacionada com o sujeito que assume a responsabilidade do enunciado e não o escritor empírico, produtor do enunciado. Portanto, o foco de nossa leitura é o narrador, esse sujeito textual, instalado na narrativa pelo escritor empírico Roberto Arlt e, que nos relata a viagem. Tentaremos mostrar através da leitura das crônicas como Roberto Arlt, a partir de recursos retóricos, vai tecendo sua imagem de viageiro e convencendo o leitor a aceitar suas escolhas e opiniões.

No terceiro capítulo trataremos de seguir o cronista em seu percurso espacial e cognitivo. Partindo do princípio de que toda viagem é também uma viagem de conhecimento, acompanharemos o cronista em seus descobrimentos por terras estrangeiras. Sabemos que o viageiro não possui um olhar virgem, ele carrega uma consciência poética que direciona seu olhar. Os espaços ficcionais, que leva consigo, são confrontados com os espaços reais durante

a viagem. A análise dos textos deve mostrar que imagem da Andaluzia emerge dessa confrontação. Interessa-nos em nossa análise seguir as marcas desse narrador no discurso, as reflexões que tece sobre o ato de viajar, seus interesses particulares de viajero e os interesses inerentes a sua condição de jornalista que viaja a trabalho.

A visita ao Marrocos se configurou como uma viagem particular do cronista. Arlt, no norte magrebino, é um turista em férias. No capítulo quatro, trataremos de mostrar a transformação do viajero em turista por uns dias, as mudanças em seu comportamento e na direção de seu olhar.

A análise dos textos deve mostrar como o olhar do viajero vai se modificando ao longo da viagem e como o narrador da expectativa, contaminado pelas referências, vai se libertando para elaborar um discurso próprio que ao alcançar as páginas do livro será uma nova referência literária.

Sé que a veces, a cierta gente, mis notas le pican como ácido nítrico. Y con este ácido es con el que se graba en metal el diseño de esa clasificación: aguafuertes.

Roberto Arlt

I. Roberto Arlt, escritor e jornalista

Roberto Arlt (1900-1942) foi um escritor múltiplo, circulou por diversos gêneros literários. Romance, teatro, crônica jornalística e conto compõem a obra Arltiana. Estréia na literatura com a publicação do ensaio “Las ciencias ocultas en la ciudad de Buenos Aires”, no ano de 1920, em *Tribuna Libre*, uma publicação bimensal de temas sociológicos e literários (BORRÉ, 1996, p. 79). Em 1926, Arlt surge efetivamente no meio jornalístico e literário. Nesse ano ingressa como colaborador na revista humorística *Don Goyo*, publica o conto “El gato cocido” na revista *Mundo Argentino* e lança seu primeiro romance *El juguete rabioso*. A este seguiram-se *Los siete locos*, 1929; *Los lanzallamas*, 1931 e *El amor brujo*, 1932.

O ano de 1932 marca o fim de um ciclo e o começo de outro, Arlt abandona o romance e se inicia no teatro. Até o ano de sua morte escreve dez obras teatrais³. O teatro de

³ Omar Borré (1996) e Raúl H. Castagnino (1964) contabilizam oito peças teatrais que são as seguintes, em ordem de estréia: *Trescientos millones*, 1932; *Saverio el cruel*, 1936; *El Fabricante de fantasmas*, 1936; *La isla desierta*, 1937; *África*, 1938; *La fiesta del hierro*, 1940; *Prueba de amor*, 1947 (escrita em 1932); *El desierto entra en la ciudad*, 1953 (escrita em 1941). Em volumes editados recentemente encontramos, além das já

Roberto Arlt aparece ligado ao grupo independente Teatro del Pueblo, dirigido por Leónidas Barletta. Arlt presenciou a montagem de seis de suas peças, cinco delas foram encenadas por esse grupo teatral.

A narrativa breve e a crônica periodística foram gêneros constantes na produção literária de Roberto Arlt. Seus contos foram publicados nas revistas *El Hogar* e *Mundo Argentino*, e as crônicas, de aparição diária, no jornal *El Mundo*. Nota-se que romance e teatro se sucedem enquanto que o relato breve e as crônicas são constantes e percorrem caminho paralelo na obra do escritor.

Para este estudo propomos dividir a obra de Roberto Arlt em duas categorias: permanente e efêmera. A parte permanente é composta por textos que o próprio autor trouxe à luz através de publicação em livro, e são eles: os romances citados acima; as duas antologias de contos, *El Jorobadito* (1933) e *El Criador de Gorilas* (1941); a seleção de textos jornalísticos, *Aguafuertes Porteñas - Impresiones* (1933) e o volume *Aguafuertes Españolas – primeras impresiones* (1936). Na categoria efêmera, figura o restante de suas crônicas e contos⁴ que tiveram como veículo de publicação exclusivo os jornais e revistas da época.

Textos publicados em periódicos têm o que se pode chamar de visibilidade transitória, dada a natureza efêmera dessas publicações. Walter Benjamin (1994) no ensaio “O narrador”, quando opõe a narrativa à informação, afirma que esta “só tem valor no momento em que é nova”, pois está ancorada na atualidade, ao contrário da narrativa que conserva sua força através do tempo. Assim, uma vez extinta a novidade, desaparece também o interesse pela notícia e a utilidade do jornal como veículo de informação⁵. Contos e crônicas não são textos informativos, mas se impressos no jornal têm o mesmo destino que estes. Salvos da desapareção total, quando arquivados em hemerotecas, esses textos dependem, para seu resgate, do interesse da crítica que, como será mostrado mais adiante, foi tardio.

citadas, duas breves “burlerías”, *La juerga de los polichinelas* e *Un hombre sensible*, ambas publicadas originalmente em 1934. Cf. bibliografia ao final deste trabalho.

⁴ Não incluímos a obra teatral na classificação proposta por considerar que, apesar de texto publicado, sua perenidade está ligada à representação.

⁵ Julio Cortázar no conto “El diario a diario” narra as metamorfoses por que passa o jornal ao longo do dia e seu destino final: “embrulhar acelgas”. C.f. Julio Cortazar (1986).

Após a morte de Roberto Arlt, em 1942, houve um silêncio por parte da crítica⁶ interrompido em 1950 com a publicação da biografia *Arlt, el torturado*, escrita por Raúl Larra, que foi muito criticado por seus sucessores pelo pouco investimento crítico de seu texto. Contudo não se pode negar a importância, tanto do texto quanto a de seu autor. Além de ser um estudo pioneiro, que se por um lado contribuiu para impor a imagem de Arlt como um escritor torturado, por outro foi responsável por seu “retorno” à cena literária, pois, como fundador e diretor da Editorial Futuro empreendeu a tarefa de reeditar a obra de Arlt no começo da década de 1950.

Em 1954, a revista *Contorno*, dirigida por Ismael Viñas e David Viñas, publicou um volume dedicado a Roberto Arlt, inaugurando, assim, efetivamente, os estudos críticos sobre o autor, e que serão retomados partir de meados dos anos de 1960 com textos que abordaram diferentes aspectos da obra Arltiana.

Relacionamos alguns exemplos⁷: *Sexo y traición en Roberto Arlt* (MASOTTA, 1965) influenciado pela crítica marxista; *Crisis en la narrativa de Roberto Arlt* (MADAVSKY, 1968) faz uma leitura psicanalítica dos personagens arltianos; *La zona novelística de Roberto Arlt* (CORRO, 1971) aborda o aspecto existencialista da obra; *Buenos Aires y Arlt* (GOSTAUTAS, 1977) analisa a influência de Dostoievsky principalmente em *Los Siete Locos* e sua continuação *Los Lanzallamas*; *Las Aguafuertes Porteñas de Roberto Arlt* (SCROGGINS, 1981) trata de investigar os autores lidos por Arlt e possíveis influências literárias documentadas em suas *aguafuertes* no período de 1928 a 1933; *El discurso narrativo arltiano* (ZUBIETA, 1987) examina os procedimentos narrativos e o diálogo Arlt/Dostoievsky; *Arlt, el profeta del miedo* (DRUCAROFF, 1998) faz uma leitura feminista dos textos.

Não se pode deixar de mencionar o escritor e crítico Ricardo Piglia. Apesar de não ter produzido um estudo dedicado exclusivamente a Roberto Arlt, desde a década de 1970 vem

⁶ Omar Borré relaciona as críticas e comentários quando do lançamento dos quatro romances de Roberto Arlt e aponta também a inexistência de crítica com relação às compilações de contos e crônica efetuadas pelo autor. C.f. Borre (1996, p. 17-70).

⁷ Não é nossa intenção fazer uma relação exaustiva dos estudos dedicados a Roberto Arlt. Listamos alguns poucos exemplos a fim de mostrar algumas abordagens efetuadas à obra arltiana.

contribuindo para a fortuna crítica do autor com artigos publicados em diferentes periódicos⁸, além do debate Arlt/Borges que aparece em seu romance *Respiración Artificial*.

Para Omar Borré (1996, p. 92) as leituras da obra de Roberto Arlt, até a década de 1990, foram:

[...] incrementadas por los estudios apasionados de su personalidad de escritor, la indagación sociológica, el rastreo de los caracteres psicológicos de sus personajes, el diagrama de la ideología de la estructura profunda del texto, los valores costumbristas vinculados a su quehacer periodísticos y el teatro como una especie de sintetizador de su obra.

As questões abordadas pela crítica, nos trabalhos relacionados acima, se repetem em outros estudos bem como o *corpus* de análise que, quase sempre se concentra nos romances *Lo Siete Locos* e *Los Lanzallamas*. Rita Gnutzmann chama a atenção para esse fato, “Uno de los problemas observados es la insistencia de los críticos en las mismas cuestiones y en los mismos textos, sin conocer o tener en cuenta los trabajos de estudiosos anteriores.” (GNUTZMANN, 2004, p. 13) Desse modo multiplicam-se os estudos centrados principalmente nos romances citados e poucos são os que se debruçaram sobre os contos ou textos jornalísticos.

Apesar de numericamente superior, a obra efêmera não recebeu da crítica a mesma atenção que a dada aos seus romances. Durante a pesquisa efetuada para a elaboração desta dissertação, os poucos trabalhos encontrados, dedicados ao estudo de crônicas e contos, se configuravam como breves capítulos que compunham uma obra maior. Apoiados em um *corpus* de análise restrito aos textos publicados nas citadas antologias⁹ - exceção feita ao pioneiro trabalho de Scroggins sobre as *aguafuertes*. Ou ainda artigos dispersos em periódicos, mas não por isso, menos importantes.

A visibilidade transitória de contos e crônicas justificaria a exiguidade dos estudos dedicados a esses textos somente até meados da década de 1990. Período em que, se os textos não eram ignorados, tampouco eram de acesso fácil. A partir da data mencionada a obra de

⁸ Além de Piglia, críticos como Noé Jitrik, Adolfo Pietro, Beatriz Sarlo, Jorge Rivera, entre outros, têm dedicado importantes páginas à obra arltiana. Para uma bibliografia de e sobre Roberto Arlt consultar Omar Borré (1996) e Rita Gnutzmann (2004).

⁹ Carlos Correa em seu livro *Arlt literato* dedica breves páginas às “*Aguafuertes porteñas*” e sobre as “*Aguafuertes Españolas*” diz: “En mi caso he dejado completamente a un lado, verbigracia, las *Aguafuertes españolas*: no sabía que decir acerca de ellas y no he encontrado todavía qué decir...” Não se trata aqui de julgar o trabalho de Carlos Correa, a citação serve apenas para exemplificar a escassez de trabalhos dedicados a esses textos.

Roberto Arlt caiu no domínio público o que impulsionou a compilação de muitos de seus textos ainda inéditos em livro. Publicam-se seus *Cuentos Completos* (1996) e uma série de volumes reunindo boa parte de suas crônicas.

O surgimento de material inédito, entretanto, não estimulou os trabalhos críticos e isso leva à seguinte hipótese: a tendência da crítica em considerar contos e crônicas como “obra menor” frente ao romance e à poesia. Aqueles são gêneros que ocupam uma espécie de periferia dentro da produção literária de um autor. No caso da crônica, colabora para arrastá-la a essa periferia o fato de a crítica ver no trabalho jornalístico apenas a profissionalização do escritor, uma atividade que visa exclusivamente garantir seu sustento. Com isso acaba por desconsiderar uma parcela significativa de sua obra.

1.1. O escritor/jornalista

O jornalismo, como atividade do escritor, aparece na América Latina, no final do século XIX, mas a figura do escritor-jornalista, que efetivamente tira seu sustento do trabalho na imprensa, surge nos primeiros anos do século XX. Nessa época a Argentina passa por um processo de democratização do ensino e da cultura, o que garante o acesso à educação às camadas populares, proporcionando o declínio do analfabetismo e, por conseguinte, a geração de um novo público leitor. A imprensa contribuiu nesse processo no sentido de abastecer e, por que não, formar novos leitores, ao mesmo tempo em que se torna um dos modos de acesso à cultura. Esse movimento abrangeu outras capitais da América Latina e teve papel relevante no processo de interligação entre intelectuais latino-americanos (ZANETTI, 1994)

O jornalismo, até então, era exercido por políticos e pela elite intelectual e tinha como seus principais expoentes, na capital portenha, os diários *La Nación*, *La Prensa* e *La Razón*. Fazia-se necessário uma imprensa comprometida com o novo público oriundo das camadas populares. Aparecem, então, nas primeiras décadas do século XX, jornais e revistas destinados a atender a esses leitores.

Em 1913, Natalio Botana funda o diário *Crítica*. Com destaque para os eventos esportivo e policial, apresentava notícias ilustradas, sessões dedicadas à mulher, à criança, ao cinema e um suplemento literário. Abastecia o público com variedade de assuntos em artigos breves de rápida leitura (SARLO, 2003, p. 20). Um jornal dirigido às camadas média e

popular e que atendia a toda a família. Passaram por sua redação nomes como Raúl González Tuñón, Conrado Nalé Roxlo, Jorge Luis Borges e Roberto Arlt, que trabalhou como cronista da página policial no ano de 1927.

Nos mesmos moldes do jornal *Crítica* e para competir com este, Alberto Haynes, dono da Editorial Sud Americana funda o jornal *El Mundo*. A principal novidade deste é o tamanho tablóide, ideal para ser lido no bonde ou trem a caminho do trabalho. Assim como seu antecessor se dirige a toda a família e essa intenção é anunciada em cada página com as seguintes chamadas: “Diario del todo el día para toda la familia”, “Diario moderno, cómodo y sintético”, “Diario que interesa a la mujer, al hogar, al niño”. Busca ser ao mesmo tempo veículo de informação e entretenimento. Arlt integrou a equipe de redatores do jornal entre os anos de 1928 a 1942. Pertenciam ao mesmo grupo editorial as revistas *El Hogar* e *Mundo Argentino*, por onde circularam os autores acima citados e também o escritor Horacio Quiroga.

O incremento da atividade jornalística levou a contratação de jovens escritores que passaram a atuar profissionalmente na imprensa. Já não se trata mais do intelectual, que eventualmente escreve para o diário ou uma revista, mas sim de um profissional que encontra nessa atividade o seu sustento. Horacio Quiroga no texto “La profesión literaria”¹⁰ (*El Hogar*, janeiro de 1928)¹¹ defende o profissionalismo do escritor e, por conseguinte, a sua justa remuneração, “el arte de escribir, el don de crear belleza con la pluma, constituye ya, felizmente, una noble, juiciosa y dorada profesión”, ou seja, a obra literária possui não só um valor estético, mas também um valor mercantil, por isso o talento/trabalho do escritor pode e deve ser remunerado, e continua “Yo comencé a escribir en 1901.[...] Desde ese instante, pues, he pretendido ganarme la vida escribiendo.” Roberto Arlt, no texto “Autobiografía humorística”, que antecede em dois anos o texto de Quiroga, ao jactar-se de haver sido o escritor mais jovem a ganhar dinheiro com sua pena, reconhece o valor mercantil da literatura e assume o papel de escritor profissional, “Yo soy el primer escritor argentino que a los ocho años de edad ha vendido los cuentos que escribió”. (*Don Goyo*, 14/12/1926)¹²

¹⁰ Anotaremos no corpo do texto a data e o veículo original de publicação das crônicas, sempre que esse dado nos foi possível localizar. Reservamos a nota para a indicação bibliográfica.

¹¹ Horacio Quiroga, *Todos los cuentos*, p. 1204-1206.

¹² Roberto Arlt, *El resorte secreto y otras páginas*, p. 136.

Aos escritores – como é o caso de Roberto Arlt filho de imigrantes beneficiado pela democratização do ensino e da cultura – o jornalismo não só se apresenta como uma fonte de renda, mas é também e, principalmente, o lugar que lhes permite afirmar sua escritura.

A separação entre criação (literatura) e produção (jornalismo) impede que se perceba que elementos que caracterizam a literatura de um autor também estão presentes no seu labor diário de jornalista. Roberto Arlt reconhece a falsidade dessa dicotomia quando afirma que “para ser un buen periodista es necesario ser buen escritor” (“Para ser periodista”, 31/12/1929).¹³ Antes dele, Rubén Darío já havia saído em defesa do escritor que se dedica também ao jornalismo e que o exerce com talento e competência:

Hoy, y siempre, un periodista y un escritor se han de confundir. [...] Solamente merece la indiferencia y el olvido aquel que, premeditadamente, se propone escribir, para el instante, palabras sin lastre e ideas sin sangre. Muy hermosos, muy útiles y muy valiosos volúmenes podrían formarse con entresacar de las colecciones de los periódicos la producción, escogida y selecta, de muchos, considerados como simples periodistas. (DARÍO, 1925)

O que tanto Arlt como Darío sustentam é que não há uma separação entre as duas práticas. Escrever é uma atividade única que exige dedicação e trabalho duro. É o que afirma o próprio Arlt no prólogo de seu romance *Los Lanzallamas*, em que expõe sua condição de trabalho como escritor e jornalista:

Escribí siempre en redacciones estrepitosas, acosado por la obligación de la columna cotidiana. [...] Cuando se tiene algo que decir, se escribe en cualquier parte. [...] Orgullosamente afirmo que escribir, para mí constituye un lujo. No dispongo, como otros escritores, de rentas, tiempo o sedantes empleos nacionales. Ganarse la vida escribiendo es penoso y duro. (ARLT, 2000, p. 285)

O exercício diário do jornalismo não deve ser dissociado da criação literária. E no caso de Roberto Arlt, ambas as atividades concomitantes seguem caminho paralelo. Por isso, é necessário o estudo de sua obra jornalística para uma completa compreensão de sua literatura.

1.2. Crônica: literatura e jornalismo

É preciso esclarecer que quando se fala na produção jornalística de Roberto Arlt não se trata da reportagem, do texto informativo puro. Seus textos publicados em jornais são

¹³ Roberto Arlt, *Aguafuertes – Tomo II*, pp. 379-382.

crônicas, que têm como principal característica a oscilação entre reportagem e criação literária.

No século XIX, a crônica, desprendida de seu historicismo original, passa a frequentar as páginas do jornal. O cronista deixa de narrar os feitos de personagens ilustres para se ocupar dos fatos prosaicos do cotidiano. Seu interesse se fixa no menor, naquilo que passaria despercebido pelo observador comum. Sem ser discurso jornalístico nem literário, pode-se dizer que a crônica é o encontro de ambos os discursos. É reportagem porque a matéria da escritura, como já foi dito, é um fato extraído da realidade cotidiana e, por isso, abundante em referências que são facilmente reconhecidas pelo leitor. É também criação literária porque a realidade é recriada pelo engenho do escritor.

Outra característica da crônica é sua multiplicidade discursiva que permite ao cronista revestir seu texto de recursos emprestados de outros gêneros que, mantidos em equilíbrio, dão vida a uma forma única. Juan Villoro (*La Nación*, 22/01/2006) em seu artigo “La crónica: ornitorrinco de la prosa” relaciona esses empréstimos:

De la novela extrae la condición subjetiva, la capacidad de narrar desde el mundo de los personajes y crear una ilusión de vida para situar al lector en el centro de los hechos; del reportaje, los datos inmodificables; del cuento, el sentido dramático en espacio corto [...]; de la entrevista, los diálogos; y del teatro moderno, la forma de montarlos; del teatro grecolatino, la polifonía de testigos [...]; del ensayo, la posibilidad de argumentar y conectar saberes dispersos; de la autobiografía, el tono memorioso y la reelaboración en primera persona.

Na crônica “20 grúas abandonadas en la Isla Maciel” é possível observar a transformação da realidade observada. O título – que poderia ser também a manchete, caso o texto fosse exclusivamente uma reportagem – anuncia o fato “imodificável”: o abandono e, por consequência, a deterioração em que se encontra um complexo portuário nos arrabaldes de Buenos Aires à margem do Riachuelo. Já nos primeiros parágrafos, o cronista desveste a ilha de sua realidade para conferir-lhe um aspecto ficcional:

La Isla Maciel es rica en *espectáculos* brutales. En ella no se puede deslindar, por momentos, donde termina el cañaveral y empieza la ciudad. Tiene calles terribles, dignas de *cinematografía* o de *novela*. [...] Hay calles a lo largo de sauzales, más misteriosas que *refugios de pistoleros* [...] No se sabe si se encuentra uno en una orilla de África o en los alrededores de una ciudad nueva de una península de Alaska. [...] Pero el *espectáculo* que más llama la atención al entrar a la isla, a pocos metros del puente de Riachuelo, es un guardia de veinte gigantes de acero, muertos, amenazando el cielo con los brazos enredados de cadenas, abandonados quizá hasta la oxidación. Son

veinte grúas que hace algunos años trabajaban frente a la costa de la capital. [...] Parece este un paisaje de alguno *cuento fantástico* de Lord Dunsany. (*El mundo*, 05/06/1933)¹⁴

Os termos destacados na citação (grifo nosso) afastam a ilha de sua condição de espaço geográfico real, no qual se desenrolou o fato, e a transformam em espaço que poderia compor um cenário cinematográfico ou literário. A insistência no uso da palavra *espectáculo* ao invés de, por exemplo, *hecho* reforça essa idéia. Há ainda a menção à África e ao Alaska, que apesar de referências reais são também território da fantasia, pois serviram de cenário a muitos romances de aventura e, posteriormente, ao cinema.¹⁵ A descrição das gruas como “gigantes muertos” instala o elemento fantástico no texto e é também uma alusão ao episódio dos moinhos de vento da obra *Don Quijote*. Os espaços reais e textuais vão se misturando e se confundindo.

A ilha Maciel é o lugar do indeterminado, “*no se puede* deslindar, por momentos, donde termina el cañaveral y empieza la ciudad”, “*No se sabe* si se encuentra uno en una orilla de África o en los alrededores de una ciudad nueva de una península de Alaska”, “en *ciertas direcciones*, a las once de la mañana, en la isla *parece* las tres de la tarde”, “hombres, que cruzan caminos paralelos y vías que *no se sabe* dónde irán a parar”. As expressões assinaladas marcam essa indeterminação no nível discursivo e que no nível fundamental estabelecem a oscilação/oposição entre o real e a fantasia que está na base de construção do texto. Pode-se dizer que a crônica, assim como a ilha, é também o espaço do indeterminado, pois abriga a transitoriedade entre discurso jornalístico e discurso literário.

A crônica tem como objetivo principal o entretenimento e a não a informação. Desse modo, o que poderia ser uma reportagem sobre a situação de abandono em que se encontra a ilha Maciel, cede espaço para um discurso no qual se impõem a interpretação do autor sobre o fato e seu poder criativo sem, contudo, desprezar a informação. O cronista apresenta o mundo digerido, assimilado e renascido. Não é uma visão direta e sim filtrada pelo seu olhar que mostra uma realidade revestida por ele (MARTÍN VIVALDI, 1973, p. 186). E é esse revestimento que garante às crônicas sua sobrevivência quando livres de sua referência

¹⁴ Roberto Arlt, *Aguafuertes – Tomo II*, p. 59-61.

¹⁵ O cartoon também se apropriou desses espaços, Walter Lantz, criador do personagem Picapau, realizou em 1930 dois desenhos animados intitulados *Alaska* e *África*, respectivamente. Desnecessário lembrar que o desenho animado era uma grande atração no cinema dos anos de 1930. Cf. *Alaska*, <http://www.imdb.com/title/tt0142072/> e *África*, <http://www.imdb.com/title/tt0142067/>.

imediate. O próprio autor, quando reúne suas crônicas em livro, reconhece sua qualidade de texto perene. Sabe que suas características literárias superam a referencialidade.

A prática do jornalismo cumpriu um duplo papel na produção literária de Roberto Arlt. Se a obrigação de entregar uma nota diariamente limitava seu tempo para o trabalho de ficcionista, ao mesmo tempo o abastecia de temas e tipos humanos que não raro deslizavam da crônica jornalística para o texto literário. Para citar um exemplo, em 1927, ainda como redator da coluna policial do diário *Crítica*, Arlt escreveu uma nota sobre o suicídio de uma jovem empregada doméstica de origem galega. Em 1929, já como cronista do *El Mundo*, retomou o tema da exploração a que eram submetidas essas imigrantes na crônica “Usura transatlántica” e o repetiu em 1932 em sua primeira obra teatral *Trescientos millones*. No texto “A modo de explicación” Arlt recorda o fato,

Siendo reportero policial del diario *Crítica*, en el año 1927, una mañana del mes de septiembre tuve que hacer una crónica del suicidio de una sirvienta española de veinte años de edad [...] Durante meses y meses caminé teniendo ante los ojos el espectáculo de una pobre muchacha triste, sentada a la orilla de un baúl, en un cuartucho de paredes encaladas, piensa en su destino sin esperanza, al amarillo resplandor de una lamparita de veinticinco bujías.

De esa obsesión, que llegó a tener caracteres dolorosos, nació esta obra... (ARLT, 2005b, p. 9-10).

Essa transferência de temas e tipos humanos da crônica para o texto literário levou a crítica a considerar a produção jornalística de Roberto Arlt como um espaço de experimentação. Para Noé Jitrik (1987, p. 118) as crônicas “constituyen un campo previo, de investigación y las novelas, cuentos y teatro, el plano de la elaboración, del desarrollo”; para Mirta Arlt (1969) “un borrador generoso de sus novelas”.

Essa crítica reconhece a importância do texto jornalístico na obra Arltiana, mas ao mesmo tempo perpetua o conceito de crônica como gênero menor. Termos como *elaboración* e *desarrollo* pressupõem uma melhora qualitativa na passagem do jornalístico ao literário, o que de certo modo desqualifica a crônica. O mesmo acontece com *borrador* – ainda que generoso – que supõe um texto posterior, corrigido e melhorado.

A escritura da crônica obedece a limitações externas e internas. Tendo como veículo de publicação o jornal, o texto deve ser breve e acessível, pois visa a atingir um número elevado de leitores. Ocorre que, muitas vezes, a história que o escritor quer contar, o tema que pretende tratar não cabe dentro dessas condicionantes. O trecho citado acima mostra como a

cena do suicídio, o tema da exploração de jovens imigrantes perseguiu o escritor que não se contentando em tratá-lo no espaço da crônica o retomou em outro gênero. Isso não faz da crônica um rascunho. A crônica tal como aparece no jornal se constitui um texto terminado.

Pode-se afirmar que a crônica de Roberto Arlt é um espaço de experimentação discursiva, pois como já foi dito anteriormente, a possibilidade que esse tipo de texto tem de assumir muitas formas narrativas permite que o autor circule por gêneros diversos. As palavras de Arlt “Una misma historia puede comenzarse a narrar de diferentes modos,...” que iniciam o conto “Halid Majid el achicharrado” (ARLT, 1994, p. 32) expõem essa possibilidade de experimentação.

1.3 Roberto Arlt cronista do *El Mundo*

A revista *Don Goyo - Semanario Humorístico Argentino* foi a primeira publicação periódica a contar com a contribuição efetiva de Roberto Arlt. Foram ao todo vinte e dois textos publicados entre janeiro de 1926 e fevereiro de 1927. Como o próprio nome já anuncia se trata de uma revista que tem sua tônica centrada no humor. No primeiro número, a seção “Apuntes de Don Goyo”, uma espécie de editorial, apresenta a revista e a que público se dirige, “será un periódico eminentemente argentino y eminentemente humorístico, un nuevo rayo de sol que se infiltra en la vida Argentina; será respetuoso con las señoras, cariñoso con los niños, cortés con todo el mundo y compasivo con los animales”. A ruptura final na enumeração – uma citação da frase “sed compasivo con los animales” de Sarmiento - dá uma idéia de seu humorismo. Para não deixar dúvida, algumas seções fixas da revista levam os seguintes títulos: “Todo en broma”, “Anecdario argentino”, “El humorismo en la oficina”, “Chistes para los niños” (ROMANO, 2007, pp. 3-15).

As contribuições literárias seguiam o tom humorístico da revista. Assim as vinte e duas notas jornalísticas de Roberto Arlt para *Don Goyo* têm no humor a sua principal característica. Um recurso de que se utiliza para garantir esse efeito é adotar uma forma discursiva pomposa como carta a autoridades, cartas de pêsames, discurso religioso, para expor um conteúdo ridículo (GARCIA, 1996, pp. 7-17). O diálogo virtual com o leitor, através das cartas, será um de seus traços como cronista, bem como o retrato de tipos humanos. Romano (1996) vê esses textos como antecedentes das *Aguafuertes Porteñas*, com

a ressalva de que devem ser lidos a partir do humorismo, pois são textos destinados, sobretudo, a divertir o leitor e que, apesar de seus recursos narrativos e ficcionais, não podem ser considerados contos.

Foi com a sua coluna diária *Aguafuertes Porteñas*, publicadas no *El Mundo* entre 1928 e 1935 que Roberto Arlt obteve reconhecimento popular. Arlt esteve presente nas páginas do diário desde o seu lançamento. No entanto, sua estréia no jornal não se deu com a crônica, que posteriormente lhe daria reconhecimento popular, mas sim com o conto “Insolente jorobadito”, publicado na seção “El cuento de hoy”, na edição inaugural do jornal, em 14 de maio de 1928.¹⁶

A popularidade obtida através do sucesso das *Aguafuertes Porteñas* propiciou ao autor a divulgação de sua literatura no jornal em que trabalhava e nas revistas *El Hogar* e *Mundo Argentino* que pertenciam ao mesmo grupo editorial. Revistas de grande circulação na época e onde foram publicados todos os seus contos. O *El Mundo* também se encarregava de divulgar amplamente seus romances e estréias de suas peças de teatro. Os trechos citados abaixo, extraídos do jornal dão uma idéia da publicidade em torno da figura de Roberto Arlt:

Roberto Arlt, el autor de *El juguete Rabioso*, está terminando una novela autobiográfica que se titulará *Los siete locos*. (18/04/1928)

Nuestro compañero de redacción Roberto Arlt, cuyo libro *Los Lanzallamas*, continuación de su novela *Los siete locos*, acaba de ser entregado a la circulación. (31/10/1931)

Roberto Arlt acaba de publicar su última novela *Los Lanzallamas*, 260 páginas, 60 centavos, Editorial Claridad. Se vende en todos los kioscos y puestos de periódicos. Pida esta obra donde compra *El Mundo*. (03/11/1931)

Habla Roberto Arlt sobre la obra [*El fabricante del fantasma*] que estrenará mañana. (07/10/1936)

Con la obra de Roberto Arlt, *El fabricante del fantasma* se presentan esta noche en la sala del Teatro Argentino. (08/10/1936)

Con esta obra [*El fabricante del fantasma*] que Roberto Arlt acaba de estrenar en el Argentino se evidencian claramente las cualidades positivas del conocido escritor para abordar con éxito la literatura dramática. (09/10/1936)

O trabalho como cronista do *El Mundo* proporcionou a Roberto Arlt uma visibilidade que talvez só com a literatura ele não alcançasse. Os leitores não só acompanhavam sua

¹⁶ Em 23 de maio de 1928 aparece outro conto de sua autoria: “Pequeños propietarios”, texto que já havia sido publicado em 10 de maio de 1928, durante o período de provas do jornal. Este e o conto citado acima foram os únicos publicados no diário *El Mundo*. Cf. Sivia Saitta, “Prólogo” (in) Roberto Arlt, *Aguafuertes porteñas: cultura y política*, p. 9.

coluna diária, mas também tinham notícia de sua produção literária e teatral. A receptividade de sua coluna era tal que algumas de suas *aguafuertes* chegaram a ser reproduzidas por jornais de outras províncias e em países vizinhos, como informa o próprio autor no texto *La crónica n°231* (31/12/1928)¹⁷, “Diarios uruguayos, *El Plata* por ejemplo, han reproducido con harta frecuencia mis notas. Sé también que diarios chilenos publican mis aguafuertes; en las provincias nuestras, pasa algo parecido.” As crônicas Arltianas cruzaram as fronteiras sul americanas, o jornal *El Nacional* do México publicou setenta e três crônicas referentes ao período de 1937 a 1941, fato que talvez Arlt desconhecesse (CORRAL, 2001).

Roberto Arlt ocupou o cargo de redator do *El Mundo* de 1928 a 1942. No conjunto de crônicas, publicadas pelo diário neste período, encontramos três macro temas predominantes: (a) cotidiano local; (b) a crônica de viagem; (c) a notícia internacional.

1.3.1 A crônica local

Pertencem ao primeiro grupo as *Aguafuertes Porteñas*. As primeiras crônicas foram publicadas sem título e de forma anônima. Em 5 de agosto de 1928, a coluna assumiu o nome *Aguafuertes Porteñas* e passou a contar com assinatura de Roberto Arlt a partir de 15 de agosto do mesmo ano. Ao assinar suas crônicas, faz coincidir o seu “eu” biográfico, ou seja, o escritor, aquele que produz o enunciado, com o sujeito responsável por assumir esse enunciado, neste caso o cronista. Roberto Arlt é, ao mesmo tempo, autor e narrador¹⁸.

O título da coluna alude à técnica de gravura em metal na qual se usa o poder corrosivo do ácido nítrico para marcar o desenho na chapa metálica. Essa referência das artes plásticas põe em manifesto as intenções do autor que pretende com sua escritura “gravar”, de modo corrosivo, imagens da cidade de Buenos Aires em suas crônicas, tal qual o ácido sobre o metal.

Com registro em primeira pessoa, esses textos expõem as opiniões do cronista que ali, tratou de temas diversos, sempre ligados ao dia a dia da cidade portenha. Atacou políticos e a burguesia; teceu com humor e ironia análises dos tipos humanos que habitavam a cidade;

¹⁷ Roberto Arlt, *Aguafuertes – Tomo II*, 367 -370.

¹⁸ Adotamos os termos “autor” e “narrador” por serem próprios dos estudos literários, e que tem o seu equivalente nos termos “sujeito falante” e “locutor” empregados por Ducrot (1987, p.178-184).

dissertou sobre seu ofício de escritor; dedicou-se à defesa do idioma popular, polemizando com os intelectuais defensores do purismo da língua espanhola.

Outras séries menores apareceram intercaladas à principal. Intituladas “Hospitales en la miséria”, “Aguafuertes municipales”, “La ciudad se queja”, “Buenos Aires se queja”, são crônicas que tem como objetivo denunciar os problemas sociais vividos pela população menos favorecida e apontar as mudanças pelas quais passava a cidade nos anos de 1930. Devemos citar também as “Aguafuertes Teatrales” e suas notas sobre cinema. Com as *aguafuertes*, Arlt compôs o que David Viñas (1998) chamou de enciclopédia municipal.

Para cumprir a tarefa de cronista, Arlt sai a caminhar pela cidade em busca de material para sua coluna, interessa-lhe o detalhe, a minúcia, aquilo que passa despercebido ao caminhante comum. A atividade de passeante observador é representada em seus textos que, vez ou outra, informam esse procedimento de observação e a geografia por onde circula:

Caminaba hoy por la calle Rivadavia, a la altura de Membrillar, cuando vi en una esquina a un muchacho con cara de *jovie*... (ARLT, 1998, p. 35)

Eran las ocho de la noche y yo cruzaba el Parque Rivadavia [...] en una alameda que corre de Este para Oeste... (*ibid*, p. 55)

Iba el otro en un tranvía, cuando oigo que un fulano le decía a otro: –Yo nací en cuna de oro... (*ibid*, p. 121)

A veces, cuando estoy aburrido, y me acuerdo de que en un café que conozco se reúnen algunos señores que trabajan de ladrones, me encamino hacia allí para escuchar historias interesantes. (*ibid*, p. 156)

Ruas, praças, bondes, cafés, com olhos e ouvidos bem abertos é desses ambientes que Arlt retira a matéria prima para sua coluna diária. Caminhar, ver e ouvir são as ações que regem a atividade do cronista e o situam como testemunha daquilo que narra. Ao colocar-se como narrador-testemunha, Arlt confere a sua crônica uma aparência de veracidade.

Esse vaguear pela cidade, representado em seus textos, aproxima o passeante arltiano do *flâneur*¹⁹. No entanto, a direção de seu olhar o afasta do modelo francês, afinal Buenos Aires não é uma cidade própria a “atorrantismos sentimentales”. O passeante deambula pela

¹⁹ O *flâneur*, que surge na poesia de Baudelaire, é produto da modernização de Paris. O projeto de reforma empreendido por Haussmann, na segunda metade do século XIX, transformou a velha cidade medieval de ruas estreitas, que dificultavam a circulação, em uma cidade moderna, com a implantação dos bulevares. Ao longo destes, bares, restaurantes, cafés e pequenas lojas se instalaram. “Os bulevares criaram novas bases – econômicas, sociais, estéticas – para reunir um enorme contingente de pessoas.” (BERMAN, 2007 p.181). Esse ambiente que possibilita a circulação de um grande número de pessoas é o espaço por excelência do *flâneur*, por onde pode caminhar anonimamente a observar o parisiense e sua relação com a cidade.

Avenida de Mayo, circula pelas *pasajes*, construídas à semelhança das galerias européias, mas também pelos bairros afastados e lugares onde a miséria e o abandono são o cenário, como a Isla Maciel citada anteriormente. Na citação abaixo os trechos em destaque mostram o observador que quer apreender a cidade, disposto a mergulhar e misturar-se em ambientes marginais a fim de conhecer a diversidade de cenários e tipos humanos com os quais construirá sua literatura:

Para un ciego, de esos ciegos que tienen las orejas y los ojos abiertos inútilmente, nada hay que ver en Buenos Aires, pero en cambio, ...¡qué grandes, qué llenas de novedades están las calles de la ciudad para un soñador irónico y un poco despierto! ¡Cuántos *dramas escondidos* en las *sinistras* casas de departamentos! ¡Cuántas *historias crueles* en los semblantes de ciertas mujeres que pasan! ¡Cuánta *canallada* en otras caras! Porque hay semblantes que son como el *mapa del infierno humano*. Ojos que parecen pozos. Miradas que hacen pensar en la lluvia de fuego bíblico. *Tontos* que son un poema de imbecilidad. *Granujas* que merecían una estatua por buscavidas. *Asaltantes* que meditan sus trapacerías detrás del cristal turbio, siempre turbio de una lechería.

El profeta, ante este espectáculo, se indigna. El sociólogo construye indigestas teorías. El papanatas no ve nada y el vagabundo se regocija [...] ante la diversidad de tipos humanos. Sobre cada uno se puede construir un mundo. (“El placer de vagabundear”, 20/09/1928, grifo nosso)²⁰

Além de circular pela cidade, outro recurso de que se vale o cronista é o aproveitamento de temas sugeridos por seus leitores por meio das muitas cartas que recebia. Essa relação, nem sempre amistosa, com o público é exposta pelo cronista em suas *aguafuertes*:

No ha pasado un día sin que yo recibiera cartas de mis lectores. (“La crónica 231”, 31/12/1928)²¹

Numerosas chicas me han escrito. Algunas cartas merecen el honor de la reproducción... (ARLT, 1928, p. 312)

He recibido un verdadero montón de cartas. Hay para todos los gustos. Desde la felicitación cordial hasta la maldición más simpática. (*ibid*, p. 318)

As cartas são uma resposta efetiva ao diálogo virtual que o cronista mantém com o leitor através de sua coluna. Ao assumir a primeira pessoa, Arlt se coloca como locutor e designa o leitor como destinatário de sua mensagem, este é marcado no texto pela presença do pronome de tratamento *ustedes*: “Yo no sé si ustedes se han fijado El calor brutal que hacía ayer. ¿No? Era una temperatura para refugiarse en un ‘bungalow’...” (“Motivo de la giminasia

²⁰ Roberto Arlt, *Aguafuertes – Tomo II*, p.115-116.

²¹ *Ibid*, p. 368.

sueca”, 17/12/1929).²² No trecho citado, o cronista não só indica seu interlocutor como também lhe dá voz quando atribui ao leitor a resposta negativa.

Na crônica “La señora del médico” Arlt introduz o tema reproduzindo um suposto diálogo telefônico entre ele e um médico, que lhe pede que escreva uma nota a sua esposa. Arlt aparece como personagem, teatraliza seu cotidiano de cronista:

NOTERO: -¡Hola!... Sí: con Arlt... Hable no más...

DESCONOCIDO: -Señor Arlt, perdone que le moleste. Entre romperle la cabeza de un palo a mi mujer o contarle lo que me pasa, he optado por este último... Deseo que le haga una nota a mi mujer... [...]

NOTERO: -Encantado, señor. Precisamente estaba rumiando un poco de bilis, de manera que usted quedará complacido, porque creo que me va a salir una nota chisposa de bronca. (ARLT, 1998, pp. 110-112)

Não é nossa intenção, determinar a veracidade de tal diálogo ou das cartas que transcreve em sua coluna, mas podemos afirmar que havia um contato entre jornalista e o seu público, incentivado pelo próprio jornal que nessa época abriu espaço para a participação do leitor também em suas páginas (SAÍTTA, 2000, p. 63). Além disso, o recebimento de cartas confirma o prestígio do cronista, fato que o diário *El Mundo* não deixou de noticiar²³. A exibição dessa correspondência em seus textos nos permite recuperar a relação entre o cronista e seu público e interessa como traço discursivo de suas crônicas, que tem como função introduzir a nota jornalística e compartilhar (virtualmente) com o leitor o espaço de sua coluna.

A busca por temas, representada por Roberto Arlt em suas *aguafuertes*, faz parte de um tema maior recorrente em suas crônicas: a exposição de seu cotidiano de cronista. Sua coluna foi, também, espaço para apresentar seu comportamento de escritor a serviço de sua criação (MAINGUENEAU, 2001b, pp. 48-51). Em suas crônicas Arlt se queixou do diretor do jornal, da censura a que eram submetidos os textos, do pouco tempo para escrever, desmistificou a imagem do escritor que escreve a partir de inspiração divina reafirmando as dificuldades de seu labor diário. E ao menos duas vezes apresentou um balanço de seu

²² Roberto Arlt, *Aguafuertes – Tomo II*, p. 91.

²³ “Por mucho tiempo no oiremos en la redacción sus estrepitosos comentarios sobre las cartas que diariamente le enviaban absurdos, fantásticos y lógicos correspondientes: sus interminable charlas por teléfono con, generalmente lectoras, de sus *aguafuertes* a quienes explicaba sus aventuras e malandanzas por todos los rincones de la ciudad y que deseaban ser asesoradas por él a cerca de los más complejos asunto amorosos.” (in) “Roberto Arlt inicia hoy una jira por varios países sudamericanos.” *El Mundo* – 10 de março de 1930.

trabalho como jornalista²⁴. Esse exhibir-se diante de seu público expõe uma sinceridade e cumplicidade que tem como finalidade construir sua imagem de cronista e conquistar a simpatia do leitor.

1.3.2 A crônica de viagem

As viagens aparecem como um segundo grande tema tratado em sua coluna.²⁵ Arlt realizou algumas viagens com o propósito de abastecer o seu leitor com temas novos. Por breves períodos deixou de ser o narrador de sua cidade, do cotidiano para narrar espaços urbanos desconhecidos.

A figura do cronista arltiano se confunde com o narrador definido por Walter Benjamin (1994). Para este há dois tipos fundamentais de narradores, aquele que viaja e quando volta tem muito a contar e aquele que sem sair de seu lugar acumula experiência e tradições e as passa adiante. Os representantes arcaicos destes dois tipos, ainda segundo Benjamin, seriam o marinheiro e o camponês sedentário. Convergem na figura do passeante arltiano tanto o camponês sedentário, que deambula por sua cidade com olhos e ouvidos abertos, recolhendo histórias que serão relatadas a outros, como também o marinheiro que, repetindo o movimento do passeante em terras estrangeiras, em seu retorno traz consigo conhecimento de lugares longínquos. Arlt acumula em si os dois tipos de narradores fundamentais descritos por Benjamin. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes” (*ibid*, p. 201). As “Aguafuertes Porteñas” são a narração da experiência do cotidiano e, suas crônicas de viagem, a narração da experiência viageira e do exótico.

O relato de viagem

As crônicas de viagem de Roberto Arlt podem ser consideradas relatos de viagem. Esse gênero de reconhecimento tardio, apesar de sua longevidade (CRISTOVÃO, 1999, pp. 16-52) – os primeiros textos datam do século XIII – apresenta um *corpus* composto por textos

²⁴ “La crónica 231”, *El Mundo* 31 de dezembro de 1928 e “¡Con esta van 365!” *El Mundo*, 14 de maio de 1929.

²⁵ A classificação proposta não tem nenhum caráter qualitativo ou quantitativo, visa apenas à especificação dos temas.

de natureza diversa, porque distintos foram os motivos para a viagem ao longo desses séculos, e que nos conduz a uma marca do gênero que é sua indeterminação terminológica. Em estudos e manuais aparecem termos como “relato de viagens”, “narrativa de viagens” “livros de viagens”, “literatura de viagens” para determinar a mesma coisa ou coisas semelhantes ou ainda para excluir determinadas categorias de textos. Um dicionário recente apresenta a seguinte definição para livros de viagens:

Género narrativo que engloba muy variadas manifestaciones (novelas, diarios, crónicas...) en las que escritores de oficio u ocasionales relatan sus experiencias viajeras. El género está en las raíces de la más antigua literatura, si se considera que en epopeyas como la Odisea, de Homero, los viajes de Ulises constituyen uno de los motivos temáticos esenciales.²⁶

A explicação proposta contempla tanto a literatura realista de viagem – se podemos denominar assim – como obras que foram buscar na viagem imaginária o seu tema. A *Odisséia* é o texto fundador desta última. Já o relato de viagem, que tem como ponto de partida a viagem real, tem como seu primeiro representante *O livro das Maravilhas* (1298) de Marco Pólo.

O relato de viagem tem seu nascimento ligado a outras disciplinas, no caso a história e a antropologia, devido ao tipo de viagens realizadas a partir do século XV: a expansão e conquista territorial, colonização e missões científicas. A transformação da viagem em relato se deve, nesses casos, principalmente, à necessidade de documentar suas etapas. O relato é uma consequência da viagem e, ao mesmo tempo a legitima. A viagem só existe se narrada. Os gêneros discursivos predominantes, nessa época, para narrar a experiência viageira são: a carta, o diário de viagem, a relação, descrições da terra e de sua fauna e flora e a crônica histórica.

A permeabilidade desses textos, atravessados por outras áreas de conhecimento, dificulta o enquadramento dos mesmos no campo literário. Excetuando a carta e o diário, os outros gêneros discursivos citados possuem forte caráter documental. No entanto a presença subjetiva do narrador e o uso que este faz das figuras da retórica para narrar a experiência viageira, garantem a esses textos um lugar dentro do gênero relato de viagem.

²⁶ Ana Maria Platas Tasende, *Diccionario de términos literarios*. Madrid, Espasa Calpe, 2000, p.889. *Apud* Luis Albuquerque, “Los ‘libros de viajes’ como género” (in) Juan Pimentel, 2006.

O século XIX vê surgir outros tipos de viagem e consequentemente novos viajadores. A evasão, o termalismo e a viagem erudita, antecedentes do turismo, são a tônica desse período. O viajador se desloca para fugir do cotidiano, conhecer lugares novos, experimentar as maravilhas conhecidas através da literatura, visitar cidades consideradas berço da cultura e das belas artes. Sendo alguns desses viajadores escritores, modifica-se a relação entre a viagem e o seu relato. Se anteriormente o relato era uma obrigação oficial de documentar a viagem, nesse momento passa a ser um desejo íntimo daquele que se desloca a outras terras. Muitas vezes a intenção do relato precede a viagem, o escritor viaja justamente para narrar essa experiência. O relato deixa de ser uma consequência da viagem para ser sua principal motivação. Nesse período predominam o gênero epistolar e o diário íntimo. A função poética prevalece sobre a documental.

Levado pelo interesse que sempre despertou no leitor e pela democratização das viagens, o relato de viagens alcança, no século XX, as páginas do jornal. O jornalista se desloca pelo mundo e tem como função informar seu leitor sobre a paisagem e os costumes do lugar que visitou. A forma discursiva adotada por estes viajadores é a crônica de viagem. A esse grupo pertence Roberto Arlt.

A relação entre viagem e relato, no caso de Arlt, se altera no sentido que o produto possível desta, o relato, é justamente o que o leva a viajar. Ele viaja na condição de correspondente do jornal. Escreve por encargo e recebe remuneração para tal. A escritura da crônica é ao mesmo tempo condição e produto da viagem. É, de certa forma, uma retomada da relação original, quando o relato era uma necessidade documental. Com o escritor/jornalista-viajador passa a ser uma obrigação profissional e também motivo da viagem.

As viagens de Roberto Arlt

Como correspondente do diário *El Mundo*, Roberto Arlt viajou ao Uruguai e Brasil (1930); Rio Paraná e cidades ribeirinhas (1933); Patagônia (1934); Espanha e Marrocos (1935-1936); Santiago del Estero (1937) e Chile (1941). No entanto, nem todos os destinos deram origem a relatos de viagem.

É o caso de Santiago del Estero. A ida de Arlt ao norte argentino teve como objetivo revelar a condição miserável em que vivia a população daquela região em decorrência do

longo período de seca. Estão ausentes das crônicas, denominadas “El infierno Santiagueño”, a descrição da paisagem e a narração da experiência viageira, características do relato de viagem. O mesmo aconteceu com relação à viagem ao Chile. A série de crônicas “Cartas de Chile” trata, principalmente, da situação política e econômica daquele país. O caráter documental, o tom de reportagem-denúncia e a ausência da paisagem afastam essas crônicas do relato de viagem.

Nessas duas séries o passeante, que como cronista de sua cidade se vale apenas de sua observação atenta para tecer seus comentários, passa a exercer a função de repórter, pois circulando por espaços que lhe são estranhos, necessita entrevistar, perguntar, documentar-se para escrever sua crônica. Prevalece o repórter sobre o cronista/passeante.

A atividade de repórter, que se infiltra nos lugares para fazer sua matéria já havia aparecido na série “Hospitales en la miséria”²⁷ e se manifestará outras vezes, como na viagem pelo Rio Paraná e cidades ribeirinhas. A idéia desta viagem surgiu do próprio Arlt que, observando o trabalho dos tripulantes dos navios de carga resolveu seguir pelo rio a fim de vivenciar a rotina a bordo e relatar essa experiência aos leitores. As paradas pelos portos ao longo do rio lhe permitiram percorrer as cidades ribeirinhas e interar-se de sua situação econômica deplorável, do desemprego e dos baixos salários (SAÍTTA, 2000, p. 139). As crônicas resultantes dessa viagem compõem a série “Aguafuertes Fluviales”.²⁸

A busca pelo exotismo e pela aventura parece ter sido o critério de escolha dos outros destinos. Na crônica “Con el pie en el estribo”, que antecede a viagem ao Uruguai e Brasil²⁹, Arlt dá notícia de viagem e revela seus planos de viajero,

... iré a Rio de Janeiro, donde hay cada ‘minina’ que da calor; [...] Pienso hablarles a ustedes de la *playas cariocas*; de las muchachas que hablan un español estupendo y un portugués musical. De los *negros que tienen sus barrios especiales*, [...] Trataré de internarme en la *selva brasileña*. [...] llevo, como introductor magnífico para el vivir, dos trajes, uno para codearme con la gente decente, otro roto y sucio, el mejor pasaporte para

²⁷ “Durante cuarenta y cinco días me paseé por hospitales, con o sin permiso; durante cuarenta y cinco días conversé con médicos que se las vieron feas por hacerme confidencias (incluso a uno lo renunciaron); durante cuarenta y cinco días publiqué la décima parte de los horrores que tuve oportunidad de comprobar en los hospitales...”. “¡Por fin acuerdan de los hospitales” (in) Roberto Arlt, *Aguafuertes – Tomo II*, p.442.

²⁸ Não tivemos acesso a nenhum texto dessa série, por isso não podemos afirmar se tais crônicas pertencem ao gênero relato de viagem.

²⁹ Nessa primeira viagem, Arlt pretendia percorrer outros países da América do Sul, além do Brasil e Uruguai. A notícia da premiação de seu romance *Los siete locos* antecipou sua volta a Buenos Aires.

poder introducirse en el mundo subterráneo de las *ciudades que tienen barrios exóticos*. (“Con el pie en el estribo”, 08/03/1930, grifo nosso)

Os termos destacados revelam o interesse do cronista pela paisagem humana e geográfica e que esse interesse advém de seu conhecimento sobre o Brasil apoiado no estereótipo³⁰. A exuberância da mulher brasileira, as praias, a selva, os negros, o gueto, são os ingredientes carregados de exotismo e aventura que movem o viajero. Os problemas sociais, econômicos e políticos de que tomará conhecimento ao longo da viagem, serão relatados em suas crônicas, mas não se pode ignorar o interesse do viajero pela paisagem exótica.

Na viagem à Patagônia, Arlt quer experimentar a peripécia dos exploradores do pólo. Na crônica “Nota prelúdio o prólogo” que inaugura a série, o cronista, ao informar seu plano de viagem e os detalhes de sua preparação, evoca todo o imaginário das expedições de exploração ao extremo sul americano. Mais do que confrontar os cenários conhecidos através da literatura de aventura consumida na adolescência, Arlt quer ser, ele também, um aventureiro,

... pienso recorrer Neuquén, la Cordillera de los Andes, la zona de los Lagos y no sé si descubrir un nuevo continente.
Como los exploradores clásicos me he munido de unas botas (las botas de las siete leguas), de un saco de cuero como para invernar en el polo, y que es magnífico para aparecer embutido en él en una película cinematográfica, pues le concede a uno una prestancia de aventurero fatal, y de una pistola automática. [...] Con las botas, el saco de cuero y la pistola enigmática, espero descubrir más tierras y maravillas que sir Walter Raleigh [...] (“Nota preludio o Prólogo”, 14/01/1934)³¹

A viagem à Espanha é um desejo antigo manifestado em uma crônica de 1929 (“Y ahora... a yugarla”, 26/12/1929) em que cogita o que faria se ganhasse na loteria de fim de ano. Seu quarto desejo: “un viaje por Europa. Rajar directamente para Cádiz, vagabundear un poco por Andalucía, Marruecos; y de allí a Egipto”. Percebe-se, pela enumeração dos lugares que pretende conhecer, uma predileção pelas regiões da Andaluzia e do Magrebi, lugares de um exotismo – uma mescla de latinidade ibérica e orientalismo - propagado pela literatura romântica do século XIX e mais tarde pelo cinema. Sabe-se que Arlt foi leitor de folhetim e

³⁰ A imagem do Brasil como um lugar idílico, espécie de paraíso, aparece em uma passagem do romance *Los siete locos*, quando Erdosain se imagina casando-se com uma jovem rica, e juntos viajando ao Brasil. “... luego nos casaremos y, en su yate iremos a Brasil. [...] Y la simplicidad de este sueño se enriquecía con el nombre de Brasil que, áspero y caliente, proyectaba ante él una costa sonrosada e blanca, cortando con aristas y perpendiculares al mar tiernamente azul.” Roberto Arlt. *Los siete locos*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998. pp. 89-90.

³¹ Roberto Arlt, *En el país del viento. Viaje a la Patagonia*, p. 31.

não é exagero vincular seu desejo de conhecer esses lugares à influência também dessa literatura.³²

Há, por parte do autor, uma indecisão quanto à nomenclatura de suas primeiras crônicas de viagem. O termo *aguafuerte*, predominante na série portenha, aparece de forma tímida nos textos relativos ao Uruguai e Brasil que receberam os seguintes títulos: “Informaciones de viaje”, “Aguafuerte Uruguayas”, “Recuerdos porteños”, “Notas de bordo”, “Notas de viaje” e, simplesmente, “De Roberto Arlt”. Sob este último, encontramos a maioria dos textos referentes ao Brasil e que, terminada a viagem, passa a denominar todas as crônicas do ano de 1930. As “Aguafuertes Porteñas” retornam em janeiro do ano seguinte. Arlt parece hesitante em assumir o termo, com o qual suas crônicas eram conhecidas, para textos que não tivessem a cidade de Buenos Aires como o assunto principal. A partir da viagem ao Rio Paraná o vocábulo *aguafuerte* se impõe, acompanhado do adjetivo gentílico que especifica o lugar visitado. Desse modo, os textos de viagem subsequentes passam a contar com o já conhecido epíteto, sucedem-se as séries: “Aguafuertes Fluviales”, “Aguafuertes Patagónicas”, “Aguafuertes Españolas”, “Aguafuertes Africanas”, “Aguafuertes Gallegas”, “Aguafuertes Asturianas”, “Aguafuertes Vascas”, “Aguafuertes Madrileñas.”

1.3.3 A notícia internacional

Podemos afirmar que há um encadeamento entre os três temas predominantes encontrados nas crônicas: local, viagem, notícia internacional. Entendemos que a busca por novos temas o levou às viagens e a experiência da viagem à Espanha e ao Marrocos, a mais longa e única fora do continente sul-americano, direcionou seu olhar para problemas internacionais. Não percebemos nas outras viagens a importância que a experiência na região magrebina exerceu sobre sua produção e que está diretamente ligada a mudanças de sua coluna que, inclusive abandona o epíteto *porteñas* passando a “Tiempo presente”, onde

³² No primeiro capítulo do romance *El juguete rabioso* aparece o fascínio que esse tipo de literatura exercia sobre o público adolescente nas primeiras décadas do século XX. Outro dado de interesse é o personagem do andaluz que inicia o protagonista Silvio nesse tipo de literatura: “Cuando tenía catorce años me inicié en los deleites y afanes de la literatura bandoleresca un viejo zapatero andaluz [...] decoraban la frente del cuchitril las policromas carátulas de los cuadernillos que narraban las aventuras de Montbars el Pirata y de Wenongo el Mohicano.[...] Dicha literatura, que yo devoraba en las ‘entregas’ numerosas, era la historia de José María, el Rayo de Andalucía, o las aventuras de Don Jaime el Barbudo y otros perillanes más o menos auténticos y pintorescos...” (ARLT, 1985, p. 87-89)

assuntos internacionais e locais se alternam. Essa série foi substituída pela “Al margen del cable”, notas escritas a partir de notícias internacionais que chegavam à redação do jornal *El Mundo*.

Quando retorna ao jornal, em agosto de 1936, depois de mais de um ano viajando pela Espanha e Marrocos, Arlt experimenta, durante um mês, ser cronista cinematográfico. Rose Corral (2009, p. 13) considera essa experiência como uma tentativa de reinserção no jornal, depois do longo período de ausência. Quando retorna à página seis, lugar em que tradicionalmente eram publicadas as “Aguafuertes Porteñas”, em 1937, o ciclo sobre a cidade de Buenos Aires parece haver se encerrado. Nesse ano, começa a publicar “Tiempo Presente” e “Al Margen del Cable”.

A experiência vivida na Espanha, às vésperas da Guerra Civil, e a proximidade da II Guerra Mundial direcionam o olhar do cronista para fatos internacionais que afetam a população mundial. Buenos Aires deixa de ser o foco desse olhar. Interessam-lhe os temas mais diversos. Escreverá sobre personagens famosos e gente comum, assassinatos, suicídios, sobre política e a guerra.

Tendo como ponto de partida a notícia internacional, o cronista passa a buscar o tema para sua coluna nos cabos noticiosos. Toma a nota de poucas linhas e a reveste com seu talento criativo. Descreve lugares que não conhece com a mesma desenvoltura que descrevia sua cidade natal. Transforma os protagonistas das notícias em personagens de sua crônica.

Desse modo, a notícia da trágica morte accidental de uma jovem na Morávia, transforma-se na história de amor “Sueño de amor en Praga” que narra o estado emocional da jovem Edda Zahurtzen – identidade fictícia – na véspera da viagem para encontrar o noivo e seu trágico desfecho.

A notícia que originou a crônica ocupa uma estreita coluna de poucas linhas ao pé da página do diário, não fornece mais detalhes que as circunstâncias em que se deu o acidente.³³ Arlt cria uma identidade para a jovem tcheca, narra as últimas horas antes da viagem, a ansiedade da moça em encontrar o noivo, dá detalhes de seu último desjejum, em que

³³ “Muere trágicamente en Moravia una joven al descender del avión - Praga, 1 (Especial) – Trágico accidente fue el sufrido por una joven empleada en la Municipalidad de Praga que utilizó un avión de pasajeros para visitar a su novio residente en Zlin, Moravia. A la llegada a dicho aeropuerto, la joven descendió del avión para saludar a su novio que la esperaba, siendo alcanzada en un descuido por la hélice lateral izquierda aun en marcha, que le ocasionó gravísimas heridas, a consecuencia de las cuales falleció poco después en el hospital.” - *El Mundo*, 1 de novembro de 1937.

aparecem ingredientes típicos da então Tchecoslováquia, “un vaso de cerveza, un pedazo de pepino y un trozo de salsichón [...] con su pan negro”, e descreve o caminho do ônibus em direção ao aeroporto como se conhecesse a capital daquele país, “Atraviesa el autobús el puente de Carlos, y dejan atrás el convento de los Cruzados, y más allá Edda se persigna al pasar frente a la iglesia de San Vito y luego atraviesan la Torre de Poudriere...” (“Sueño de amor en Praga”, 03/11/1937).³⁴

Roberto Arlt nas crônicas de “Tiempo presente” e “Al margen del cable” ficcionaliza o fato. Não se trata mais de revestir a realidade e sim de criar um mundo fictício a partir da realidade. Acosta Montoro afirma que a notícia, o fato em si e os personagens envolvidos podem ser contados pelo simples repórter, mas tudo o que rodeia os fatos devem ficar a cargo do talento de quem possa captá-los e interpretá-los, funções próprias do escritor (ACOSTA MONTORO, 1973, p. 61). Podemos acrescentar, no caso de Roberto Arlt, a função de fabulador. A operação que executa Arlt é justamente, através da captação, interpretação e fabulação, ampliar esse núcleo composto apenas pelo *que* e *quem*. Para Ricardo Piglia (2009, p. 11) o cronista é quem inventa a notícia, “no porque haga ficción o tergiversar los hechos, sino porque es capaz de descubrir, en la multitud opaca de los acontecimientos, los puntos de luz que iluminan la realidad.”

Livre da temática localista, algumas dessas crônicas puderam atravessar as fronteiras Argentinas e alcançar as páginas do jornal mexicano *El Nacional*. Reunidas na recente compilação *El paisaje en las nubes – Crónicas en el El Mundo 1937 – 1942* aguardam a atenção da crítica.

As atividades desencadeadoras da escritura se combinam de maneira distinta nos três momentos do cronista. Na crônica local há o predomínio do caminhar, ver e ouvir, na crônica de viagem, além das já citadas, Arlt necessita perguntar, entrevistar, pesquisar. O interesse pelos fatos que ocorrem no mundo – principalmente na Europa, que vive a expectativa de uma nova guerra – e a impossibilidade de ser correspondente do jornal no exterior, o levam a estar atento aos cabos noticiosos e a ler e pesquisar sobre lugares e assuntos que lhe são desconhecidos. A leitura lhe permite fazer passeios virtuais, Arlt passa a ler o mundo através dos cabos e escreve crônicas que estão *al margen del cable*, textos que vão além da notícia.

³⁴ Roberto Arlt, *El paisaje en las nubes – Crónicas en El Mundo 1937 – 1942*, p. 187.

... história de um viajante no interior da viagem que fez, história de uma viagem que em si transportou um viajante, história de viagem e viajante reunidos em uma procurada fusão daquele que vê e daquilo que é visto, encontro nem sempre pacífico de subjectividades e objectividades

José Saramago – *Viagem a Portugal*

II. Roberto Arlt: cronista/viageiro

Como correspondente do jornal *El Mundo* Roberto Arlt percorreu, entre março de 1935 e abril de 1936, cidades e povoados da Andaluzia, norte do Marrocos, Galícia, Astúrias, País Vasco, e a capital Madri³⁵. De todas essas regiões enviou suas crônicas ao jornal *El Mundo*, que as publicava diariamente. Os textos foram nominados de acordo com a região visitada, produzindo uma divisão natural do percurso em etapas³⁶, desse modo sucederam-se as séries: “Aguafuertes Españolas”, “Aguafuertes Africanas”, “Aguafuertes Gallegas”, “Aguafuertes Asturianas”, “Aguafuertes Vascas”, “Aguafuertes Madrileñas”, “Cartas de España” e “Cartas de Madrid”³⁷.

³⁵ Roberto Arlt conheceu Barcelona e deixou notícia de sua passagem pela cidade na *aguafuerte* “Barcelona la grande” (11/07/1936). Texto que, pela data de publicação e informação do jornal *El Mundo*, foi escrito já em solo argentino. Infelizmente não tivemos acesso a esse texto.

³⁶ Sivia Saítta, ao compilar os textos de viagem de Roberto Arlt, respeitou essa divisão por regiões feita pelo autor. A partir do final da década de 1990, a estudiosa publica a seguinte seleção de textos do autor: *Aguafuertes gallegas y asturianas* (1999), *Aguafuertes madrileñas. Presagios de una guerra civil* (2000) e *Aguafuertes vascas* (2005).

³⁷ As séries “Cartas de España” e “Cartas de Madrid” tratam, basicamente, da situação política da Espanha. As “Cartas de Madrid” são os últimos textos enviados, por Roberto Arlt, desde aquele país. Já em solo argentino o autor retomará o tema em quatro artigos publicados entre 20 de julho e 3 de agosto de 1936.

Em dezembro de 1936 Arlt lançou o volume *Aguafuertes Españolas – Primeras impresiones* que reúne parte das crônicas referentes à primeira etapa da viagem, correspondente ao período em que Arlt esteve na Andaluzia e no norte do Marrocos. A intenção de publicar outras etapas da viagem, sugerida pelo subtítulo, não se confirmou, devido, talvez, a pouca repercussão do primeiro intento ou ainda porque era hábito de Roberto Arlt, anunciar obras que nunca se concretizaram.³⁸

O único que se pode afirmar com segurança é seu interesse pelas regiões da Andaluzia e Norte do Marrocos e sua vontade de dar visibilidade aos textos que registraram esse período da viagem, e que originou dois conjuntos de relatos distintos: as noventa e sete crônicas, que tiveram publicação simultânea à viagem no jornal *El Mundo*, e o livro *Aguafuertes Españolas*, de redação posterior e que teve como base esse conjunto de textos.

Para este estudo, consideraremos as crônicas publicadas entre 12 de fevereiro e 17 de setembro de 1935, por nós compiladas, como o diário da primeira parte da viagem, que fez Roberto Arlt à Espanha, e que compreendeu a região da Andaluzia e Norte do Marrocos.

2.1 O diário do viajero

As crônicas de viagem, aqui estudadas, aproximam-se da carta e, também, do diário de viagem³⁹. Sabe-se que tais textos não se configuram como cartas ou diário de fato, pois não se constituem das anotações iniciais ou apontamentos do autor, embora tivessem como destinatário certo os leitores do jornal *El Mundo*. São textos acabados e prontos para a publicação. No entanto Roberto Arlt buscou imprimir características desses dois gêneros que induzissem tal leitura,

³⁸ Omar Borré (1999, p. 184- 185) relaciona um total de dez obras prometidas por Roberto Arlt e nunca realizadas, separamos algumas obras como exemplo: *La princesa de la luna*, em *Crítica*, 1926; *El pájaro de fuego*, contracapa da edição de *300 millones*, Editorial Claridad, 1932; *La montaña de arena* ou *El pájaro de fuego* ou *La muralla de arena* como continuação de *El amor brujo*, em carta a sua irmã Lila.

³⁹ “El relato de viajes constituye un género textual que, como la novela, se caracteriza no sólo por una diversidad de voces sino también por una gran heterogeneidad a nivel de los géneros incorporados. [...] sabemos que el conjunto de un relato de viajes puede incluir tanto el diario de a bordo como el tratado científico, tanto el ensayo literario como un análisis geológico o hidrográfico, sin olvidar las cartas (reales o inventadas) las anécdotas en forma de cuento, los mapas o –también a nivel intermedio- las ilustraciones, retratos literarios de famosos, formas de escritura autobiográficas o pronósticos acerca del futuro desarrollo económico o político de las regiones visitadas y (re)presentadas.” Otmar Ette. “Los caminos del deseo: coreografías en la literatura de viajes”. *Revista de Occidente*, Madrid, n. 260, p. 102-115, enero de 2003.

Y gracias a Dios llego al final, porque no doy más. Tengo el estómago más cerca de la nuca que del páncreas, y los brazos más pesados que barras de plomo. [...] Ah! No les envió fotos, porque a bordo no hay laboratorio donde revelar las películas, de manera que hasta mañana, en Santos, de donde en línea oblicua saldremos para las Canarias. (“Ya estamos a bordo”, 25/02/1935)⁴⁰

A las doce de la noche el “Santo Tomé” atraca en el puerto de la Luz, de la Gran Canaria. Es importante descender porque la sanidad no ocurre a esa hora. (“Las islas Canarias, puertas de España”, 08/04/1935)

Y he aquí que yo estoy escribiendo esta nota para ustedes, en una calle de Cádiz, estrecha, de tres pasos, y que se llama “Comandante Gómez Ortega, antes Flamencos”. (“La gloria del sol”, 10/04/1935)

Cuando todo estuvo empaquetado, y comprendí que tenía que salir de Tetuán, partir para siempre, una tristeza horrible entró en mi corazón. (“Salida de Tetuán”, 21/08/1935)

O narrador em primeira pessoa, as indicações geográficas e temporais precisas, a exposição de sensações físicas e anímicas, a narração em presente que convida o leitor a acompanhar o cronista em seu passeio, a aparição do leitor como destinatário da crônica são alguns elementos textuais que permitem sua aproximação com carta e mais tarde com o diário⁴¹. Além desses traços discursivos, o uso que Arlt deu a esses textos, ao retomá-los para a escritura do livro *Aguafuertes Españolas*, reforça a hipótese de considerá-los como um diário de viagem. Em algum momento o autor os leu como conjunto único que lhe serviu de base para a elaboração da narrativa posterior à viagem.

Portanto, é o gesto de leitura de cada época que determina a forma discursiva dos textos aqui analisados. Desse modo, as crônicas encontraram parentesco com as cartas quando lidas diariamente pelos leitores do jornal *El Mundo*, que se reconheciam como o destinatário a quem o cronista dirige um simpático “hasta mañana”, depois de revelar que não tem como enviar-lhes fotos. A leitura das crônicas, deslocada no tempo, fora de seu contexto de publicação e a oportunidade de lê-las em um bloco único, respeitando a ordem em que foram

⁴⁰ As crônicas citadas neste capítulo, por nós compiladas, aparecerão, a partir deste ponto, apenas com título e data de publicação, uma vez que todas foram publicadas originalmente no diário *El Mundo*.

⁴¹ Esse aspecto confessional de diário aberto ao leitor, fragmentado, com tom de epístola empregado por Roberto Arlt nas crônicas de viagem, também aparece em *O turista aprendiz* de Mario de Andrade como bem observou Telê Porto Ancona Lopez ao analisar essa coleção de crônicas de viagem, escritas, originalmente, para publicação no *Diário Nacional*: “na série ‘O turista aprendiz’ de 1928-29, teremos o diário mais aberto para o leitor, com o cronista dirigindo-se a ele a cada passo, com recursos de envolvimento do discurso [...] Trata-se do diário com o imediato endereço jornalístico: o correspondente que se comunica com seu público, o que, em algumas vezes dá ao texto tonalidade de epístola” Cf. Telê Porto Ancona Lopez. “A bordo do diário” (in) ANDRADE, Mario de. *O turista aprendiz*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002.

publicadas, revela o diário de viagem e o cronista Roberto Arlt que também se mostra nas páginas do relato.

2.2 A construção da imagem do viajero

Antes mesmo de empreender sua primeira viagem internacional⁴² como correspondente do jornal *El Mundo*, Roberto Arlt, na *aguafuerte* “Argentinos en Europa”, tratou da proliferação dos relatos de viagem, fruto da impulsão de tornar pública a experiência da viagem,

No recuerdo con exactitud si Rudyard Kipling o Mark Twain dicen que no hay inglés que haga un viaje a las colonias y no se crea obligado, a su regreso, a publicar un libro de memorias y aventuras con las cuales aburre a sus amistades y a su familia.

Con los argentinos que van al extranjero pasa algo más grave. Y es que en vez de escribir un libro que, con toda seguridad no leerán nadie, publican sus impresiones de viaje en los periódicos abiertos a todas esas burradas internacionales. [...]

Todo argentino de plata se cree con derecho a escribir un libro o una serie de artículos. (“Argentinos en Europa”, 18/11/1928)⁴³

A citação, que faz Roberto Arlt em seu texto, mostra que a banalização da viagem e, por consequência, de seu relato já era corrente no final do século XIX. Época em que chega ao fim o ciclo de viagem expansionista/científica e aparece o turismo como atividade viageira. O surgimento dessa nova modalidade de viagem se deu, principalmente, devido à facilidade de locomoção propiciada pela modernização dos meios de transporte. Ainda assim, viajar era dispendioso e por isso, reservado a poucos. Aquele que viajava se destacava perante os demais, fazendo da viagem um fator de distinção entre os cidadãos (COUGO PIMENTEL, 1998, p. 8)

Arlt também observa a migração do relato de viagem do livro para o jornal. Essa mudança no veículo de publicação se deve ao próprio ritmo da viagem, que mais rápido, pede um gênero discursivo e um modo de divulgação também ágil. Daí a eleição da crônica como forma e o jornal como meio de comunicação. O relato se dá quase que simultaneamente à viagem. Já não é necessário esperar a volta do viajero para conhecer suas impressões, estas retornam antes de seus autores.

⁴² Viagem ao Uruguai e Brasil em 1930.

⁴³ Roberto Arlt, *Aguafuertes – Tomo II*, p.621.

A crítica de Arlt, na crônica “Argentinos en Europa”, é dirigida, principalmente, a alguns escritores⁴⁴ que, independente dos motivos que os levavam a Europa⁴⁵, produziam relatos que tinham como única finalidade exhibir-se “de haber estado en Itália y en ruinas porque ello es muy elegante” (ARLT, 1998, p. 622). Não escapa de seu julgamento o jornalista que por imposição superior ou por o que ele chama de miopia, não é capaz de retratar outra coisa que não seja o estereótipo. Veremos mais adiante que, apesar de suas críticas, Roberto Arlt, quando na condição de corresponde do jornal *El Mundo* no exterior, tampouco se esquivava de determinação superior.

Para o cronista esses viajantes, quase sempre, ignoravam a situação social, cultural, política e os costumes dos habitantes locais. Arlt afirma que aquele que viaja deve observar nos países que visita que, além da paisagem e do tópico, “hay una mayoría que vive y trabaja, que en todos los territorios recorridos hay industriales y fábricas [...] millones de gente que vive ejerciendo mil oficios diversos y pasando mil tragedias distintas” (*ibid*, p. 623). Essa imagem do viajante, proposta por Arlt na crônica de 1928, que rechaça a viagem – cujo roteiro se atém a cidades e cenários de prestígio – e o exibicionismo erudito, concentrando seu interesse no povo e nas suas manifestações sociais e culturais, será adotada em sua viagem à Espanha.

Na *aguafuerte* que antecede o embarque, ao revelar suas intenções, Arlt explicita seu papel de cronista/viajante, “Y ahora dos líneas más, las obligadas para enunciar propósitos. Voy a España para convivir con el pueblo y las masas de sus ciudadanos. Recorreré aldeas y villorrios, a pie, en mulo o en camionetas” (“Mañana me embarco”, 13/02/1935). Se a direção de seu olhar o afastava do *flâneur* nas crônicas portenhas, nos textos de viagem o cronista, seguindo os passos do passeante, buscará diferenciar-se daqueles que foram alvo de sua crítica na *aguafuerte* de 1928. Arlt, em sua crítica, aponta para o que seria a conduta ideal daquele que viaja, reivindica para o cronista a atitude do passeante curioso que busca no comum aquilo que possa surpreendê-lo e posteriormente ao leitor.

⁴⁴ Os escritores citados na crônica são: Eduardo Carrasquilla Mallarino, Manuel Gálvez e Max Rohde.

⁴⁵ Noé Jitrik (1969, p.13) no prólogo à antologia *Los viajeros* enumera algumas razões para a viagem à Europa: “Muchos argentinos, como es sabido, han ido a Europa para cotejarse, por ejemplo, necesitados de escenarios más resonantes [...] otros han ido simplemente a curiosear; otros por obligaciones diplomáticas; otros a vivir una extranjería grata e inversa a las dificultades de vivir nacionalmente; otros, finalmente, con la idea bien precisa de obtener algo para sí o para el país, sea la cultura, sea algún conocimiento útil.”.

Silvio Figueiredo (2005, p. 17), na sua tese *Viagem e Turismo*, que investiga as relações entre essas duas atividades humanas, apresenta a literatura e o relato de viagem como precursores na abordagem do tema, “literatura e relato de viagem produzem conceitos sobre a viagem e turismo. Esses conceitos são, em sua maioria, pareceres sobre a situação positiva do viajante, em detrimento à negativa do turista, traçando uma oposição entre esses dois conceitos.” E expõe como características ideais do viajante a curiosidade, o interesse pelo outro, pela diversidade, por outras culturas e paisagens e afirma que o turista, segundo algumas imagens encontradas na literatura, aparece como um mal viajante, “aquele que possui esboços de viajantes na busca pela compreensão do mundo e de seu íntimo, mas que não conseguindo dar um salto qualitativo, não percebe o outro, portanto não se percebe”(ibid, p. 251).

É o que afirma Arlt nos textos já citados. Embora, em suas crônicas, não elabore uma distinção precisa entre os dois tipos de viajantes – turista e viajante – parece-nos evidente sua identificação com este último. Para o cronista, a curiosidade do viajante não pode limitar-se ao pitoresco, àquilo que de alguma maneira já conhece sem sair de seu país, o que não significa eliminar tal elemento do roteiro de viagem. Afinal, bem sabe Roberto Arlt – que viaja a trabalho, como correspondente do jornal *El Mundo* – que o pitoresco é o objeto de curiosidade do leitor.⁴⁶ Lembremos o anúncio da viagem ao Brasil em que o cronista promete conhecer e registrar aquilo que, no senso comum, é tido como o mais pitoresco desse país: as praias, as mulheres e os negros. No entanto, para Roberto Arlt o interesse do viajante deve abranger outros aspectos da vida do lugar que visita. Isso significa ir além da apreciação da paisagem, deve considerar o indivíduo, suas manifestações culturais e sociais, como parte integrante do lugar visitado e não apenas um elemento que compõe o pitoresco.

Essa insistência, de Roberto Arlt, em afirmar uma imagem de viajante, que se afaste do modelo alvo de sua crítica, tem como propósito conquistar a simpatia do leitor do jornal *El Mundo*. Indivíduo que, assim como o próprio cronista, pertence às camadas mais populares. Além disso, a imagem adotada como cronista/viajante se mostra coerente com aquela já

⁴⁶ “Esta noche parte Roberto Arlt para Montevideo [...] y desde allí continuará su jira (sic) por los países sudamericanos, Brasil, Colombia, Venezuela, la costa del Pacífico, etc. Desde todos estos lugares tratará de ver lo pintoresco, la nota de interés que los lectores de *El Mundo* irán conociendo a través de sus regulares colaboraciones.” (in) “Roberto Arlt inicia hoy una jira por varios países sudamericanos.” *El Mundo* – 10 de março de 1930.

conhecida pelo leitor das “Aguafuertes Porteñas”, em que se apresenta como um cronista interessado pelas questões sociais e culturais que afetam a vida do cidadão portenho.

A preocupação em afirmar-se como viajero se dá com mais constância nas primeiras *aguafuertes* da viagem, assim como o rechaço ao pitoresco, do qual, no entanto, não se esquivava totalmente.

Na crônica “Las islas Canarias, puertas de España” (08/04/1935), que inaugura a série *Aguafuertes Españolas*, Arlt descreve a cidade de Las Palmas em um único e breve parágrafo:

Lo notable de las Canarias son sus calles maravillosamente asfaltadas que recorren innúmeros rebaños de cabras lecheras. Y después el mercado. El mercado más fabuloso que creo conoceré en mi existencia andariega, con matarifes ensangrentados de pies a cabeza, moros ensabanados de fez rojo ladeado en la cabeza, borricos que meten la nariz dentro de las cocinas husmeando, las actividades de las freidoras de pescado; calles con escaleras de zócalos revestidos de azulejos y el océano violeta golpeando la costa furiosamente.

A predileção do cronista pelo popular produz um quadro que apresenta um pitorescismo às avessas onde açougueiros sujos de sangue, mulheres fritando peixe e burricos que curioseiam com o focinho, substituem a imagem de cartão postal. Nada de igrejas, ruínas, sítios históricos, apenas a rua, o mercado e seus personagens. Lugares em que circulam todo tipo de gente e ideais para a observação da cotidianidade. No entanto, não falta a cor local, dada pelo “moro ensabanado de fez rojo”, mas este elemento não é suficiente para fazer dessa primeira descrição um quadro pitoresco ou um postal. A imagem captada reúne fragmentos do real em uma espécie de *collage* e que exhibe a multiplicidade de planos de que é composta a paisagem.⁴⁷

No restante do texto, Arlt passa a dar informação sobre a situação econômica em que se encontra a ilha, reflexo da crise por que passa a Espanha. Relata sua percepção dos primeiros indícios da inquietação política que antecedeu a Guerra Civil. Comenta sobre a diminuição das exportações, o desemprego, o afluxo de turistas, a quantidade de mendigos nas ruas. Busca dar uma visão geral da ilha que vai além da descrição da paisagem.

⁴⁷ O recurso da *collage* empregado por Roberto Arlt, na descrição da paisagem, já aparece na obra do vanguardista Oliverio Girondo. Destacamos os livros *Veinte poemas para ser leídos en el tranvía* (1924) e *Calcomanías* (1925) em que com poucas frases cria metáforas complexas e imagens inusitadas. O mesmo recurso, encontramos no modernista paulista Antonio de Alcântara Machado no seu livro, também, de viagens, *Pathé Baby* (1925).

Interessado em saber mais detalhes sobre os problemas políticos e econômicos que afligem à população, Arlt decide visitar o diretor do jornal local:

Me marchó a visitarlo al director del “Diario de Las Palmas”, y el hombre, en vez de preguntarme si he visitado la casa de Pérez Galdós, que nació en Canarias, o de indicarme que un turista no debe de olvidarse de visitar la iglesia, donde se afirma rezó Cristóbal Colón antes de partir para lo desconocido o de las bonitas mantillas que cubren las cabezas de las canarias, me da una conferencia sobre política. De que si las izquierdas, de que si las derechas, Yo prudentemente arguyo “argentino señor”; pero cuando me despido del hombre me pregunto: ¿Qué pasa aquí? (“Las islas Canarias, puertas de España”, 08/04/1935)

O trecho citado mostra que apesar de sua recusa pelo roteiro turístico, este não lhe é desconhecido. Afinal aquele que viaja deve abastecer-se de um mínimo de informação do lugar que pretende visitar. Em seu texto, Arlt expõe esse conhecimento, de forma irônica e irreverente, e revela que no cenário das viagens é esperado um padrão de comportamento tanto do turista estrangeiro como do povo nativo. Do estrangeiro espera-se o interesse pelos aspectos turísticos do lugar e não pelos seus problemas políticos e sociais. Do nativo, que este compactue com as expectativas do turista e lhe incentive a conhecer os lugares de valor histórico – não só para os moradores de locais, mas que se supõe de interesse e importância a qualquer visitante – e aprecie aquilo de pitoresco que a região tem a oferecer. No texto acima, estrangeiro e nativo, rompem esse pacto. Podemos dizer que há uma negação dos papéis.

A inquietação política, causada pela proximidade da Guerra Civil, que aflige a população da ilha, somada ao problema da carestia econômica ofuscam a descrição da paisagem. Arlt constrói o texto de maneira que os assuntos abordados parecem impor-se ao cronista, que se vê obrigado a tratar das questões sociais em detrimento dos aspectos paisagísticos da ilha. Essa imposição temática funciona como um recurso retórico que tem por finalidade convencer o leitor a aceitar o tipo de viagem que o cronista pretende fazer.

Os mecanismos retóricos, empregados por Roberto Arlt para persuadir o seu leitor, podem ser vistos à luz do estudo sobre a Retórica antiga e clássica de Roland Barthes (2001). De acordo com este autor, da *inventio*, primeira operação da máquina retórica⁴⁸, partem dois caminhos argumentativos: um lógico, em que predomina o raciocínio, e cuja finalidade é

⁴⁸ As cinco operações da retórica são: 1) *Inventio* – encontrar o que dizer; 2) *Dispositio* – ordenar o que se encontrou; 3) *Elocutio* – acrescentar o ornamento das palavras, das figuras; 4) *Actio* – representar o discurso como um ator: gestos e dicção; 5) *Memoria* – recorrer à memória. Roland Barthes, *A aventura semiológica*, pp.49-50.

convencer através de provas objetivas⁴⁹, e outro psicológico que recorre a provas subjetivas⁵⁰, em que se leva em conta o humor de quem vai receber a mensagem e tem como objetivo comover o destinatário. As questões políticas e sociais que Arlt expõe em seu texto pertencem ao grupo das provas objetivas. São os *rumores*, o testemunho público, fragmentos do real que Arlt organiza em seu texto, sem transformá-los, de maneira a persuadir o leitor de que a opção pela viagem, com o objetivo de conhecer o povo em seu meio e não simplesmente descrever paisagens, se apóia não só em suas convicções pessoais, mas, principalmente, em situações que lhe vão sendo apresentadas e as quais ele não consegue evitar.

O testemunho de notáveis, a *testimonia*, é outro tipo de prova objetiva que utiliza Arlt. Consiste em citar escritores renomados, antigos ou contemporâneos, para dar apoio à argumentação. A referência a Rudyard Kipling e Mark Twain, com que Roberto Arlt inicia o texto “Argentinos en Europa”, é um exemplo desse procedimento retórico. Ao citar outros escritores, Arlt fundamenta seu discurso e lhe confere autoridade.

Tanto os *rumores* como a *testimonia* são provas que se fundamentam no real, externas ao autor e que não podem ser transformadas por ele, apenas arranjadas a fim de atingir seu objetivo.

Ainda no âmbito do *convencer*, Arlt recorre a provas que estão sob seu total domínio: as manipuláveis. É o caso da inserção de personagens que, com seu discurso, corroboram a opinião do cronista. Ou ainda breves narrações que servem de exemplo ao que o autor quer provar. Na crônica “Carestía de la vida en España” (14/04/1935) a transcrição da conversa entre dois argentinos, que viajaram à Espanha e relatam suas impressões sobre esse país, é uma amostra desse tipo de recurso retórico:

- Si te vas a Europa, despédite de los jugosos bifos de lomo y de los suculentos pucheros. Allí hay hambre. La mayor parte de las gentes comen una vez y media por día...
- ¡Un momento! – interrumpió otro de los de allí presentes –. En España, no. En la península todo el mundo come, y come bien: la vida es baratísima.

⁴⁹ As provas objetivas dividem-se em duas categorias: extrínsecas, aquelas que se encontram fora do orador e não podem ser transformadas por ele, e as intrínsecas, aquelas que dependem do raciocínio do orador. As extrínsecas se dividem em: 1. os *praejudicia*, sentenças anteriores, a jurisprudência; 2. os *rumores*, o testemunho público, o *consensus* de uma cidade; 3. as confissões sob tortura (*tormenta*, *quaesita*); 4. as peças (*tabulae*), contratos acordos transações; 5. o juramento (*jusjurandum*); 6. os testemunhos, (*testimonia*) testemunhos de notáveis, provérbios, citações. A categoria intrínseca se divide em dois grupos: 1. o *exemplum* (indução); 2. o *entimema* (a dedução). Cf. Barthes. *Op. cit.* p. 53-56.

⁵⁰ As provas subjetivas dividem-se em dois grupos: 1. *ethè*, os caracteres, os tons, os jeitos que são atributos do orador; 2. *pathè*, as paixões, os sentimentos, os afetos de quem ouve, do público. (*ibid.* p. 77)

Este ser otimista, acababa de llegar de España. Su optimismo tenía la sólida base de una renta mensual de dos mil pesos.

O trecho acima, que inicia a crônica, retoma a oposição viajante/turista proposta anteriormente e expõe os diferentes olhares que cada viajante tem sobre o país visitado. Arlt considera que a miopia do segundo personagem está ligada a sua condição financeira privilegiada que lhe impede de enxergar a real situação da população. Com isso reitera sua crítica ao viajante abastado e mostra-se partidário do primeiro personagem, aquele que consegue ver além do conforto que hotéis de luxo proporcionam.⁵¹ O diálogo reportado mostra os dois tipos diferentes de viajantes e serve de pretexto para que Arlt reafirme sua posição de viajante que pretende olhar em busca do presente e entender o que vê a partir de sua convivência com o povo:

Escribo estas líneas desde España. Estoy en tierra española. En Cádiz. Cada piedra, cada alféizar sugieren infinidad de cosas. Pero no he venido aquí a recordar hechos históricos [...] Vivo entre el pueblo y con el pueblo, y el pueblo de Cádiz está muy lejos de nadar en la abundancia. (“Carestía de la vida em España”, 14/04/1935, grifo nosso)

As afirmações em primeira pessoa evidenciam a presença do cronista *in loco*, reforçando a sua condição de testemunha, que, por conseguinte, confere veracidade e autoridade a seu discurso.

No entanto, o cronista não deseja só a confiança do leitor, quer também a sua empatia. Para isso, percorre o segundo caminho argumentativo, que visa *comover* o público, empregando as provas subjetivas. Para este estudo, interessa-nos o conjunto de provas denominado *ethè*, que são as qualidades que o orador deve mostrar para impressionar o público. Barthes (2001, pp. 76-78), citando Aristóteles, aponta três atributos que constituem o *ethos* do orador: 1. deliberar bem (*phronèsis*); 2. a franqueza (*aretè*); 3. ser simpático, entrar em cumplicidade com o auditório (*eunoia*). Essas três qualidades devem ser assumidas pelo orador enquanto desenvolve as provas objetivas.

Um recurso retórico frequente nas crônicas de Roberto Arlt, e já mencionado neste trabalho, é o diálogo virtual com o leitor, com quem o cronista mantém uma relação próxima e certa cumplicidade. Nas “Aguafuertes Porteñas”, tal relacionamento, discursivo, se dava através da publicação de cartas de leitores e de eventuais encontros e conversas, muitas vezes, transcritos por Arlt em sua coluna, o que mostra a forte presença do leitor em suas crônicas.

⁵¹ Cadeias de hotéis são lugares que não trazem em si marcas identitárias dos países onde se localizam. São o que Marc Augê (1994) chama de não lugares.

Nos textos de viagem, a distância que separa cronista e leitor impede a representação desse contato mais direto, mas não elimina a proximidade entre ambos.

Na crônica “Mañana me embarco” (13/02/1935), Arlt tratou da expectativa e da emoção dos que, assim como ele, estão às vésperas da primeira travessia oceânica, e que tem como única referência dessa prática a literatura e o cinema. Na nota seguinte “Ya estamos a bordo”, ao narrar sua experiência de marinheiro de primeira viagem e dedicá-la ao leitor de *tranvía*, Arlt comparte com este sua experiência viageira:

Esta nota está expresamente escrita para el lector de tranvía, para aquel desconocido amigo mío que no ha viajado nunca, y que sólo conoce los barcos y los fragmentos de travesías, por la gris proyección de un film Standard.

Cruzar el Atlántico es someterse a una gripe de aburrimiento y de mareo. (“Ya estamos a bordo”, 25/02/1935)

A viagem cotidiana de bonde⁵² e a inédita travessia oceânica são elementos comuns que aproximam cronista e leitor. Este se reconhece no cronista e o vê como um indivíduo pertencente a sua classe social e aceita a cumplicidade e o companheirismo que ele lhe propõe. Essa cumplicidade se inscreve na *eunoia*, e tem como objetivo agradar ao leitor e que, somada a capacidade de deliberar (*phronèsis*) e à franqueza (*aretè*) com que pretende narrar sua viagem, completam a imagem que o cronista vai forjando de si mesmo.

2.3 A bagagem do viajero

Consciência poética

Os momentos que antecedem a viagem são revestidos de grande carga emocional, pois concentram toda a ansiedade e expectativa do viajero com relação à viagem. As crônicas que antecedem a partida⁵³ revelam esses últimos instantes. Nesses textos, Arlt anuncia, com uma alegria quase eufórica, sua ida à Espanha, expõe os propósitos da viagem, tece agradecimentos, despede-se da cidade, exhibe sua bagagem material de viajero, composta por guias, mapas, planos, um bloco de papel, cartas de recomendação, e sua bagagem cultural,

⁵² Em algumas crônicas da série “Aguafuertes Porteñas” Arlt se coloca como passageiro de *tranvía*: “Iba sentado hoy en el tranvía cuando al volver la vista tropecé con una pareja constituída por um robusto bizco...” (“El bizco enamorado”). “Iba otro día en un tranvía, cuando oigo que un fulano le decía a otro: ...” (“Cuña de oro y pañales de seda”). Roberto Arlt. (in) *Aguafuertes – Tomo II*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1998. p.61 e121.

⁵³ “Señores... me voy a España”, 12/02/1935 e “Mañana me embarco”, 13/02/1935.

aquilo que Mario de Andrade chamou de consciência poética⁵⁴, e que o próprio Arlt definiu como “una memoria ensamblando recuerdos literarios” (“Mañana me embarco”, 13/02/1935).

A consciência poética é um conjunto de representações do mundo, permeadas pelas muitas manifestações artísticas, meios massivos de difusão, como a imprensa gráfica e o cinema, que abastecem nosso imaginário. Essas representações variam de acordo com cada época e grupo de indivíduos. Desse modo, cada sujeito, apesar de possuir uma consciência poética particular, compartilha representações que são comuns ao seu tempo e ao grupo social a que pertence. Esses elementos comuns compõem o que podemos chamar de consciência poética coletiva. Esta auxiliará o cronista Roberto Arlt na sua tarefa de traduzir sua experiência viageira em texto, pois permite a comunicação entre cronista e leitor. É a consciência poética que orienta o olhar do cronista na tarefa de representar a realidade observada e lhe serve de instrumento para tecer comparações e expressar seu entusiasmo e/ou decepção com relação àquilo que vê.

O viageiro, cativo de sua consciência poética imagina a viagem como um grande acontecimento, que começa com “la aventura de um cruce oceánico”⁵⁵ rumo ao desconhecido numa clara alusão às viagens de expansão marítima dos séculos XV e XVI. Arlt vê na travessia a oportunidade de se colocar ao lado desses viajantes, e por que não, aventureiros. Mas, ao contrário dos navegadores, o cronista sabe muito bem o que vai encontrar do outro lado do Atlântico. Afinal, possui também uma consciência lógica e um arsenal de informações reunido em guias, mapas, fotos de cidades, vilas e povoados espanhóis que pretende conhecer, que somado a sua consciência poética, compõem sua bagagem. A viagem é antes um reconhecimento do já lido⁵⁶ e visto através das representações. É a comprovação de um saber acumulado. O descobrimento, quando ocorre, passa a ter um caráter pessoal. Por isso, Arlt,

⁵⁴ “Sei bem que essa viagem que vamos fazer não tem nada de aventura nem perigo, mas cada um de nós, além da consciência lógica possui uma consciência poética também. Às reminiscências de leitura me impulsionaram mais que a verdade, tribos selvagens, jacarés e formigões. E a minha alminha santa imaginou: canhão, revólver, bengala, canivete. E opinou pela bengala.” Mario de Andrade. *O turista aprendiz*. 2002, p. 51.

⁵⁵ “Señores... me voy a España”, 12/02/1935.

⁵⁶ “Tenía curiosidad bárbara de llegar a las Canarias para conocer su famoso pico de montaña, con el cual habían tropezado en “Los Hijos del Capitán Grant”, de Julio Verne, [...] Mi deseo no fue satisfecho por el lado que dirige la suerte de los viajeros. Tampoco tuve la fortuna de ver brincar a los peces voladores. No me permitiré dudar de su existencia.” (“Las Islas Canarias, puertas de España” 08/04/1935).

ante a possibilidade da viagem empírica, descarta o que ele chamou de “conocimiento libresco”⁵⁷ em favor dessa experiência inédita, porque quer sentir a ilusão da descoberta:

“La mente rechaza el paisaje falso que ha construido la lectura. Ya no queremos saber cómo es el país que visitaremos. No nos den detalles ni nos describan el panorama que nos recibirá con su novedad. [...] No queremos que nos quiten ni una sola migaja de las maravillas que nos prometemos contemplar.” (“Mañana me embarco”, 13/02/1935)

Essa recusa inicial a tudo que contamine o seu olhar marca o enfrentamento entre sua consciência poética e as situações reais que experimentará durante a viagem, levando-o a questionar tais referências. No entanto, a ansiedade com relação à viagem o faz imaginar as etapas da travessia futura, preenchendo o vazio da experiência inédita com suas reminiscências literárias e cinematográficas:

¡Camino de España! Dársena Norte, Montevideo, Santos, Cádiz.
Días y más días de Océano. Evocación del Océano cinematográfico. De los bares de transatlánticos cinematográficos. De las muchachas en flor, que miran la luna apoyadas en una pasarela rejada. Toda la poesía del cruce. La línea del trópico. Los peces voladores. La constelación de la Osa. La Cruz del Sur, que se dibuja en el horizonte.
Llegada. Llegada imaginaria. De pronto se cierran los ojos. ¡Hay que esperar! (*ibid*)

São muitas as referências à literatura e ao cinema. Deste último Arlt foi confesso admirador,⁵⁸ chegando, como dito anteriormente, a exercer por um breve período o cargo de redator da coluna cinematográfica do jornal *El Mundo*. O pouco investimento crítico desses textos abreviou sua permanência como redator da mencionada coluna. As cinco notas, que escreveu nesse período e que foram reunidas no volume *Notas sobre El cinematógrafo*, não representam a totalidade de seus comentários. As referências sobre o cinema podem ser encontradas em muitas de suas *aguafuertes*.⁵⁹

Ainda no início de seu percurso pela Espanha, ao caminhar pelas ruas estreitas de Cádiz, constata o sentimento de angústia e opressão que estas lhe causam, muito diferente da nostalgia que lhe provocavam essas mesmas ruas estreitas vistas através de filmes

⁵⁷ “Señores... me voy a España”, 12/02/1935.

⁵⁸ “Casi nadie recuerda ‘La opera de cuatro centavos’, a no ser los *devotos del cine*. [...] Esa joya de la cinematografía francesa, estaba tan perfectamente construída, tan cargada de sátira, que interesó a poca gente. La creyeron pura imaginación.” (grifo nosso) Roberto Arlt. “El novio y los veinticuatro ladrones” (in) *Al Margen del cable*, 2003, pp. 53-56.

⁵⁹ Rose Corral (2008) esboça uma lista de filmes vistos e citados por Arlt em suas crônicas, incluindo as de viagem, objeto de estudo deste trabalho, revelando um frequentador assíduo das salas de cinema.

ambientados em velhas cidades espanholas ou italianas. O cronista se desculpa pelas insistentes referências que faz ao cinema e reconhece este como um modo ideal de viajar⁶⁰ (“La gloria del sol”, 10/04/1935). A declaração de Arlt remete a experiência, prazerosa, do cinema que como um olhar privilegiado se coloca entre o sujeito e o mundo, organizando-o de tal maneira que propicia ao espectador um ver mais e melhor, livre do ônus da experiência real. Aquilo que escapa ao olhar natural, o “olhar sem corpo” recupera e amplia aprofundando a percepção.⁶¹

Para Roberto Arlt o cinema era um veículo de comunicação massivo, universal e de rápida difusão e que exercia um poder, superior ao dos livros, sobre o imaginário coletivo (CORRAL, 2008, p. 156). A posição de Arlt, a respeito da força e aceitação do cinema assemelha-se à de Walter Benjamin que, ao comparar a pintura e o cinema, afirma a superioridade deste último, no tocante à representação da realidade:

[...] a descrição cinematográfica da realidade é para o homem moderno infinitamente mais significativa que a pictórica, porque ela lhe oferece o que temos direito de exigir da arte: um aspecto da realidade livre de qualquer manipulação pelos aparelhos, precisamente graças ao procedimento de penetrar, com aparelhos, no âmago da realidade. (BENJAMIN, 1994, p. 187)

Atitude textual

Passado o período da expectativa, que antecede a viagem, a questão que surge é contrapor conhecimento, adquirido nas viagens literárias e cinematográficas, à realidade observada. Na afirmação “A veces pienso que todo está por escribirse nuevamente” (“La gloria del sol”, 10/04/1935), Arlt expõe o conflito e, de maneira implícita, assume a tarefa de

⁶⁰ A afirmação do cronista quanto à maneira ideal de viajar expõe os sentimentos díspares que a mesma paisagem pode provocar no indivíduo, dependendo do tipo de experiência que realiza. Tal constatação assemelha-se a do personagem Duc des Esseintes, do romance *Às Avestas*, que a fim de evitar o cansaço da viagem e a decepção, por não encontrar paisagens vislumbradas na literatura, desiste de sua ida à Londres antes mesmo de cruzar o Canal da Mancha, e se pergunta: “Para que movimentar-se se se pode viajar tão magnificamente sentado numa cadeira?” Cf. J.-K. Huysmans. *Às Avestas*. 1987, p.170.

⁶¹ Ismail Xavier no ensaio “Cinema: revelação e engano” (NOVAES, 1988, pp. 367-383) trata, entre outros pontos, do olhar do cinema como mediação e elucida o elogio que faz Arlt ao cinema como uma maneira ideal de viajar: “O usufruto desse olhar privilegiado, não sua análise, é algo que o cinema tem nos garantido, propiciando esta condição prazerosa de ver o mundo e estar a salvo, ocupar o centro sem assumir encargos. Estou presente, sem participar do mundo observado. [...] Ocupo posições do olhar sem comprometer o corpo, sem os limites do corpo. Na ficção cinematográfica, junto com a câmara, estou em toda parte e em lugar nenhum; em todos os cantos; ao lado das personagens, mas sem preencher espaço, sem ter presença reconhecida. Em suma, o olhar do cinema é um olhar sem corpo. Por isso mesmo ubíquo, onividente. Identificado com esse olhar, eu espectador, tenho o prazer do olhar que não está situado, não está ancorado – vejo muita mais e melhor.”

desconstruir o imaginário, imposto por essas referências, para construir outro. Pretende que sua experiência viageira, transformada em literatura, passe a ser uma nova referência. Esse compromisso assumido por Arlt é umas das características do escritor/viajante, como aponta Thaís Pimentel (1988) “Os viajantes produzem um olhar sobre o mundo o qual produz imagens que a todo o tempo se confundem com as da literatura. E muitas delas irão constituir novas imagens literárias”.

Essa tentativa de reescritura já aparece na crônica “Ya estamos a bordo”, que relata a travessia oceânica. Nesse texto, o cronista trata de desmistificar a imagem idílica da travessia de barco, divulgada pelo cinema, – e por ele evocada em crônica anterior – informando ao seu leitor que as viagens marítimas não são nada românticas, pelo contrário, são chatíssimas. Os passageiros sofrem de enjôos constantes e o navio se assemelha mais a um hospital aquático.

Na viagem empírica, que implica deslocamento físico e espiritual, o corpo também sai para viajar e isso pode trazer algum desconforto ao viajante (BOTTON, 2003, p. 28). O abatimento físico causado pelos enjôos impede a descrição poética da travessia marítima. Arlt reconhece que há momentos de beleza e prazer, mas é impossível narrá-los devido ao mal-estar de que padece. Sabe que vai decepcionar o leitor, mas sua franqueza – um dos traços que compõem sua imagem de cronista/viajante – não lhe permite omitir a realidade:

Debía, y esto de acuerdo con ustedes, haberles dedicado unas líneas a los poéticos efectos de *luna sobre la llanura negra del océano*; [...] y por lo menos un párrafo a la *gitanilla trashumante y azafranada, que nos encalabrina a todos desde su sillón de mimbre*; pero yo no soy Dios, las páginas tampoco son infinitas, mis ganas de escribir pecan de escasas, y lo que ardientemente deseo es terminar este artículo, y tirarme en la cama... (“Ya estamos a bordo”, 25/02/1935, grifo nosso)

O que é verbalizado pelo viajante – e aqui nos referimos ao viajante em geral – em seu relato foi, no momento da percepção, apreendido diluído em meio a uma série de outros elementos externos e internos como preocupações e desconforto físico. Pouco se retém dessa experiência, a memória (lembrança), à semelhança da imaginação artística e da expectativa, se encarrega de selecionar e simplificar tal experiência. O viajante, e também o turista, tende a esquecer ou ignorar tudo o que há no mundo além daquilo que pode prever e espera encontrar em sua viagem. Botton vê na influência que as obras de arte exercem sobre o indivíduo como responsável por essa atitude do viajante:

[...] pois nelas encontramos o mesmo processo de simplificação ou seleção que atua na imaginação. Os relatos artísticos envolvem abreviações radicais

daquilo que a realidade nos impingirá. [...] A imaginação artística e a expectativa omitem e comprimem. Elas eliminam os períodos de tédio e direcionam nossa atenção para os momentos críticos. (BOTTON, 2003, pp. 22-23)

O indivíduo, na condição de leitor e/ou espectador, firma o pacto do faz-de-conta do jogo da ficção no qual não cabe questionar a veracidade ou autenticidade das representações artísticas. Ao questioná-las, Arlt comporta-se como o mais ingênuo dos leitores, quando não o é. Ele demonstra o que Said (2008) denomina como *atitude textual*. De acordo com esse estudioso, duas situações favorecem a atitude textual: a possibilidade de enfrentar o desconhecido e a experiência do êxito. Interessa-nos a primeira, pois se aplica a condição do viajante, que ante as incertezas da viagem recorre a guias e livros de viagem a fim de informar-se sobre o que vai encontrar. Diante do desconhecido, o viajante confia piamente na informação contida nessa literatura. O lido, então, é revestido de uma autoridade maior do que a realidade que descreve. Por isso, “Muitos viajantes se descobrem dizendo sobre uma experiência em um país novo que ela não corresponde a suas expectativas, querendo dizer que ela não é o que o livro afirmava dizer.” (*ibid*, p. 141).

A esse respeito, Sanhueza Lizardi (1886)⁶² comenta sobre o poder da literatura sobre o imaginário do indivíduo, e que mesmo o escritor, como é o seu caso, está suscetível, em um primeiro momento, a envolver-se pela imagem literária e buscar no mundo empírico a sua total correspondência:

Por más que uno esté convencido de que la mayor parte de los cuadros que el viajero traza y dibuja de los pueblos importantes [...] que ha recorrido o visto, saca las luces y los colores de la conformación de su trama nerviosa, de las ideas que lo dominan [...] la verdad es que uno cree que podrá ver sin la menor alteración y de la misma manera todas aquellas cosas de que nos ha hablado en las páginas de un libro... (*ibid*, p.169).

Roberto Arlt, escritor e jornalista, iniciado na arte e técnica da narrativa, sabe reconhecer o processo de economia literária a que um autor submete seu texto. Ele próprio se valerá de tais recursos quando da organização do livro de viagens. Portanto, devemos atribuir a atitude textual ao cronista, que é quem assume a responsabilidade pelo enunciado, e não a Roberto Arlt autor do enunciado. A atitude textual é um comportamento que se espera do

⁶² Rafael Sanhueza Lizardi, advogado e pedagogo chileno, viajou à Espanha no final do século XIX. Seu livro *Viaje en España* foi publicado em Santiago do Chile em 1886 e em Paris em 1889. (GARCIA-MONTÓN, 2000, pp. 266-267)

leitor comum, desse modo, ao assumi-la, o cronista se coloca ao lado de seu leitor reforçando os laços de cumplicidade que os une.⁶³

Arlt narra a experiência viageira em sua completude, exibindo os momentos que podiam suscitar a inspiração poética e, que foram vivenciados diluídos em meio a outros acontecimentos pouco inspiradores, como se desconhecesse o processo de criação literária. Podemos dizer que o cronista, ao optar pela representação imediata e integral dessa experiência, – que expõe não só os momentos poéticos da travessia, mas também as dificuldades, por ele, sofridas – decompõe o processo de criação literária exibindo o material integral de onde o artista parte para a execução de sua obra, exibindo, ao contrario do que possa sugerir seu discurso, domínio do processos de criação literária. Não se trata de desconstruir uma imagem para construir outra e sim de mostrar os diferentes olhares que podem surgir a partir de uma mesma realidade. E com isso, preparar o leitor para receber e aceitar a sua representação literária sobre a Espanha.

⁶³ A cumplicidade entre cronista e leitor busca a identificação entre ambos. O leitor vê no cronista um indivíduo que pertence ao seu grupo social, que compartilha de sua memória ficcional. Segundo Martín Vivaldi (1973, p. 180) em nenhum momento o *articulista* – que equivale ao nosso cronista - deve mostrar superioridade com relação ao seu leitor, “el buen articulista [...] nunca debe abrumar al lector con su *cultura*. Sus conocimientos deben aparecer casi disimuladamente, como si su saber fuese de dominio público. La especial pedagogía del articulismo periodístico impone al escritor el enseñar las cosas disimuladamente, que no se note nunca su prosa al ‘dómine’, al profesor.”

Mi estimado amigo [...] Hábleme usted de lo que hay de humano en este lugar, de lo triste y de lo alegre; del sufrir de las gentes. Allá en la Argentina, que es un pedazo de España, quieren saber de estas cosas.

Roberto Arlt

III. A imagem da Andaluzia nas “Aguafuertes Españolas”

Antecedentes

A Espanha foi, no século XIX, um dos destinos preferidos dos escritores românticos, sobretudo os franceses. Um dos motivos que os levavam a esse país era o desejo de afastar-se do mundo civilizado europeu que lhes parecia monótono e entediante. Viam o progresso, que ditava os moldes da vida burguesa, como responsável pela extinção das diferenças entre os países (ORTEGA CANTEROS, 1990).

Para o escritor romântico a Espanha, especialmente a região da Andaluzia, representava o diferente, o imprevisto, a possibilidade da aventura⁶⁴. Era um lugar que não

⁶⁴ “El romántico viaja en pos de experiencia capaces de alimentar su temperamento y su imaginación. ‘Lo que constituye el placer del viajero – escribe Gautier – es el obstáculo, la fatiga, hasta el peligro. ¿Qué encanto puede ofrecer una excursión cuando se tiene la seguridad de llegar, encontrar caballos preparados, una cama blanda, una buena cena y todas las comodidades que disfruta una en casa? Una de las grandes desgracias de la vida moderna es la falta de lo imprevisto, la ausencia de aventuras.’ [...] Viajar por España es abrirse a un mundo inaudito y fascinante, a una realidad no exenta de dificultades y riesgos. La legendaria figura del bandolero o el

havia sido alcançado pelo progresso, com natureza quase intocada, clima primaveril, detentora de um passado impossível de ser alcançado pelo viajante em seu país de origem. Um passado que, havendo conservado os traços da cultura muçulmana, aproximava a Espanha, país renegado da Europa, do Oriente próximo. A frase “África começa nos Pirineus”, atribuída ao escritor do Romantismo francês Alexandre Dumas (pai) dá uma idéia do tópico ligado à imagem da Espanha.

Os elementos buscados por esses viajantes foram acentuados em seus relatos, criando, assim, imagens da Espanha acordes com o ideário romântico, e que nutriram o imaginário de gerações posteriores.

Escritores/viajantes como Prosper Mérimée, Victor Hugo, Alexandre Dumas (pai), Théophile Gautier são apontados (COLOMBI, 2004, p.116) como “responsables de la representación de España a partir de determinado repertorio del color local: pandereta, manolos, bandidos en los caminos, pobreza y grotesco.” Os estereótipos, perpetuados pelos escritores românticos sobre esse país – que além dos elementos citados, incluem os pátios floridos e ensolarados, a alegria perene, a sensualidade feminina, uma atemporalidade que permite vislumbrar uma Espanha pretérita, medieval e moura – estão presentes também nos guias turísticos editados ao longo do século XX. Esses manuais⁶⁵, apesar de sua função documental, corroboraram com o discurso literário reforçando os estereótipos, pois não houve, por parte de seus autores, uma preocupação em atualizar tais informações.

Percebe-se, pela enumeração dos tópicos acima, certo protagonismo da Andaluzia, o que acarretou a assimilação de características próprias desta região como sendo comuns a todo país. Um exemplo dessa generalização é a personagem Carmem, de Prosper Mérimée que, inspirada na mulher andaluza com traços ciganos, compõe o estereótipo da mulher espanhola. Para muitos viajantes conhecer Espanha significava conhecer, principalmente, a Andaluzia.

calamitoso estado de los caminos subrayan lo que el viaje tiene de permanente aventura.” Nicolás Ortega Canteros (1990, p.123).

⁶⁵ Hijano del Río e Martín Zuñiga (2007) analisam a imagem do andaluz projetada em alguns guias turísticos, entre os quais figuram três de edição anterior a viagem de Roberto Arlt: *Guías de España: Córdoba* de Rafael Castejon (1930), *Guía de Sevilla* de Santiago Montoto (1930) e *¡Sevilla! Apuntes sentimentales para una guía literaria y emocional de la ciudad de la gracia* de Rogelio Pérez Olivares (1929).

A eleição da região andaluza como início de seu percurso pela Espanha – que reafirma desejo expresso em crônica de 1929 – e a inclusão apenas dessa etapa do território espanhol no livro *Aguafuertes Españolas* parecem responder a esse protagonismo. Na primeira crônica escrita sobre a Galícia o cronista afirma, “Creo conocer las principales ciudades de España, con excepción de Barcelona”⁶⁶ (ARLT, 1999, p.41), uma vez que, até aquele momento, além da breve passagem por Las Palmas de Gran Canaria e Gibraltar, só havia conhecido cidades e povoados andaluzes, sua declaração confirma o peso da região nas representações artísticas sobre a Espanha e a influência destas nas escolhas dos futuros viajadores.

A imagem prévia da Espanha/Andaluzia que habita a consciência poética do cronista Roberto Arlt, é composta por representações, desse espaço, permeadas pela arte (COLOMBI, 2004, p.105). A literatura de viagem produzida pelos românticos é apenas uma dessas representações. Ao longo da viagem, Arlt vai-nos revelando obras e artistas, que completam seu universo de referências, como a música de Albéniz e Manuel de Falla – deste, Arlt conseguiu uma entrevista depois de uma tentativa frustrada –, a arte pictórica de Murillo e Julio Romero Torres, a literatura clássica que tem em Miguel de Cervantes seu maior expoente, o romance de aventura de Julio Verne e H. G. Wells, o folhetim de Luís de Val y Pérez Escrich com seus “cromos” baratos e o cinema.⁶⁷

O desafio do cronista é mostrar uma Espanha que possa interessar tanto ao leitor portenho que nunca viajou àquele país, quanto ao imigrante espanhol que, longe de sua terra há muitos anos, deseja revê-la, mesmo que através das páginas do jornal.⁶⁸ Portanto as crônicas devem conter uma atualidade de informação que satisfaça o leitor imigrante, mas, ao

⁶⁶ “Vigo, ciudad. Gente cordial, seria y reflexiva, Un contraste con Andalucía”, 19/09/1935.

⁶⁷ Segundo referências encontradas nas *aguafuertes*, supõe-se que Roberto Arlt foi assíduo frequentador de salas de cinema. A partir de suas crônicas, Rose Corral (2008, p. 156) esboça uma lista na qual aparecem filmes pertencentes ao cinema expressionista alemão, cinema norte americano, soviético, francês e nórdico. Arlt quase sempre cita os títulos e atores dos filmes, raramente alude aos diretores. Os filmes citados por Roberto Arlt são: *M, el vampiro de Dusseldorf* (Fritz Lang), *El ángel azul y Morroco* (Joseph von Sternberg), *La ópera de los 4 centavos* (Georg Wilhelm Pabst) com roteiro de Bertolt Brecht e música de Kurt Weill, *El muelle de las brumas* (Marcel Carné), *Juana de Arco* (do diretor sueco Carl Theodor Dreyer), *El pensamiento* (Andreiev), *La madre de Máximo Gorki* (do director russo Vsevolod Pudovkin), *Alta traición* em que atua de Emil Jannings, *La isla de las almas perdidas* (também conhecida como *La isla del Dr. Moreau*), baseada no romance de H.G. Wells, e os filmes de Charles Chaplin.

⁶⁸ De 1857 a 1940, o número (bruto) de espanhóis que ingressaram na Argentina é de 2.080.000, que representa 31,5% do total de imigrantes. Um terço desse contingente de espanhóis imigrados se concentrou em Buenos Aires, capital federal, e na província do mesmo nome. Até 1987, foram contabilizados, no país 538 sociedades espanholas, incluindo as federações, sendo que a maior parte tem sua fundação antes de 1920 – como o Centro Gallego de Buenos Aires, fundado em 1907. Desse total, 56% se encontram estabelecidos em Buenos Aires, capital e província.

mesmo tempo, não pode prescindir do elemento turístico que, certamente, interessa ao leitor portenho sedento por paisagens novas.

3.1 Primeiras imagens/impressões

Na cidade de Cádiz, Roberto Arlt inicia seu percurso pelo país e sua rotina de cronista. Diferente de Buenos Aires, na qual o simples deambular era suficiente para realizar sua tarefa, em terra estrangeira o olhar *mirón* deve ser acompanhado da entrevista, da conversa com o morador local, da investigação. Circulando por lugares desconhecidos, em algumas ocasiões necessitará de um guia que o introduza em alguns ambientes. A falta de familiaridade com o espaço em que circula é compartilhada pelo leitor, por isso as coordenadas geográficas tornam-se mais precisas. Arlt fornece o máximo de informação possível para que o leitor tenha uma mínima idéia do espaço em que se encontra o cronista e possa acompanhá-lo em seu passeio.

Nas crônicas anteriores à partida, Arlt esboça suas intenções com relação à viagem, mas em nenhum momento propõe um plano detalhado. A viagem vai se construindo em seu percurso e os interesses do cronista revelados a cada passo. Os primeiros registros da cidade de Cádiz exibem um itinerário temático/espacial que indica a direção do olhar do cronista e revela os seus interesses.

Nas primeiras crônicas, Arlt se mantém apoiado na consciência poética – memória ficcional coletiva e, portanto, compartilhada entre cronista e leitor – para descrever a nova paisagem. Essa dependência com relação às referências marca, também, o choque entre a imagem sonhada pelo viajero e a realidade observada. Passado o impacto inicial, há uma acomodação do olhar que cede espaço à experiência viageira, dando lugar a sua própria representação do espaço, já visitado, como suporte para descrever o ainda novo. Portanto, parece-nos importante conhecer esse olhar dependente da memória ficcional, que aparece nas primeiras crônicas, e o processo de acomodação que ocorre ao longo da viagem. Optamos por seguir a divisão temática proposta pelo próprio cronista, respeitando também a sua cronologia.

Operários

Para as primeiras imagens de Cádiz, o cronista evoca, no imaginário do leitor, a música de Albéniz, a pintura de Murillo e fotografias “tomadas desde el ángulo más favorable” (“Llegada a Cádiz”, 09/04/1935) para, em seguida, questionar a sua autenticidade e aceitá-la, em parte, “Pero este trozo de España embellecido a través de las referencias literarias, ¿es auténtico para la visión de ultramar? En lo que atañe a ciertos trozos, sí; pero no en la totalidad.” (*ibid*)

Fiel ao seu propósito de mostrar uma imagem do país que vai além do tópico, Arlt inicia sua descrição de Cádiz focalizando a massa operária que passeia pelas ruas da cidade,

Una multitud humana que desemboca de calles de tres pasos de ancho, obscuras y lóbregas. Esta multitud que colma el ancho de las calzadas, que llena las veredas a pesar de ser día domingo, viste limpio traje azul de mecánico, casi siempre zurcido y lavado. [...] Esta masa se pasea sin cuello, con un pañuelo amarrado al cuello, o una bufanda, y gorra o boina. [...] Trajes azules de mecánicos. Azul crudo, proletario, que estalla en nuestros ojos el cohete de una sorpresa singular. [...] (Después me entero que en esta población de 80.000 habitantes hay 16.000 desocupados). [...] *Pero, ¡diablos!, ¿entonces las multitudes de trabajadores existen? ¿Son realidades tangibles?* (*ibid*, grifo nosso)

As exclamação e interrogações finais expressam, à primeira vista, o choque do cronista diante de um elemento novo, os trabalhadores, que se sobrepõe à imagem, existente e cristalizada pela memória ficcional. No entanto, se retomamos a *aguafuerte* de 1928, em que Arlt, ao criticar a postura de alguns viajantes/escritores, alude à existência de uma classe operária e de uma cotidianidade que esses escritores ignoravam em suas viagens, devemos ler o trecho em destaque como uma surpresa irônica diante de uma realidade já suposta anteriormente pelo cronista. Portanto, Arlt não só esperava encontrar os trabalhadores como fez destes o elemento principal de sua primeira descrição da cidade, a fim de salientar a sua existência. A crônica “Llegada a Cádiz” ratifica as declarações proferidas no texto “Argentinos en Europa”, de 1928.⁶⁹

⁶⁹ Não concordamos com Silvia Saítta (1999) que vê o encontro com os trabalhadores somado, a constatação da situação política na qual se encontrava o país e a extrema pobreza em que vivia parte da população como fatores determinantes que levaram Arlt a replanejar sua viagem, fugindo aos propósitos iniciais. Em nossa opinião “convivir con el pueblo y las masas de sus ciudadanos” (13/02/1935), como propõe Arlt antes de sua partida, não exclui a observação e relato da crise econômica e política. Além disso, parece-nos impossível que Roberto Arlt, enquanto jornalista desconhecesse os fatos que agitavam a Espanha no período imediatamente anterior a guerra civil.

O termo “multitud”, repetido ao longo do texto, bem como seu sinônimo “masa”, aliados as cifras de habitantes e desempregados, dão corpo a esse contingente humano que o cronista faz desfilar diante dos olhos do leitor. Arlt, repetindo o procedimento retórico para *convencer* o leitor, constrói o texto de maneira que a presença da classe operária parece preencher todos os espaços da cidade e, conseqüentemente, do texto, pois é impossível ignorar sua presença,

“Inútil que trate de escaparse, amigo mío. [...] Ellos están allí. Y usted no puede esquivarlos. Métase por donde quiera, tome los callejones más torcidos, las cuevas más empinadas, por donde entorne los párpados, se los encontrará. Constituyen la cifra extraordinaria.” (“Llegada a Cádiz”, 09/04/1935)

Apesar do predomínio da imagem dos trabalhadores, Arlt admite a existência dos elementos pertencentes ao estereótipo, “Y, sin embargo, los mantones existen. Los he visto con mis propios ojos. ¡Pero son tan escasos! Y los patios andaluces también existen. De mármol blanco, de azulejos dorados, de fuentes de piedra color piel de mujer. Mantones, música, mármoles, son verídicos.” (*ibid*) Ao descrever suas primeiras impressões sobre Cádiz, Arlt mostra que o tópico está presente e é visível. Apenas não corresponde a sua totalidade, assim o quadro que se pinta sobre o sul da Espanha não é irreal, é incompleto. A mulher de mantilha existe, mas não é a imagem isolada. O que se vê na viagem empírica não é um cartão postal. O cronista mostra o sujeito comum inserido na paisagem na qual, eventualmente, se vislumbra o pitoresco.

A cidade

O traçado medieval de algumas cidades espanholas, com ruas tortuosas, empinadas e estreitas, é um dos elementos arquitetônicos que atraíam os escritores/viajantes do romantismo. Em seus relatos abundam descrições e elogios à conservação desse medievalismo que, para eles, os românticos, representa a antítese da cidade moderna e burguesa que, com suas largas avenidas, alamedas arborizadas, grandes praças, começa a se impor nas principais capitais européias (ORTEGA CANTEROS, 1990). Em busca do passado, esses escritores/viajantes encontravam nas cidades espanholas, com forte traço mouro, o seu refugio medieval.

Além da literatura romântica, o cinema se encarregou, e de maneira bastante eficaz, de imprimir na memória do espectador os contornos dessas cidades. É essa imagem, divulgada pelo cinema, que Roberto Arlt evoca para iniciar sua descrição de Cádiz,

Cuando *nosotros los argentinos*, hombres de llanura y de calles anchas como otras llanuras, entramos a un cine, [...] y asistimos al desenvolvimiento de una película *italiana o española* con sus callejas estrechas, de dos, tres o cuatro pasos, una emoción de *añoranza* se desenrosca en nuestros sentidos... (“La gloria del sol”, 10/04/1935, grifo nosso)

Os termos destacados reforçam os laços que unem o cronista e o leitor e revelam sua nacionalidade e origem imigrante. Buenos Aires era, nas primeiras décadas do século XX, uma cidade povoada por estrangeiros e seus descendentes (SARLO, 2007, p.38). Estes, grupo ao qual pertence Roberto Arlt e os leitores, que nunca pisaram a terra de seus pais, possuem o que chamamos de memória (lembrança) emprestada, é ela que guarda imagens nunca vistas e que, quando vislumbradas através da representação artística, a qual proporciona a experiência sem o comprometimento do corpo, é capaz de provocar no indivíduo o sentimento de nostalgia.

Ao caminhar pelas ruas de Cádiz, Arlt reconhece, na cidade observada, a imagem da cidade sonhada, que habita sua memória emprestada. No entanto, a experiência viageira que obriga a presença do corpo, e não só do espírito, não consegue despertar neste mesmo espírito a nostalgia. Arlt, apesar de filho de imigrantes, é um homem da *llanura*, acostumado à amplidão do olhar. A estreiteza das ruas de “dos o tres pasos”, que separam os blocos de casas e a altura dos muros que impede a passagem do sol, causa-lhe uma sensação de confinamento. Expressões como “muros de piedra, como los de una cárcel”, “pasillo estrecho”, “calles crepusculares”, “camino de las celdas de una termitera” traduzem esse sentimento que culmina com a imagem das “catacumbas, que en cierto modo son las calles, donde la sombra pesa como una mortaja”(ibid.).

O cronista não entende porque um povo que adora o sol construiu uma cidade na qual este não consegue penetrar. Arlt ignora, num primeiro momento, a influência árabe no traçado da cidade e que, tais características, guardam razões militares e climáticas, pois visam proteger a cidade de possíveis ataques e aliviar a incidência do sol durante o forte calor do verão andaluz. Mas, de certa forma, intui este último motivo quando diz que “En estas ciudades antiguas el sol ha sido desterrado” (ibid.). No decorrer da viagem, Arlt vai

acumulando experiência e conhecimento que vão corrigindo e completando suas primeiras impressões.

O andaluz

A música e a dança são algumas das manifestações culturais que estabelecem a diferença entre os diversos grupos sociais, constituindo-se como elementos identitários de um povo. Vimos que Arlt não encontrou na música de Albéniz essa marca de identidade que pudesse representar o andaluz. No texto “La alegría de vivir” (11/04/1935), o cronista apresenta os vários sons e ritmos que escuta pela cidade. Esboça o reconhecimento de alguns como a *seguidilla* e o *cante jondo*, mas em seguida profere um “¡Qué sé yo!” que mostra sua incapacidade em diferenciar os vários ritmos característicos da Andaluzia.

Seu passeio musical começa com um eco de canções trazido pelo vento e que vai, em um ritmo crescente, corporificando-se e preenchendo toda a crônica. Arlt segue esse som, a princípio, sem corpo (disso se trata o eco) que parece brotar espontaneamente das ruas da cidade, “En las ochavas de las esquina, ferradas, donde levantan su guardia los cocheros al pie de los fiacres antiguos, también brotan canciones, tarareos lentos. -¡Qué gente ésta!” (*ibid*)

A exclamação aponta para o corpo, dono da voz, responsável pela música que ressoa: mendigos, cegos, bêbados, operários, pescadores, donas de casa, crianças. Que cantam acompanhados por palmas, chocalhos das mulas, o badalar do sino da catedral, o ruído do casco dos cavalos sobre a pedra.

Em um texto bastante sonoro, cada imagem se faz acompanhar por um som, tal qual a sonoplastia cinematográfica. O som de uma cena ecoa na seguinte, é necessário que o cronista marque o silêncio, a pausa entre uma cena e outra,

Y en las calles estrechas, el cante resuena y llega lejos, y deja en entendimiento una alegría acongojada.
Un ebrio hace eses en la callejuela y las campanadas de la Catedral repican las dos. Y el ebrio canta en la noche fría.
Se hace un silencio. Machacan los cascos de los caballos que arrastran un carruaje por una calle estrecha como un corredor y el cochero canta. (*ibid*)

O passeante não apreendeu as imagens e sons em sua completude, como mostra o fragmento acima, mas a experiência do cinema possibilita tal representação. O cinema foi responsável pelo aprofundamento de nossa percepção, pois ampliou o “o mundo dos objetos

aos quais prestamos atenção na ordem visual, mas igualmente na ordem auditiva” (BENJAMIN, 1969, p. 38). A junção de imagem e som, que exhibe a crônica, alude ao recurso da montagem, bastante explorado pelo cinema, mas de modo algum exclusivo desta arte.⁷⁰ Essa acuidade do cronista, representada no texto, mostra a influência do cinema na maneira de ver o mundo e também de representá-lo. O cinema não é, para Roberto Arlt, apenas um entretenimento, é, muito mais, uma nova técnica onde ele vai buscar recursos para compor a sua escritura.⁷¹

Apesar de a musicalidade do andaluz ser o tema principal do texto, outros aspectos do povo estão presentes. Arlt começa a revelar as primeiras imagens de uma Espanha pobre, cigana e também o clima tenso que antecede a guerra civil, “Estos que cantan son desocupados y desocupados enérgicos. ¿Revolucionarios? No equivocarse. Los guardias civiles andan en parejas y de tres” (“La alegría de vivir”).

O monumento

Apesar de sua resistência ao roteiro turístico, no qual os monumentos ocupam lugar de destaque, o cronista não se esquivou de visitar e descrever alguns. A catedral de Cádiz é o primeiro. A grandiosidade de sua construção, a perfeição dos entalhes em pedra e madeira e a luz natural que se infiltra por seus vitrais, causaram no cronista/viajante forte impressão. O que vê, não encontra apoio em sua consciência poética, obrigando-o a recorrer a imagens de um mundo imaginário. Sua descrição confere ao espaço interior da catedral uma atmosfera onírica,

Frescura mortal. Silencio que alela el alma y parece filtrarse de entre las juntas de los panes de piedra. Se siente uno más pequeño que una hormiga. La luz, cayendo oblicuamente sobre las moles de piedra, adquiere tonos lilas; las naves de piedra son inmensas grutas marinas. Así deben ser el silencio y la luz al otro lado del sol. (“La Catedral de Cádiz”, 12/04/1935).

⁷⁰ “O cinema se funda na imagem: a literatura na palavra. Ambos, porém podem valer-se de técnica semelhante para expressar seus conteúdos: a montagem. E a montagem não é privilégio de nenhuma arte. Tanto pode ser usada no cinema quanto na literatura e demais atividades artísticas, visto que ela é um processo de linguagem ‘cuja função criadora consiste em aproximar elementos diversos colhidos na massa do real, fazendo surgir um sentido novo de sua confrontação.’ ” Valdevino Soares de Oliveira (1998, p.52) citando a Marcel Martín, *A linguagem cinematográfica*. Lisboa: Prelo, 1971.

⁷¹ Sobre a relação de Roberto Arlt com o cinema cf. Rita Gnutzmann (2003), Rose Corral (2008) e também Beatriz Sarlo (1997), que trata da incorporação das novas técnicas, os “saberes de pobre”, na literatura arltiana, dentre as quais inclui o cinema.

O cronista presta especial atenção ao coro, obra do escultor Don Pablo Duque Corner. A descrição, que faz Arlt, contempla todo o trabalho de seu escultor para chegar a tão perfeito resultado,

Esto hizo con sus dos manos, don Pablo Duque Corner.

Labró cuarenta y seis sillones, y cuarenta y seis figuras humanas, y cuarenta y seis medallones, y cuarenta y seis ángeles.

Los pulió, tejió en la madera cabelleras, rostros, vestiduras [...] y toda esta muchedumbre de madera la trabajó con sus dos únicas manos, y ellos son perfectos, de semejantes, y la grandeza de su obra imposiblemente humana, nos deja atónitos y sin habla. La ejecutó él sólo.

Recamó los noventa y dos pasamanos de los cuarenta y seis sitiales. En el revés de cada asiento talló la cabeza de un grifo, torneó las noventa y dos columnas salomónicas; ni un solo trozo de madera oscura está libre de la gratitud de su piel, del sudor de sus dedos... [...] Esto lo ha tallado un solo hombre. Se llamaba Pablo Duque Corner. (ibid, grifo nosso)

Os verbos destacados concentram a descrição do coro no seu processo de execução, salientando o artista mais que a obra.

Para Arlt, o monumento, a obra de arte, é importante enquanto resultado do trabalho e talento da mão humana na transformação da matéria bruta em arte. É a valorização do trabalho humano que justifica sua grandeza. O cronista inicia o texto destacando os materiais que compõem a catedral, “Piedra y mármol hasta el tuétano. Hierro, cedro y bronce”, e termina citando os mesmos elementos transformados pela mão do homem, “Mármol pulido, bronce fundido, hierro forjado, granito mordido, cedro tallado.”

Os problemas sociais

Se a presença da massa operária não causou real surpresa ao cronista, o mesmo não se pode dizer dos problemas sociais de que tomou conhecimento logo de sua chegada. A escassez de moradia, a superpopulação e a falta de água nos bairros pobres, somado ao elevado número de desempregados, 16.000 para uma população de 80.000 habitantes, - reflexo da crise pela qual passa o país e que tem como consequência a crescente miséria que assola a região – revelam uma Espanha que o cronista não esperava encontrar.

Nas crônicas “Carestía de la vida en España” (14/04/1935) e “A Madrid, a pedir trabajo” (16/04/1935), o cronista se ocupa em relatar as péssimas condições em que vive parte da população de Cádiz. Arlt se apóia em dados numéricos que conferem ao texto o tom de reportagem:

[...] los productos alimenticios rayan en ciertos sectores a costos acoquinantes. Y para que el lector pueda formarse una idea de cuan justificado es el adjetivo, reproduzco en moneda argentina (calculando el valor de la peseta en 50 centavos) los precios que he tomado en el mercado de las tablillas fijas en los puestos de las que acompaño reproducción fotográfica... (“Carestía de la vida en España”, 14/04/1935)

E segue relacionando o custo dos alimentos, da moradia, da água, sempre convertendo em moeda argentina, para melhor compreensão do leitor.

Sabemos que a crônica não é reportagem pura, por isso, apesar das cifras, que traduzem a pobreza em números, aproximando o relato do texto jornalístico, é a literatura que proporciona imagens que melhor representam as condições precárias da população. A desumanização dos mais pobres, igualando-os a animais, uma vez que a eles é dispensado o mesmo tratamento, revela as condições subumanas em que vivem: o chafariz da praça, única fonte de água corrente dos bairros pobres, é onde se abastecem animais e pessoas; nas pousadas “encuentran alojamientos las bestias y los pobres” (“A Madrid, a pedir trabajo”, 16/04/1935).

O cronista, busca com seu texto informar e, também, no caso do tema em questão, comover. Arlt visita uma das pensões que abrigam àqueles que vão à cidade à procura de trabalho. Para ilustrar os dados informados na crônica, descreve uma família que ocupa um dos quartos da pensão:

En esta habitación [que mediría tres metros por tres] había tres criaturas de cuatro, cinco y seis años. Estaban *amontonados unos sobre otros, en el regazo de un bulto de trapos. Iluminaba el centro del cuarto un fueguito encendido, con un caldero de agua caliente.* Junto al fuego, un mecánico calificado (tornero), padre de las criaturas, su mujer amamantando una de ellas, y *una niñita de nueve años, arrebujada en un sobretodo de hombre y calentándose las manos a las llamas de las astillas que ardían.* (*ibid*, grifo nosso)

A cena, citada acima, imersa na penumbra, carente de cores e de movimento, mostra uma pobreza resignada, e grava na memória do leitor uma imagem que se sustenta de maneira mais eficaz que a transmitida pelas cifras. O dado numérico e comparativo serve à informação imediata, já o texto literário resiste ao tempo e atinge o leitor futuro. Ao final, Arlt declara que o descrito não se configura exceção, é algo corrente na cidade de Cádiz “que carece de industrias y campos. Posiblemente el resto de España varíe, aunque toda la zona andaluza está flagelada por la crisis, que es una consecuencia de la crisis continental.”(*ibid*)

Ao longo da viagem pela Andaluzia, o tema da pobreza não voltará de forma exclusiva como nas crônicas mostradas acima. No entanto, vestígios da miséria serão exibidos, em breves passagens, a cada novo lugar visitado, confirmando sua presença por toda a região:

Mujeres que toman café en las veredas de San Francisco. Carabineros con el fusil a la espalda, [...] un asno rebuzna su melancolía estable; cacarean algunos gallos; *un mendigo, hijo y nieto de mendigos, pasa con la guitarra tañendo un fandanguillo; un niño pide una perra y adelante.* (“De Cádiz a Barbate”, 17/04/1935)

Jerez, con el mismo número de habitantes y la misma proporción de desocupados, y *las idénticas mendigas que os piden el terrón de azúcar que sobró y se halla sobre la mesa o el trozo de pan que no habéis terminado de comer*, es mortalmente silenciosa y triste. (“Jerez es una evocación de pasadas glorias”, 15/05/1935, grifo nosso)

Além da pobreza, em decorrência da crise econômica, o cronista percebe a pobreza ancestral, uma mendicância que passa de pai para filho por gerações, como mostra o trecho grifado no primeiro fragmento acima. Aos mendigos, cegos, *lazarillos*, que encontra por todo o caminho, Arlt dedica, já no final de sua passagem pela região andaluza, o texto “Lluvia de mendigos...”⁷² (06/09/1935), no qual se ocupa em classificar os vários tipos de pedintes,

Dudo que haya ciudades en España tan flageladas por la mendicidad como Granada. Los mendigos granadinos constituyen ya una población. Se les puede clasificar por órdenes, sexos y edades. Los hay profesionales y obligados, grandes y pequeños, falsos y auténticos.[...] Su variedad es numerosa y digna de clasificarse. (“Lluvia de mendigos...” 06/09/1935)

A proposta de classificação dos mendigos em categorias aponta para a situação em que vive parte da população espanhola. Arlt abandona o discurso que visa à comoção e apela ao grotesco na exposição das imperfeições físicas e doenças visíveis e deformadoras como o tracoma, que por seu aspecto asqueroso se constitui como excelente recurso para conseguir a esmola. Surpreende-se com a quantidade de cegos murcianos que vão a Granada para pedir, cuja cegueira se deve a simples falta de higiene. Expõe as muitas categorias de mendigos e as artimanhas de que se valem para conseguir a esmola.

Nesse texto, como em outros já analisados, descreve a proliferação de pedintes que vai preenchendo todos os espaços. Tal é a sua abundância que o cronista se vê mergulhado e

⁷² O título completo da crônica é: *Lluvia de mendigos. Los hay de todas las categorías. La “manga” no es palabra porteña. ¿Hay quienes comen yuyos?* A partir deste ponto, para as crônicas com títulos extensos, nos limitaremos a transcrever apenas a frase inicial e a data de publicação. Para a indicação completa, conferir a bibliografia no final deste trabalho.

preso em meio a uma massa de pedintes inimaginável. Todos pedem e a todo o momento. A enumeração exaustiva e repetitiva causa a sensação de sufocamento.

Ao final do texto, recupera uma informação obtida no começo da viagem, e que, na ocasião, pareceu-lhe exagero, mas que em Granada, ao fim de sua jornada pela Andaluzia admite ser possível,

El jefe de la policía municipal de Jerez de la Frontera, me decía que los pobres y los desocupados se alimentaban ya de yuyos que juntaban por los alrededores de los campos. Es posible pues “ABC”, el periódico madrileño, que no tiene absolutamente ni un pelo de liberal, ha comenzado a publicar una serie de notas terroríficas sobre la miseria de España, en la cual hay pueblos “que viven de manera infrahumana” (*ibid*)

A referência ao jornal *ABC* é a voz que autoriza seu discurso e garante autenticidade ao relatado na crônica, pois reafirma as condições subumanas de muitos e a miséria que há por toda a Espanha.

A constatação dos vários tipos de pobreza: por obrigação, por tradição e por opção, se dá ao longo da viagem. Optamos por tratar do tema junto às primeiras impressões porque o cronista não o retoma de maneira exclusiva no transcurso da viagem como os outros temas, por nós elencados. Há uma primeira impressão das condições sociais do povo andaluz ainda em Cádiz, uma constatação final, já em Granada e, entre esses dois momentos, cenas pontuais, retratadas de maneira breve, como mostradas acima. Julgamos que esse hiato entre os dois momentos, em que exhibe o retrato da miséria no país, talvez decorra de uma possível interferência por parte da direção do jornal *El Mundo*. Sobre isso Silvia Saítta (1999, p. 38-39) comenta que:

[...] no es claro lo que la dirección de *El Mundo* quiere dar a conocer a los lectores porteños sobre la situación española [...] se percibe que Arlt desea decir más de lo que definitivamente dice; [...] Para sortear *el dilema planteado entre un mandato periodístico y su misión de informar acerca de lo que ve y escucha*, Arlt recurre a dos estrategias; mediatiza la información [y] desplaza el eje político a la situación económica. (grifo nosso)

Na primeira crônica, de uma série de três⁷³, que trata do problema agrário espanhol, verdadeiro eixo da crise econômica, Arlt expõe essa tensão ao exhibir uma estranha contrariedade em tratar do tema que provocou sua curiosidade desde a chegada:

⁷³ “El problema agrario español”, 27/06/1935, 01/07/1935, 04/07/1935.

No me ocuparía del problema agrario español, si no tuviera contraída una grave responsabilidad: viajar por España remitiendo notas al diario **EL MUNDO**. [...] como contra mi voluntad me veo obligado a referirme más de cuenta, al malestar económico peninsular, corro el riesgo ante algunos lectores de la colectividad española en la Argentina, de aparecer como un cronista cuyas versiones pueden ser antojadizas, irreflexivas o unilaterales. El único procedimiento para evitar que se produzca este doloroso equívoco, donde se juega mi prestigio y mi seriedad de periodista, es referirme con cifras, y en estudio documentado, a la crisis agraria peninsular, cuya agudeza, por otra parte, es el motivo cotidiano de los editoriales de todos los periódicos de las distintas regiones ibéricas. (“El problema agrario español”, 27/06/1935)

Na citação acima, Arlt mostra que apesar da aparente liberdade de expressão, sua escritura está comprometida tanto com o jornal quanto com o leitor. Não fica claro a quem o cronista desagrada ao insistir em tratar do tema, que ele chama de maneira irônica e eufemística *mal estar económico*. Parece-nos improvável que a comunidade espanhola, emigrada justamente em decorrência da crise, julgasse as opiniões do cronista como unilaterais e irreflexivas. Arlt, ao fim e ao cabo, trata do assunto que lhe interessa como jornalista, no entanto, desaparece como emissor do enunciado, delegando tal responsabilidade a uma série de informações recolhidas em editoriais, quadros econômicos, reportagens, documentos, ou seja, mediatiza a informação.

Se o compromisso com o jornal e com os leitores impedem a livre expressão, a carta particular o libera para dizer aquilo que não pode nas crônicas. É de conhecimento público uma única carta,⁷⁴ enviada desde Sevilha por Roberto Arlt a sua mãe e irmã, em que conta, com visível inconformismo, a situação em que encontra o país:

En tu carta me pedías que te hablara de Europa. Francamente estoy decepcionado. Hay mucho material para el periodista pero en cambio un retraso y una mugre y una barbarie tal como únicamente podés encontrarla en el último rancharío de Córdoba. Sí, mamá, sí Lila, Europa es sólo linda vista por el europeísmo que ha dejado su patria y tiene nostalgia de ella. Socialmente es una porquería. Los trabajadores viven como bestias, en caserones horribles como los que se describen en las novelas realistas, los únicos que están bien son los aristócratas... No sé de qué viven los pobres. La gente habla de la alegría del sol y es porque no lo ven nunca. Una mendicidad extraordinaria de todos los sexos. Ciegos a granel. Lo único

⁷⁴ As cartas escritas desde a Espanha e uma série de cartas da mãe de Arlt estavam em poder de Pascual Nacaratti, ator da companhia teatral Teatro del Pueblo e sócio de Roberto Arlt (no projeto das meias de borracha). Segundo Omar Borré (1996, p. 155), o ator preferiu resguardar-las por considerar um material sumamente dramático e que não favorecia a imagem de Roberto Arlt. Depois da morte de Nacaratti, em 1987, não se teve mais notícias desse material. O Instituto Ibero Americano de Berlin (<http://www.iai.spk-berlin.de/en/home.html>) possui o legado de Roberto Arlt, no qual figuram uma série de cartas, no entanto, o catálogo on-line da instituição não dá maiores informações a respeito.

notable y digno de verse son las iglesias por los trabajos en piedra que contienen, o los antiguos palacios árabes que eran la civilización en estos países podridos por el catolicismo. Pero comprenderás que es un poco absurdo cruzar dos mil leguas de agua para venir a admirar a iglesias de piedra. Los campesinos del campo andaluz, viven en chociles de paja... Militares, guardias de asalto, carabineros, frailes gordos, curas, monjas, a granel. Toda esta canalla chupa la sangre del país, mientras los pobres no tienen qué llevar a la boca... aquí no hay carro de basura porque nada es basura, no se tira nada...⁷⁵

Desconhecemos a época em que Arlt escreveu a carta citada acima, contudo, pelos temas abordados, podemos intuir que o cronista já havia percorrido boa parte da etapa andaluza. A carta é quase um resumo dessa parte da viagem, ou seja, de tudo o que foi tratado nesse período, Arlt somente não cita as festas e os ciganos. No entanto, nas crônicas, o cronista evita a crítica explícita, que vemos no texto particular. Isso não quer dizer isentar-se de qualquer posicionamento. Impedido, talvez, de expressar sua crítica livremente, Arlt se vale da reiteração de alguns temas para expor de maneira implícita seu inconformismo com relação à realidade que encontra no país. Desse modo, vai, estrategicamente, pontuando os textos com breves passagens que indicam a presença da miséria sem fazer desta o tema principal da crônica. O mesmo acontece com índice de desemprego, a cifra de desempregados em relação ao total de habitantes aparece três vezes, em um curto espaço de tempo.

Com relação aos setores dominantes da sociedade, a aristocracia, a igreja e os militares, que, segundo o expressado na carta acima, são responsáveis pela situação em que se encontra o país, Arlt tece uma crítica velada quando, na crônica “Vida social en Barabate” (grifo nosso) se esmera na descrição de dois irmãos, ambos padres, pertencentes à aristocracia rural:

El mayor de ellos es aficionado a la caza, y tiene una magnífica trailla de pachones. No usa capelo, sino gorrín y bufanda. Siempre que me le encuentro le hallo conversando de perdigones, perros, escopetas y volatería. Tiene una puntería espantosa, y *su recia figura y perfil atrevido, hacen más fácil representárselo con una espada en la mano*, que con el breviario, que jamás le he visto hojear.

El cura de menor edad, [...] *es una magnífica persona. Hace limosnas en abundancia*. Siempre que entro al Casino está frente a un chato de manzanilla. Le digo que en nuestro país los curas viven más retraídos, y entonces mi *angélico* amigo me responde: “Hay que salir a buscar almas a la calle”.

Os dois indivíduos descritos no trecho acima em nada lembram o cargo que ocupam. Mais preocupados com os prazeres terrenos demonstram mais apego à caça e à *manzanilla*

⁷⁵ Raúl Larra. *Roberto Arlt, el torturado*, 1998. Apud Silvia Saítta, *El escritor en el bosque de ladrillos*, 2000.

que às obrigações eclesiásticas. O destaque que Arlt dá a aparência nada convencional do padre mais velho e o elogio, carregado de ironia, ao padre mais jovem, expressam a sua crítica com relação ao comportamento de ambos e, principalmente, ao sacerdócio por conveniência.

3.2 Pelos caminhos da Andaluzia

3.2.1 O trabalho e os dias

As relações do homem com o trabalho é um tema recorrente na obra de Roberto Arlt. Profissões e ofícios são representados tanto na sua produção literária quanto jornalística. Nas crônicas dedicadas a esse tema, em geral, se ocupa em descrever as características de determinada profissão e as condições de trabalho do indivíduo ou, simplesmente, mostrar o profissional em ação. Nos textos de viagem não foi diferente, é nítido o seu interesse pelo mundo do trabalho. A atividade laboral aparece, principalmente, na descrição que busca captar o cotidiano das cidades e bairros por onde passa,

Los rapabarbas, a la puerta del mercado, en la vereda, afeitan a sus clientes, mientras el aprendiz de Barbero, aguarda para acercar *la bacía*, que *don Quijote confundió con el yelmo de Mambrino*, y en la cual, como en los tiempos manchegos, el vecino se remoja la cara. [...] Carboneros renegridos, asoman a la puerta de sus cuevas, semejantes a demonios; en las escuelas particulares, sentados en sillitas de paja, repiten la lección sesenta o setenta alumnos que forman el aula, siguiendo con los ojos, la vara de la maestra, que señala el pizarrón. (“Cerámica de Triana”, 04/06/1935, grifo nosso)

Arlt privilegia o retrato em que se destacam imagens do povo em suas tarefas diárias, nele é possível perceber os mais diversos ofícios: cozinheiras, vendedores, açougueiros, motoristas, pescadores, donas-de-casa, professores, carvoeiros, barbeiros. Todos aparecem no exercício de sua função. Alguns desses ofícios, como no caso do barbeiro, no trecho acima, conservam uma prática ancestral que o cronista reconhece, como tal, graças à literatura. Arlt mantém com a realidade que o circunda uma dupla relação: “por un lado se inspira en ciertos paisajes y situaciones y por outro los ve, igual que a sus personajes ficticios, bajo la mirada literaria”, (GNUTZMANN, 2004) como no trecho destacado acima, ou quando no caminho entre Cádiz e Barbate, ao reconhecer no campo espanhol a paisagem estampada nas figurinhas que acompanhavam os folhetins, exclama: “Estas son las tierras de José María el Tempranillo y del bandido Diego Corrientes.” (“De Cádiz a Barbate”, 17/04/1935)

Os pescadores de Barbate

A partir de Cádiz, Arlt começa o périplo pela Andaluzia. O cronista parte dessa cidade com destino a Barbate, cidade litorânea que concentra na pesca sua principal atividade econômica, ali deseja embarcar como repórter em uma *trainera* para descrever o trabalho dos pescadores.

Na série sobre a pesca em Barbate, Arlt, além de mostrar a rotina dos pescadores, exhibe também o trabalho do repórter investigativo que se submete às condições mais adversas para executar seu trabalho. A série começa com a crônica “En busca de un patrón de barco” (18/04/1935), que, como o próprio título anuncia, narra as estratégias do cronista para conseguir um barqueiro que o aceite em sua embarcação, para que ele possa observar, perguntar, fotografar, e, posteriormente, relatar um dia de pesca da sardinha. Nessa crônica, aparece, pela primeira vez, a presença de sua máquina de escrever, objeto de trabalho que, simbolicamente, o identifica como escritor/jornalista, expondo, desse modo sua profissão.

O relato da pesca está dividido em duas crônicas: “Pesca de la sardina” (19/09/1935) e “Mar afuera en una trainera” (20/04/1935). Uma vez no barco, enquanto este se dirige ao ponto onde estão os bancos de sardinha, Arlt passa a descrever detalhadamente as ferramentas e etapas da atividade pesqueira, exibindo assim, o trabalho de investigação jornalística. Antes do amanhecer, começa a sofrer os efeitos do *mal de mar*, enjôos que acometem aos que não estão acostumados ao movimento do barco. A partir desse ponto, a narração da pesca é intercalada pela narração do sofrimento do cronista que, apesar do mareio, insiste em tentar acompanhar todos os movimentos dos pescadores e do barco.

A opção de Roberto Arlt em relatar sua experiência como repórter, mesclada ao texto/reportagem sobre a pesca, divide a atenção do leitor que, ao mesmo tempo em que se informa sobre a rotina dos pescadores, acompanha a aventura do cronista em sua desastrada tentativa de investigar *in loco* a atividade pesqueira. A evolução da pesca e, o mal-estar do cronista caminham em um ritmo crescente que culmina com a captura das sardinhas e o total desfalecimento do cronista:

[voz dos pescadores]-Las gaviotas han visto algo. Atentos al arte. Afloja, afloja...
La última vez que abro los ojos, es para ver los hombres descalzos, en torno de la red que tienen un fondo de plata saltarín. Son las sardinas plateadas. Las toman en cubos y las arrojan al fondo de la trainera.
Hago un último esfuerzo; tomo fotografías, luego me tiro en el empaletado de la proa, al sol, y duermo despierto, escuchando las voces de los hombres,

el graznar de las gaviotas; pero sin fuerzas ni para abrir los ojos. (“Mar afuera en una trainera”, 20/04/1935)

Se separarmos a descrição do trabalho da pesca da aventura do cronista, teremos dois textos completos e independentes que narram a rotina e as vicissitudes de ambas às profissões.

Terminada a aventura, Arlt dedica a crônica seguinte (“Vida de los pescadores de Barbate”, 21/04/1935) a fornecer dados sobre as condições de trabalho dos pescadores: remuneração, horários, roupa de trabalho e o que comem, enquanto estão no mar. São informações que prescindiam do acompanhamento de uma pescaria uma vez que ele as conseguiu com entrevistas em terra firme.

Arlt destaca, também, o trabalho do *Tercio*, grupo de homens a quem “no se le hacen, [...] preguntas indiscretas”, que tem como tarefa puxar os barcos até a areia. O trabalho é executado de forma primitiva e não emprega nenhuma ferramenta além de cordas, troncos roliços e a tração humana. As tentativas de empregar máquinas que pudessem facilitar o serviço foram rejeitadas pela população que,

[...] con excelente buen sentido, opinó, era menos peligroso tener ganando a los hombres del Tercio, esa misma suma, que holgando por el pueblo con peligro de las precarias haciendas. Mediaron los pescadores y hubo que abandonar toda tentativa de reforma.(*ibid*)

Esse apego à tradição, que leva à conservação de técnicas de trabalho primitivas, que remontam há séculos, exhibe o atraso tecnológico no qual vive o país. Neste caso, trata-se de uma situação que independe de ações políticas e governamentais, pois não há uma vontade popular a favor de reformas. (GRANATA, 2002). A aprovação do cronista a essa resistência às reformas, manifestada na expressão “con excelente buen sentido”, mostra sua crítica ao progresso – que aparece também nas “Aguafuertes Porteñas”⁷⁶ – que leva ao desemprego, à destruição do espaço familiar, à decadência que chega de forma acelerada.

Outros ofícios atraíram a atenção do cronista, mas não mereceram o mesmo rigor investigativo que dedicou aos profissionais da pesca. Em visita ao bairro de Triana, tradicional reduto de ceramistas artesãos, o que impressiona Arlt é a manutenção das técnicas de fabricação da cerâmica que se conservam inalteradas há séculos, “Los estilos de labor de

⁷⁶ Cf. “Molinos de viento en flores”, Grúas abandonadas en la Isla Maciel”, “Las angustias del fotógrafo”, “La nueva peste: el instantanero” Cf. Roberto Arlt, *Aguafuertes – Tomo II*.

los andaluces actuales, son semejantes a los que empleaban los andaluces musulmanes del siglo XII y XV. (“Cerámica de Triana”, 04/06/1935)

A visita às oficinas desses artesãos proporciona ao cronista a oportunidade de conhecer técnicas seculares do feitiço da cerâmica decorativa. Sua fascinação pelos elementos químicos e pela produção técnica o leva a descrever a confecção artesanal da cerâmica passo a passo, deixando de lado as informações que dizem respeito às condições de trabalho.

Na cidade de Granada, Arlt visita as oficinas dos *guadamecileros*, artesãos que trabalham na arte de imprimir desenhos em relevo no couro e no metal. Assim como os ceramistas, esses artesãos cultivam técnicas ancestrais. São “continuadores de los guadamecileros españoles del siglo XVI, que a su vez eran continuadores de los guadamecileros moros, cordobeses o granadinos” (“Turismo satandard y ‘Pato’”, 04/09/1935). Na mesma rua funciona a oficina de bordado a mão. Tanto as bordadeiras quanto os artesãos passam por momentos difíceis em suas atividades. Nesse texto, as condições de trabalho e a crise social voltam a ser o tema.

3.2.2 Festas

Roberto Arlt percorreu a Andaluzia durante a primavera de 1935. É nessa estação do ano que acontecem as principais festas na região. Seu percurso pela Andaluzia festiva contempla celebrações religiosas, que apesar do fervor católico, são mescladas com manifestações pagãs, feiras que misturam comércio e diversão além do tradicional espetáculo taurino. A proximidade entre os festejos é, talvez, o fator responsável pelo estereótipo da alegria perene e de país sempre em festa.

Semana Santa em Sevilha

As festividades da Semana Santa, em Sevilha, receberam do cronista maior atenção que as demais. Em uma série de oito crônicas, Arlt mostra a importância da celebração, de origem religiosa, mas de forte apelo turístico. As festas mobilizam a sevilhanos e espanhóis de todo o país, que afluem para a cidade, a fim de acompanhar os desfiles.

Arlt, no texto “Semana Santa en Sevilla” (28/04/1935), antecipa a magnitude do festejo que descreve com detalhes nas crônicas seguintes, mostrando toda a movimentação do

sevilhano com os preparativos. A enumeração frenética das atividades transmite o ritmo que transforma a cidade para receber peregrinos e turistas. Com o mesmo recurso, lista à exaustão, a movimentação dos turistas e, principalmente, dos ambulantes, para quem a festa é mais trabalho do que diversão:

Un estrépito infernal sopla su fuelle en todas las calles. Fabricantes de churros han instalado sus carpas en las plazas y bocacalles, y hasta altas horas de la noche fríen en sus enormes cacharros, de los que se desprende una rígida columna de humo grasiento. Voces. Voces infatigables. Gritan los vendedores de corujos, maníes, roscas, mariscos, patatas fritas, avellanas, jeringos, pasteles, agua; gritan los vendedores de helados, pollos, bocadillos, barquillos, torrijas y guindas; circulan entre la multitud voceando su mercancía y haciendo crujir sus cestas, cajones, bandejas y palos, los fotógrafos ambulantes, los corbateros, los lustrabotas, los niños harapientos, los ciegos que tocan la guitarra, los pañueleros, los globeros y los vendedores de pirulines. Los órganos, financiados por cojos y mancos, lanzan al aire sus chotis, y pasan mujeres con peinetas fabulosas y mantillas pegadas a las ondulaciones de sus preciosos costados, y también pasan inglesas, americanos, familias de gallegos, alemanes con pantalón de golf, norteamericanos con suéter, gitanos con perro, un caballo rengo y un mono de ancas peladas, y también pasan curas, hermanos de cofradías con el capirote en la mano. El caos, el disloque. (“Pueblo y aristocracia...”, 02/05/1935)

Arlt explica, minuciosamente, em que consistem os *pasos*, – grandes andores que chegam a medir seis metros de comprimento por três metros de largura, alcançando, quando completo com as imagens dos santos, tapetes e adereços, quatro toneladas – os personagens que integram o desfile e suas funções, em dois textos repetitivos. O que diz no primeiro “Quién son y cómo se organizan los pasos...” (29/04/1935), retoma no seguinte “El esplendor de Arabia...” (30/04/1935), com poucas ampliações. As reiteraões temáticas ou informativas, nos textos que compõem o *corpus*, quando ocorrem, são mediadas por uma distância temporal e, em geral, revelam um acúmulo de experiência e, por conseguinte, uma mudança de perspectiva, ou ainda como mensagens quase subliminares, como no caso da representação da miséria, já comentada neste trabalho. Nas crônicas em questão, os elementos reiterados, que são a descrição dos *pasos*, dos *nazarenos*, das jóias verdadeiras que ornamentam as imagens e, da escolta feita pela guarda civil, que as protege, representam no nível discursivo a monotonia dos desfiles.

Na afirmação do cronista: “en la soledad del cuarto donde preparo urgentemente estas notas, [...] después de haber visto el desfile de *ochenta “pasos” en seis días*, afirmo que nada semejante puede presenciarse en el mundo” (“Semana Santa en Sevilla”, grifo nosso), o

trecho em destaque realça o carácter excessivo e monótono dos desfiles. Em nenhum momento o cronista se mostra entusiasmado pela festa religiosa, a assertiva final da citação acima aponta para a singularidade do evento, mas que não denota uma apreciação positiva, tampouco negativa. O cronista não compartilha da euforia pela festa que toma conta da população e dos turistas em geral, mas não se exime de relatá-la. Impressiona-lhe a manifestação de fé e a emoção com que alguns acompanham o desfile dos *pasos*, não falta na descrição a imagem hiperbólica:

[...] y los aplausos revientan en las manos, y lágrimas gordas como guisantes ruedan por muchas mejillas. Algunas caen de rodillas y rezan; otros, se apoyan sobre los hombros de un vecino y sollozan. ¡Es magnífico y terrible! (“El esplendor de Arabia...”)

Para Arlt, digno de admiração é o efeito que a passagem do *paso* causa na alma do crente. As manifestações do sentimento popular ultrapassam, em interesse, as da liturgia católica.

Essa comoção que leva às lágrimas contrasta com o total desinteresse da elite local pelo cortejo religioso. Convidado por uma autoridade local a ocupar um lugar no camarote oficial no qual “la crema de la sociedad sevillana hace sociabilidad” (“Pueblo y aristocracia...”, 02/05/1935), Arlt se dedica a observar ao seu redor e comprova que “De la emoción popular que vibra quinientos metros más abajo en la Campana, nada resta aquí. El acto del desfile sacro se ha convertido en una reunión social.” (*ibid*).

A emoção popular, inexistente no camarote, Arlt encontra na periferia da festa. O cronista recolhe uma série de episódios curiosos relacionados às rivalidades entre as *confradías* e aos excessos, provocados pela bebida pós-desfile, quando, realmente, a festa começa.⁷⁷ A manifestação popular atrai o cronista de maneira especial, por isso Arlt não deixa de retratar o espetáculo que o povo proporciona na periferia da festa, fora do circuito oficial. Terminado o desfile, os carregadores do *paso* o estacionam na rua e descansam, bebendo vinho ofertado por simpatizantes e servido pelos nazarenos. As imagens das virgens, estacionadas na rua, ao alcance do público, leva a este, arrebatado de júbilo, a dedicar-lhes

⁷⁷ O anedotário da Semana Santa, que focaliza a festa em seu aspecto mais pagão, parece despertar mais interesse nos escritores/viageiros do que as festividades oficiais da liturgia católica. Assim como Roberto Arlt, Rubén Darío (1987, p.111) também ressaltou a mescla de religiosidade e paganismo na celebração da Semana Santa, “Pero junto a todas esas manifestaciones de religiosidad nefasta y [los martirios] milenárias encontraréis siempre la guitarra y el vino. [...] En ciertas procesiones andaluzas hay pleitos por si una Santa Virgen vale más que otra...”. Cf. também em Oliverio Gironde, *Veinte poemas para ser leído en el tranvía. Calcomanías*, os poemas “Semana Santa” e, especialmente, “Sevillano”, em que ele ridiculariza o rito sagrado.

compungidas *saetas*, provocando, aos que assistem à cena, emoção que rivaliza com a proporcionada pelo espetáculo oficial:

Comienza a cantar un gitano, [...] no se entiende lo que dice, pero canta con una emoción tan espantosa y fúnebre, que un nazareno, del sufrimiento y la exaltación, de un golpe contra las piedras tuerce la vara plateada de su insignia, y luego se coge la cabeza con las manos crispadas de furor. La gente revienta en aplausos y el hombre gordo, desde el balcón, canta también otra saeta, y los criados reparten vasos entre los servidores de la Virgen Gitana, que [...] hace exclamar con enternecimiento, a la gente que la contempla:

-Pero, ¡mira qué hermosa es! ¡Anda, bendita, habla! (*ibid*)

O cronista percebe que há no católico espanhol mais paixão por aquilo que a passagem dos *pasos* tem de espetáculo do que por sua representação da religiosidade. Arlt recorre à ambientação teatral para retratar o desfile do último *paso*, fazendo de sua passagem um apoteótico final que encerra os seis dias de festa. Turistas e sevilhanos se convertem em espectadores que aguardam com ansiedade o início do derradeiro espetáculo:

Dos de la madrugada en la poligonal plazuela de San Lorenzo. La multitud aguarda la salida de Jesús del Gran Poder. Luna de agua plateada en las alturas. Palmeras. Balcones arracimados de gente. Azoteas, balastradas dentadas de espectadores. [...] fachadas oscuras, interiores clareados, mostrando roperos; familias en torno de las mesas en los segundos pisos. En un estante de cedro se ven los pots de porcelana de un droguero. Las casas celestes por fuera y violentamente iluminadas por dentro. Tienen un quimérico aspecto de cubos de cartón, situados en un escenario. [...] Suena una campanada. Simultáneamente se apagan las lámparas de todas las casas; los focos de las calles. Permanecemos en tinieblas compactas. La multitud retiene su respiración. Silencio absoluto. Otra campanada. Bruscamente las hojas del pórtico de la iglesia se abren, y tieso, en fundo de neblina amarilla, un alto crucito de oro macizo. Es Jesús del Gran Poder. Tableteo frenético de aplausos. Gritos unánimes angustiadísimos. (*Último día. El Jesús del Gran Poder...* 12/05/1935)

Estão presentes no trecho citado todos os elementos relacionados ao teatro: o palco, o cenário, o público; e os procedimentos que antecedem uma função teatral: soa a campainha que anuncia o início do espetáculo, apagam-se as luzes, silêncio, expectativa do público, segundo aviso, a abertura das cortinas, começa o espetáculo, os atores entram em cena, aplausos da platéia.⁷⁸

⁷⁸ A aproximação dos atos sagrados católicos ao teatro, um dos temas do barroco, aparece descrita em Calderón de la Barca, no texto *El gran teatro del mundo*. Cf. Calderón de la Barca. *El gran teatro del mundo*. Madrid: Cátedra, 1989.

Na série sobre a Semana Santa, o cronista procurou abordar a festa em todos os seus aspectos: o turístico, o religioso, o pagão, o popular, o elitista, o anedótico e o espetacular. Pôde acompanhar os desfiles de vários pontos de observação, no que resultou as diferentes visões da festa: a comoção popular, na rua, junto à multidão; o desinteresse e exibicionismo, no camarote, ao lado da elite sevilhana; o desfile-espetáculo, vislumbrado de algum balcão, e, por fim a periferia da festa, sobre a qual conclui: “en este culto litúrgico, habitualmente popular, radica el éxito de la Semana Santa de Sevilla, en la cual participan indistintamente todas las clases sociales” (“Pueblo y aristocracia...”02/05/1935).

Feira de Sevilha

Poucos dias depois da Semana Santa, acontece a Feira de Sevilha, uma mistura de negócios e diversão, que teve origem em 1846 como uma feira anual para comercialização de gado. A Feira não entusiasmou o cronista que a julgou artisticamente pobre. Talvez essa percepção negativa com relação à festa se deva ao curto intervalo de tempo entre esta e a Semana Santa. Mesmo não havendo compartilhado da euforia do sevilhano, quando da celebração religiosa, esta como espetáculo, não lhe foi indiferente. Além disso, o caráter comercial da feira permitiu ao cronista uma crítica mais explícita, ao passo que a Semana Santa isso não foi possível.

Arlt descreve as atividades que se desenvolvem durante a feira, presta especial atenção às tendas, feitas de tecido e papel, em que se alojam as famílias durante os quatro dias que dura o evento. Ao descrevê-las como “vivendas cenográficas”, acentua o caráter teatral, no sentido de falso, pouco autêntico. Reconhece nas tendas a reprodução do pátio andaluz, mas o pátio de sainete, pois lhe parece que há um excesso de estilização. Compara as roupas usadas pelas mulheres, vestidas “a la manera gitana”, e o cenário da Feira ao Carnaval, ou seja, o sevilhano, ali representado, está como que disfarçado, fantasiado. Não deixa de notar a presença do camponês pobre e do cigano que se alojam atrás das tendas, ao seu aberto, quase sempre dividindo o espaço com seus animais.

Touradas

O espetáculo taurino, uma das expressões da cultura hispânica, provoca, naqueles que o assistem, apenas dois sentimentos possíveis: o fascínio ou a repulsa. Alguns escritores, na tentativa de não polemizar sobre o assunto adiam o momento de se posicionar com relação ao evento.⁷⁹ Roberto Arlt, ao tratar do tema, seguiu a mesma estratégia. Vejamos o parágrafo que inicia a série dedicada às touradas:

No conozco *angustia* que más agote y quebrante el sistema nervioso, que la emoción encendida en la sensibilidad, por un torero valiente. A momentos su intensidad convierte al espectador en una *agonía, pesadilla dolorosa que todo uno reclama, se termine para siempre*. (“¡Quítate de allí!, Valiente”, 03/07/1935, grifo nosso)

Os termos destacados exibem a agitação de sentimentos que acometem o espectador, provocando-lhe um sofrimento que chega a ser físico, mas que não denota fascínio nem repulsa. Arlt concentra na figura do toureiro valente e seu desempenho, a razão para tal emoção. Com isso, desloca a atenção do leitor somente para um dos protagonistas do espetáculo, evitando, assim, o tema do sacrifício animal, ponto polêmico do entretenimento. Arlt apresenta o toureiro não como um matador, mas como um trabalhador ou um artista, cujo trabalho/desempenho, de extremo risco, consiste em exibir destreza e valentia.

Com a valentia do toureiro como eixo de seu discurso, Arlt passa a descrever não uma tourada, mas sim o toureio de *Venturita el Jerezano*. Não sem antes criticar aos que comparam, sem conhecimento, a coragem do toureiro à do boxeador. Afirma que o boxe, entretenimento aceito, de maneira geral pela sociedade, supera em violência a tourada, mas perde em emoção. A comparação com o boxe desautoriza aos partidários desse esporte que desaprovam as touradas. Aos que tecem opiniões sem nunca ter presenciado uma tourada, contrapõe sua condição de testemunha daquilo que narra, garantindo autoridade ao seu discurso, “Hoy, para no tomar referencias prestadas, vi actuar a Venturita el Jerezano torero de segunda categoría” (*ibid*).

Essa estratégia, de concentrar o foco no toureiro, fazendo do touro um coadjuvante menor, conduz o leitor a prestar atenção à coragem do primeiro em detrimento do sacrifício do segundo. Quando aparece o termo *matador*, expressão com que se designa o toureiro, este

⁷⁹ Rafael Sanhueza Lizardi (1886, pp. 270-287) antes de abandonar a arena de Sevilha, confessando seu desejo de não voltar a presenciar tal espetáculo, mas reconhecendo a destreza e coragem dos toureiros, faz uma minuciosa descrição do evento, da arena, de todas as etapas do toureio, dos personagens e da reação do público.

surge em meio ao clamor popular – sinal de aprovação – diante do seu desempenho: “La plaza blanquea de los pañuelos con los cuales festeja la faena del *matador* y se pide la oreja, que es galardón para el estoqueador. Le tiran sus sombreros, las mujeres arrojan a la arena sus boinas” (*ibid*, grifo nosso).

Com o leitor ao seu lado, partidário de seu entusiasmo pela coragem heróica do toureiro, o cronista esboça um posicionamento favorável com relação às touradas, mas ainda não se compromete de todo,

El que ha presenciado una corrida de toros... vuelve. ¡Volverá siempre! Inútil que el espectador sea un hombre culto, razonador, sensible. La lidia despierta en él, instintos ancestrales, disloca su sensibilidad con un martirio de sobresalto y curiosidad feroz, tan violentas, que todas las nociones de civilidad se trastruecan. De ahí que cuanto más salvaje sea la corrida, más profunda, torva, seductora y repugnante es la atracción. Hipnotiza su espectáculo. (“El toro y los toreros”, 14/07/1935)

No trecho acima Arlt mostra o turbilhão de emoções que o espetáculo provoca, fascínio e repulsa se fazem sentir ao mesmo tempo.⁸⁰ Em seguida, destaca a nobreza do animal, sua morte heróica e, por fim, volta a louvar a coragem do toureiro. Para Arlt, não há fracos, ambos toureiro e touro são igualmente heróis.

Somente na terceira crônica, depois de descrever os movimentos que executa o toureiro, a técnica do toureio e antes de tratar dos outros personagens envolvidos no espetáculo (*picadores e banderilleros*), Arlt assume seu fascínio pelo entretenimento: “No participo de la repulsión de mucha gente por los toros. Si este espectáculo no me hubiera agradado grandemente, no escribiría una sola palabra sobre él” (“El Niño de las Palmas y las banderillas”, 16/07/1935).

A argentina proibiu as touradas, em seu território, no final do século XIX. Isso nos leva a crer que não havia, na década de 1930, muitos simpatizantes do espetáculo taurino. Lembremos que o cronista Roberto Arlt tem com o leitor uma relação de cumplicidade e não é sua intenção perder tal vínculo, que acarretaria em possível perda de público. Portanto, com

⁸⁰ A afirmação de Arlt no trecho citado se assemelha a de Rubén Darío no texto ¡Toros!, de 1899, que integra o volume *España contemporánea*: “colectivamente el español es la más clara muestra de regresión a la fiera primitiva, no hay tampoco duda de que en cada hombre hay algo de español en ese sentido, junto con el de la perversidad de que nos habla Poe. Y la prueba es el contagio, individual o colectivo; el contagio de un viajero que va a la corrida llevado por la curiosidad en España, [...] corriéndose el riesgo de que, si la curiosidad es atraída primero por el exotismo, venga después la afición con todas sus consecuencias. [...] Por lo que a mí toca, diré que el espectáculo me domina y me repugna al propio tiempo...” (*ibid*, 1987, p.119, grifo nosso)

o objetivo de manter a audiência, adia sua adesão aos touros e ao mesmo tempo tenta convencer o leitor reticente da beleza do espetáculo.

3.2.3 Cidades

Além das cidades de Cádiz, Sevilha e Granada, o cronista visitou alguns pequenos municípios, cumprindo seu plano de percorrer “aldeas y villorios a pie, en mulo o en camioneta” (*Mañana me embarco*, 13/02/1935). Nem a pé, muito menos em mula como os antigos viajantes, viageiros e peregrinos, o ônibus foi o transporte escolhido para sua viagem pelo interior da Andaluzia. O viageiro moderno perde em aventura, mas ganha em rapidez e conforto.

Alguns desses deslocamentos, entre cidades, foram registrados por Arlt ao longo da viagem. Na viagem de Cádiz a Barbate, a paisagem, vista através da janela do ônibus em movimento, se mostra ao cronista como um filme. Para descrevê-la, tal qual ela se apresenta, Arlt recorre à justaposição de imagens que vão revelando as mudanças na paisagem e o movimento das pessoas ao longo do caminho. Diferente da enumeração exaustiva e, às vezes, frenética, o encadeamento imagético acompanha o ritmo lento do ônibus,

Un techadillo de tejas que cubre un patio; traficantes y arrieros que beben un Valdepeñas [...] recuas de mulas amarradas a la anilla de la pared, mozos de cortijo aderezando su carga de coles y berzas; primeras ondulaciones de las colinas tras las hierbas de pinos; arroyos delgados con puentes antiguos de piedra que ligan una orilla a otra con el arco romano; campesinos andaluces, montados cerca del rabo del asno, con sombrero de copa alta y anchas a las rígidas y planas. Nubes de golondrinas cruzan lo quieto cielo. (“De Cádiz a Barbate”, 17/04/1935)

Desse modo, sucedem-se montes, campos de sal, campina verde, pontes, pequenos povoados, armazéns ao longo da estrada e moinhos de vento, “Señores, quítense el sombrero, en las cresta, unas colmenas de piedra con cuatro brazos que tienen en sus cuatro puntas cuatro triángulos de lona. Son los molinos de viento moriscos de Vejer de la Frontera. Trabajan allí hace varios siglos” (*ibid*). Ainda que não tenha citado a obra cervantina *Don Quijote*, sua alusão se faz evidente no gesto de reverência que pede ao leitor. Após essa visão passageira, voltará ao monte para explorar esse lendário engenho introduzido na Península Ibérica pelos árabes.

Depois de sua passagem por Barbate, povoado de pescadores, Arlt se dirige a Vejer de la Frontera, povoado agrícola. Apesar da curta distância que separa as duas cidades, o cronista nota diferenças, entre as duas, que vão além de seus meios de subsistência. Chama-lhe a atenção o caráter reservado das pessoas, principalmente, das mulheres que quando saem à rua cobrem-se totalmente. Costume, que o cronista atribui à herança do período de domínio mouro. A comparação com o caráter expansivo dos moradores de Barbate é inevitável. O cronista, familiarizado com alguns ambientes andaluzes, passa a evocar imagens que são fruto de sua própria experiência viageira.

Desse modo, quando visita Jerez de la Frontera, toma a alegre Cádiz, do começo de sua viagem (“La alegría de Vivir”) para descrever a tristeza fúnebre que emana de Jerez. O cronista mostra uma cidade deserta, mergulhada no silêncio, onde o único traço de atividade humana aparece representado nas estátuas mutiladas por pedras “¿Pedradas? Son los mismos chicos que guerrear contra los faroles porteños” (“Jerez es una evocación...”, 15/05/1935). O ser humano não se faz presente em nenhum momento durante o passeio do viageiro pelas ruas de Jerez, até mesmo o cronista perde sua condição corpórea, “El alma se echa a vagar por la ciudad de las altas murallas cuyos recuerdos terrestres han perecido” (*ibid*).

Os símbolos do cristianismo que enfeitam as fachadas das casas, único adorno possível, levam o cronista a intuir sobre o peso da Igreja na austeridade das construções e no caráter reservado de seus habitantes. No entanto, não tarda a perceber a forte influência dos costumes árabes preservados no cotidiano do andaluz.

Se o exterior das vivendas é adornado com símbolos do catolicismo, o excesso de grades e treliças que cobrem as janelas, ou a mais mínima abertura que dá à rua, revela o hábito mulçumano de vedar aos olhares estranhos à visão do interior da casa e, particularmente, das mulheres que nela habitam. Arlt começa a perceber a amálgama de que é formado o andaluz, onde catolicismo e islamismo orientam costumes, influenciando, inclusive, as características arquitetônicas das moradias andaluzas.

O relato em presente que Arlt faz de suas andanças pelas vilas e cidades, cria uma ilusão de simultaneidade entre a experiência viageira e a narração dessa experiência. O leitor, companheiro de viagem do cronista, caminha a seu lado, compartilha de seu olhar e de suas descobertas. Diante das novidades que se lhe apresentam, o cronista, num primeiro momento, não antecipa conclusões, apenas observa e tece algumas opiniões, deixando, assim, espaço

para que o leitor forme seu próprio juízo a respeito daquilo que lhe é mostrado. Em um segundo momento, o tema é retomado e tratado sob a luz de novos dados, adquiridos pelo cronista em conversas com moradores locais e em pesquisa mais aprofundada. Informação baseada em relatos históricos exhibe seu trabalho investigativo,

Todas las ciudades de alguna importancia, los pueblos de cierta categoría, estaban amurallados, circundados por un cinturón de piedra de diez o quince metros de altura, en el cual, de distancia a distancia, se incrustaba una torre donde moraban y vigilaban los soldados de la ciudad. [...] El sultán de Túnez para fortificar su ciudad obligó a 65.000 cautivos a trabajar durante diez años. La primera precaución que toma Abderramán cuando Sancho el Gordo le visita en compañía de su abuela Tora, en Córdoba, para pedirle protección contra su primo Ordoño el Malo, es exigirle la demolición de diez fortalezas y murallas que defienden a León. (“La muralla en la ciudad española”, 30/05/1935)

Observar, questionar, pesquisar e informar são as ações que regem o cronista.

3.2.4 Viagem ao passado

Viajar pela Andaluzia e por toda Espanha, como comprovará Roberto Arlt durante seu périplo, é também viajar a tempos pretéritos. O passado medieval e mouro, que os românticos tanto buscavam em terras espanholas e que, posteriormente, registraram em seus livros de viagem, não foi ignorado pelo cronista. No entanto, a visão de elementos da modernidade, inseridos no espaço arquitetônico medieval, causou estranhamento no viajero Roberto Arlt:

Y como la edad actual ha ubicado sus tranvías, carteles, talleres y altoparlantes en la ciudad antigua, es por ello que el visitante descubre la extrañeza de vivir aquí, entre el ayer de otros siglos y el hoy tan desligado de aquellos tiempos muertos y, sin embargo, presentes en el testimonio de cada piedra. (*ibid*)

O cronista em seu duplo deambular, espacial e temporal, ao mesmo tempo em que circula pelas ruas de Sevilha, recupera lendas e histórias gravadas no imaginário popular e também registradas nas crônicas históricas. A rua del Candijero, situada no bairro de Santa Cruz, guarda a anedota bastante popular: “La cabeza del Rey Don Pedro”. Segundo García-Montón (2000, p. 276) essa história se repete em quase todos os relatos de viajantes do século

XIX⁸¹. O que chama a atenção na versão de Arlt é a citação do texto de Pero Lopez de Ayala,⁸²

Lope de Ayala que sirvió a don Pedro el Cruel, escribe de su amo: “E fue el Rey don Pedro azas grande cuerpo, e blanco e rubio, e ceceaba en poco en la fabla. Fue mui sofridor de trabajos. Era muy templado e bien acostumbrado en el comer e beber. Dormía poco e amó mucho a mujeres”. [...]He aquí la historia, tal cual narran los cronicones. (“La cabeza del Rey Don Pedro”, 17/006/1935)

O cronista desveste a anedota de seu aspecto lendário ao citar a crônica do século XIV e, automaticamente, lhe confere status histórico. Arlt, assim como os viajadores que o antecederam, visitou o *Archivo de Indias*, e pode, portanto, documentar-se para escrever alguns de seus textos⁸³, como foi o caso do mencionado acima. Outro aspecto importante, é a preocupação em marcar a localização exata onde os fatos ocorreram,

Una vejezuela, que vivía en el primer piso de un edificio, cuya planta baja ocupa hoy un vendedor de leche de cabra, reconoció al Rey a la luz de su candilejo de aceite, (que aún permanece colgado de la reja en la calle llamada del Candilejo). (*ibid*)

O espaço histórico permanece, segundo o cronista, inalterado. A afirmação que aparece entre parêntesis tenta confirmar a imutabilidade do espaço no qual se desenrolaram os fatos. Na impossibilidade de contar com o testemunho da velha, instala na narrativa a lamparina com essa função, como se fosse possível que tal objeto durasse tanto. A inverossimilitude do fato nos leva a crer que Arlt prega uma burla no leitor e transforma a crônica (no sentido histórico) do rei Don Pedro em um “causo”.

O interesse pelo espaço histórico e pelas lendas que o reveste abre caminho para a descrição de alguns monumentos turísticos, tema desprezado pelo cronista até então. A Giralda, atual campanário da catedral de Sevilha, que foi construída originalmente como minarete, é o tema da crônica “La ofrenda de Almazor a Alá” (10/06/1935). Nesse texto, Arlt utiliza o recurso da ironia para mostrar os contrastes que fazem parte da história desse monumento, desde a sua construção até os dias atuais. Arlt efetua um corte temporal que divide a crônica em duas partes que podem ser lidas como dois textos independentes: a

⁸¹ Sanhueza Lizardi a cita em *Viaje en España* (1886, pp. 190-193).

⁸² Foi servidor do rei Don Pedro I e autor de crônicas que contam a história dos reis de Castela.

⁸³ Ainda que não mencione sua visita ao *Archivo*, esta foi documentada no artigo “Un panorama de evocación histórica” publicado na revista *El Hogar*, em 2 de agosto de 1935.

primeira narra a história da construção da Giralda e de seu idealizador “El andaluz Jacobo Abu Juceph Almanzor, Comendador de los Creyentes, Califa de Andalucía” (“La ofrenda...”); a segunda descreve a Giralda atual a partir do passeio do cronista.

O cronista ao revelar que a construção da torre, monumento ligado tanto ao islamismo quanto ao catolicismo, se deve a um sangrento massacre mostra a estreita ligação entre a guerra e a religião:

Después de haber vencido a los cristianos españoles, en la batalla de Alarcos, haciendo degollar a los vencidos en una vendimia tan recia, que sus soldados berberiscos pudieron levantar pirámides de cabezas cortadas y jugar con ellas a los bolos, al califa quiso darle las *gracias al Eterno* por la victoria que le concedió, y *el día 13 del mes de Safar, del año 580 de la Hégira*, numerosos cautivos cristianos, graciosamente estimulados por los bastones de los capataces que se quebraban en sus espaldas, comenzaron a cavar los cimientos de lo que hoy se denomina la Giralda, (*ibid*, grifo nosso)

O uso do calendário islâmico e as expressões de graças ao Eterno, que aparecem três vezes ao longo da primeira parte do texto, revelam que Arlt narra a construção da torre de outro lugar que não o da história Ocidental. Assim como havia feito com a lenda do rei Don Pedro, contada a partir da crônica histórica do século XIV, Arlt narra, no caso da Giralda, a partir da crônica islâmica, na qual o califa aparece como um homem empreendedor “que acostumbraba terminar sus empresas a conciencia” e não como um invasor árabe, papel que lhe caberia se a perspectiva histórica fosse a ocidental/cristã.

Para conferir autoridade ao texto, Arlt recorre às palavras (*testemonia*) de “Ebn-Said, autor del siglo XII”. Repetindo, assim, o gesto anterior feito com relação a Pero Lopez de Ayala.

Terminado o preâmbulo histórico, o cronista inicia sua excursão pela Giralda atual. Como qualquer atração turística, é necessário pagar para visitá-la. Quem recebe tal pagamento é “una robusta mujer, la consorte del campanero, que plancha las camisas de su honorable cónyuge”. Descobre que, por causa do elevado número de suicídios, deve subir acompanhado por um “cuidador de suicidas”. O adjetivo *honorable*, qualificativo próprio ao califa Almanzor, deslocado da primeira parte do texto, designa, ironicamente, o sineiro, marcando a passagem do grandioso ao prosaico.

O contraste entre passado histórico, representado na figura do califa Jacobo Abu Juceph Almanzor, e o presente representado na prosaica cena da mulher que cobra o ingresso

para o acesso à torre, enquanto cumpre as tarefas domésticas, mostra o efeito da passagem do tempo na utilização desse espaço público e a perda de sua importância como símbolo de poder político e religioso, representados por muçulmanos e cristãos que se revezaram no controle da região. De minarete, ocupado pelo muezim que convocava os fiéis à oração, a campanário, que apesar manter a função inicial, acumula duas outras: atração turística, mediante pagamento⁸⁴, e trampolim de suicida. A Giralda atual conserva de seu passado apenas a grandiosidade de sua construção.

Na viagem proposta por Roberto Arlt percorrer os monumentos não é prioridade, mesmo assim, o cronista não se eximiu de visitar e descrever alguns, como a Giralda, mencionada acima; a catedral de Cádiz, ainda no começo da viagem; e as ruínas da cidade romana de Ítálica, a qual dedica uma crônica. O caso do palácio árabe Alhambra chama a atenção, não pela ausência de sua descrição, mas sim, pela explícita recusa em tratar do assunto. Arlt poderia ignorar o monumento como o fez com tantos outros, simplesmente deixando de citá-los. No entanto, com a Alhambra agiu, justamente, ao contrário: para marcar a ausência, impregnou o texto com a presença do palácio citando-o repetidas vezes, não para exaltar sua importância como se poderia supor:

Altos de Granada, a espaldas del parque de la Alhambra, en el barranco del Abogado. (“Trogloditas de Granada...”, 28/08/1935)

A un costado del parque de la Alhambra, en el mismo camino que se toma para ir al “Barranco del Abogado”... (“Trato de visitar a Falla...”, 01/09/1935)

En la cuesta de Gomerres, la empinada calleja que conduce al arco que da entrada al tupido bosque que rodea el altozano donde se encuentra edificada la Alhambra... (“Turismo standard...”, 04/09/1935)

Desde la calleja con farolas oxidadas, se divisan las rojizas torres de la Alhambra y sus ventanales sin marcos, ojivando escudos de cielo desolado... (“Gitanas del Sacro Monte...”, 05/09/1935)

O famoso palácio, considerado ponto de visita obrigatório da cidade de Granada, registrado em, praticamente, todos os relatos de viajeros⁸⁵, que por ali passaram sob a escrita de

⁸⁴ Antônio de Alcântara Machado no fragmento “religião e pesetas”, de *Pathé Baby* (1926) critica com ironia a exploração turística de alguns monumentos religiosos: “- Hay que ver la Catedral! [...] –Para ver las joyas hay que pagar una peseta cada uno.[...] – Para subir a la torre deben pagar una peseta cada uno.” (*ibid*, pp. 20-21)

⁸⁵ Rafael Sanhuesa Lizardi (1886, p. 196.) depois de descrever o palácio da Alhambra e seu bosque comenta sobre a exuberante beleza do lugar e afirma “se comprende que todos los que han visitado a Granada se hayan olvidado de ella para condensar sus impresiones exclusivamente en la Alhambra, y que solo a ésta hayan dirigido el fruto de sus inspiraciones y la hayan hecho la representación viva y animada de la ciudad felicísima que posee. [...] la esplendidez de Granada vive en la Alhambra.”

Roberto Arlt se converte em simples ponto de referência que o visitante usa para localizar-se na cidade.

Apesar de não dedicar nenhuma crônica à descrição da Alhambra, sabemos que o cronista a visitou. Um pouco antes de encerrar seu périplo pela Andaluzia, Arlt escreve o texto “El bosque de la Alhambra. Ensueños y sugerencias” (08/09/1935). Como o próprio título anuncia, a crônica registra a visita de Arlt ao bosque que a circunda a fortaleza e não propriamente da afamada construção. Com prosa impressionista, que apela a imagens de encantamento, procura traduzir a atmosfera onírica do bosque. No entanto, não deixa de aludir às disputas políticas/religiosas, que com a série de batalhas de conquistas e reconquistas marcaram o passado da região,

A veces cae una hoja bermeja. Violenta sensación de encantamiento. Si los árboles echaran a caminar, nos parecería natural. Si por la pendiente descendiera un largo cortejo de jovencitas, precedidas de un dragón, el episodio sería verídico. Atmósfera de posibilidades donde se hace verosímil la brujería y el endriago. Edad Media. Por cada árbol, corre savia de sangre humana. Cada pulgada de tierra ha sido regada de sangre humana, cada árbol ha presenciado una agonía humana. (“Bosque de la Alhambra...”, 08/09/1935)

De seu passeio pelo interior da fortaleza nada nos revela. O texto termina com o cronista diante da entrada da Alhambra, “Estamos a la entrada de la Alhambra. Un ciego tañe la guitarra, sentado en un pórtico, bajo la protección de una virgen enclaustrada en un nicho” (*ibid*). E não voltará a esse tema durante a viagem.

Ao retomar a experiência viageira, no livro *Aguafuerte Españolas*, Arlt elucida, nos textos “La Alhambra y el público” e “Amor próprio en la Alhambra”, a explícita recusa demonstrada durante a viagem em descrever o palácio e aponta como fator para o desinteresse o excesso de propaganda em torno das qualidades estéticas da fortaleza: “Su fama universal, hace esperar mucho más de lo que ofrece. Nada me ha distraído más en su interior, que dedicarme a observar las expresiones de disgusto y decepción de sus visitantes.” (ART, 1991, tomo 2, p. 346) O cronista se apóia na decepção que observa em outros visitantes para justificar a própria indiferença.

À reação negativa do público, diante de uma imagem que se lhe haviam pintado mais deslumbrante do que o realmente visto, Arlt atribui à literatura romântica – cita, particularmente, Washington Irving, autor de *Cuentos de Alhambra* – e à fotografia, capaz de captar o que o olho humano não consegue:

En la fotografía nuestro ángulo visual, abarca sin mayor esfuerzo la totalidad de los entalles, que por su misma pequeñez, nos extraña ver perceptibles, de manera que en ese acto confundimos la admiración que nos produce el aparato, reproductor minucioso, con la estima al objeto. Es decir que no sabemos separar dos admiraciones. (*ibid*, p. 350)

Acreditamos que a inclusão dos monumentos, no roteiro pela Andaluzia, obedeceu a uma orientação da direção do jornal *El Mundo*. Ao guardar os textos críticos sobre a Alhambra para a publicação em livro, Arlt exibe sua reserva em tratar do assunto nas páginas do diário e mostra que sua escritura é comprometida com os interesses do mercado editorial. No entanto não se rende totalmente, se não pode exibir sua crítica opta pelo quase silêncio. A Alhambra nas crônicas, como já dissemos, é apenas uma referência.

3.2.5 CIGANOS

O plano inicial, do cronista Roberto Arlt, de “convivir con el pueblo y las masas de sus ciudadanos” (“Mañana me embarco”), se realiza com os ciganos do bairro de Sacromonte, em Granada. O período em que pode acompanhar o dia a dia desse povo foi registrado em sete crônicas que encerram sua viagem pela Andaluzia. Assim como na série sobre a pesca, Arlt quer conhecer como vivem os ciganos, seus hábitos, costumes, caráter.

Antes, porém, os ciganos já haviam aparecido de maneira breve e, observados a distância pelo cronista, durante a Feira de Abril, em Sevilha. Nessa ocasião, destaca a disposição do cigano para a disputa tanto verbal quanto armada e para o embuste, reafirmando a imagem do cigano ladrão e enganador. Quando uma cigana tenta vender-lhe um anel de bijuteria, como se de jóia se tratasse, Arlt se mostra matreiro,

Yo la miro, le doy una palmadita en la espalda y le digo, muy atentamente:
-De estos anillos tengo doscientos; te los vendo por un par de duros.
-¿Eres platero?
-No; soy ladrón. (*Los gitanos en la feria*, 05/07/1935)

Malandragem cigana *versus* malandragem portenha.

Uma vez no Sacromonte, na primeira imagem que o cronista exibe, das ciganas, destaca suas imperfeições físicas, marcas de antigas doenças, fornecendo uma visão grotesca dessas mulheres. Imagem que se opõe ao estereótipo da mulher sensual e sedutora personificado na personagem Carmen, de Prosper Mérimée,

“De cerca son horribles. Tienen la piel color cobre manchado, erisipelada. Los labios belfos, algunas bizquean, otras muestran la cara mordida por antiguas viruelas. Mal pintadas, las arracadas de quincalla, los anillos de bronce, la jeta famélica, la mano pedigüña, la voz zalamera, cascada, falsa” (“Gitanas del Sacro Monte...”, 05/09/1935)

No entanto, mais do que a aparência, o que decepçiona o cronista é o excesso de estilização que confere a esse povo um aspecto teatral. Arlt repete com os ciganos do Sacromonte aquilo que já havia dito sobre a ambientação e os ciganos da feira de Sevilha. Uma das características do viajero Roberto Arlt é sua recusa à experiência falsa, preparada especialmente para o entretenimento turístico (GNUTZMANN, 2004, p. 181). O cronista, a princípio, não considera o turismo como uma atividade lucrativa, mais adiante descobre que a fama do bairro atrai turistas em busca dos espetáculos de música e dança que acontecem no interior das casas-cavernas, o que levou os ciganos a transformar sua dança tradicional em um negócio.⁸⁶ Todo o colorido em demasia serve para atender ao gosto do turista, perpetuando assim a imagem tópica:

“No exageremos. Como cuadro de color, y a la distancia, está muy en su punto. Niños con la camiseta hasta el ombligo, ruedas de sillas de asiento de paja a la sombra de las cavernas blancas, mozas de crenchas renegridas que rascan parásitos y vestidas como para participar en un ballet; manchas de pelo embetunado con abanicos de flores, perfiles de cobre, perros sarnosos, viejas haciendo calceta... el panorama, para mirarse a veinte metros, es de un colorido pirotécnico...” (*ibid*)

Arlt não se satisfaz com a imagem que observa à distancia e mediada pelo interesse turístico, por isso busca aproximar-se do povo cigano a fim de conhecer o que há além da aparência teatral. Os ciganos, povo arredio, que não se deixa penetrar com facilidade, se rendem ao cronista, seduzidos pela promessa de serem, por ele, fotografados.

Conquistada a confiança, Arlt circula pelo bairro, é convidado a entrar nas casas-cavernas e conversa com as ciganas que deixam de ser uma categoria e aparecem nas crônicas já como personagens, identificadas com seus nomes reais ou artísticos: Lola la Chata, La Víbora, La Golondrina, Antonia, Teresa e até pelo carinhoso *abuela*, maneira como Arlt se dirige a tia da ciganinha Golondrina:

⁸⁶ Todorov (1991, p. 389) afirma que o turista, apesar do desinteresse pelos habitantes do país que visita, acaba por influenciar nas atividades ali desenvolvidas. “Puesto que está dispuesta a gastar dinero, el autóctono tratará de ofrecerles lo que exige [...] Poco a poco, las actividades locales se ven remplazadas por la venta de “recuerdos” [...]; y así la búsqueda desenfrenada del colorido local desemboca, paradójicamente, en la homogeneización.”

Me voy para la cueva de la tía de La Golondrina. La tía de La Golondrina, una vieja de nariz gorda, pelo liso grisáceo sobre el cráneo, me ve, se aparta del fogaril y yo corro a su encuentro, la abrazo, la palmeo en las espaldas y zamarreándola le digo:

-Dichosos mis ojos, abuela, que te ven tan florecida como una ensalada. La gitana se echa a reír... (*Con los gitanos...*, 10/09/1935).

Para a representação do relacionamento entre o cronista e as ciganas, Arlt utiliza o recurso dramático do diálogo, que dá voz ao povo estrangeiro, que deixa de ser um elemento da paisagem e adquire o status de sujeito na narrativa (TODOROV, 1991, p. 358), colocando-se como personagem da crônica. Desaparece a narrativa em discurso indireto para dar lugar ao turno e retorno do discurso direto, tanto que a crônica que trata sobre a cigana mais rica do Sacromonte se intitula “Diálogo extraordinário con Lola, la Chata” (12/09/1935). Arlt dá autonomia à personagem, conhecemos a história da cigana contada por ela mesma.

Ao final declara sua admiração pelos ciganos e reconhece a discriminação que sofrem:

Estoy cómodo entre esta gente que comienza a quererme. Son duros para entregarse, pero de una sensibilidad prodigiosa. Aman la belleza, hombres y mujeres viven desmesuradamente lo que imaginan. Sus pasiones son vehementes. Ignoran el término medio. Tienen el sentido de la tragedia. Sobre cualquier bagatela desenvuelven un mundo de gesticulaciones, de conmoción. [...] Para apoderarse de sus almas es menester ir hacia ellos con bellezas extraordinarias. Hombres y mujeres, se puede hacer de ellos lo que se quiere, pero hay que interesar sus sensibilidades apasionadísimas. Ser frío y ardiente. Amarles. Perciben sagazmente el amor, y entonces hay que ser imparcial. Un favor a uno en especial, los enferma a los otros. En síntesis, fieras maravillosas. Artistas. Lástima que no se les proteja ni ayude. (“La sensibilida gitana”, 17/09/1935).

A declaração final, de Arlt, contrasta com a desconfiança mostrada inicialmente. Os ciganos, considerados como estrangeiros, em qualquer país, que fixe residência, ironicamente são os únicos habitantes locais que merecem um lugar na crônica de Roberto Arlt, que vai além da descrição. Os ciganos deixaram de ser um elemento pitoresco que compõe a paisagem. A convivência do cronista com esse povo se configurará como experiência única durante toda a viagem pela Espanha.

IV. A imagem do Marrocos nas “Aguafuertes Africanas”

Antes de deixar a região da Andaluzia, Roberto Arlt fez uma curta viagem ao norte do Marrocos, mais especificamente, às cidades de Tânger e Tetuan. As catorze crônicas que compõem a série *Aguafuertes Africanas* são o produto imediato, mas não único, da breve passagem de Arlt pelo norte magrebino. Essa etapa da viagem, apesar de curta, foi intensa e influenciou diretamente boa parte da produção literária posterior à viagem. Já de volta a Buenos Aires, Arlt publica uma série de contos ambientados, em sua maioria, na região do Magrebi⁸⁷. Desses contos, vinte e seis de um total de cinquenta e dois publicados entre 1937 e 1942, quinze foram reunidos no volume *El criador de Gorilas* (1941). Devemos acrescentar a essa produção pós-viagem a peça teatral *África* (1938) que toma como base três contos da série citada.

A idéia do Oriente, como “um lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências extraordinárias” (SAID, 2007, p. 27) se deve às representações mediadas pela literatura, pintura, imprensa gráfica e cinema. Jornais e revistas⁸⁸, no fim do século XIX, e o cinema, já no século XX foram responsáveis por levar às

⁸⁷ Apesar da predominância da região do norte africano, os contos orientais contemplam uma geografia mais ampla e, nunca visitada pelo cronista, que inclui as regiões do Congo, Libéria, Java, Ceilão, Madagascar, Sumatra e Índia.

⁸⁸ Paolo Pecchioli (GONZALES ALCANTUD, 2006, p.79-80) comenta que no fim do século XIX muitos pintores e artistas europeus se incorporaram às expedições científicas com o propósito de registrar as imagens da África, Oriente e regiões polares. Esses artistas eram considerados pelas revistas e jornais como autênticos correspondentes, responsáveis por “ilustrar para el público las bellezas y misterios de regiones todavía poco

camadas mais populares, imagens do Oriente, antes restritas a meios canônicos de representação, mais especificamente a literatura e a pintura.

Essa imagem do Oriente atraía os viajantes e os turistas que esperavam encontrar no espaço real as peripécias vislumbradas através das representações desse espaço. Com Roberto Arlt não foi diferente, seu interesse pela literatura, tanto clássica quanto popular, além do gosto cinema são fatores a serem considerados na decisão de visitar o Marrocos. O ambiente aventureiro que suscita a região pode ter conduzido o cronista à travessia do estreito de Gibraltar em direção ao norte africano.

Saítta (2000, p.152) e Gasquet (2007, p.272) apontam *Salambô* de Flaubert⁸⁹ e as *Mil e uma noites* como referências da imagem do Oriente que habita a consciência poética de Roberto Arlt. Gasquet acrescenta que, além das obras citadas, Arlt também conhecia os “populares libros do emir Emín Arslán”⁹⁰, que difundieron en el ámbito del Plata el arquetipo de Oriente maravilloso y aventurero, sagrada mixtura de esplendores y misérias, de fastos y desgracias” (*ibid*). O cinema, principalmente o hollywoodiano, também colaborou na difusão de um repertório de imagens que representavam o Oriente. Filmes como *The Sheik* (1921) e *The Son of the Sheik* (1926) com Rodolfo Valentino e *Cleopatra* (1917) com Theda Bara, que no papel da personagem título ajudou a fixar o modelo da mulher oriental como sedutora e fatal, contribuíram na formação de um imaginário de Oriente que conduziu o olhar de Roberto Arlt na interpretação da realidade marroquina.⁹¹

conocidas o en vías de exploración.” Cf. também, no mesmo volume, o ensaio de Vicente Morga Romero, “El imaginario de papel, el papel del imaginario: un trampantojo oriental”, (*ibid*, pp. 97-146).

⁸⁹ Daniel C. Scrooggins (1981, p. 23-26) mapeou as leituras de Roberto Arlt documentadas nas *Aguafuertes Porteñas* entre 1928 e 1933. Entre os autores franceses está Gustave Flaubert. Scrooggins, em nota, informa que abundavam as traduções espanholas das principais obras de Flaubert e, portanto, não é impossível supor que algumas dessas traduções tenham chegado às mãos de Arlt. Sobre *Salambô*, informa que foi publicada em espanhol, em Madri, 1889 e 1922; em Paris, 1896; em Barcelona, 1901 e 1928, esta última, em duas versões distintas.

⁹⁰ Emir Emín Arslán, jornalista, chegou à Argentina como diplomata otomano. Radicado em Buenos Aires, dirigiu a revista literária *La Nota* (1915-1920) que contou com a colaboração de escritores modernistas e pós-modernistas como Leopoldo Lugones, Ricardo Güiraldes, Alfonsina Storni, entre outros. Arslán foi um grande divulgador do orientalismo nos círculos portenhas, autor de numerosos livros, entre os quais se destacam: *La verdad sobre el Harén* (1916), *Misterios de Oriente* (1932), *Verdadera historia de “Las desencantadas”* (1935), este último, uma crítica à obra homônima de Pierre Loti (GASQUET, 2007, p. 216).

⁹¹ Para Edward Said (2007) a idéia de Oriente é uma invenção do Ocidente que, desde a Antiguidade, é responsável, através do acúmulo de representações, pelo conhecimento difundido sobre o Oriente: “ele [o Oriente] é menos um lugar do que um *topos*, um conjunto de referências, uma coleção de características, que parece ter sua origem numa citação, num fragmento de um texto, num trecho citado de obra de alguém sobre o Oriente, em algo imaginado antes, ou num amálgama de todas essas possibilidades.” (*ibid*, p.246)

A visita ao país magrebino é anunciada, pelo cronista no texto “Con Blas Infante, líder del andalucismo...” (24/07/1935). O jornal *El Mundo*, em nota no final dessa mesma crônica, confirma a viagem e informa que “a partir de mañana nuestros lectores comenzarán a gustar sus nuevas impresiones sobre el África musulmana. El enviado especial de EL MUNDO en España cruzó, en efecto, el estrecho, en *procura de temas* y como un *paréntesis a sus tareas* en la Península.” (grifo nosso)

Os termos destacados na citação acima apontam para as motivações da viagem, aparentemente discordantes. O “paréntesis a sus tareas” sugere uma pausa nas atividades do correspondente jornalístico Roberto Arlt. Ora, pausa no trabalho significa tempo livre, oportunidade de descanso e lazer, ou seja, férias. O lazer turístico – viagens curtas, excursões, escapadas no fim de semana – são atividades próprias das férias.⁹² Visto dessa maneira, podemos entender a ida de Arlt ao Marrocos como um passeio turístico. O outro motivo da viagem, a “procura de temas”, aponta, ao mesmo tempo, para a continuidade do trabalho do cronista. Esse falso descanso ou pausa produtiva, junção do trabalho com o ócio, exhibe a singularidade da profissão de escritor que, mesmo de folga, é praticamente incapaz de afastar-se de suas atividades laborais, fazendo da produção literária uma espécie de secreção involuntária (BARTHES, 1999, p. 18).

Essa possibilidade, que tem o escritor de seguir com o trabalho, mesmo estando a passeio, é aproveitada pela direção do diário *El Mundo* que permite a Arlt o desvio de itinerário, uma vez que isso não compromete a publicação das crônicas e, também, beneficia o cronista/viajeiro que pode realizar seu desejo de conhecer o norte marroquino.⁹³ “Falso trabajador, también es un falso vacacionista” (*ibid*). Portanto, o caráter não oficial da viagem ao Marrocos faz do cronista/viajeiro turista por uns dias.

O cronista em férias exhibe um olhar relaxado, mais ligado ao prazer que ao trabalho, ainda que o seu registro se transforme em cumprimento da tarefa de jornalista. O mesmo olhar que, no início da viagem, tinha o objetivo de captar a cotidianidade e, o seu discurso preocupado com as questões sociais e laborais do povo andaluz, dão lugar à busca pelo ambiente maravilhoso e aventureiro e à narração das peripécias do cronista. Arlt começa a

⁹² “O turismo – viagem moderna – circunscreve-se dentro da lógica dual do trabalho/tempo livre. Ele é sinônimo de férias, e se transformou no uso maximizado do tempo livre.” Silvio José de Lima Figueiredo. *Viagem e turismo. Conceito na literatura e nos relatos de viagem*, p. 239.

⁹³ Desejo revelado na crônica “Y ahora ... a yugarla”, já comentado neste trabalho.

introduzir em sua narrativa, um cenário acorde com o novo tipo de viagem que realiza. Desse modo, a cidade de Algeciras, ainda em território espanhol, de onde partem os barcos com destino a Tânger, é apresentada como um lugar estranho ao país ao qual pertence. Arlt destaca a tensão que paira sobre a cidade fronteiriça e a rede de espões, a serviço da polícia internacional, que fazem o trabalho de vigilância que controla o fluxo de passageiros entre os dois países,

“Algeciras es España, pero una España cuyas características se nos aparecen completamente trastocadas. [...] Aquí, cada hotelero, tiene la prestancia de una agente de investigaciones; mirada en la que chispea la incredulidad, palabras donde se bifurca lo capciosos de la pregunta. [...] El ambiente es traidor, turbio, desagradable; [...] La Línea, pueblo de contrabandistas de sedas y tabacos, se encuentra a un paso de Algeciras. Los tiroteos son frecuentes entre contrabandistas y polizontes del Monopolio de Tabaco. (“Complicaciones a causa de mi apellido...”, 26/07/1935).

Desaparecem os mendigos, os trabalhadores, o ambiente colorido das festas primaveris e surgem contrabandistas de seda, tiroteios, espões, elementos próprios da literatura de aventura.

O sobrenome Arlt, de origem alemã, desperta suspeita na rede de espões que vigiam os que pretendem cruzar o estreito, obrigando o cronista a uma entrevista com um agente da polícia internacional antes de seu embarque. Arlt passa a ser um dos muitos viajantes vigiados por espões disfarçados, que o seguem durante toda a travessia. Há, portanto, uma inversão de papéis: o cronista, de entrevistador passa a entrevistado e de sujeito que observa passa a sujeito observado, que mais tarde figurará como personagem nos informes da polícia internacional. E sob a própria pena, será, nos primeiros dias do passeio em Tânger, turista e personagem de sua crônica.

4.1 Roberto Arlt, um turista em Tânger

A crônica “El Tánger. Martirologio del turista. Plaga de guías. Persecución sistemática hasta el tercer día” (31/07/1935), a segunda da série “Aguafuertes Africanas”, é a primeira da região marroquina. No entanto, o elemento principal não é a cidade de Tânger, apesar de citada no título, e sim os percalços por que passa o turista que chega a essa localidade. Se examinarmos o título com atenção, podemos perceber que este, bastante longo, fornece uma

síntese dos temas que ali serão tratados.⁹⁴ Portanto, já no encabeçamento do texto, Arlt apresenta: o cenário: a cidade de Tânger; os personagens que vão atuar nesse cenário: os turistas e os guias, representantes das duas categorias de indivíduos e que formam, também, a oposição entre estrangeiros e nativos; a relação que se estabelece entre eles: perseguição e fuga; o tempo que dura essa perseguição: três dias; e como classifica esses dois grupos de indivíduos: os turistas como vítimas e os guias como seus algozes.

Com o substantivo “martirologio”, o cronista/narrador atribui ao turista o papel de mártir. Atribuição hiperbólica, pois não se compara o martírio dos santos católicos com as moléstias sofridas pelos turistas. Com o mesmo exagero, confere caráter nocivo aos guias quando os associa ao pejorativo termo “plaga”. Não há neutralidade por parte do narrador, pois os substantivos de qualidade (MAINGUENEAU, 1996, p. 48-49) expõem sua posição com relação ao narrado e condiciona a leitura, já que o leitor tenderá a compartilhar com ele o seu posicionamento. Arlt se mostra condescendente com os turistas/estrangeiros, e duro com os guias/nativos.

Contrariando a maneira como vinha registrando a viagem – em primeira pessoa, focalizando a paisagem e a cotidianidade do povo que observa, com predomínio da descrição sobre a narração – nessa crônica, em que prevalece a peripécia, Arlt adota o narrador em terceira pessoa para contar as desventuras do turista, que desembarca em Tânger.

A primeira cena da crônica focaliza a chegada do turista no porto de Tânger. Este, mal põe os pés na cidade, já é cercado pelos nativos,

El martirologio del turista en Tánger, comienza al llegar al puerto. Una cáfila de moros descalzos, negros rapados, ancianos, niños con un collar de roña en torno del cogote, se precipitan sobre las maletas con tal furor, que el viajero se ve obligado a solicitar la ayuda de la policía indígena, para que no le arranquen los bultos de las manos o le revienten las maletas, precipitando su contenido al malecón. (“El Tánger...” (31/07/1935).

⁹⁴ Ao nominar suas crônicas com títulos que, praticamente, resumem o conteúdo das mesmas, Arlt se apropria do estilo comum aos cronistas viajantes dos séculos XVI e XVII, que integravam as missões de conquista e colonização da América, e que consistia em antecipar no início do capítulo os temas que seriam tratados na sequência, como mostra o exemplo: “De la conversación y aprovechamiento de estos indios; y cómo se les comenzaron a administrar los sacramentos en las tierras de Anáhuac, o Nueva España; y de algunas cosas y misterios acontecidos”, título do Tratado Segundo do livro *Historia de los indios de Nueva España* (século XVI) de Fray Toribio Motolinia. Com essa “imitação”, Roberto Arlt cita os cronistas viajantes do renascimento e posiciona seu cronista/viajeiro, parodicamente, ao lado desses.

O trecho acima guarda semelhanças com a descrição encontrada no guia *TÁNGER. Estación de invierno, estación de verano*, publicado, pelo Comité Oficial de Turismo de la Zona de Tánger em 1934, para ser distribuído nas principais capitais européias, a fim de incrementar o turismo na região. A data de publicação (reedição ampliada de uma publicação de 1930) sugere a possibilidade de consulta, por parte de Roberto Arlt, a esse guia. Assim como os guias sobre a Andaluzia, esse também reforça estereótipos e alimenta o imaginário dos turistas. Devemos ressaltar, também, que as semelhanças se mantêm apenas no tocante aos personagens que a compõem, pois o texto do guia de Tânger tem como objetivo tranquilizar àqueles que pretendem visitar a cidade, contrário do enunciado por Roberto Arlt que se configura como um alerta aos futuros turistas.⁹⁵

O clima de perseguição e vigilância se mantêm durante toda a crônica, exibindo um confronto de forças desiguais: para um único turista há sempre numerosos nativos que o seguem de modo acintoso. Nessa tarefa, revezam-se ao longo da crônica, carregadores, guias, vendedores de *souvenirs*. A imagem da caçada ilustra, de maneira hiperbólica, a situação do turista que “ofrece un sólo símil posible: El de una liebre acosada por una traílla de podencos” (*ibid*).

O olhar do narrador que segue o turista a distância vai, aos poucos, se aproximando deste,

Ellos esperan. Levanta usted la mirada de su diario, *el mejor procedimiento para sacarse de encima a los vendedores de baratijas*, y allí, ubicado uno tras de una columna otro bajo un arco, el tercero en una bocacalle, aguardan. Se marcha usted a almorzar. Vuelve al café. Pues allí están los guías. Esperándole. Silenciosos. Echa a caminar, ellos atrás, ofreciéndoseles: -Fuera – grita usted rabioso... (*ibid*)

O pronome “usted” que aparece na citação, apesar de sugerir impessoalidade, se refere ao narrador que começa a fundir-se com o personagem turista. O trecho destacado, que se caracteriza como um conselho, confirma nossa hipótese. Quem pode dar conselhos, senão

⁹⁵ Por sua extensão, optamos por reproduzir o trecho do Guia em nota: “El turista que salta a tierra, entre la muchedumbre de camalos indígenas que asaltan el vapor, para desaparecer con sus equipajes, puede creerse transportado a los tiempos pintorescos de los piratas de Berbería. Bien es verdad que estos moros, auténticos descendientes de aquellos piratas berberiscos, cuyo modo de vestirse, con chilabas y zarahueles de colores chillones, cuyos gritos y gestos descompuestos conservan aún a través de los siglos dan la impresión apuntada. Pero todo es impresión fugitiva, pues apenas ponen el pié en el muelle nuestros turistas, se encuentran con sus baúles y maletas completas, intactas, alineadas, y aguardando su llegada. No bien han pasado el muelle y penetrado en la caseta de la aduana, cuando se encuentran con sus mismos equipajes alineados en orden para ser revisados mientras el camalo-pirata, vistoso, hercúleo y chillón, fuma tranquilamente un cigarrillo en espera de su merecida propina.” (in) <http://www.guiadetanger.com/97D3906E-9B23-48B6-B0F6-C63F874E4500.html>.

alguém que já tivesse passado por semelhante situação? Portanto o *usted*, nesse momento da narrativa, aparece como um substituto do “eu” que resiste em assumir o discurso em primeira pessoa. O cronista/narrador começa a dar mostras de que conta sua própria experiência de turista como se alheia se tratasse.

O clima de suspense criado na crônica se dá pelo movimento dos personagens que se vigiam mutuamente, mas que simulam não fazê-lo. É um constante esconder-se e revelar-se. Os guias se escondem, vigiam, mas fingem não tomar conhecimento do turista, este se esconde atrás do jornal e, por sua vez, finge não notar que está sendo vigiado. Um verdadeiro jogo de espões. E há o suspense também quanto à identidade do turista, que ao final é assumida pelo cronista/narrador como mostram no trecho abaixo os verbos em primeira pessoa,

Al verse descubierto, el guía os saluda llevándose la mano a los labios, [...] y muy cortésmente os pregunta:
 -¿Cómo estar salud, señor? Muy bonito esto. ¿Gusta usted?
 [...] *Respondo* entre dientes, y el árabe, atento:
 -Yo llevar a ver palacio Muley Hafid, el Marchan; Mezquita, Muley Idris.
 -*Quiero* que me dejen tranquilo. (*ibid*)

No final, depois de comentar sobre as disputas entre os nativos e os turistas de um dia, que se vem explorados pelos altos preços cobrados pelos produtos, Arlt encerra a crônica com os dizeres, “Y uno que ha pasado por ello, contemplando el espectáculo, se ríe divertido”. Esse enunciado final esboça uma confissão, de que narra sua própria desventura como turista. Porém, a confissão não se efetiva, porque a presença do pronome indefinido “uno” dá continuidade ao jogo de esconde-esconde.

Ao mesmo tempo em que no texto, Arlt se mostra resistente em assumir a condição de turista, esta já havia sido desenhada na crônica “El agente nº 80 y su sustituto ...” (30/07/1935), anterior à analisada. Nessa *aguafuerte* há uma fotografia de Roberto Arlt acompanhada da seguinte legenda: “Roberto Arlt, autor de estas aguafuertes africanas, en Tânger.” Na imagem, Arlt aparece diante de um estabelecimento ao lado de dois homens vestidos com trajes marroquinos. Outras duas fotos mostram uma ruela de Tânger e um grupo de árabes em “amable conversación”. As três fotos em conjunto, com imagens do lugar e de seus habitantes, confirmam a presença do cronista no país africano.⁹⁶

⁹⁶ Cf. Anexo I, foto1, neste trabalho.

Roberto Arlt viajou acompanhado de sua máquina de escrever e também de uma Kodak para registrar imagens que pudessem ilustrar suas crônicas.⁹⁷ Essas fotografias, – uma média de duas ou três por texto – reforçam o caráter de reportagem e conferem veracidade ao exposto pelo cronista. Desnecessário que, ele, o cronista, apareça nas imagens, a prova de sua estância no país é o texto. O ato de deixar-se fotografar é atitude própria do turista que necessita possuir sua imagem como lembrança da viagem, e não do correspondente jornalístico. Portanto, evidencia o desejo particular do turista Roberto Arlt que, em nada se liga, às suas tarefas profissionais. A fotografia é prova incontestável da realização da viagem (SONTAG, 2007a, p. 19) e, uma vez publicada no jornal é, de certa maneira, um “exibir-se de haber estado” no Marrocos. Arlt como turista não resiste a certo exibicionismo, atitude criticada por ele na crônica “Argentinos en Europa”, se faz fotografar, inclusive, vestido com trajes marroquinos e sapatos de couro, destacando o caráter caricato da image.⁹⁸

Na crônica seguinte “El Zoco Grande de Tanger...” (01/08/1935), Arlt reassume a narrativa em primeira pessoa, mas não abandona a condição de turista. Dedicar-se a observar o movimento de marroquinos e turistas no Zoco, espécie de mercado aberto que às quintas-feiras e domingos é tomado por camponeses, os quais vêm oferecer seus produtos e, também, abastecerem-se de gêneros como tecidos e vestuário. O movimento do mercado, o colorido dos produtos, da vestimenta dos camponeses faz do Zoco, nesses dias, um ponto de interesse turístico divulgado no guia *TÁNGER*, mencionado anteriormente. Esse dado mostra o cronista, em sua exploração da cidade, apegado ao roteiro estabelecido pelo guia e que resultará no registro do pitoresco.

Arlt faz uma descrição panorâmica da praça e dedica especial atenção às mulheres que circulam pelo mercado: camponesas, cidadinas, estrangeiras, jovens, velhas. Destaca o vestuário das camponesas por seu colorido e o véu com que se cobrem as mulheres marroquinas da cidade:

A pesar de su fealdad, se cubren el rostro sobre la frente y la nariz, de modo que apenas son visibles de ellas, los ojos, o un solo ojo. [...] Las mujeres trazan conjuntos abigarrados, bultos blancos, las formas femeninas

⁹⁷ “Aquí está, pues, de cuerpo entero, [Roberto Arlt] hablándonos de lo visto y observado en España a través de sus “Aguafuertes españolas”, cuyo paisaje, cuyos tipos, cuyas costumbres desfilarán por sus crónicas a medida que recorra ciudades y visite pueblos, con su Kodak de globbe-trotter cuyo lente fijará escenas y momentos con la misma simpatía que su retina humana.” Nota da redação do jornal *El Mundo*, que introduz a crônica *Las Islas Canarias, puertas de España* em 8 de abril de 1935.

⁹⁸ Cf. Anexo I, foto 2.

desaparecen bajo los enormes ropones que deforman el pecho, los brazos, la cabeza, casi todas ellas están prodigiosamente envejecidas. (“El Zoco Grande...”)

Arlt parece haver esquecido a função do véu na cultura muçulmana, informação dada por ele mesmo quando de sua passagem pela Andaluzia: “la andaluza prefiere su tocado natal que enraiga el hábito musulmán de velar el rostro a la mirada de los extraños” (“Belleza morisca en las sevillanas”, 02/06/1935). Tal como se expressou na citação anterior, o cronista insinua que o véu tem como propósito ocultar as mulheres belas, estando as feias dispensadas desse adereço. Roberto Arlt percebe traços da cultura muçulmana na Espanha e ignora esses mesmos traços em Tânger que, apesar de não ser representativa da urbe tradicional marroquina (GASQUET, 2007, p. 273) conserva as tradições muçulmanas.⁹⁹

Parece-nos que essa miopia momentânea, que atinge o cronista, mostra claramente o tipo de viagem que realiza. Na viagem particular prevalece o sujeito que busca a cidade sonhada. Por isso, o cronista procura na mulher marroquina a sensualidade cantada em verso e prosa e exibida no cinema, entretanto, encontra a mulher embrulhada, totalmente despida da graça e sensualidade imaginada.

Ainda que não encontre a beleza feminina desejada, Arlt inicia um jogo de sedução com as moças que circulam pelo *Zoco*:

Me entretengo en flirtear con las moritas por excepción bonitas. Cuando reparan que uno las mira, vuelven la cara fingiendo enojo, dejan pasar un minuto, luego lentamente giran la cabeza y espían, y se nuevamente encuentran la mirada del extranjero, simulan irritarse, tapándose el rostro con el embozo. Así otro minuto, luego se descubren lentamente y se echan a reír mostrando hileras de dientes brillantes. *Son pequeños animalitos*. (“El Zoco Grande de Tánger. Mercaderes y campesinos. Uñas pintadas y tatuajes. “Flirt” sin trascendencias”, grifo nosso)

O flerte é uma primeira tentativa de contato entre aqueles que se desejam sexualmente. A cena descrita acima, ainda que inocente como enunciado no título da crônica, exhibe o desejo de Roberto Arlt pelo sexo oposto, e o insere numa tradição de viajantes que associa o Oriente à experiência sexual inusitada. Arlt, no Marrocos se move guiado pelo clichê literário. A cena descrita não foi a única ocasião de aproximação com figura feminina, em sua despedida da cidade de Tetuán, Arlt revela sua “amizade” com as “muchachas libres de la morería”, únicas mulheres a quem o cronista tem acesso:

⁹⁹ Tanto Tânger como Tetuám são, nessa época, território internacional dominado pelos serviços de inteligência europeus e norte-americanos que armavam um sistema de vigilância em razão da guerra que se aproximava. Axel Gasquet, *Oriente al sur*, p. 273. Arlt tratou desse tema nas crônicas da travessia já citadas anteriormente.

Conocía a todas las muchachas libres de la morería. Por el bordado de oro o plata de sus sandalias, por el número de ajorcas que llevaban en la mano y si eran anchas como refajos o estrechas como serpientes anudadas, las conocía por el tatuaje de la frente, sobre el ceño, una estrella, un sol, una luna. Las conocía por el corte de los ojos, por la tristeza de la expresión, por la altura del embozo bajo el jeique. (“Salida de Tetuán...”, 21/08/1935)

A imagem da cidade de Tânger, como um lugar próprio para aventuras sexuais, insinuada nas crônicas, aparecerá de maneira explícita no livro *Aguafuertes Españolas*, no texto “La danza voluptuosa” (ARLT, 1911, pp. 313-314) e em fragmentos inéditos, inseridos¹⁰⁰ às crônicas originais.

4.2 O retorno do cronista

Ainda encantado com o colorido das imagens pitorescas que se lhe apresentam, Arlt continua seu passeio pelo Zoco, mas parece haver abandonado seus dias de turista, pois a observar com mais atenção os personagens que circulam pelo mercado. Para descrever o ambiente, retoma o recurso da enumeração exaustiva, frases nominais que tentam dar conta de todos os tipos humanos, vestimenta, características, gestos daqueles que se aglomeram no Zoco para ver atuar o “jefe de conversación”, uma espécie de contador de histórias. Arlt se posiciona junto à platéia para acompanhar o espetáculo.

A história narrada em árabe não permite que o cronista conheça o conteúdo da mesma, por isso se atém aos gestos do narrador e à reação da platéia:

De pronto el narrador levanta la voz, pronuncia tres palabras y todos estallan en carcajadas. Algo aquí ha ocurrido; el xej se encorva, su cara se llena de terror, su palo se mueve en el aire. Evidentemente, está combatiendo con u espíritu invisible; todos contemplan espantados el enemigo con el cual batalla el narrador. De pronto el xej lanza un grito, levanta as manos al cielo; nuevamente pronuncia el nombre del Clemente, del Misericordioso; los dedos de la multitud vuelan de los labios a la frente; todos se quitan el gorro, vitorean el triunfo de Alá su profeta. Los viejos sonrén satisfechos; el narrador se frota la frente con la manga negra de la chilaba. Y señala a lo lejos. La multitud vuelve la cabeza para mirar huir al enemigo; el xej se sienta en cuclillas; para despabilar al auditorio arranca un redoble sordo del tambor, y luego extiende las manos. (“El narrador de cuentos” (03/08/1935)

¹⁰⁰ “[...] un anfibio me ronda, restregándose los labios con la lengua y haciéndome guiños indecentes, estamos en Tánger, señores, Tánger, codiciada por las potencias, donde conviven fraternalmente los vicios más extraordinarios, aquí todo está permitido.” Roberto Arlt, *Aguafuertes Españolas*, p. 74.

A experiência de ver atuando o contador de histórias impressionou o cronista. Sabemos que a série de contos orientais, de Roberto Arlt, foi diretamente influenciada pela passagem no Marrocos. No primeiro conto dessa série, “La aventura de Baba en Dimisch esh Shan” (ARLT, 1994) traz como narrador da história o “jefe de conversación”.

Esgotada as atrações do Zoco, o cronista começa a circular pela cidade para observar o cotidiano, aquilo que o guia de Tânger não menciona. Em seu deambular mais investigativo começa a desprender-se da visão do pitoresco, passa a enxergar e registrar a realidade que o circunda. Espanta-se com a sujeira e mau cheiro que impregna a cidade. Na crônica “¿Dónde está la poesía oriental?...” (02/08/1935), questiona-se sobre falsa imagem do Oriente poético e sedutor propagado pela literatura. Atribui à falta de poesia, que esperava encontrar, a ausência da mulher no convívio social:

Anuladas en la función social, desprovistas en absoluto de las más rudimentarias nociones de cultura, convencidas ellas mismas por efectos de la educación de su inmensa inferioridad respecto al hombre, son pequeñas bestias junto a las cuales se pasa indiferentemente como ante un muro. (*ibid*)

A mulher marroquina continua sob o foco do cronista, no entanto, deixa de ser objeto de desejo. Em pouco tempo, Arlt se inteira da dura vida das mulheres, tanto as campesinas quanto as cidadinas, do atraso dos costumes, principalmente no que concerne às relações sociais. A este tema, o cronista dedica uma série de três crônicas, em que trata de todas as etapas do processo matrimonial. Na primeira Arlt trata dos acertos de casamento entre as famílias, nos quais os principais envolvidos, o noivo e a noiva, não participam (“Noviazgo moro en Marruecos...”, 06/08/1935). O cronista narra a partir dos pensamentos da mãe do noivo que pesa pós e contras de uma lista de possibilidades:

La madre musulmana [...] medita en cuál de las muchachas de la vecindad puede ser convenientemente la esposa de su hijo. Aixa, la hija del platero, es demasiado cara; seguramente sus padres pedirán la misma dote que si su hijo fuera un caíd; Menana es ligeramente bizca y los padres ocultan inútilmente un secreto que ha dejado de serlo, pues ya de terraza en terraza ha corrido la noticia; Rahma es aficionada a mirar a los cristianos y no será extraño que aquel que se case con ella tenga que hacerla encarcelar por adúltera; Zodia, aunque es bonita, tiene mal aliento; lo sabe por chismes de su esclava. Axuxa, seguramente los padres pedirán cien duros por la muchacha; [...] Y resuelta la mujer, gira en torno de esa abstracción que se llama Axuxa,... (*ibid*)

O trecho acima exhibe toda uma rede de intrigas que envolvem a negociação de um casamento. Impossibilitadas de sair de casa, informam-se pelas criadas que circulam pelos mercados e trazem informação que serve como trunfo na hora de negociar o casamento.

Na segunda crônica “Boda musulmana en Tânger...” (07/08/1935), descreve o cortejo e a cerimônia de casamento como um ato fúnebre. A noiva é carregada no interior da “mariá”, espécie de liteira cortinada com tecidos que oculta a jovem dos olhares exteriores. Para dar mais dramatismo à cena, Arlt traduz o termo “mariá” por “jaula”, sendo que “litera” descreve melhor a forma do objeto, contudo o termo escolhido pelo cronista traduz melhor a condição feminina no Marrocos: a de animal encarcerado.

A terceira crônica dedicada a esse tema, “Esclavitud del Marimonio...” (08/08/1935), narra o cotidiano das mulheres casadas. Os dados apresentados nas crônicas foram obtidos por europeus que vivem em Tanger, uma vez que dificilmente Arlt teria acesso a um lar marroquino.

Arlt inteira-se sobre a exploração do trabalho infantil e das mulheres. Estas como o verdadeiro motor da produção rural, são comparadas a animais, devido ao desumano esforço a que são submetidas no labor diário. Ao informar-se sobre as condições de trabalho da camponesa marroquina O cronista reconhece seu olhar de turista que, nos primeiros dias, somente enxergou o pitoresco.

Arlt tenta desmistificar a imagem poética ao mesmo tempo em que por ela se sente atraído. O cronista quando se afasta do maravilhoso e se aproxima da realidade o faz de maneira crítica. Abandona o olhar de turista, deixa de lado a paisagem e o pitoresco para focalizar a sujeira, a miséria, e o atraso dos costumes. No entanto, admite que apesar de todo o negativo que pôde observar, sente-se fascinado: “África, África que me suscita y desenrosca de nuestros corazones los sentimientos más contradictorios, África que por momentos nos seduce con su color y en otros emana de su carnaza una bestialidad tan repulsiva que aterroriza...” (“El trabajo de los niños y las mujeres”, 05/08/1935)

Considerações Finais

Na tentativa de esgotar o percurso de Roberto Arlt pela Andaluzia e norte magrebino, na qual procuramos desvendar os interesses do cronista e, também, a partir de que materiais, este construiu a imagem do país visitado, acabamos por tecer um trabalho que privilegiou a descrição de crônicas em detrimento da análise crítica.

A leitura dos textos, concentrada na figura do viajero, revelou-nos o empenho de Roberto Arlt em forjar uma imagem de cronista acorde com aquela já conhecida pelos leitores das “Aguafuertes Porteñas”, portanto, preocupado com as questões sociais, atento aos problemas que afligem o indivíduo em seu cotidiano, arguto observador de tipos humanos. No entanto, não encontramos no narrador da viagem o mesmo olhar crítico do autor das crônicas portenhas. A crítica, nas aguafuertes que registraram a experiência viageira, mostrou-se superficial, devido a pouca familiaridade de Arlt com o espaço estrangeiro. O que não lhe impediu de mostrar os aspectos negativos do país visitado. Percebemos que a exposição de imagens pouco positivas da Espanha foi um ponto de tensão em seu trabalho de correspondente. Para agradar o público, sedento pelo pitoresco, atender as, possíveis recomendações da direção do jornal, Arlt recorreu a recursos retóricos para convencer o leitor a aceitar o seu programa de viagem e, também, para driblar as instruções superiores.

Observamos como o cronista ao longo da viagem, foi admitindo e incorporando o pitoresco em seu roteiro até assimilá-lo, completamente, quando de sua visita aos ciganos de Sacromonte. Nesse ponto da viagem, Arlt entende que a homogeneização do pitoresco é de responsabilidade, não do morador local, mas sim do turista que, encantado com aquilo que vê, e disposto a gastar, estimula o nativo a reorganizar-se para atender seu desejo de consumo. As

constatações de Roberto Arlt sobre as relações entre os estrangeiros e os nativos, assemelham-se às de Todorov (1991) sobre o mesmo assunto.

A compilação dos textos inéditos, que compõem o *corpus*, ocupou uma parte significativa do período de pesquisa para a execução deste trabalho. Dada a dificuldade de se conseguir tal material, pois as crônicas se encontram depositadas na Biblioteca Nacional Argentina, pareceu-nos justo incorporar, em anexo, esse conjunto de textos de Roberto Arlt. Por isso, uma das propostas deste trabalho, a de oferecer, ao meio acadêmico, material inédito de autor, julgamos tão importante quanto à descrição e análise dos textos aqui apresentados. Esperamos com isso favorecer a futuros pesquisadores da obra de Roberto Arlt.

Bibliografía

Obras de Roberto Arlt

Aguafuertes publicadas no jornal argentino *El Mundo* que foram citadas neste trabalho.

Aguafuertes Porteñas:

- “Y ahora... a yugarla”, 26/12/1929.
- “El derecho de alacranear”, 10,12/1929.
- “Con el pie en el estribo”, 08/12/1930.
- “Señores... me voy a España”, 12/02/1935.

Hasta la vista:

- “Mañana me embarco”, 13/02/1935.

Aguafuertes de viaje:

- “Ya estamos a bordo”, 25/02/1935.
- “Un vizcaíno en nuestra mesa”, 27/02/1935.

Aguafuertes Españolas:

- “La Islas Canarias, puertas de España”, 08/04/1935.
- “Llegada a Cádiz”, 09/04/1935.
- “La gloria del sol”, 10/04/1935.
- “La alegría de vivir”, 11/04/1935.
- “La Catedral de Cádiz”, 12/04/1935.
- “Carestía en la vida en España”, 14/04/1935.
- “La institución y la universalidad del café”, 15/04/1935.
- “A Madrid, a pedir trabajo”, 16/04/1935.
- “De Cádiz a Barbate”, 17/04/1935.
- “En busca de un patrón de barco”, 18/04/1935.
- “Pesca de la sardina”, 19/04/1935.
- “Mar afuera en una trainera”, 20/04/1935.
- “Vida de los pescadores de Barbate”, 21/04/1935.
- “Vida social en Barbate”, 22/04/1935.
- “Molinos de viento de Vejer”, 23/04/1935.
- “Vejer de la Frontera”, 25/04/1935.
- “Semana Santa en Sevilla” 28/04/1935.

“Qué son y cómo se organizan los ‘pasos’ en la Semana Santa de Sevilla”
29/04/1935.

“El esplendor de Arabia. La opulencia de Asia. Tal la Semana Santa en Sevilla”,
30/04/1935.

“Pasos y cofradías. Rivalidades. El anecdotario de la Semana Santa”, 01/05/1935.

“Pueblo y aristocracia en la Semana Santa de Sevilla”, 02/05/1935.

“El día de la mujer sevillana. Claveles y mantillas lucen en el Jueves Santo”
04/05/1935.

“Jueves Santo, a las 10 de la noche, en la Catedral. Visiones medievales”, 08/05/1935.

“Último día. El Jesús del Gran Poder. Saetas y lamentaciones”, 12/05/1935.

“El cabo Porrita”, 13/05/1935.

“Jerez y bodegas”, 14/05/1935.

“Jerez es una evocación de pasadas glorias”, 15/05/1935.

“Las rejas y súper rejas de Jerez”, 16/05/1935.

“Casas y jardines de la vieja España”, 18/05/1935.

“El Décimo Congreso de Federaciones de Autores”, 20/05/1935.

“La muralla en la ciudad española”, 30/05/1935.

“Belleza morisca en las sevillanas”, 02/06/1935.

“El color, consecuencia de la ciudad”, 03/06/1935.

“La cerámica de Triana. El Cristo llamado ‘El Cachorro’”, 04/06/1935.

“Calle de la Muerte”, 06/06/1935.

“Viveza criolla y sinceridad hispana”, 09/06/1935.

“La ofrenda de Almanzor a Alá”, 10/06/1935.

“La Andalucía musulmanizante”, 12/06/1935.

“La mentira de la indolencia andaluza”, 13/06/1935.

“El jardín de cerámica. Una fiesta permanente de color” 14/06/1935.

“El Arenal es la corte de los milagros en Andalucía”, 15/06/1935.

“La cabeza del Rey Don Pedro”, 17/06/1935.

“La Feria de de Sevilla”, 18/06/1935.

“Ante las ruinas de Itálica”, 21/06/1935.

“El problema agrario español”, 27/06/1935.

“El problema agrario español”, 01/07/1935.

“El problema agrario español”, 04/07/1935.

“Los gitanos de la Feria”, 05/07/1935.

“La individualidad española”, 10/07/1935.

“¡Quítate de allí!, valiente”, 13/07/1935.

“El toro y los toreros”, 14/04/1935.

“*El Niño de las Palmas* y las Banderillas”, 16/07/1935.

“Fiesta de Corpus en Granada. Desgracia con suerte. Desencajonando los toros”, 18/07/1935.

“Una fiesta de alegría. Evocaciones pintorescas de la antigua Granada”, 19/07/1935.

“Corpus Christi en Granada”, 21/07/1935.

“El séptimo día de fiesta en Granada. La incontenible alegría del alma Española”, 22/07/1935.

“Con Blas Infante, líder del Andalucismo. El sentido de amistad en España. Visita de despedida. Me voy a África”, 24/07/1935.

“De Sevilla a Algeciras. Pasamos por Alcalá de los Gazules. Circo, toros, gente dominguera”, 25/07/1935.

“Complicaciones a causa de mi apellido. La pesadilla del espionaje. El agente nº80. *Puede embarcarse*”, 26/07/1935.

“El Peñón de Gibraltar. La ciudadela. Una ciudad sombría y limpia”, 27/07/1935.

“Policía política. Una cadena de agentes vigila a los viajeros. Imperialismo y comunismo”, 29/07/1935.

Aguafuertes Africanas:

“El agente nº80 y su sustituto. Dos malandrines que se reverencian. Cada turista puede ser el mendrugo de un chivato”, 30/07/1935.

“El Tánger. Martirologio del turista. Plaga de guías. Persecución sistemática hasta el tercer día”, 31/07/1935.

“El Zoco Grande de Tánger. Mercaderes y campesinos. Uñas pintadas y tatuajes. *Flirt* sin transcendencias”, 01/08/1935.

“¿Dónde está la poesía oriental? Las desdichadas mujeres del Islam. Mugre y hospitalidad”, 02/08/1935.

“El narrador de cuentos. Abuso de ingenuos y piadosos. Precursores del teatro”, 03/08/1935.

“El trabajo de los niños y las mujeres”, 05/1935.

“Noviazgo moro en Marruecos en el año 1935”, 06/08/1935.

“Boda musulmana en Tánger. Me faltó coraje para usar el magnesio. Tambores, trompetas y la novia en una jaula. ¿Fiesta o sacrificio?”, 07/08/1935.”

“Esclavitud del matrimonio. Deseo y terror de la civilización europea”, 08/08/1935.

“La vida campesina en la ficción y la realidad. Las mujeres, bestias de carga. Treinta kilos por cincuenta kilómetros,” 12/08/1935.

“Tetuán, ciudad de doble personalidad. Me interno en barrio moro. Reminiscencias cinematográficas”, 13/08/1935.

“El arrabal moruno. Mis amigos los tenderos. Saludos Genuflexiones y parásitos. Un refugio de paz y tranquilidad”, 18/08/1935.

“Visita a la escuela musulmana. Hay que saber el Corán de memoria. El palmetazo en la planta de los pies. Indiferencia paternal por los conocimientos occidentales”, 19/08/1935.

“Salida de Tetuán. Hay que irse o enredarse. Rjimo, la de los ojos de miedo. La tristeza de la partida”, 21/08/1935.

Aguafuertes Españolas:

“De Ceuta a Málaga. Noche de perros. No estoy para paisajes. Asalto al único turista”, 22/08/1935.

“Tortones de alborrobo contra el mareo. Cuestas y zigzags. El encanto del paisaje”, 23/08/1935.

“Anécdota de Almanzor. Hogares y graneros de la Vega Granadina. Se aprovechan las bendiciones de la tierra”, 25/08/1935.

“El magnetismo de España”, 27/08/1935.

“Trogloditas de Granada. Reminiscencias de *El amor brujo*. Visitas de cortesía a las casas cavernas. Una silla y agua fresca”, 28/08/1935.

“Trato de visitar a Falla. Fortaleza inexpugnable. Un dragón, dos, tres dragones. Vuelva mañana y le recibirá”, 01/09/1935.

“Con el maestro Falla. Convalecencia. El martirio de los ruidos molestos. El terror de los receptores de radio”, 02/09/1935.

“Promesas imposibles de cumplir. María Carmen es más locuaz que el maestro. Detalles de la vida de un gran músico”, 03/09/1935.

“Turismo standard y *pato*. Plática diaria con las bordadoras. Galanterías para Mariú,” 04/09/1935.

“Gitanas del Sacro Monte. Pura escenografía para encandilar a los turistas. Lo falso y lo verdadero”, 05/09/1935.

“Lluvia de mendigos. Los hay de toda categoría. La *manga* no es palabra porteña. ¿Hay quienes comen yuyos?”, 06/09/1935.

“Psicología de la masa española”, 07/09/1935.

“El bosque de la Alhambra. Ensueño y sugerencias”, 08/09/1935.

“De cómo trabé amistad con los gitanos del Sacro Monte. Con la Golondrina y un éxito fotogénico se me abren las puertas”, 09/09/1935.

“Con los gitanos del Sacro Monte” 10/09/1935.

“Vida de los gitanos del Sacro Monte”, 11/09/1935.

“Diálogo extraordinario con Lola la Chata”, 12/09/1935.

“La cueva de la gitana rica”, 14/09/1935.

“Historia de *la Chata*. La gitana analfabeta lee y hace cuentas. Se va a casar con un noble alemán arruinado”, 16/09/1935.

“La sensibilidad gitana”, 17/1935.

Crónicas :

Aguafuertes – Tomo II. Buenos Aires: Editorial Losada, 1998.

Aguafuertes Españolas. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1971.

Aguafuertes gallegas y asturianas. Buenos Aires: Editorial Losada, 1999.

Aguafuertes madrileñas. Presagios de una guerra civil. Buenos Aires: Editorial Losada,

Aguafuertes Porteñas. Buenos Aires: Editorial Losada, 1958.

Aguafuertes Porteñas, Buenos Aires, vida cotidiana. Buenos Aires: Alianza, 1993.

Aguafuertes Porteñas: cultura y política. Buenos Aires: Editorial Losada, 2003a.

Aguafuertes vascas. Buenos Aires: Ediciones Simurg, 2005a.

Al margen del cable – Crónicas publicadas en El Nacional – México, 1937 – 1941. (org) Rose Corral. Buenos Aires: Editorial Losada, 2003b.

Cronicón de sí mismo. Buenos Aires: Edicom, 1969

El paisaje en las nubes – Crónicas en El Mundo 1937 – 1942. (org.) Rose Corral. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

En el país del viento. Viaje a la Patagonia (1934). Buenos Aires: Ediciones Simurg, 2008.

El resorte secreto y otras páginas. (org) Gastón Gallo. Buenos Aires: Ediciones Simurg, 1996a.

Notas sobre el cinematógrafo. (org) Gastón S. M. Gallo. Buenos Aires: Simurg, 1997.

Nuevas Aguafuertes. Buenos Aires: Editorial Losada, 1975.

Ensaio:

Las ciencias ocultas en la ciudad de Buenos Aires. Buenos Aires: Tribuna Libre, 1920.

Contos:

Cuentos Completos. Buenos Aires: Seix Barral, 1996b.

Cuentos Completos. Buenos Aires: Editorial Losada, 2002.

El Criador de Gorilas. Un viaje terrible. Madrid: Alianza, 1994.

El Jorobadito. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1968.

Romances:

El juguete Rabioso. Madrid: Editorial Cátedra, 1985.

Los Lanzallamas. Buenos Aires. Editorial Losada, 2004a.

Los siete locos. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

Los siete locos – Los lanzallamas. Edición crítica. (coord.) Mario Goloboff. São Paulo: Edusp/ Allca XX, 2000.

El amor brujo. Buenos Aires: Editorial Losada, 2002.

Teatro:

África – La juerga de los polichinelas – Un hombre sensible. Aires: Editorial Losada, 2004b.

El Fabricante de Fantasma – Prueba de amor. Buenos Aires: Editorial Losada, 2004c.

La fiesta del hierro – El desierto entra en la ciudad. Buenos Aires: Editorial Losada, 2004d.

Saverio, el cruel – La isla desierta. Buenos Aires: Editorial Losada, 2007.

Trecientos millones. Buenos Aires: Editorial Losada, 2005b.

Obra Completa. Edição a cargo de Carlos Lohlé, prólogo de Julio Crotázar. Buenos Aires: Planeta, 1991.

Sobre Roberto Arlt

AAVV *Alba de América. Revista Literaria* .vol. 23, julio 2004, números 43 y 44.

_____ *Contorno*, nº2. Buenos Aires, mayo 1954.

_____ *Cuadernos Hispanoamericanos*, Los Complementarios, nº 11. Madrid, julio 1993.

_____ *Diez lecturas de Arlt*. Buenos: Fundación El Libro, 2000.

_____ *El juguete rabioso*, año 1, n.º 1. Buenos Aires, noviembre 1990.

_____ *La Página*, Nº 13/14. La Laguna, Tenerife, 1993, pp. 2-73.

ARLT, Mirta. *Prólogos a la obra de mi padre*. Buenos Aires: Torres Agüero Editor, 1985.

_____ "Prólogo" (in) Arlt, Roberto. *Cronicón de si mismo*. Buenos Aires: Edicom, 1969.

_____ y Omar Borré. *Para leer a Roberto Arlt*. Buenos Aires: Torres Agüero Editor, 1985

_____ Mirta Arlt. "Prólogo" (in) Arlt, Roberto. *Cronicón de si mismo*. Buenos Aires: Edicom, 1969.

BORRÉ, Omar. *Arlt y la crítica (1926-1990)*. Buenos Aires: América Libre, 1996

_____ *Roberto Arlt. Su vida y su obra*. Buenos Aires: Editorial Planeta, 1999.

_____. «Prólogo» en Roberto Arlt. *Estoy cargada de muerte*. Buenos Aires. Torres Agüero, 1984

_____ "Cuentos de Roberto Arlt: una poética de la reescritura", (in) *Hispanamérica*, 23 Gaithersburg, 1994.

CASTAGNINO, Raúl H. *El teatro de Roberto Arlt*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 1964.

GARCÍA, Guillermo. "Prólogo" (in) *El resorte secreto y otras páginas*. (org) Gastón Gallo. Buenos Aires: Ediciones Simurg, 1996

CORRAL, Rose. "Roberto Arlt, cronista y novelista". en: *Revista de Literaturas Modernas*, Nº 32, p. 35-48, 2002. Endereço URL do artigo <http://ffyl.uncu.edu.ar/IMG/pdf/CORRAL.pdf>

_____ “Un ‘devoto del cine’: Roberto Arlt. (in) Wolfram Nitsch/Matei Chihaia/Alejandra Torres (eds.), *Ficciones de los medios en la periferia. Técnicas de comunicación en la literatura hispanoamericana moderna*, Köln, Universitäts- und Stadtbibliothek Köln, 2008 (Kölner elektronische Schriftenreihe, 1), pp. 151–159.

_____ “ ‘Un argentino piensa en Europa’: Roberto Arlt en suas últimas crônicas” (in) Arlt, Roberto. *El paisaje en las nubes – Crónicas en el El Mundo 1937 – 1942*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

CORREAS, Carlos. *Arlt literato*. Buenos Aires: Atuel, 1996.

GASQUET, Axel. *Oriente al Sur: el orientalismo literario argentino, de Echeverría a Roberto Arlt*. Buenos Aires: Eudeba, 2007

GOLDAR, Ernesto. *Proceso a Roberto Arlt*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1985.

GNUTZMANN, Ruth. *Roberto Arlt: innovación y compromiso. La obra narrativa y Periodística*. Murcia: Edicions de la Universitat de Lleida, 2004

_____ “Roberto Arlt y el cine”. (in) *Anales de Literatura Hispanoamericana*, n. 32, p.71-81, 2003.

GRANATA DE EGÜES, Gladys, “La imagen de España en las *Aguafuertes Españolas* de Roberto Arlt”. (in) *Revista de Literaturas Modernas*, N°32, p.105-114, 2002. Endereço URL do artigo <http://ffyl.uncu.edu.ar/IMG/pdf/GRANAT-2.pdf>

GUERRERO, Diana. *Arlt, el habitante solitario*. Buenos Aires: Catálogo, 1972.

HERNÁNDEZ, Domingos-Luís. *Roberto Arlt, la sombra pronunciada*. Barcelona: Montesinos, 1995

JITRIK, Noé. “La presencia y vigencia de Roberto Arlt” (in) *La vibración del presente*. Trabajos críticos y ensayos sobre textos y escritores latinoamericanos. México: Fondo de Cultura Económica, 1987

_____ “Crónicas del viaje a Europa” (in) *Los viajeros*. Buenos Aires: Editorial Jorge Álvarez, 1969.

LARRA, Raúl. *Roberto Arlt, el torturado*. Buenos Aires: Ameghino, 1998.

MALDAVSKY, David. *Las crisis en la narrativa de Roberto Arlt*. Buenos Aires: Editorial Escuela, 1968.

- MASOTTA, Óscar. *Sexo y traición en Roberto Arlt*. Buenos Aires: Jorge Álvarez, 1965
- NALÉ ROXLO, Conrado. *Borrador de memorias*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1978
- PRIETO, Adolfo. «La fantasía y lo fantástico en Roberto Arlt». *Boletín de Literaturas Hispánicas*, 5 (Rosario, 1963)
- PIGLIA, Ricardo. *Crítica y ficción*. Barcelona: Anagrama, 1986.
- _____. *Nombre falso*. Buenos Aires: Seix Barral, 1994.
- _____. *Respiración artificial*. Buenos Aires: Seix Barral, 2003.
- _____. “Prológo” (in) *El paisaje en las nubes – Crónicas en El Mundo 1937 – 1942*. (org.) Rose Corral. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.
- RIBEIRO, Maria Paula G. *Tradução de Águas-Fortes Portenhas de Roberto Arlt*. Dissertação de Mestrado FFLCH – USP 2001.
- ROMANO, Eduardo “Roberto Arlt em la revista *Don Goyo*”. *Hispanamérica*, 108. Gaithersburg, 2007.
- SAITTA, Sylvia. *El escritor en el bosque de ladrillos*. Buenos aires: Sudamericana, 2000
- _____. “Nuevos viajeros, otras miradas: Roberto Arlt en España”. (in) *Hispanamérica – Revista de literatura*. N° 82, p. 35-43, 1999.
- SARLO, Beatriz. *La imaginación técnica*. Buenos aires: Nueva Visión, 1997.
- _____. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.
- _____. *Escritos sobre literatura Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
- SCROGGINS, Daniel C. *Las aguafuertes porteñas de Roberto Arlt*. Recopilación, estudio y bibliografía. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1981
- SICARD, Alain (org). *Seminario sobre Roberto Arlt*. Poitiers: Centre de Recherches Latino Américanes de l’Université de Poitiers, 1981.
- VARELA, Fabiana. "Aguafuertes porteñas". (in): *Revista de Literaturas Modernas*, N° 32, p. 147-166, 2002. Endereço URL do artigo:
<http://bdigital.uncu.edu.ar/bdigital/fichas.php?idobjeto=1455>.

VIÑAS, Davi. *Yrigoyen entre Borges y Arlt. 1916-1930*. Historia Social de la literatura Argentina – Tomo VII. Buenos Aires: Contrapunto, 1998

_____. “Las ‘Aguafuertes’ como autobiografía e colección” (in) Arlt, Roberto. *Aguafuertes – Tomo II*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1998.

Bibliografia Geral

ACOSTA MONTORO, José. *Periodismo y Literatura*. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1973.

AIRA, César. “Exotismo”. (in) *Boletín – Grupo de Estudios de Teoría Literaria*, n. 3, p.73-79, setembro, 1993.

AMAR SÁNCHEZ, Ana María. *El relato de los hechos. Rodolfo Walsh: Testimonio y escritura*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1992.

ANDRADE, Mario de. *O turista aprendiz*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002.

AUGÊ, Marc. *Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

_____. *El viaje imposible*. Barcelona: Gedisa, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Mitologías*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1999.

_____. *et allí. Análisis estructural del relato*. México, D.F.: Ediciones Coyoacán, 1999.

BAZIN, André. *O cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BENJAMÍN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Sociologia da Arte, IV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969.

_____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- CANETTI, Elias. *As vozes de Marrakech*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- CARDOSO, Sérgio. “O olhar do viajante (do etnólogo) (in) Novaes, Adauto (org) *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, s/d.
- COLOMBI, Beatriz. *Viaje intelectual. Migraciones y desplazamientos en América Latina (1880-1915)*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2004.
- CORTÁZAR, Julio. *Historias de cronopios y famas*. Madrid. Ediciones Alfaguara, 1986
- COUGO PIMENTEL, Thais Velloso. *De viagens e Narrativas: viajantes brasileiros no além-mar (1913-1957)*. Tese de Doutorado em historia social. São Paulo, FFLCH/USP, 1998.
- CRISTÓVÃO, Fernando. “Para uma teoria da literatura de viagem” (in) *Condicionantes culturais da literatura de viagens*. Lisboa: Editora Cosmos, 1999.
- DE BOTTON, Alain. *A Arte de Viajar*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- DARÍO, Rubén. *España contemporânea*. Barcelona: Lumen, 1987.
- _____. “El periodista y su mérito literario” (in) *Obras completas* (ordenadas y prologadas por Alberto Ghirardo). Vol XII. *Impresiones y sensaciones*. Madrid, 1925.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes, 1987.
- ECO, Umberto. *Lector in fábula*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- _____. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ETTE, Otmar “Los caminos del deseo: coreografías en la literatura de viajes”. *Revista de Occidente*, Madrid, n. 260, enero de 2003.
- DIMAS, Antonio. “A ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo?”. *Littera – Revista para professores de Português e de Literaturas de Língua Portuguesa*. Número 12. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.
- FIGUEIREDO, Silvio José de Lima. *Viagem e turismo. Conceito na literatura e nos relatos de viagem*. Tese de doutoramento em Ciência da Comunicação, 2005.
- FLAUBERT, Gustave. *Viaje a Oriente*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1993.
- FORD, Anibal. “Literatura, crônica y periodismo” (in) *Medios de comunicación y cultura Popular*. Buenos Aires: Editorial Legasa.

GARCIA-MONTÓN G. Baquero, Isabel & GARCIA-ROMERAL PÉREZ, Carlos. “Viajeros americanos en Andalucía durante los siglos XIX y XX. (in) *Revista Complutense de Historia de América*, 2000: N° 26: p. 261-279. Endereço URL do artigo: <http://revistas.umc.es/ghi/11328312/articulos/RCHA110261A.PDF>

GENETTE, Gerard. “Fronteras del relato” (in) *Análisis estructural del relato*. Roland Barthes, et alii. México, D.F.: Ediciones Coyoacán, 1999.

GIRONDO, Oliverio. *Veinte poemas para ser leídos en el tranvía – Calcomanías*. Buenos Aires: Editorial Losada, 2007.

GONZÁLEZ ALCANTUD, José Antonio. *El exotismo en las vanguardias artístico-literarias*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1989.

_____. *El orientalismo desde el Sur*. Barcelona: Antropos Editorial, 2006.

GONZÁLEZ PEREZ, Aníbal. *La crónica modernista hispanamericana*. Madrid: José Porrúas, 1983.

HIJANO del Río, Manuel y MARTÍN Zúñiga, Francisco. “La construcción de la identidad andaluza percibida y proyectada como reclamo turístico: los libros de viaje y las guías turísticas del siglo XX (1920-1970)”. (in) *Revista Historia Moderna i Contemporània*, 2007, N° V, p.95 -108, Endereço URL do artigo: <http://seneca.uab.es/hmic/2007/HMIC2007.pdf>

HUYSMANS, J.-K. *Às Avestas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: *Revista de cultura Vozes*. Petrópolis, ano 90, v. 90, n. 2 março - abril 1996.

IRVING, Washington. *Narrativas da Alhambra*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Editora Com-Arte/Edusp, 1990.

LINK, Daniel. *Cómo se lee y otras intervenciones críticas*. Buenos Aires: Editorial Norma, 2003.

MACHADO, Antonio de Alcântara. *Pathê-Baby*. Ed. fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial, Arquivo do Estado, 1982.

- MACHADO, A. M. & PAGEAUX, D. H. *Da literatura comparada a teoria literária*. Lisboa, Edições 70, 1994.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 a.
- _____. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 b.
- MARTIN VIVALDI. *Géneros Periodísticos*. Madrid: Paraninfo, 1973.
- MASIELLO, Francine. *Lenguaje e ideología. Las escuelas argentinas de vanguardia*. Buenos Aires: Hachette, 1986
- MÉRIMÉE, Prosper. *Contos de Prosper Mérimée*. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.
- METZ, Cristian. “La gran sintagmática del film narrativo” (in) *Análisis estructural del relato*. Roland Barthes, *et alii*. México, D.F.: Ediciones Coyoacán, 1999.
- MOGA ROMERO, Vicente. “El imaginario de papel, el papel del imaginario: un trampantojo oriental.” (in) GONZÁLEZ ALCANTUD, José Antonio. *El orientalismo desde el Sur*. Barcelona: Antropos Editorial, 2006.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- _____. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MONTELEONE, Jorge. *El relato de viaje. De Sarmiento a Umberto Eco*. Buenos Aires, El Ateneo, 1999.
- NOVAES, Adauto (org) *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- OLIVEIRA, Valdevino Soares de. *Literatura: esse cinema com cheiro*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.
- ORTEGA CANTEROS, Nicolás. “El paisaje de España viaja en los viajeros románticos.” (in) *Ería: Revista Cuatrimestral de Geografía*, Universidad de Oviedo, n. 22, p. 121-137, 1990.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. “O Olhar do estrangeiro” (in) Novaes, Adauto (org) *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vinte Luas, viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PIMENTEL, Juan. *Diez estudios sobre literatura de viajes*. Madrid, Instituto de la Lengua Española, 2006

PORTO ANCONA LOPEZ, Telê. “Textos, etapas, variantes: o itinerário da escritura”. Revista IEB, num. 31 – pp147-159. São Paulo, 1990.

QUEIROZ, Eça. *O Egypto. Notas de viagem*. Lisboa: Aillaud & Lellos, 1945.

QUIROGA, Horacio. *Todos los cuentos*. Edición crítica, Napoleón Baccino Ponce de León e Jorge Lafforgue, coordenadores. São Paulo: Edusp/ Allca XX, 1996.

RAMOS, Julio. *Desencontros da Modernidade na América Latina. Literatura e Política no Século 19*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RIVERA, Jorge B. *El folletín y la novela popular*. Buenos Aires: CEAL, 1968.

ROTKER, Susana. *La invención de la crónica*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2005.

SÁ, Jorge. *A crônica*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

SAID, Edward W. *Orientalismo. O oriente como invenção do Ocidente*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANHUEZA LIZARDI, RAFAEL. *Viaje en España*. Santiago: Victoria, 1886.

SEIXO, Maria Alzira. *Poéticas da Viagem na Literatura*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

_____. *Cuestión de énfasis*. Buenos Aires: Alfaguara, 2007b.

TCHÉCOV, Anton Pávlovitch. *Um bom par de sapatos e um caderno de anotações. Como fazer uma reportagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Nosotros y los otros*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

VILLORO, JUAN. “La crónica: ornitorrinco de la prosa” (in) *La Nacion – Suplemento Cultura*, 22 de enero de 2006.

WEISZ, Gabriel. *Tinta del exotismo. Literatura de la Otredad*. México: Fondo de Cultura Económica, 2007.

XAVIER, Ismail. “Cinema: revelação e engano” (in) Novaes, Adauto (org) *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

YÁZIGI, Eduardo. (org) *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002.

ZANETTI, Susana. “Modernidad y religación: una perspectiva continental (1880-1916)” (in) Pizarro, Ana (org) *América Latina: Palavra, Literatura e cultura. Vol. 2 – Emacipação do Discurso*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994.

Endereços eletrônicos:

<http://bdigital.uncu.edu.ar/bdigital>

<http://books.google.com.br/>

<http://ffyl.uncu.edu.ar>

<http://hemeroteca.abc.es/>

<http://hispanismo.cervantes.es/>

<http://revista.ucm.es>

<http://seneca.uab.es/hmic>

<http://sid.uncu.edu.ar/>

www.fakali.org/

www.guiadetanger.com

www.imdb.es/

www.lanacion.com.ar

www.periodicos.ufsc.br

www.sololiteratura.com/arlt

www.teatrodelpueblo.org.ar

Anexo I

Fotos de Roberto Arlt publicadas no jornal *El Mundo*

DIARIO QUE INTERESA A LA MUJER, AL HOGAR Y AL NINO

AGUASFUERTES AFRICANAS

EL AGENTE N.º 80 Y SU SUBSTITUTO - DOS MALANDRINES QUE SE REVERENCIAN - CADA TURISTA PUEDE SER EL MENDRUGO DE UN CHIVATO

Por ROBERTO ARLT

El cruce de Algeciras a Tánger como el de Málaga a Melilla, está sembrado de espiones. Yo voy amablemente escoltado por el agente de policía internacional, número 80, pero cuando éste se aparta de mí, otro señor, que desde que comenzamos a cruzar el estrecho no separa la vista de mi persona, se me acerca y señalándome la orilla montuosa de Tárrifa, me pregunta:

—Dígame, señor: ¿esa es la costa de África?

Muy serio le respondo:

—No; creo que es la de Groenlandia — y le vuelvo las espaldas. El tipo no insiste y se aparta.

En el llamado Zoco Chico, entro a

traducir los poemas de Abul Kasim Ferdousi, y me marcho. Luego me informo, y me comunican que el argentino es un enterrado judío, que trabaja al servicio de la policía. El inglés también es espía, el surtidor

sonas decentes, son bribones terribles, delincuentes políticos. Aquí se portan bien, incluso fingen una profesión o un corretaje, pero en Tánger es donde se preparan los golpes de mano, las campañas políticas clandestinas, los atentados. Yo, siguiendo el sistema del zorro con el cuervo, lo elogio a don Luis: le digo que sus conocimientos son preciosos; él me informa de que levanta la guardia desde un balcón alto que mira al Zoco Chico y que se encuentra en el Club Español; enfrente hay un ho-

Roberto Arlt, el autor de estas aguasfuertes africanas, en Tánger

Una callejuela de Tánger

comprar cigarrillos a una tabaquería: tras de mí, un señor de gorro de lana, cara fina y larga y chilaba ceñida. Al escuchar que reprendo al niño del mostrador porque no me atiende prestamente, me hace una reverencia y me pregunta:

—¿Usted es argentino, señor?

—Hombre: y en qué lo ha conocido usted?

—En el acento.

—En fin, es verosímil que le conozca a uno un árabe, por el acento, pero ya estoy sobre aviso, y a continuación se produce lo de siempre.

—No quiere que salgamos a conversar? ¿Qué hace usted aquí?

—Soy periodista....

—¡Ah! periodista.... Yo también he sido periodista.... Además he estudiado diplomacia en Alemania.

Un grupo de árabes en amable conversación. Entre ellos, bien puede haber uno o dos agentes de la policía secreta

tel con piso alto, en la ventana de allí, vigila un agente francés...

Como podrán apreciar ustedes, una atmósfera angelical, poética. Espionaje, contraespionaje... y provocadores que son unos desgraciados, muy fáciles de "operar".

Sociedades Científicas

SOCIEDAD ARGENTINA DE FISIOLOGIA. — Hoy, a las 18.30 horas, la Sociedad Argentina de Fisiología, efectuará, bajo la presidencia del doctor Raúl F. Vaccarezza, su duodécima sesión científica en su local Santa Fe 1171.

SOCIEDAD ARGENTINA DE BIOLOGIA. — Esta institución realizará pasado mañana, en su local Santa Fe 1171, a las 18

Foto 1

DIARIO DE TODO EL DIA PARA TODA LA FAMILIA

AGUASFUERTES AFRICANAS

¿DONDE ESTA LA POESIA ORIENTAL? -LAS DESDICHADAS MUJERES DEL ISLAM-MUGRE Y HOSPITALIDAD

Por ROBERTO ARLT

Una de dos, o yo soy la naturaleza más antipoesía de la tierra, y de consiguiente, incapacitado para apreciar las delicadas bellezas del planeta, o de lo contrario, los que han escrito sobre la poesía de Oriente, han dejado actuar libremente su fantasía, olvidados totalmente de la realidad. Pero tengo en mi favor dos antecedentes sugestivos: en España, cuando se quiere indicar un paraje sucio, se sintetiza: "Vamos, hombre, África". También la novela "Tartarín de Tarascon", bajo la festividad irónica del chiste, deja asomar el África que bajo la acción del europeo se ha convertido de kabila sucia en mugrienta factoría.

Me expreso con esta rudeza, porque pronto hace una semana que me paseo por Tánger, intrigando a la policía de la administración italiana, francesa, inglesa y española, que aun no creen en mi misión de periodista, y juro que de mañana, de tarde y de noche, hay tan fétidos olores en sus calles como no pienso olerlos jamás.

Y hablemos ahora de poesía, si ustedes quieren.

La única literatura verdadera a la que llamamos poesía de Oriente, es el libro de "Las mil y una noches". "Las mil y una noches", son los relatos que corresponden al temperamento de una raza materialista, sustituyendo el trabajo de la imaginación creadora, por la fantasía que acciona lógicamente en el terreno de lo maravilloso como de lo real. Estética primaria de la

oramos mientras sus mujeres van cargadas de tremendos fardos de pasto, de leña o de carbón, y como simultáneamente las desdichadas no pueden llevar al erio y a la carga, ellos las acompañan montados en parros, cruzados de piernas, con el puñillo junto al pecho.

Las mujeres a su vez, carecen de

queda reducido a una operación comercial, en la cual, la mujer tiene que aportar una dote, que varía según las fortunas de los contratantes. Los comerciantes pudientes mantienen un harem con cuatro o cinco mujeres, pero en el cual siempre conserva su primicia la primera esposa, a la cual están casi jerárquicamente sometidas las otras. Anuladas en la función social, desprovistas en absoluto de las más rudimentarias nociones de cultura, convencidas ellas mismas por efectos de la educación de su inmensa inferioridad respecto al hombre, son pequeñas bestias junto a las cuales se pasa indiferentemente como ante un muro.

La ciudad africana es más sucia que un cajón de basura. Casi todas carecen de agua corriente, la gente se baña raramente, los moros huelen a manteca rancia. Cuando se entra a un obrador es menester taparse las narices disimuladamente; pero me informan que el estado higiénico de la ciudad de Tánger es loable comparado con otras ciudades africanas del Sur. A medida que uno se interna en el continente aumentan los malos olores. Los hombres son de una amabilidad exquisita, gentiles, aun los más desaharrados. Asombra encontrar tan buenos modales en personas cargadas de piojos. Son espontáneamente generosos y caritativos. Si se tiene con ellos una atención, no reosan hasta complimentarle a uno con el doble de lo que han recibido. Sus granujas son prodigiosamente sutiles, peligrosos y simpáticos.

Roberto Arlt, el autor de esta nota, vistiendo la chilaba marroquí

Puerta de entrada de una de las viviendas de Tánger

Una calle de Tánger que da pobre idea de la higiene de la ciudad

que me ocuparé en otra nota, cuando hable de la vida de los comerciantes africanos, así como funcionarios, cuyo modus vivendi está muy ligado a los bizantinos interiores de las famosas historias.

Detengámonos ahora en la vida popular y en las causas de su evidente falta de poesía, derrochada en sus escritos, por muchos que probablemente jamás han visto Oriente.

La vida de Marruecos y en general de las ciudades africanas que practican la religión musulmana, carece de poesía, porque la mujer, elemento de inquietud y estímulo y de consiguiente de intrincadas actividades sensoriales, no participa absolutamente en ninguna actividad de la vida social.

Es el primer fenómeno que se observa en Tánger, y eso que Tánger es una ciudad europeizada. No he visto aún a un árabe comerciante o de la clase media, en compañía de su

Trata Hoy el Proyecto de Elevado al F

LA PLATA. 1. — Esta tarde se reunirá en el despacho del ministro de Gobierno la comisión especial designada por el Poder Ejecutivo a fin de considerar el anteproyecto de la ley electoral de la provincia, redactado por el doctor Solano Lima.

El ministro ha adelantado a los periodistas algunos de los principales puntos de su proyecto.

VOTO UNIVERSAL, SECRETO Y OBLIGATORIO

El primer capítulo del proyecto del Dr. Solano Lima trata de los derechos electorales, estableciendo que el voto será universal, secreto y obligatorio.

Se refiere también a los electores, inhabilidades y establece que el punto relativo a las cifras de la población estará sujeto al censo nacional del año 1914.

LOS PARTIDOS POLITICOS

Trata el segundo capítulo del proyecto de los partidos políticos, de la organización de los mismos y de su intervención en los actos electorales que se realicen en la provincia.

Los partidos para ser reconocidos por la Junta Electoral, deberán inspirar su acción en principios de bien público y de interés colectivo.

Los partidos políticos que hayan llegado al ejercicio del gobierno provincial, o sin haber llegado a él, no intentarán introducir reformas a la Constitución del Estado, sin ajustarse a los medios que dicha Constitución determina para efectuar tales reformas.

Deberán dar una amplia publicidad a sus actividades internas, asambleas electorales partidarias, etc. Para ser reconocidos por la Junta Electoral deberán formular sus plataformas. No podrán proclamar candidato alguno, antes de que la plataforma electoral haya sido aceptada por escrito por dichos candidatos, las que no serán reconocidas por la Junta Electoral si no llenan previamente ese requisito. Deberán informar ampliamente a la Junta electoral sobre el estado de sus finanzas.

Anexo II

Crônicas de viagem publicadas no jornal *El Mundo* entre 12 de fevereiro e 17 de setembro de 1935.

Aguafuertes Porteñas

Señores...me voy a España

El Mundo, 12/02/1935

¡Y aun no puedo creerlo! Aunque a ustedes les parezca un disparate. Si: no puedo creerlo, tan largamente, con tanto ardor de años e imposibilidades he deseado este viaje.

¡Ah! Y algo que no me avergüenzo de confesar:

No me atrevo a escribir una palabra que pueda, con su referencia, dar una imagen de la arquitectura de este sueño.

Aquí, sobre el escritorio, tengo dos guías de España; en la valija de mano un montón blanco de cartas; allí, doblado, al socaire, un mapa donde las líneas azules de los ferrocarriles, ponen una topografía de sistema arterial, junto al rojo venoso de las carreteras bifurcadas, y la forma de estos papeles, el volumen de los libros, el color de los planos danza en mis ojos, movido por la incredulidad de que ocurra un prodigio tan próximo. Y aunque les parezca pueril, a mí, este viaje se me antoja extraordinario, tan riquísimo de posibilidades, que hora tras hora le tomo el pulso al tiempo decreciente que me separa del día jueves en que me embarcaré.

Y no les resulte metáfora literaria esto de tomarle el pulso al tiempo que sólo los que se encuentran próximos a una tan tamaña aventura, pueden comprender la veracidad de semejantes palabras. Tomarle pulso al tiempo, significa sentirlo correr dentro de uno, como una sangre más espesa y flamante: sangre que riega las entrañas con su congoja festiva y una inquietud alegre, pero infatigables ellas, como el mismo sucederse de los minutos, que siendo diferentes en significación son iguales en contenido.

¿Es necesario escribir estas palabras? Aquellos que han estado a dos pasos de un viaje expectante, las conocen. Aquellos que desean la aventura de un cruce oceánico, las intuyen: los que quedan, los que nos hemos quedado otras veces, conocemos la punzada que atraviesa el corazón cuando un amigo nos dice: “Me marchó.”

Irse...Irse...

En el horizonte, en la vuelta de una calle, en el muro de nuestro cuarto súbitamente se ha corrido el telón gris.

Lo desconocido está allí... tan desconocido en el hombre sincero consigo mismo, que yo, teniendo aquí a mano las guías, los mapas, los planos de las ciudades y los pueblos, las fotografías de parajes que la tradición pinta maravillosos, no me atrevo ni a nombrarlos,

porque ahora esas villas, esas provincias, aquellas urbes son sucesiones de Desconocidos que iré conociendo. Sí: conociendo con mis ojos terrestres.

Podría anotar nombres de héroes, de reyes, de santos, de poetas y de aventureros... ¡Es tan fácil!... No hay más que abrir el libro y espigarlo un minuto... pero no quiero copiar. Lo desconocido impone un respeto extraordinario y una devoción enteramente emocionada.

España, para mí, escritor de habla castellana, que a los once años se marea leyendo las primeras novelas que vienen de aquel país, constituye un sueño, tan batido y acendrado que me parecería de una pedantería imperdonable, ahora que estoy próximo a levantar el telón, hablar de aquello que no conozco.

La suma de páginas que he leído, los personajes que me eran familiares, los clásicos de los que por amor estético aprendí largos párrafos, los trozos de historia que ensamblaban la personalidad de los héroes, y que para mí, hombre que no había viajado, constituían oro puro, se me han convertido ahora, entre las manos, en hojas secas. ¿Qué otra ceniza es, sino, el conocimiento libresco?

¡Estaré allá! La maravilla comienza con las palabras: ¡Estaré allá!

Allá es lo desconocido. La geometría de ciudades antiquísimas, la sinfonía de un idioma más chasqueante y duro, la pintura de un paisaje, que cambia y cambia de región a región, la hoja seca del desconocimiento libresco transformándose por magia, en pámpano jugoso... ¿Digan ustedes si no es tocar el cielo con la punta de los dedos? Si alguien cree que escribo entusiasmado, se equivoca.

Escribo al acecho, un acecho de horas que se filtran con lento tic tac, como granos de arena por el vidriado ojal de una clepsidra.

Ahora ya no es de enfilear palabras más o menos ingeniosas o joviales, ni tampoco hora de prometer montes y mares, o afirmar que veré esto o aquello, porque la más mínima promesa concreta que escribiera, estaría calcada en palabras de imprentas estampada en un libro; y ésta es la hora maravillosa, en que los libros se pueden tirar al agua, y decir con el desenfado más completo y hermoso:

-Ver con mis ojos. Meteré la nariz y la cabeza, y los pies y las manos, y todo en el cuerpo dentro de aquello, que es un país con una antigüedad conservada de siglos y siglos. Estaré allí. Allí con mi persona.

Esto basta.

Y aunque les parezca cálido y quizá exagerado, les diré que hay una sed del entendimiento, que reclama con tanta avidez agua de tiempo, que cuando uno se aproxima de la oportunidad de llevar el vaso a los labios la mano tiembla.

Así yo he escrito este artículo. Con pulso desigual. Y ustedes perdonen.

Hasta la vista

Mañana me embarco

El Mundo, 13/02/1935

Última nota en tierra firme. Mañana me embarco.

Emoción lenta. Latidos de corazón espaciados. Esta ciudad que me es tan conocida, ahora cobra en el fondo de los ojos relieves nuevos. Las cornisas parecen separarse de la línea de los muros, con molduras frescas. La mirada bebe ávidamente el paisaje urbano, como si fuera a perderlo para siempre.

Esta es la maravilla nerviosa que suscita la proximidad del viaje. Tal como si su proximidad fuese la de realizar una carrera con gran velocidad.

Gente que le saluda a uno. Preguntas; más preguntas. Sonrisas cordiales. Direcciones; manos que le entregan tarjetas; direcciones nuevas en calles desconocidas; nombres que se escriben con pulso irregular; más preguntas, prevenciones, consejos; más preguntas, sugerencias, agasajos y sonrisas otra vez.

Esta es la maravilla del viaje.

Cada hora que transcurre en el reloj parece una gran masa de piedra, apartada de esa muralla que cierra el camino a lo desconocido.

Falta menos. Falta menos. Mañana, pasado. Tareas para realizar que se postergan, pereza, deseo de tirarse en una hamaca y dedicarse a escuchar al tiempo que pasa, a percibirlo corriendo subcutáneamente como una inyección demasiado espesa. Ganas de silbar, de exhibirse, de restregarse las manos de palmeear espaldas, de beber grades vasos de licor. Sonrisas.

Encanto lento. Cigarrillos que se queman uno tras otro. Miradas al cielo. Irse...

Todo en uno está agazapado. Por dentro del entendimiento circula a gran velocidad un film de preguntas, Preguntas que no se entestan y que están grabadas indeleblemente en la curiosidad total.

¡Camino de España! Dársena Norte, Montevideo, Santos, Cádiz.

Días y más días de Océano. Evocación del Océano cinematográfico. De los bares de transatlánticos cinematográficos. De las muchachas en flor, que miran la luna apoyados en una pasarela rejada. Toda la poesía del cruce. La línea del trópico. Los peces voladores. La constelación de la Osa. La Cruz del Sur, que se dibuja en el horizonte.

Llegada. Llegada imaginaria. De pronto se cierran los ojos. ¡Hay que esperar!

Uno, en realidad, no es más que una espera envasada. Una memoria ensamblando recuerdos de lecturas. Luego silencio, lagunas mentales. El entendimiento que repite:

-“Hay que esperar.”

Esta es la maravilla que encierra la proximidad de un viaje. Postración muscular, preparatoria del ancho salto.

Se viene, se va. Los ojos registran involuntariamente los detalles más insignificantes. Se comprende cuál debe ser la expectativa de un condenado a muerte. Qué sabor tiene el tiempo en el paladar de un condenado a muerte. Qué maravillosos son la vida y el tiempo, cuando la vida y el tiempo flotan sobre lo que vamos a dejar de ver por apretadas sumas de días superpuestos.

La mente rechaza el paisaje falso que ha construido la lectura. Ya no queremos saber cómo es el país que visitaremos. No nos den detalles ni nos describan el panorama que nos recibirá con su novedad. Un egoísmo de tremendo avaro hace su aparición en nuestra vida. No

queremos que nos quiten ni una sola migaja de las maravillas que nos prometemos contemplar. Y describirnos tal o cuál belleza es, en cierto modo, desprestigiarnos panoramas que son nuestros ojos, dentro de algunos días, beberemos con esa lentitud golosa que se esconde para saborear solitariamente su goce.

Reconocimiento

Antes de terminar esta nota quiero darles las gracias a varios miembros de la colectividad española, entre ellos, al señor Antonio Manzanera, cuyas atenciones y recomendaciones para sus amistades de la Península y personalidades me allanarán extraordinariamente la tarea periodística que emprenderé en España.

Este hombre, que es también excelente periodista, ha tenido para conmigo gentilezas que rebasan al común de aquellas que se estilan con el viajero que va hacia tierras extrañas. Razón por la cual le doy las gracias desde las columnas de este diario con una emoción fácil de comprender y una gratitud que no se marchitará.

Y ahora dos líneas más, las obligadas para enunciar propósitos.

Voy a España para convivir con el pueblo y las masas de sus ciudadanos. Recorreré aldeas y villorrios, a pie, en mulo o en camionetas.

Ese país, por el cual pasó como una tormenta el turbión de las razas más distintas y donde los romanos clavaron la cuña de sus vías de piedra que aún recorren peregrinos y romeros, con sus veinte y dos millones de habitantes, debe ser una fuente riquísima de tradiciones, tipos, cuadros, paisajes y costumbres que interesarán, no sólo a los españoles ha mucho tiempo distantes de su terruño, sino también a los argentinos que así podrán conocer mejor a la madre patria.

Aguafuertes de viaje

Ya estamos a bordo

El Mundo, 25/02/1935

Escribo abombado, por este vaivén torsionado de la nave, a la que hacen vibrar continuamente sus fragosos motores de nueve mil caballos, y que acaba por comunicarle a cada pulgada cúbica de cuerpo una temperatura de afiebramiento que incita a dormir interminablemente.

Es la una de la tarde, día domingo. Cruzamos frente al faro de Santa Marta, un pilar obscuro erguido sobre un islote gredoso. La ruta de la nave, traza una tangente, a este arco de sierras brasileñas de Rio Grande do Sul, que extiende su cóncavo cordón, color humo de cigarro, sobre un centellante avanzada de arenales amarillos. El sol del mediodía cepilla del agua virutas de plata.

Para los que no han viajado nunca.

Esta nota está expresamente escrita para el lector de tranvía, para aquel desconocido amigo mío que no ha viajado nunca, y que sólo conoce los barcos y los fragmentos de travesías, por la gris proyección de un film Standard.

Cruzar el Atlántico es someterse a una gripe de aburrimiento y de mareo. Ya esté refugiado en su camarote rigurosamente blanco, ya forme parte de la rueda familiar en el celeste salón de baile y fumar, todo el mundo se aburre. Se aburre el garzón, que en el fumoir, con cara somnolienta, va cambiando los discos en la victrola; se aburren las damitas jóvenes de la compañía Guerrero, que pasean ostentosamente de un lado para otro con un libro que no terminan de comenzar a leer, porque, en verdad, lo que menos puede hacerse a bordo es leer o escribir; se aburre el comerciante ibérico, que en la mesa del comedor me ha narrado su vía crucis, cuando vino la primera vez a la América en el año veinte, estibado como una vaca en una cala nauseabunda, donde le hacían formar cola con un plato de lata en la mano, para darle de comer; se aburre también la señora del niño inquieto, ese maravilloso niño a quien uno tiraría al agua, y al que le han regalado un “yo-yo” que fatalmente va a dar en la cabeza de algún pasajero dormido en la silla de mimbre, mientras que los padres regocijados exclaman a coro: “disculpe usted”. Se aburre, por no ser menos, el patán de gorra de vasco e alpargatas flamantes, que un poco asombrado de tanto lujo, se mueve con torpeza en el salón celeste, y también se aburren los oficiales que han cumplido su cuarto de guardia, y los religiosos que viajan en esta nave, porque aquí vienen dos pedagogos maristas con almidonado guardapelo, un jesuita fino y discreto, dos hermanos franciscanos y tres monjas amonjamadas, de tal manera que si no cruzamos el Atlántico en olor de santidad, y con todos nuestros pecados lavados, zurcidos y remozados, poco le falta.

Viaja la compañía Guerrero, con mucama y niñera. Viaja también ese admirable urso de Paulino Uzcudun, que con estampa de hombre troglodítico, trota por los puentes, jorobando a los pasajeros con su obligatorio footing. Lo siguen dos ganapanes que deben ser sus sparrings. Viajo yo, que después de todo puedo formar parte del zoológico; a continuación vienen los reverendos padres, y después una tal caterva de pasajeros, cuya condición social, a juzgar por lo económico, va desde el zapato de treinta pesos hasta la alpargata proletaria. Este mundillo de aptitudes, profesiones, gustos, sensibilidades y prácticas diferentes, engrana sin entorpecimientos en la común matriz del mareo y el hastío. El capitán y sus oficiales, hacen sociabilidad con los frades.

¿Qué diré de las pandillas de párvulos, misteriosamente organizadas en grupos punitivos, que recorren el barco de la cabeza a los pies, con la consiguiente y estrepitosa alarma de las mamás que van de camarote por camarote preguntando: “Oiga usted, ¿no lo ha visto a mi nene?”

El pícaro mareo

Un sanatorio acuático, con los mayores que ocupan sus hamacas, pálidos como muertos, cetrinos como membrillos, verdosos como aceitunas, marrones con la más variadas tonalidades del tabaco.

Mientras escribo estas líneas, varios pasajeros, por diferentes puntos de la pasarela demuestran con sus posturas inconfundibles, que están mareados.

Pienso que el director del diario me maldecirá por la nota poco edificante que le envío, y que ustedes protestarán, arguyendo que sería preferible me hubiera quedado en tierra para garabatear estas líneas chirles; pero yo quisiera tener el poder de tomarles por el pescuezo, y clavarles aquí, a bordo. Entonces les vería amarillear paulatinamente, mientras la frente se les

cubriría de un sudor helado, como me sucede a mí en este instante, que creo que es la máquina quien redacta, por su propia cuenta el artículo y no yo, que veo mis dedos, moviéndose a través de una neblina sobre el teclado.

Y gracias a Dios llego al final, porque no doy más. Tengo el estómago más cerca de la nuca que del páncreas, y los brazos más pesados que barras de plomo.

Debía, y esto de acuerdo con ustedes, haberles dedicado unas líneas a los poéticos efectos de luna sobre la llanura negra del océano; también dedicarle otras palabras a la hermosa cincuentona madrileña de cutis de leche y dedos cuajados de anillotes que resplandecen como soles, y por lo menos un párrafo a la gitanilla trashumante y azafranada, que nos encalabrina a todos desde su sillón de mimbre; pero yo no soy Dios, las páginas tampoco son infinitas, mis ganas de escribir pecan de escasas, y lo que ardientemente deseo es terminar este artículo, y tirarme en la cama, único paraje del barco, donde junto al ojo de buey se respira con alivio.

¡Ah! No les envío fotos, porque a bordo no hay laboratorio donde revelar las películas, de manera que hasta mañana, en Santos, de donde en línea oblicua saldremos para las Canarias.

Un vizcaíno en nuestra mesa

El Mundo, 27/02/1935

-Aquí se come como en un hotel, - afirma un compañero de mesa.

-Así es – confirma el segundo, que siempre está de acuerdo con todo lo que se dice, y que para más abundancia de señas, es el hombre que en la nota anterior me confiaba que en el año veinte, había viajado de tercera clase “como una vaca”.

Separado por un ramo de flores y el botellón de vino, frente e mí, se encuentra uno de los fulanos más chocarreros que he conocido. Es un vizcaíno de sesenta años, fornido, y guapo, “doncello” según sus propias palabras, porque permanece soltero. El tal peina unos bigotes de cepillo y es carirredondo, más pálido que el mismo sebo y de mirada entornada y palabra melosa. Cada vez que se aproxima a la mesa, le pregunta, en voz alta, al comensal que viajó como vaca:

-¿Qué ha dicho el maldito profeta Mahoma...?

-Hombre – responde el otro, llevándose la punta de la servilleta a los labios- hombre, no recuerdo.

-Pues el profeta ha dicho: El que no tenga mujer propia que se coma la ajena.

Después de haber lanzado semejante irreverencia que fatalmente tienen que escuchar los hermanos maristas, próximos a nosotros, el vizcaíno se ubica en un sillón y exclama, al tiempo que destapa la garrafa de vino:

-Esto no les gusta a los casados, pero nosotros, los que permanecemos doncellos, nos avenimos con el proverbio.

Escrito lo antedicho, se percatarán ustedes que barbián de enjudía debe ser el vizcaíno, lo cual no es óbice, para que alardee de llevar una vida morigerada y dictarnos cátedra de continencia.

Como el tal no da puntada sin nudo, al mozo que nos sirve lo trata con extremada amabilidad. En cuanto le echa la vista encima, lo palmea en la espalda agasajándole con estas palabras:

-¿Cómo va esa mañana, hijo, cómo va?

Y por el interés con que se lo pregunta, cualquiera creería que le proletario del comedor es hijo de semejante camandulero.

O si no:

-¿Qué tal, paisano? No hay como Valencia, nuestra tierra.

Y es mentira, porque él nos es valenciano, sino vizcaíno por sus siete costados.

El otro, que es valenciano de verdad, responde:

-La mejor tierra del mundo, señor.

-La mejor. No seas hereje, hijo. El paraíso, propiamente dicho.

Ahora bien, yo que siempre trato de buscarle una finalidad a ciertos aspectos extemporáneos de la conducta humana, provoqué hoy una conversación que les dará idea de cuán taimado y calculador es el maldito vizcaíno. Ubiqué el problema en estos términos:

-Me parece que sería razonable que fuéramos adelantándole al mozo algo de propina que le daremos al final, así se espabila un poco. ¿Cuánto piensa darle usted, don Antonio?

-Hombre; nada de adelantos. Yo al final del viaje, le daré cinco pesetas. Con un duro está bien.

El que viaja como una vaca, exclama, asombrado contra su propia voluntad:

-¡Pero don Antonio! ¡Dos duros, por lo menos!

Barredor y concluyente, opone don Antonio:

-Un duro hijo, un duro. Es impropio de un hombre de mi edad echar la casa por la ventana.

Intervengo yo:

-Eso, don Antonio, no es echar la casa por la ventana, sino la pulga. Como lo va a arreglar al mozo con dos pesos cincuenta de propina, después de quince días de navegación. Haga cuentas.

El vizcaíno se pasa nerviosamente la punta de la servilleta bajo los bigotes:

-Allí en América, vosotros los argentinos tiráis el dinero. Además, si usted quiere darle cuatro duros, allá usted y sus rumbosidades. Cada uno da lo que puede, y todos contentos, y aquí no ha pasado na. Y a propósito de esto, me acuerdo de un labrador, que tenía una hija, y a quien le preguntaban si la hija había trabajado, y él no entendiendo bien la pregunta respondió:

-Pues hombre, como servir, ha servio, ahora, como servir, no ha servio.

Después de esto, cada vez que lo miro al mozo, no puedo menos de reírme. El fámulo es un tío flaco, alto, con estampa de torero menoscabado por la suerte, a quien el astutísimo don Antonio va cohechando a base de pura conversación. Y estoy seguro que el día que toquen a formar con la dádiva, el ilustre don Antonio, echando una mano al bolsillo del chaleco, le dirá al escuálido hijo de la huerta valenciana, al tiempo que con prosopopeya saque una moneda de cinco pesetas:

-Toma, hijo, toma; que así se hace uno millonario.

Aguafuertes Españolas

Las islas Canarias, puertas de España

El Mundo, 08/04/1935

[Comenzamos la comunicación de las notas que Roberto Arlt, nuestro enviado especial a España, nos envía desde el otro lado del mar. Espíritu curioso y comprensivo, dueño de una prosa ágil, con vibraciones propias, ha de suscitar sin duda en los lectores el interés que se ha ganado desde estas mismas columnas con sus “Aguafuertes porteñas” cuya modalidad de apreciación y de estilo lo han caracterizado como un singular cronistas, que hurga tanteen la psicología de los seres como en la esencia misma de las cosas. Su visión pintoresca, netamente objetiva y llena a la vez de sugerencias, crea siempre alrededor suyo una atmósfera de la cual no pueden substraerse después sus habituales lectores. Se espera, así, una nota de Arlt como algo indispensable al espíritu de la ciudad. Por eso es que su silencio, prolongado apenas lo suficiente para retornar a sus expresivas pinturas, desde tierras extrañas hasta ahora a su conocimiento, suscitó más de una pregunta inquisidora. ¿Dónde está Arlt? Aquí está, pues, de cuerpo entero, hablándonos de lo visto y observado en España a través de sus “Aguafuertes españolas”, cuyo paisaje, cuyos tipos, cuyas costumbres desfilarán por sus crónicas a medida que recorra ciudades y visite pueblos, con su Kodak de globbe-trotter cuyo lente fijará escenas y momentos con la misma simpatía que su retina humana.]

A las doce de la noche el “Santo Tomé” atraca en el puerto de la Luz, de la Gran Canaria. Es importante descender porque la sanidad no ocurre a esa hora.

Después de nueve bravos días de viaje, el cuerpo tiene hambre de tierra. Los pasajeros, acodados en la borda, contemplan los malecones de la isla, las casas de fachada azul y rosa a la luz de los focos, y uno tras otro se van a dormir. El trayecto de Santos a Las Palmas ha sido penoso y largo.

Tenía curiosidad bárbara de llegar a las Canarias para conocer su famoso pico de montaña, con el cual habían tropezado en “Los Hijos del Capitán Grant”, de Julio Verne, única literatura factible, asimilable y tolerable a bordo de la nave. Mi deseo no fue satisfecho por el lado que dirige la suerte de los viajeros. Tampoco tuve la fortuna de ver brincar a los peces voladores. No me permitiré dudar de su existencia. La constelación de la Osa Mayor, de la que habló con entusiasmo febril un amigo de Buenos Aires, permaneció invisible y las únicas “osas” reales, eran las mujeres navegantes, gordas y, mal humoradas y con tremendas ganas de quitarse el moño con sus vecinas.

Las Palmas

Lo notable de las Canarias son sus calles maravillosamente asfaltadas que recorren innúmeros rebaños de cabras lecheras. Y después el mercado. El mercado más fabuloso que creo conoceré en mi existencia andariega, con matarifes ensangrentados de pies a cabeza, moros ensabanados de fez rojo ladeado en la cabeza, borricos que meten la nariz dentro de las

cocinas husmeando, las actividades de las freidoras de pescado; calles con escaleras de zócalos revestidos de azulejos y el océano violeta golpeando la costa furiosamente.

Aunque personas con quienes conversé en tierra se me quejaron de la desocupación y disminución de las exportaciones, (patatas, tomates, tabaco y bananas de las que hay vastos sembradíos en la isla), las Canarias económicamente, se encuentra en mejor situación que muchas poblaciones del sur de España. La constante afluencia de turistas accidentales, pues casi todas las líneas hacen auto en las Canarias. Su condición de puerto libre, la abundancia de automóviles que circulan en todas direcciones, sus cinco periódicos, los cafés amplios y con brillantes instalaciones, revelan al viajero medianamente observador, que aunque la crisis ha disminuido las exportaciones de la isla en cuarenta por ciento, esta crisis no ha paralizado ni mucho menos los trabajos públicos, pues se ven cuadrillas de obreros trabajando en las calzadas, levantando casas; los depósitos comerciales son enormes, y están abarrotados de mercaderías, los plantíos de bananeros cuidados, los mendigos escasos, y la vida aparentemente fácil.

Inquietud

En canarias, puertas de España, descubro los primeros síntomas de inquietud política, que ya en España plasma en una lucha cuyo final palpitan desde aquí con apasionamiento periodistas y políticos.

En los cafés de Canarias el tema exclusivo de conversación es la cosa pública, pero no relacionada con la política local, sino peninsular.

Oigo discutir con apasionamiento y aspereza. Los litigantes barajan nombres de personalidades que no conozco, y los mozos forman círculo en torno de los discutidores, asintiendo y tomando nota.

Me marcho a visitarlo al director del “Diario de Las Palmas”, y el hombre, en vez de preguntarme si he visitado la casa de Pérez Galdós, que nació en Canarias, o de indicarme que un turista no debe de olvidarse de visitar la iglesia, donde se afirma rezó Cristóbal Colón antes de partir para lo desconocido o de las bonitas mantillas que cubren las cabezas de las canarias, me da una conferencia sobre política. De que si las izquierdas, de que si las derechas, Yo prudentemente arguyo “argentino señor”; pero cuando me despido del hombre me pregunto: ¿Qué pasa aquí?

Camino al azar. En la gradería de una escalera que conduce a una calle más alta, un grupo de escolares, cuya edad oscilará entre los quince y diez y siete años, discute agriamente un tópico de carácter religioso. Yo me detengo esperando que de un momento a otro los dos bandos se distribuyan una lluvia de puñetes. No ocurre nada. Subo al tranvía que conduce al puerto, y en una fila de asientos, varios trabajadores: “que si las derechas, que si las izquierdas...”

La España de pandereta se evapora. Razonando me digo: “Si en las islas el problema político (y las Canarias se encuentran a 800 millas de Cádiz, o sea 1.400 kilómetros, más o menos) preocupa intensamente ¿cómo será allá, en España?

Llegada a Cádiz
El Mundo, 09/04/1935

¿Cuál es la España que interesa en la Argentina? ¿Aquella que de soslayo conoce el turista relámpago, o esta otra, la actual, la que españoles emigrados no pueden visitar hace muchos años?

Formulo semejante pregunta, convencido de que si me ocupo exclusivamente de la España artística y monumental, no tardaré en aburrir a mis lectores y hacerles exclamar: “¡Hombre, ese tío ha ido allá y no ve más lejos de sus narices”.

CÁDIZ

Supóngase que conducen a un cine y le vendan los ojos. ¿Puede usted formarse una idea del tema que se ha desarrollado en la película, escuchando la música? No. Nosotros conocemos a Cádiz, a través de la música española, o de sus fotografías artísticas, tomadas siempre desde el ángulo más favorable. Pero este trozo de España embellecido a través de las referencias literarias, ¿es auténtico para la visión de ultramar? En lo que atañe a ciertos trozos, sí; pero no en la totalidad.

De modo que suponiendo tuviera usted la virtud de trasladarse a Cádiz, no al Cádiz de música de Albéniz, sino al Cádiz que trabaja, come, duerme, ¿qué cuadro contemplarían sus ojos en la tarde de un día de fiesta? Helo aquí:

Una multitud humana que desemboca de calles de tres pasos de ancho, oscuras y lóbregas. Esta multitud que colma el ancho de las calzadas, que llena las veredas a pesar de ser día domingo, viste limpio traje azul de mecánico, casi siempre zurcido y lavado. Los azules de los remiendos ponen manchas rectangulares celestes o marinas. Esta masa se pasea sin cuello, con un pañuelo amarrado al cuello, o una bufanda, y gorra o boina. Raros son los trabajadores que gastan sombrero. Raros aquellos que se embuten en un traje “Standard” de confección. Trajes azules de mecánicos. Azul crudo, proletario, que estalla en nuestros ojos el cohete de una sorpresa singular. Nuestra mirada de pequeños burócratas, acostumbrados al espectáculo del obrero porteño, trajeado casi elegantemente, calzando buenos zapatos o, al menos, en la apariencia, camina de plancha y corbata, nuestra mirada de habitantes de una ciudad de pequeños burgueses, se desencaja en la extrañeza que suscitan estas multitudes vestidas de azul.

Comienza a flaquear el entendimiento. Las ideas hechas, librescas, se desmoronan. Estos trabajadores no son como los nuestros. Los nuestros, cuando salen de la fábrica, cambian pelaje. Se disfrazan, si ustedes quieren. Cambian el uniforme proletario, por el uniforme del ciudadano. Estos no. Es fiesta, ¡si, hoy es fiesta! Y sin embargo ellos se pasean con el traje que os recuerda la fábrica, el martillo, el torno, la garlopa, el soplete. (Después me entero que en esta población de 80.000 habitantes hay 16.000 desocupados).

¿Esto es Cádiz? Usted cierra los ojos y trata de tararear la música de Albéniz. Luego abre los ojos, y caras de trabajadores. Multitudes de trabajadores. Mujeres sin sombrero ni mantilla. Colores sufridos, apagados en los vestidos femeninos.

Usted se acuerda de los cuadros de Murillo. De la Catedral. Luego se larga a caminar. Y siempre caras de trabajadores. Pero, ¡diablos!, ¿entonces las multitudes de trabajadores

existen? ¿Son realidades tangibles? Usted se acuerda de los cromos baratos de las novelas por entregas de Luís de Val y Pérez Escrich. En esos cromos se representan a los trabajadores de gorra, traje azul de mecánico y alpargatas. ¡Pero esos cromos no son artísticos! Por el contrario, son malos abominables. Y, sin embargo, son verdaderos. Sucede que uno no ha podido creer en ellos. Tiene el perjuicio de lo artístico incrustado en el caletre. Son, cuando menos, más fieles que los otros, que os representan a una andaluza, envuelta en los mil colores de un flechado mantón. Y, sin embargo, los mantones existen. Los he visto con mis propios ojos. ¡Pero son tan escasos! Y los patios andaluces también existen. De mármol blanco, de azulejos dorados, de fuentes de piedra color piel de mujer. Mantones, música, mármoles, son verídicos. Sí; pero usted abre los ojos, desvía la vista del zaguán maravilloso, y tropieza con las multitudes de hombres de traje azul y gorra de torta, igual que en el cromo de dos reales. Y entonces usted se toma la cabeza. Comprende que ha entrado a otro mundo del cual no sospechaba ni la existencia de una punta de su uña. Albéniz se evapora del cerebro. Usted se aferra a Murillo, y Murillo haciéndole una mueca burlesca se escapa de sus pupilas y en ellas, de prepotencia, como un golpe de agua que rompe el dique harto endeble, penetra nuevamente la enorme y numérica multitud gris, que a pesar del día frío y ventoso, camina con las manos en los bolsillos de su pantalón de tela azul, una bufanda atornillada al pescuezo y la visera de la gorra sobre la frente.

Inútil que trate de escaparse, amigo mío. Inútil que trate de tararear “Cádiz”, de Albéniz. Ellos están allí. Y usted no puede esquivarlos. Métase por donde quiera, tome los callejones más torcidos, las cuestas más empinadas, por donde entorne los párpados, se los encontrará. Constituyen la cifra extraordinaria.

Y entonces, usted comprende y se dice:

“Los literatos que han escrito sobre España, me han engañado. No han visto nada porque estaban ciegos, o no querían ver”.

La gloria del sol *El Mundo*, 10/04/1935

A veces pienso que todo está por escribirse nuevamente.

Cuando nosotros los argentinos, hombres de llanura y de calles anchas como otras llanuras, entramos aun cine, y tenemos la suerte de no haber viajado -lo cual nos mantiene de cerebro y el ojo virgen- y asistimos al desenvolvimiento de una película italiana o española con sus callejas estrechas, de dos, tres o cuatro pasos, una emoción de añoranza de desenrosca en nuestros sentidos, y pensamos en la felicidad de viajar, de transitar por esos mismos túneles que la sombra fotográfica de la película en el telón impregna de una poesía violenta e inexplicable. (Les ruego a mis lectores que me disculpen esas abundantes referencias que siempre hago del cine en mis notas, pero ir al cine es, en cierto modo, viajar de una manera ideal, mucho más de lo que algunos pueden suponerse).

Y he aquí que yo estoy escribiendo esta nota para ustedes, en una calle de Cádiz, estrecha, de tres pasos, y que se llama “Comandante Gómez Ortega, antes Flamencos”. Al otro lado del escaparate que me sirve de vidriera, en una habitación del segundo piso de la

vereda frontera, una señora gruesa, de cara picada de viruelas, cose un pantalón; en otra, una señora riega unos tiestos de diosmas, y del empedrado asciende ruidosa la cháchara de estos chicos gaditanos, que desde la mañana a la noche juegan en el fondo del túnel, entre muros de piedra, como los de una cárcel.

Allá arriba, en los rebordes del muro, un sol pálido se aleja de Europa en dirección a América.

Regreso de corretear por estas calles crepusculares, eternamente envueltas o cubiertas de un atardecer sombroso. Este Cádiz viejo, descripto tal cual es, o a vuelo de pájaro, pude ser representado por masas cúbicas de casas, cuyas arquitectura no se diferencia absolutamente en nada; paredes lisas, cuyas habitaciones a la calle están iluminadas por estas vitrinas anchurosas y enrejadas, único paso a la luz que tienen las casas..

Cada masa cúbica de casas está separada de la frontera por ese pasillo estrecho de dos, tres o cuatro pasos, que es como el camino de las celdas de una termitera. Las veredas tienen cincuenta o cuarenta centímetros de anchura. Son corredores en los cuales estalla el permanente alboroto de los niños. Las casas por dentro, oscuras y lóbregas. ¿No originará dicha obscuridad esa luminosa mirada atribuida a la gente del sur de España, pupilas brillantes y tez pálida?

Usted camina al azar. No haya miedo de perderse, porque en cada calle de quinientos transeúntes hay cuatrocientos noventa e nueve dispuestos a acompañarle hasta su propio alojamiento.

Pero después de una hora de dar vueltas por estos laberintos, una angustia aplastadora entra al corazón. La mirada criolla, acostumbrada a las calles-llanuras, sufre de este confinamiento y desaparición del horizonte. Para ver el cielo aquí no basta levantar los ojos de la tierra, es menester levantar la cabeza, echarla hacia atrás. Al frente, siempre murallas, encaladas una, pintadas con aceites marrones, rosados o grises, donde la única superficie brillante la ofrecen esos escaparates-ventanas, cuyo relieve sobre el muro resulta la única muestra vistosa.

De pronto, en una vuelta de azar, se llega a una plaza. Pequeña. Palmeras. Caminos pavimentados. Sol Y un golpe de emoción. Usted se deja caer sobre un banco y al ver el sol, el sol bañando casi siempre las tres fachadas triangulares que rodean la plaza triangular, experimenta una melancólica alegría de convaleciente. Los ojos beben el sol con una gratitud de la cual no puede tener idea el caminador de las calles-llanura; y uno se olvida de si mismo allí sobre el banco, como si hiciera mucho tiempo que estaba metido en una cárcel, y por fin le ha llegado la libertad, es decir, la luz.

Ahora también se explica (aparte de los desocupados), la abundancia de gentes en las plazas, sentadas al sol, recibiendo el sol sobre el cuerpo. En estas ciudades antiguas en el sol ha sido desterrado; sólo se le reciben en las plazas, y cada plaza, aunque no tenga árboles sino una fuente en su centro, cada plaza, digo, es un rincón del paraíso, donde los seres humanos adoran al sol, lo reciben en su semblante y en sus ojos y en sus manos, porque la plaza es el único paraje donde está permitida la entrada del sol y en ella el sol se vuelca luminoso y todos los que lo miran lo bendicen, lo atrapan, lo beben como a un licor, para volverse luego a las

catacumbas, que en cierto modo son las calles, donde la sombra pesa como una mortaja sobre el pavimento de piedra oscura.

Y ahora también se explicarán ustedes por qué el andaluz, cuando se refiere a este éxtasis que provoca la luz en el habitante de la ciudad morisca, lo nombra con estas pocas y doradas palabras: “La gloria der zó”.

La alegría de vivir

El Mundo, 11/04/1935

Hace un frío de mil diablos, salgo del cine, pasan obreros encogidos dentro de sus trajes de mecánicos con la gorrilla echada sobre la frente y una bufanda atornillada al cuello. ¡Y cantando!

Del Atlántico sopla un viento que corta, y este mismo viento trae eco de canciones. En las ochavas de las esquina, ferradas, donde levantan su guardia los cocheros al pie de los fiacres antiguos, también brotan canciones, tarareos lentos.

-¡Qué gente ésta!

Los mendigos piden cantando. Una guitarra colgada a la espalda por un tirante de cuerda, y una mujer que lleva un platillo o un lazarillo. Cante jondo, seguidillas. ¡Qué sé yo! Se detienen, la cara al sol, los ojos de párpados vueltos como llagas tremendas y cantan. Y en las calles estrechas, el cante resuena y llega lejos, y deja en entendimiento una alegría acongojada.

Un ebrio hace eses en la callejuela y las campanadas de la Catedral repican las dos. Y el ebrio canta en la noche fría.

Se hace un silencio. Machacan los cascos de los caballos que arrastran un carruaje por una calle estrecha como un corredor y el cochero canta. Pasan recuas de mulas, mulas campanilleras, y las campanillas siembran en la calleja blindada un cencerreo cantarino y jovial. Y es que estas mulas tienen en redor de los arneses collares de pequeñas campanitas de bronce.

Paso por una tasca: bordelesas de vino al soslayo de un reflejo, y una voz que canta. Entro a un mercado, y junto a un asno pequeño y peludo, que se ahúma junto a un brasero, donde una vieja prepara un cocido, hay un tío de facha bravucona templando una guitarra. Y la voz estalla un jipío de angustia.

Camino. En una bocacalle un chiquillo de tres años, baila una danza morisca sin música. Le marcan los tiempos un coro de niños, batiendo las palmas de las manos.

El estrépito que arman estos niños es brutal y las comadres de la calle, arrastradas por el ritmo, engrosan el círculo y se suman a los niños, y marcan con ellos el tiempo de la danza, golpeando también las palmas de las manos.

¿TERMINAN DE COMPRENDER USTEDES?

¿Terminan de comprender semejante fenómeno ustedes? Porque yo no lo entiendo.

-“¡El español se divierte con tan poco!” – me dijo una señora catalana, que en estos mismos momentos, mientras escribo las líneas que ustedes leen, trato de aclarar el misterio de esa luz que irradia el alma española, tan constantemente.

Me explicaría semejante alegría en un pueblo donde la prosperidad estuviera en auge, pero aquí, en Cádiz, no la comprendo. Estos que cantan son desocupados y desocupados enérgicos. ¿Revolucionarios? No equivocarse. Los guardias civiles andan en parejas y de tres. De modo que no supongan equivocadamente que la gente de que hablo canta únicamente. He conversado con grupos de chiquillos, y saben lo que me han dicho:

-“Nosotros somos del ‘partido de alpargata’, sabe usted, zeñó?” Y cuando me he despedido, todos como mayorcitos, me han tendido uno tras otro la mano, diciéndome con mucha formalidad:

-Vaya usted con Dio, señó.

Y uno tras otro repetía la fórmula:

-Vaya usted con Dio, señó.

Grandes, pequeños, hombres, mujeres; sus voces restallan a todas horas en la estrechez de las callejas, ya quejumbrosas, ya chillonas, pero traduciendo siempre una vitalidad de espíritu que promete hazañosas empresas.

Hasta el grito de los pescadores que pasan de a dos, conduciendo una angarilla cargada de langostinos y erizos violáceos, resulta un canto que perfora la mañana, largo, como un trémulo del cante jondo.

Y “toos” alegres. Una alegría picaresca, burlona, una alegría que inútilmente trata de convertir-se en tristeza, como la que pretende fingir el mozo de cuerda, con el que discuto por discutir, una peseta, y que me dice, llevándose las manos al pecho, con patética seriedad:

-El pan de mi pobrecito hijo, señó. El pan de mi mare de un día, el pan de mi mujé. – Y esto lo dice casi riéndose. ¿Y quién discute con un tipo que, efectivamente, revela una trágica verdad con tanta comicidad?...

Son patéticos y regocijados. Juraría que la vida no les cabe en el cuerpo, y que tienen que derramarla por fuera, en esta música que de noche y de día sorprende por cachos el oído del viajero alucinado.

¡Son maravillosos! Si por un prodigio retornara el bienestar, el trabajo, la prosperidad al sur de España, podría insertarse un aviso en todos los periódicos del mundo, un anuncio tejido con escasas palabras:

“Si quiere usted vivir en el país más alegre del mundo, venga a Andalucía.”

La Catedral deádiz

El Mundo, 12/04/1935

Piedra y mármol hasta el tuétano. Hierro, cedro y bronce.

TRASMUNDO

Una luz ligeramente violácea cae de la cúpula del crucero, formada de panes de granito blanco labrado, hasta los oblicuos juegos de columnas, de doce metros de altura, de mármol blanco, liso y fresco al tacto como greda de un cántaro.

Esta inmensa carga de piedra, que de tan alta parece liviana como la grasa de un sueño, se apoya en monobloques de ocho columnas cada uno. Y se cuentan diez y seis grupos de bloques de ocho columnas de doce metros de altura, hasta el capitel que se desdobra en

hojas de acanto y volutas. Arriba de las cornisas bañadas de la misma luz violácea, la piedra ensancha y proyecta, de nave a nave, sus bóvedas y arcos calados por el cincel.

Frescura mortal. Silencio que alela el alma y parece filtrarse de entre las juntas de los panes de piedra. Se siente uno más pequeño que una hormiga. La luz, cayendo oblicuamente sobre las moles de piedra, adquiere tonos lilas; las naves de piedra son inmensas grutas marinas. Así deben ser el silencio y la luz al otro lado del sol.

El altar mayor es un templete de mármol gris, al que prestan luz dos ángeles lampareros. Los dos púlpitos, con largo corredor aéreo, de bronce fundido.

Volviendo la espalda al altar mayor, al fondo de la nave central, clausurándola la trompetería de los órganos fronteros, sobrepasando con sus cornetas las puntas de las lanzas de una verja de hierro forjado de seis metros.

Tras la verja un fasistol recuadrado por la sillería del capítulo.

EL CORO

Lo labró don Pablo Duque Corner, para la cartuja de Sevilla, y luego le trajeron aquí. Sí, lo labró don Pablo Duque de Corner.

Primero cuarenta y seis sillas. Defendiendo cada silla, en una hornacina bloqueada por dos columnas salomónicas, un santo perteneciente a la Orden de los Cartujos. Cada estatua de cedro mide ochenta centímetros de altura. Sobre el frontis de cada hornacina, más arriba de la cabeza del santo, un medallón de veinte centímetros de diámetro con una cabeza en relieve, y epilogando el polo del medallón un querubín con un diferente instrumento de música.

Esto hizo con sus dos manos, don Pablo Duque Corner.

Labró cuarenta y seis sillones, y cuarenta y seis figuras humanas, y cuarenta y seis medallones, y cuarenta y seis ángeles.

Los pulió, tejió en la madera cabelleras, rostros, vestiduras que van desde la zamarra del ermitaño hasta la cota de malla del guerrero de la fe, y toda esta muchedumbre de madera la trabajó con sus dos únicas manos, y ellos son perfectos, de semejantes, y la grandeza de su obra imposiblemente humana, nos deja atónitos y sin habla. La ejecutó él sólo.

Recamó los noventa y dos pasamanos de los cuarenta y seis sitiales. En el revés de cada asiento talló la cabeza de un grifo, torneó las noventa y dos columnas salomónicas; ni un solo trozo de madera oscura está libre de la gratitud de su piel, del sudor de sus dedos... Y uno se marcha y se detiene pensativo, bañado en luz violácea, y luego retorna al coro y observa los santos mitrados, los guerrilleros con banderola en la diestra, los teólogos con un infolio, los predicadores con la cruz extendida frente a sus rostros, y se repite:

Esto lo Ha tallado un solo hombre. Se llamaba Pablo Duque Corner.

Tal es la Catedral de Cádiz.

Mármol pulido, bronce fundido, hierro forjado, granito mordido, cedro tallado.

El hierro es hierro hasta la medula, el bronce bronce hasta sus entrañas.

La catedral no ha sido manchada con un solo adorno. Lo es suficiente la sinceridad de su material.

E entonces se comprende a Ruskin.

Carestía de la vida en España

El Mundo, 14/ 04/1935

Pocos días antes de embarcarme, uno de esos amigos deseosos siempre de regalar un consejo, me dijo:

-Si te vas a Europa, despidite de los jugosos bifes de lomo y de los succulentos pucheros. Allá hay hambre. La mayor parte de las gentes comen una vez y media por día...

-¡Un momento! – interrumpió otro de los de allí presentes -. En España, no. En la península todo el mundo come, y come bien: la vida es baratísima.

Este ser optimista, acababa de llegar de España. Su optimismo tenía la sólida base de una renta mensual de dos mil pesos. Además, creo que era dispéctico.

Escribo estas líneas desde España. Estoy en tierra española. En Cádiz.

Cada piedra, cada alféizar sugieren infinidad de cosas. Pero no he venido aquí a recordar hechos históricos ni a vivir como mi amigo el dispéctico optimista, en hoteles de primera clase, que son algo así como el escenario cosmopolita de las grandes ciudades. Vivo entre el pueblo y con el pueblo, y el pueblo de Cádiz está muy lejos de nadar en la abundancia.

España sufre los efectos de la crisis continental, con una intensidad cruel en el sur de la península.

La creciente desocupación, mermando a un grado máximo el poder adquisitivo de las masas, ofrece desniveles singularísimos, que podrán comprobarse por las cifras de costos, que acompaño a continuación:

Mientras el precio de la vivienda es sorprendentemente barato, por la desvalorización de la propiedad (80 a 90 pesos argentinos el alquiler de una casa de doce habitaciones en el centro de Cádiz), los productos alimenticios rayan en ciertos sectores a costos acoquinantes. Y para que el lector pueda formarse una idea de cuan justificado es el adjetivo, reproduzco en moneda argentina (calculando el valor de la peseta en 50 centavos) los precios que he tomado en el mercado de las tablillas fijas en los puestos de las que acompaño reproducción fotográfica:

Carne de ternera, \$ 3,75 el kilo; ídem de vaquillona, con huesos, \$ 2. La leche de primera, a \$ 0,45 el litro; de segunda, \$ 0,40. Pan de 2ª, \$ 0,40 el kilo... y pare de contar.

LA VIVIENDA

La vivienda es extraordinariamente barata. Un piso de seis habitantes en el centro de Cádiz le renta a su propietario de 45 a 50 pesos mensuales. Si es planta baja e incluye salón de comercio, 75 pesos.

El origen de semejantes rentas radica en la desvalorización de la propiedad. La casa de pensión donde yo vivo, tres pisos, a treinta metros de la calle más central de Cádiz y que consta de doce habitaciones, tres patios, terraza, baño y dos cocinas le ha sido ofrecida en venta al dueño de la pensión en \$ 15.000.

Como nadie edifica hay escasez de viviendas, mas debido a que la masa de población activa está desocupada, las rentas son irrisorias. Y el problema es serio. Sobre una población de 80.000 habitantes, se observan 16.000 desocupados. Repárese en este índice:

Los Astilleros de Echevarrieta han reducido su personal de 200 hombres a 30.

La Constructora Naval de Matagorda (Cádiz) disminuyó su personal de 2.500 hombres a 150.

El comercio se desenvuelve precariamente. Un café o lechería le deja a su dueño, cubierto los gastos, 75 pesos de ganancia mensual. Cada uno de estos negociantes es dueño de tres o cuatro comercios análogos, con lo que va campeando la crisis.

El gremio de los chauffeurs no gana ni para nafta. Algunos no alcanzan a cubrir seis pesetas, o sean \$ 3 en 48 horas de trabajo. Los cocheros, en análoga situación, y eso que cobran \$ 1,50 la hora de viaje en días hábiles y \$ 2,25 en feriados.

Ahora no les parecerá excesivo si les digo que gran parte de la población se acuesta por la noche sin cenar.

La institución y la universalidad del café

El Mundo, 15/04/1935

El café es en España algo así como una institución pública, que cuando menos, merece los honores de una nota.

Se diferencia del café argentino, en que éste es un refugio de individualistas, aislados uno de otros, por el espacio de las mesas. En España, el café tiene algo de sala de conferencia, de club, de salón de lectura, de institución colectiva.

A lo largo de sus muros, adosan sofás con respaldar, y frente a estos sofás, las mesas. Entre el piso y el fondo de los sofás hay un espacio hueco, que apodaría el subsuelo de los perros.

Y lo llamaría el subsuelo de los perros, porque en Cádiz, existe la costumbre, al menos entre los que tienen perro, de llevar el mismo al café. De modo que usted entra, está solo, es desconocido, y se instala en una mesa del centro, en una rígida silla de madera. Y entonces, debajo de los sofás observa que los canes asoman el hocico, espiándole, pero sin moverse del subsuelo. Además no podrían, porque están amarrados por una soguilla de cuero de las sillas de sus amos, que perfectamente acomodados en el sofá, matan la tarde.

¡Qué diferencia con los cafés brasileños de Santos, Rio de Janeiro, donde se sienta e instantáneamente le sirven un pocillo de café, y también instantáneamente, un bigardo con una bolsa cargada de tostones, la sacude sobre la mesa, invitándole a pagar y macharse para dejarle el sitio a otro!

Aquí no.

Usted toma asiento y mira en redor. Los tres mozos que prestan su servicio en el café lo observan y se quedan en su sitio. Usted continúa mirando las caras desconocidas con el mismo interés afectuoso con que los tres mozos lo miran a usted. Al rato se acerca el hombre y pregunta lo que se va a servir:

-Café.

El mozo se marcha y vuelve con una copa vacía, otra copa para el agua, los terrones de azúcar y desaparece.

Pasa un rato. Dos ratos, tres ratos. La gente le mira amablemente a usted y usted corresponde.

Descubre que los ciudadanos que juegan al dominó, cuando se aburren del azar, se entretienen en levantar fichas. Otras veces el café íntegramente se entrega a la lectura. De pronto un grupo abandona las revistas, y se dirige a otro grupo para erigirlo en árbitro, vaya a saber de qué problemas. ¡Y el café sin venir! Por fin se allega el mozo, distinto al primero, con dos cafeteras. Usted elige si quiere café solo o con leche. En los dos casos el brebaje es abominable, pero usted lo bebe y su contenteza aquilatando el mal café le da sabor de ambrosía oriental. No hay apuro en cobrar ni en marcharse. De tarde en tarde, los amos de los podencos, cogen un terrón de azúcar y se lo entregan por debajo de la mesa al hocico de sus perros, a quienes palmean en la cabeza, premiándoles así de la buena conducta que observan en las tinieblas del subsuelo, y la conversación continúa. Otras, alguien tararea un estribillo que puede ser el comienzo de una copla. La parroquia vuelve la cabeza con interés. Hoy, domingo, acabo de ver en el café frente a la Plaza de la República a un soldadito que se aburría en su rincón. Súbitamente se levantó, abrió la tapa del piano y estuvo tocando aires españoles como una hora. Esta gente nace con la música en el cuerpo.

Y “ná”, que así pasan las horas. Horas muelles, cómodas, tibias, diametralmente distintas a las que tenemos la desgracia de soportar en Buenos Aires. En Buenos Aires, entra uno al café con una pena y sale con ella. Podría reventar en una mesa, que nadie se interesaría. Aquí todos buscan el pretexto de entablar conversación.

El café donde el soldadito tocó el piano, es el único de Cádiz que tiene orquesta. Orquesta de piano y violín. Nada más. El piano está en el suelo y el violín mueve el arco a un paso de la cara de los parroquianos. Observo la extraña orquesta sonriendo festivamente, y el pianista y violinista vuelven la cabeza, al terminar la pieza; el del violín se acerca a mí, también sonriendo, y dice:

-¡Hombre! ¡Me parece que le conozco a usted d alguna parte!

-¡Imposible! Acabo de llegar de Buenos Aires. Siéntese.

El hombre ocupa su sitio en el sofá y a mis preguntas me informa de la crisis por la que atraviesan los músicos españoles. Él y su camarada; ganan en conjunto el equivalente a doscientos pesos mensuales de los nuestros, por tocar en el café. Las broadcastings pasan discos.

Los cines ídem. Un movimiento sindical organizado para imponer la orquesta en los cines, con el encarecimiento de 5 centavos la entrada, ha fracasado, aquí en Cádiz. Charlamos de América y de los derechos de los músicos. Luego el hombre se marcha, y yo salgo de este café tan “sui géneris” y por lo tanto tan español, degustando una placidez adentrada en el entendimiento, que hacía muchísimos años no experimentaba. Si los estados psíquicos pudiera transmitirse, diría, que cada uno de los contertulios del café desparrama en torno de si una vibración de sosiego y bonhomía. Y termina diciendo uno:

-¡Diablos!, ¡qué bien se está aquí! ¡Qué bien!

A Madrid, a pedir trabajo

El Mundo, 16/04/1935

-¿Ha visto usted la Plaza de Topete y de flores? ¿La Puerta de Tierra y la magnífica vista que desde allá se contempla? ¿La calle de San Rafael? ¿La Alameda? ¡Vamos! ¡Cádiz es la bendición de Dios! Para ciudad bonita, ésta.

-Mi estimado amigo – le respondo a mi interlocutor, parroquiano del mismo café donde suelo refugiarme todas las tardes -: Todo lo que usted me dice se encuentra en el tomo 10, página 320 de la Enciclopedia Espasa. Mis lectores, en la Argentina, esperan otra cosa. Están hartos de tarjetas postales bonitamente iluminadas. Hábleme usted de lo que hay de humano en este lugar, de lo triste y de lo alegre; del sufrir de las gentes. Allá en la Argentina, que es un pedazo de España, quieren saber de estas cosas.

El hombre queda unos minutos sin hablar. Su semblante pierde esa expresión de optimismo de cuando describía las bellezas edilicias de Cádiz. Luego, dice:

-¿Quiere usted asombrarse? Vamos a visitar los barrios pobres; luego le mostraré el mitin de los sin trabajo.

La arquitectura de los barrios pobres de Cádiz no se diferencia en ningún matiz constructivo de los poblados por la pequeña burguesía; elemento de empleados, comerciantes, burócratas y artesanos.

Las masas de edificios son idénticas y pesadas. A lo sumo calles de tres o cuatro pasos de ancho, en vez de dos. Más que calles, corredores bañados por una luz vertical de estudio fotográfico.

Dichos barrios, el de Santa María, por ejemplo, se encuentran a trescientos metros de la arteria principal de Cádiz que es la calle San Francisco, hoy General Riego. De manera que no es necesario caminar mucho para encontrarse en el doloroso corazón de ellos.

¿Y por qué se llama barrios pobres, si en nada se diferencian de aquellos poblados por gente que aun gana un jornal o abastece a sus necesidades con un empleo?

Hay un motivo:

1° La falta de agua en el interior de las casas. 2° La congestión de la población.

PROBLEMAS

El agua de Cádiz involucra problemas de carácter económico.

Para tener agua corriente en la vivienda, es necesario pagar un derecho de 25 pesetas, lo cual equivale a 12,50 \$ argentinos, al cambio actual. Además el propietario o encargado de la casa, tiene que abonar 66 centavos (siempre moneda argentina) de alquiler mensual por el contador. El precio del agua es de veinte centavos el metro cúbico, o sean 80 céntimos de moneda española.

En estas casas de tres o cuatro pisos, con veinte y treinta habitaciones cada una, ocupadas por multitudes humanas de desocupados, que muchas veces no pagan el alquiler, y a quien no es posible desalojar, la fuente de la plaza pública, sustituye a la canilla del agua corriente. En estas fuentes, lleva la gente de los mercados, a beber sus borricos cargados de órganos y campanillas, las mujeres con un cubo, se proveen del líquido necesario para el consumo diario y son como un lugar de reunión en torno del cual juegan los chiquillos.

A los costados de estas plazoletas, pavimentadas son piedra de río, los desocupados (hay 16.000 en Cádiz sobre una población de 80.000 habitantes) se apeñascan con tupidos grupos que se bañan al sol a falta de otro alimento más vitaminoso. En el barrio de Santa María hay dos mesones o posadas. Los he visitado por la noche.

En estos mesones, uno frente al Parque de Bomberos, y otro en la calle llamada de La Posada, (a quinientos metros del centro de la población) encuentran alojamientos las bestias y los pobres.

Los arrieros y gente que viene de afuera deja en dichos mesones sus borricos y sus carros y se van a comer y dormir a una fonda. En “La Posada” se cobra para dormir, 12 centavos por noche. Los cuartos son estrechos. Las camas, una bolsa rellena de heno, en el suelo.

En la otra casa de dormir, llamada El Mesón, cuesta 7 centavos pasar la noche. Pidiendo permiso he entrado a una habitación, que mediría tres metros por tres, y cuyo ocupante pagaba veinte centavos para pasar la noche con su familia.

En esta habitación había tres criaturas de cuatro, cinco y seis años. Estaban amontonados unos sobre otros, en el regazo de un bulto de trapos. Iluminaba el centro del cuarto un fueguito encendido, con un caldero de agua caliente. Junto al fuego, un mecánico calificado (tornero), padre de las criaturas, su mujer amamantando una de ellas, y una niña de nueve años, arrebujada en un sobretodo de hombre y calentándose las manos a las llamas de las astillas que ardían.

Dormir en los carros cuesta 2 centavos a la noche. Bajo los carros, un centavo.

El mecánico venía de Valencia en busca de trabajo. Un hombre joven, serio, pensativo. Lo que he descrito no constituye una excepción. Es la normalidad, aquí en Cádiz, una ciudad que carece de industrias y campos. Posiblemente el resto de España varíe, aunque toda la zona andaluza está flagelada por la crisis, que es una consecuencia de la crisis continental.

¡A MADRID, A PEDIR TRABAJO!

Vemos el mitin de los desocupados. Todo Cádiz se había volcado en la calle para despedir a una delegación de 400 vecinos, presidida por el propio alcalde, que se dirigía a Madrid, a pedir trabajo para Cádiz. La caravana de la esperanza partió en 6 grandes autobuses, en medio de una clamorosa manifestación.

Yo miré interrogativamente a mi amigo.

-¡Vaya usted a saber! Acaso el gobierno haga algo; acaso quedemos como antes...

De Cádiz a Barbate

El Mundo, 17/04/1935

Un amigo, cuando supo en Buenos Aires de mi próximo embarque para España me aconsejó me trajese una bicicleta para recorrer el país. Lo tomé a broma, y ahora, a mi vez, después de haber recorrido varios pueblos por “carretera principal” me permito aconsejarle al que tenga curiosidad de conocer España, que se compre una moto, una bicicleta, un monopatín o un triciclo, tan lisos, parejos y excelente son estos caminos asfaltados.

De Cádiz a Barbate hay sesenta kilómetros de distancia. Por una fantástica disposición de la Compañía de Transportes, el viaje dura ¡tres horas!

Sin embargo, transcurren como un relámpago, de breves. Viajar en España por obligación, se convierte en placer.

Los caminos, no importa su longitud, están bloqueados de cuatro metros por pinos y eucalipto. El pino español, productor de la piña, es desemejante al nuestro. No alcanza su gigantesca altura, es retorcido, de cúpula prieta y erizada como el lomo de un puerco espín.

El camino de Cádiz a Barbate, cruza en sus primeros kilómetros campos de sal, rayados por esos de agua. Son las salinas de San Fernando. Debido a la crisis, se corre a lo largo, durante diez kilómetros, ¡de ochenta y cinco millones de pesetas, cristalizados en pirámides de sal!, paralelogramos que os recuerdan las primitivas construcciones babilónicas; templos de monobloque, de rebrillante blancura al sol de la tarde. La tierra en redor, produce yerba rabiosamente verde, luego comienza la campiña y el camino serpentea entre bosquecillos de pinos, montes semejantísimos a los de los cromos donde aparece un cazador con escopeta a la espalda y un podenco con una perdiz suspendida de los dientes. Poyos de piedra en los terraplenes, limitan la carretera, y de pronto San Fernando. El autobús rebota en las piedras de la calle municipal. Casas encaladas, y verjas de hierro forjado que lo enloquecerían a cualquier criollo apasionado de la arquitectura colonial.

Gente numerosa toma el sol en las calles pavimentadas con piedra de río. El autobús se detiene, el conductor se marcha a entregar la bolsa de correspondencia, y algunos pasajeros bajan para ir a comprar pitillos al estanco. Aunque está prohibido fumar, en el coche, todos fuman.

Mujeres que toman café en las veredas de San Francisco. Carabineros con el fusil a la espalda, guardiaciviles de uniforme aceitunado, correa amarilla, vueltas de las bocamangas rojas, bicornio negro. Se echan unas bocanadas de humo al aire, un asno rebuzna su melancolía establera; cacarean algunos gallos; un mendigo, hijo y nieto de mendigos, pasa con la guitarra tañendo un fandanguillo; un niño pide una perra y adelante.

Ventas por el camino. Las ventas son pintorescas. ¡Tan diferentes de nuestros almacenes de campo!

Un techadillo de tejas que cubre un patio; traficantes y arrieros que beben un Valdepeñas que deja el paladar aterciopelado... y el vaso vale una perra gorda; recuas de mulas amarradas a la anilla de la pared, mozos de cortijo aderezando su carga de coles y berzas; primeras ondulaciones de las colinas tras las hierbas de pinos; arroyos delgados con puentes antiguos de piedra que ligan una orilla a otra con el arco romano; campesinos andaluces, montados cerca del rabo del asno, con sombrero de copa alta y anchas alas rígidas y planas. Nubes de golondrinas cruzan lo quieto cielo.

Y un nuevo pueblo: Chiclana. El automóvil se detiene en un repecho, donde cinco calles se entrecruzan torcidas y caprichosas como los juegos de un laberinto. Treinta metros debajo de la plaza cuya pista es más lisa que un salón de baile, corre setenta varas a lo largo del río.

Primeras estribaciones de sierra. Altozanos sombreados de rectángulos verde lechuga, casas chatas de piedra encalada de tanto en tanto. Los montes crecen de altura, pero podrían

crecer hasta el cielo, si tal se les antojara, que en ellos sembrarían estos campesinos andaluces. Antaño, la vega y el monte eran señorío de los moriscos y árabes. Cuando se viaja por estas tierras de labranzas tan gordas y cuidadas, se piensa que no sólo la religión debe haber empujado a los visigodos a la conquista de estas regiones, sino también la codicia de ella.

Cada vez son más altos los montes; caen sobre los ojos sus masas violetas y verdes, onduladas llanuras donde la hoz ha dejado rectángulos oscuros en medio de tiernas alfombras lilas; caminos roqueros, curvas del asfalto de la carretera... Aparece una venta con recuas de borricos y hacemos alto. Un farmacéutico me invita a beber un vaso de vino (que resultan cuatro), y no me permite echar mano al bolsillo para pagar, so pena de tener un incidente con él. En la venta, el guardiacivil juega a la baraja con un cortijero. Estas son las tierras de José María el Tempranillo y del bandido Diego Corrientes. Mareado salgo a refrescarme al camino, y en la cresta de los montes... Señores, quítense el sombrero, en las crestas, unas colmenas de piedra con cuatro brazos que tienen en sus cuatro puntas cuatro triángulos de lona.

Son los molinos de viento moriscos de Vejer de la Frontera. Trabajan allí hace varios siglos.

La cuesta para ir a Vejer, situado a un costado de Barbate, es tan retrepada que los pasajeros que no van a Vejer permanecen en la ventana, hasta que el autobús regrese. Me arrepiento de haber sacado pasaje hasta Barbate, luego me digo que a la vuelta haré un alto en el Vejer morisco. El farmacéutico andaluz me mete en la venta y otros dos vasos de vino, pequeñitos, de un vino color bronce. El balanceo del autobús me da un suave sopor. Cuando despierto, me encuentro en Barbate.

En busca de un patron de barco

El Mundo 18/04/1935

Llego de noche a Barbate, pueblo de pescadores, a la orilla del Atlántico, sesenta kilómetros al sur de Cádiz.

Tufos de sardina golpean repentinamente el olfato con relentes de salitre podrido. Guiado por un chiquillo, me dirijo a la única fonda del villorrio, cruzando callejuelas borrachas, entre mujeres que cocinan la cena en calderos puestos al frente de sus casas, en lo que con un poco de magnífica voluntad se podría denominar vía pública. Pasan mocitas cargadas de botijos de agua; muchachos pescadores golpean las manos en redor de otros que ensayan pasos de baile flamenco; perros y gatos, olor a sardinas. El niño que me guía se detiene frente a un zaguán, medio metro más abajo del nivel de la vereda. Cruzo el zaguán y me encuentro en un comedor azul de ocho pasos por ocho. A él se abren, simétricamente, las puertas del corralillo, de la cocina y del retrete. Junto a la puerta de la cocina, empotrada en un sillín de esterilla, una vieja gorda como un tonel y asmática como una perra: doña Frasquita.

Liado a la cabeza un pañuelo negro; toda su atención se dirige a una fuente de patatas. Sin dejar de mondar, y como si le hiciera un flaco servicio al ir a hospedarme a su purgatorio,

me dice que allí no tiene habitaciones, pero si en otra casa destinada a los pensionistas, donde habremos de dormir tres en dos cuartos. Le respondo “que sí; paciencia”. El niño toma la máquina de escribir y me guía por unas callejuelas rotas, fangosas. Nos detenemos ante una puerta de tablas. El niño saca de los bolsillos un llavón semejante a una cachiporra hotentote. Forcejea en la cerradura y ¡por fin!, con endiablado estrépito, las dos puertas ceden y se abren. Enciende la luz. Dos habitaciones sin puertas ni retrete, separadas entre si por un trozo de red de pescar en funciones de cortina. Un ventanuco con postigos de tablas. Abro los postigos. El alojamiento parece una alcazaba, pues sus muros de piedra miden como ochenta centímetros de espesor. Regreso a la fonda, a contemplar a doña Frasquita, gloria de posaderas infernales. Entra un mozo de gafas, le pregunto si conoce a algún pescador; me contesta que en este pueblo lo son todos. Le explico que deseo embarcarme para describir los trabajos de la pesca, y el hombre me dice: “Vamos al Casino”.

En el Casino

El Casino de Barbate es un edificio de dos pisos.

Sillones de mimbre, un piano, biblioteca con la colección de las novelas de Galdós y el Diccionario Enciclopédico. Mi acompañante, es protomédico (más adelante explicaré esta profesión de médico auxiliar), me invita a beber.

Con la experiencia que tengo del farmacéutico andaluz, le digo que en su compañía no beberé ni agua, hasta que no deje arreglado el asunto pesquero. El médico sale, va, viene, y me dice: “Vamos a la taberna”

En Barbate, de cuatro puertas, una casi corresponde a la de una taberna; pero ésta es taberna complicada de café. En la taberna no se encuentra ningún patrón de barca. El dueño, un mociño con dos rosas en las mejillas, apoyado en el mostradorcito de madera, nos pregunta qué es lo que queremos; yo explico nuevamente mis pretensiones, rodeado de un círculo de hombres de gorra, descalzos unos y calzados otros, barbudos y atentos. Por fin se enteran de que lo que quiero es escribir sobre la vida de los pescadores y tomar fotografías; y el mociño mira en redor, se rasca la cabeza, y me dice:

-Vaya uzté tranquilo, zeñó. A las tres y media de la mañana lo irán a buzcá.

Volvemos al casino. Cerveza. Después de cerveza, mazanilla... y al final, lo eterno. Cuando uno echa la mano al bolsillo para pagar; el camarero se echa atrás; los que le acompañan levantan los brazos al cielo y “que aquí pago yo y uzté, zeñó, no me haze eza ofenza a mí”, etcétera, etc.

Cenamos en la fonda y volvemos al casino. Me presentan a Pepe Gallardo, torero nativo de Vejer de la Frontera. Es un muchacho de veinticinco años de edad, hijo de acaudalados campesinos. Le quieren aquí con locura. Todos me dicen que como arte, su toreo es pobre, pero que como valiente, hace poner de pie a los espectadores más flemáticos. Pepe forma parte de la rueda, y como observo una animación sospechosa en el casino, pues unos se levantan y se marchan y otros vuelven, pregunto qué pasa, y me informan.

El presidente del casino ha renunciado a “consecuencia de unos disgustillos”.

Los disgustillos del presidente consisten en el que le han obligado a renunciar porque durante los días de carnaval, hizo apagar durante el baile infantil, la corriente eléctrica a la siete de la tarde.

El acto es importante. Luego las personas del círculo que se ha formado, me preguntan de la Argentina, estado económico, letrado luminosos, si es cierto que hay una calle (Rivadavia) que tiene treinta kilómetros de largo. Varios vecinos de Vejer y Barbate tienen parientes en la Argentina, unos en la ciudad de La Plata, otros en Córdoba, Mendoza, Lanús. Nuevas vueltas de anís y vino y manzanilla. Yo me niego a beber: tengo que levantarme a las tres de la mañana para ir a ver una pesca. Por fin me consienten que beba café. Lo que no consienten, es que pague. Y no hay caso de pagar. Finalmente, cuando digo que si no me permiten pagar, me tendré que levantar de la rueda y sentarme solo para beber lo que se antoje; me dejan echar manos al bolsillo.

A los doce de la noche, acompañado por el protomédico, que me guía por este laberinto de callejuelas, me voy a dormir, preocupado de si algún encargado de embarcación pesquera consentirá en llevarme a la mar.

Pesca de la sardina

El Mundo, 19/04/1935

A las tres y media de la mañana, alguien, descargando violentos porrazos en la puerta, me despierta contra mi voluntad. El de afuera, grita:

-¡Eh!, para la trainera, ¡eh!

Tengo un sueño tan pesado que vuelvo a dormirme; pero un compañero de hospedaje, cierto andaluz viejo y gordo, comienza:

-Zeño; que le esperan en la taberna. Dezierte... ¡eh!, dezierte...

No me queda otro remedio que levantarme. Me visto a las patadas; meto la cabeza en la palangana de agua, y salgo. La noche es profunda, la callejuela blanca con grandes sombras. Millones de estrellas en el cielo. En el fondo de la callejuela, la pequeña puerta de la taberna recuadra un fondo anaranjado, telón de figuras humanas. Restregándome los ojos con puños, entro. Una multitud de hombres, algunos descalzos, otros de alpargatas, con el saco echado a las espaldas, bebe café en las mesas. Me acerco al mostrador. El mociño de las rosas en las mejillas me presenta a un hombre barbudo, de gorra, que es el encargado de la barca de pesca, a la que se llama trainera.

Le invito a que bebamos algo, y toma un coñac. Le acompaño. El hombre, aunque es de pocas palabras, me advierte que la trainera se mueve mucho en el océano, y que puedo marearme. Le contesto que he cruzado todo el Atlántico sin marearme, de manera que se tranquilice a ese respeto. (Fui optimista).

Bebemos otro café y salimos hacia la ría, bordeada de galpones y fábricas de conserva y envase de pescado, atún y sardina. El olor es violento, revuelve el estómago. Una fila de trabajadores marcha a lo largo de un murallón, no sé si de piedra o de tierra. A momentos, el pescador que camina tras de mí y cuyo rostro no distingo en la oscuridad, me toma de un brazo advirtiéndome que tenga cuidado, y por fin llegamos a la embarcación.

Me dice que me siente sobre una bolsa de afrechillo. La trainera conduce ocho remeros, pero hasta llegar al paraje donde se pesca, se utiliza la fuerza propulsora de un motor a explosión. Poner en marcha al motor, lleva media hora. En todas las barcas, se encienden

fósforos y se escuchan voces; algunas bogan para la mar. Finalmente el motor arranca, y nos deslizamos por una sábana de agua negra. El cielo palidece ligeramente.

El hedor de sardina es tan violento que no termino de descubrir cómo el viento no se lo lleva. Al fin reparo en la red. Es el “arte” que desparrama esta pestilencia.

Sopla un viento que corta. Tengo las manos agarrotadas; los pies como dos bloques de nieve. Inútilmente hundo el sombrero hasta las orejas y me levanto el cuello de la camisa, el del saco y el del sobretodo, parapetándome tras la masa del motor.

El cielo palidece. La trainera corre a lo largo de un cordón de sierras negras; el agua del océano parece un espeso líquido verduzco. El mecánico de la embarcación me señala puntos luminosos en la costa. “Ese es el cabo Tarifa. Aquélla, la farola de Trafalgar, donde se libró la famosa batalla”. Hay luz en la tierra y estrellas en el cielo. La trainera corre velozmente aguas adentro. Yo me felicito de no marearme. Los hombres destapan toneles de cebo, hueva de bacalao, y cogen la bolsa de afrechillo, mientras me explican:

-Para pescar la sardina, es menester arrojarle un cebo. El cebo se confecciona con hueva de pescado, residuos, afrechillo. Detenida la barca en un punto, se arroja al agua esta tentación que atrae los bancos de sardinas.

La línea del horizonte toma un tinte anaranjado. El cordón de montañas es violeta y negro. Al pie, una aldea iluminada, Zahara de los Antúnes.

Estoy sumamente fatigado, por efectos del frío y el movimiento de la trainera, que salta sobre las aguas infatigablemente. Cierro los ojos. A veces se oye un estampido paralelo al motor; es otra embarcación que corre pareja con la nuestra. Arrimo las manos al motor, una bocanada de olor a petróleo y a sardina, me hace retroceder. Súbitamente una raya de fuego asoma en el horizonte; el viento parece que escapara de una nevera; un sudor helado me cubre la frente, mientras que el estómago parece abultarse junto a la garganta y comprendo que estoy descompuesto del mal de mar y de estos hedores que materialmente le enferman al hombre no acostumbrado a peripecias pescaderiles.

Me asomo a la borda. Estoy terriblemente mareado. Un pescador arroja a las aguas un trompo de corcho. El maquinista detiene el motor, los ocho remeros accionan las palas, y la trainera comienza a girar lentamente en torno del trompo, mientras que el patrón de la barca toma puñados de afrechillo y con ellos espolvorea las aguas del océano.

Mar afuera en una trainera

El Mundo, 20/04/1935

Mientras la trainera gira lentamente en torno de la boya de corcho que es con respecto a la embarcación como un eje de compás, los hombres desparraman en las aguas puñados de hueva de bacalao y afrechillo, cebo que atrae a la sardina. Al mismo tiempo observan las aguas. De pronto alguien grita:

¡Borbolla!, ¡ya borbolla! ¡Atento el arte!

A pesar del mareo, me asomo a la borda. El agua a cincuenta centímetros de profundidad se ha poblado de un hervor plateado. Burbujas de aire, como esferas de mercurio, suben hasta la superficie. Nuevamente, los hombres gritan: ¡Atento el arte!

Y yo me pregunto qué tendrá que ver el arte con la pesca, cuando el maquinista me explica que el “arte”, es el conjunto que forma la red con sus cables.

-Ya borbolla más, ¡mardita sea la mare del mundo! El arte... afloja...

Los hombres se han precipitado sobre la red, mientras que el maquinista pone en marcha el motor, y la trainera comienza a describir rápidamente círculos.

Los pescadores toman la red, que forma un bulto achocolatado, y arrojan una punta al mar, y la red se hunde en el agua, bajo el peso de los plomos; pero las ruedas de corcho que la circunvalan, quedan flotando en una línea, que con la rotación de la trainera en torno de la boya, forma una elipse que se va transformando en círculo.

Para la máquina

Los hombres de los remos comienzan a bogar dentro del círculo que han formado los corchos de la red. Miran afanosamente el agua; bajo la superficie verdosa se deslizan rápidas chispas de plata. Los remeros reman lentamente; el capataz arroja simiente y cebo a las aguas, y, de pronto, cierta fatiga desconocida me arroja sobre un encerado y caigo allí, sintiendo que la vida se me escapa por la boca.

Tengo los pies helados, las manos agarrotadas, el cuerpo totalmente insensible.

Un pescador me levanta la cabeza y me pone un saco bajo ella, y no duermo ni estoy despierto. Es el mal que no conocí en los transatlánticos ni en los aviones. La trainera salta sobre las olas, el viento sopla helado. Podrían arrojarme un cubo de agua que no lo percibiría, tan muerto tengo el cuerpo.

-Fuerza, fuerza... nuestro pan... Es el pan nuestro.

Me levanto. Tambaleándome tomo fotografías.

Dos hombres tiran de un costado de la barca los cables que cierran la red bajo el agua y aprisiona en el interior de ella, las sardinas que han entrado a picar el cebo. Más arcadas y más fotografías. (Una vez reveladas, eran malas. ¡El mareo tiene la culpa!). Los dos hombres que tiran del cable parece que en cada brazada realizan un postrer esfuerzo. La red, en el otro extremo de la barca, salpicando escamas de sal, se amontona en el piso de la barca, de pronto un grito:

-¡Mardita sea la mare del mundo! Tirar el arte... No hay ná...

Otra vez en marcha el motor. Los hombres que tiraban del cable, se dejan caer como muertos sobre las tablas de la trainera. Yo también me recuesto en la única vara cuadrada de madera, encogido, con los dientes apretados. A momentos me cae agua en el rostro, salpicaduras de las olas. Nada importa en estos momentos.

Nuevamente los pescadores gritan como endemoniados. Estos gritos son terribles. Persistentes. Casi llevan un ritmo:

-Pan. Pan nuestro. ¡Mardita sea la mare del mundo! Fuerza... fuerza... ¡Ay, ay!

Estos ayes resuenan sordos; me parece que percibo el crujir de los músculos.

-Atento el arte que borbolla... borbolla... sí, borbolla... ¡Ay!

Me arrastro hasta la borda y arrojo bocanadas de espuma. La estela que desplaza la trainera me baña de agua salada.

El océano está poblado de barcas que describen círculos en torno de las boyas de corchos. Las gaviotas graznan en las alturas quejidos humanos. Otra vez la bulla infernal de los pescadores.

-Las gaviotas han visto algo. Atentos al arte. Afloja, afloja...

La “última vez que abro los ojos, es para ver los hombres descalzos, en torno de la red que tienen un fondo de plata saltarín. Son las sardinas plateadas. Las toman en cubos y las arrojan al fondo de la trainera.

Hago un último esfuerzo; tomo fotografías, luego me tiro en el empaletado de la proa, al sol, y duermo despierto, escuchando las voces de los hombres, el graznar de las gaviotas; pero sin fuerzas ni para abrir los ojos. A las diez de la mañana, el capataz de la embarcación se inclina sobre mí, y dice:

-Cuando pase una trainera para tierra, le haré llevar.

Vuelvo a caer en la modorra, que es un total aniquilamiento. A las once de la mañana, dos marineros me toman en brazos y como a un fardo me transportan a otra barca, detenida junto a la nuestra. El motor se pone en marcha y nos alejamos. A las doce llegamos a la orilla. Doscientos hombres, uncidos a un cable de alambre, tiran a la barca, que sobre un rodillo es retrepada a un arenal. A las doce y media del día martes, me acuesto en mi cama, y despierto el miércoles a las nueve. Por la noche, cuando voy al casino, todo el mundo está enterado de lo sucedido, y les parece lo más natural. El zapatero del casino, a consecuencia de una salida como la mía, estuvo días enfermo en cama. Un señor a mi lado, junto al piano, me dice:

-Yo tengo que salir en una barca a la mar, pero como hace tiempo que no navego no he terminado de decidirme aún, el que no está acostumbrado al tufillo, se enferma. ¡Y Dios, si se enferma!...

Vida de los pescadores de Barbate

El Mundo, 21/04/1935

El equipo de pescadores que tripula una trainera, no tiene horario de trabajo, pero, prácticamente, su jornada dura un mínimo de ocho horas, que a veces se prolonga hasta catorce. Se suele pagar a cada individuo siete pesetas diarias. En muchas barcas, la pesca, descontados los gastos de explotación, se reparte ente el dueño de la trainera en la proporción de dos partes para los pescadores y una para el amo. En estas condiciones, si la jornada ha sido próspera y los hombres han tropezado con abundantes bancos de sardinas, se reparten dos duros cada uno y a veces tres, los cuales equivalen a siete pesos con cincuenta centavos, en moneda argentina.

El trabajo de mar, es pesado e intenso. La red, setenta metros de ancho, por doscientos de largo, con una extensión total de mil cuatrocientos metros cuadrados, cargada de lingotes de plomo para sumergirla, y de rodajas de corcho para que no caiga al fondo, pesa ochocientos kilogramos, vacía, y mil ochocientos cuando se cierra sobre un banco de sardinas. Se maneja a mano. Hay redes mayores, las empleadas para coger el atún, y que miden cuatrocientos metros de longitud, pero este género de “arte” me es desconocido, pues la temporada de almadraba sólo comienza a mediados de abril.

La comida de los pescadores es frugal. Llevan su alimento en un cestín: pan, aceitunas, sardinas fritas, pasas de uva, un pellizco de manteca de cerdo, y vino. Visten pobrísimamente y no todos calzan botines. Son raros los patrones de barca que gastan botas de caucho. La mayor parte andan descalzos a bordo. La costumbre les reviste la planta del pie de una callosidad semejante a una suela de cuero rosado.

Debido a que en Barbate no hay puerto, salvo un murallón, al amanecer, las traineras que se encuentran semiflotantes en la playa de arena donde avanzó la marea, son empujadas agua adentro por los mismos pescadores. A veces la mar les cubre el pecho o la cintura. Y así mojados, salen a pescar.

El Tercio

La operación de embarcar las traineras en la cuesta de arena, a fin de substraerlas a la fuerza total de la marea, que podría lanzarlas al centro de la ría, se lleva a cabo mediante la intervención de un equipo de singulares mozos de cordel, dominado Tercio.

Los pescadores ignoran el origen del extraño nombre, que nos recuerda las partidas de la Legión Extranjera, o los cuerpos de la infantería en la antigua milicia.

En el Tercio no se le hacen, a quien se presenta, preguntas indiscretas. El alemán se codea con el vasco y el valenciano con el croata.

Estos descamisados se domicilian en el Zapá, en las afueras de Barbate, junto a las colinas de sembradíos, entre chumbos y pinos, en un barrio constituido por heterogéneas construcciones de paja, latas, redes y tablas.

Integran el Tercio doscientos ex hombres, cuyo pecho lo cruzan un correa de lona, alambre o esparto. El Terminal de semejante albarda. Se unce al cable de acero amarrado a la barca.

Para colocar la embarcación sobre la playa se deslizan bajo su quilla rodillos de madera dura; un capataz (“retrátele uste bien para que le ahorquen”, me grita un hombre del Tercio) con un silbato dirige la maniobra. Cuando el oleaje impulsa hacia la costa la popa de la trainera, suena el silbato, los pies en la arena, su cuerpo se dobla, crujen las coyunturas y la masa de quince toneladas avanza algunos pasos cuesta arriba.

El Tercio cobra colectivamente veinte pesetas por cada barca arrimada en la rampa del arenal. Dicha suma se reparte por partes iguales entre los doscientos hombres. Un día próspero, cuarenta y cinco traineras arrastradas a la playa, se traducen en un jornal individual de dos pesos argentinos.

Hace tiempo, se pensó en sustituir a los hombres del Terico por tractores, después por yuntas de bueyes, más tarde por un cabrestante que arrollara el cable en un tambor, pero estas proyectadas innovaciones tropezaron con la resistencia del pueblo, que con excelente buen sentido, opinó, era menos peligroso tener ganando a los hombres del Tercio, esa misma suma, que holgando por el pueblo con peligro de las precarias haciendas.

Mediaron los pescadores y hubo que abandonar toda tentativa de reforma.

Y los pescadores no son personas con las que se puede jugar. A pesar de su buena índole, llegado el momento, se le suben a las barbas, al mismo diablo. No hace mucho tiempo, una barca que pescaba clandestinamente con un aparejo que destruye los criaderos de sardinas, hizo su aparición frente a Barbate. Los pescadores le advirtieron que se marchara;

los de la barca no hicieron caso. Un buen día, la embarcación fue rodeada por un grupo de traineras, los tripulantes subieron al abordaje, aprisionaron a los hombres y luego le prendieron fuego a la barca. Los promotores del incendio fueron detenidos pocas horas después y conducidos presos a Vejer de la Frontera. Cuando el pueblo de Barbate se entró de la detención de los cabecillas de la algarada, se puso colectivamente en marcha para Vejer, y las autoridades de este pueblo, para evitar mayores complicaciones, puso a los presos en libertad.

Vida social en Barbate

El Mundo, 22/04/1935

Casino. Algunos desocupados juegan al billar. A través de la ventana el gato que duerme sobre el brocal del aljibe. Nubes. Mástiles que pasan por la ría.

El Casino cuenta con dos pisos: un salón, donde los aficionados al taco ensayan toda la clase de carambolas, varias sillas y dos sofás de cuero destripados.

El Casino es algo así como el eje de la vida de Barbate. Allí se va a dormir la siesta, a leer los periódicos y a ultimar negocios. En algunas mesillas se tienta la suerte a las damas o al dominó. Como se verá, los pasatiempos no podrían ser menos inocentes.

LA GLORIA DE BARBATE

Además del señor Alcalde, concurre allí muy asiduamente, Pepe Gallardo, la gloria de Barbate.

Pepe Gallardo, un torero joven, que ya ha toreado en Madrid, Barcelona y América, es hijo de unos ricos hacendados de los alrededores, y su educación contradice la idea que habitualmente se forma uno del torero. Varios entendidos con los que he conversado, me han asegurado que si bien el arte de Pepe Gallardo en las lidias es escaso, su coraje en cambio, espeluzna a los más flemáticos espectadores.

A continuación vienen dos primos de Pepe Gallardo, y ambos sacerdotes. El mayor de ellos es aficionado a la caza, y tiene una magnífica trailla de pachones. No usa capelo, sino gorrín y bufanda. Siempre que me le encuentro le hallo conversando de perdigones, perros, escopetas y volatería. Tiene una puntería espantosa, y su recia figura y perfil atrevido, hacen más fácil representárselo con una espada en la mano, que con el breviario, que jamás le he visto hojear.

El cura de menor edad, es decir su otro primo, es una magnífica persona. Hace limosnas en abundancia. Siempre que entro al Casino está frente a un chato de manzanilla. Le digo que en nuestro país los curas viven más retraídos, y entonces mi angélico amigo me responde: "Hay que salir a buscar almas a la calle".

Presbítero Gilabert Gallardo, es monárquico, burlón y tiene veintisiete años. Cuenta en el Casino, a quien quiere escucharle:

-Nada... que la Iglesia se ha arrimado demasiado al Capital. Esto se lo he dicho al mismo señor obispo.

El alcalde, a pesar de ser republicano izquierdista, le estima mucho.

Siguen después, el teniente de guardiaciviles. El señor teniente, tiene dos hijas de las cuales una es la mar de bonita. Tan bonita que cuando supe que era hija suya me apersoné al teniente exclusivamente para felicitarlo, por la joya de la cual era padre. Indudablemente el señor teniente le comunicó esta nueva a su primogénita, porque por la noche tuve el honor de que la niña me sonriera desde su butaca, en el circo, donde presencié una especie de lidio, vale decir, como un matarife lidiaba a una vaca chúcara...

Volviendo al casino, diré que humanamente es el único paraje donde uno puede refugiarse en Barbate. Si se desea leer, se le pide al conserje un volumen de Pérez Galdós o Blanco Ibáñez, si no, se le pide un papelillo al cristiano más próximo, un pellizco de tabaco al que esté en frente, y se lía un cigarrillo, porque los del Consorcio Tabaquero, están armados dentro de un papel que parece de diario y diezmaría las cuerdas vocales de un burro.

Brulote al gobierno

Me he sentado a la mesa del cura Gallardo, y se entabla el siguiente diálogo:

Cura. - ¿Escribirá usted sobre Barbate?

Cronista. - No me atrevo. Posiblemente no me creerían. Y, además, como soy extranjero...

Cura. - Nada; no importa. Usted debe escribir; decir la verdad; poner los puntos sobre las íes. A ver... He leído un artículo en "La Información", de Cádiz... ¡Niño! (Acude el botones) - Ve a casa y di que te den los últimos números de "La Información".

Cinco minutos más tarde, llega el botones. El cura hojea el periódico y luego me alcanza un ejemplar, con un artículo que firma un señor José León de Carranza. Recorto el trozo que se refiere a este pueblo para que sea textualmente reproducido por EL MUNDO. Dice:

"BARBATE. Mejor no hablar. El que quiera ver un aduar típicamente africano dentro de España, no tiene más que visitar esta aldea, y después analizar la riqueza que en ella se mueve por cifras de millones de pesetas. Su medio centenar de 'trañás', su flota de motoveleros, sus fábricas de conservas, su industria almadrabera; y sin embargo, parece como si no hubiera para este pueblo ni autoridades sanitarias ni policía urbana. Eso sí, a la hora del cobro de arbitrios del Estado, provinciales o municipales. Barbate está bien en el mapa".

Todo que el señor de Carranza dice en su artículo, es la pura verdad, y aún queda algo, pero que no es de mi incumbencia.

La sensación de comodidad que descubrí en Cádiz, persiste para el argentino, aun cuando sumerja en el más insignificante villorrio del sur español. El origen de semejante comodidad hay que buscarlo en la raíz de este pueblo amable y desinteresadamente servicial a toda hora. Una alegría indomable preside la vida de la gente, aun de la más necesitada. Por la noche, cualquiera que sea el camino que se tome, se tropieza con ruedas de pescadores jóvenes, que en el centro de una calleja baten las palmas de las manos siguiendo un ritmo particular, mientras que rodeado por ellos, otro traza con las piernas trenzadas, las caderas contorsionadas, los brazos en alto, las figuras de un baile flamenco.

Y el andaluz es consciente de su alegría. Habla de ella con satisfacción, como quien os descubre su más preciosa virtud. ¡Y vaya si lo es la tal condición de estar alegres, donde otros posiblemente vivirían tristes!

Molinos de viento de Vejer

El Mundo, 23/04/1935

Así como Barbate es un pueblo de pesca, Vejer, a diez kilómetros hacia el norte, se ocupa exclusivamente de labores agrícolas.

Las costumbres, a pesar de la distancia tan nimia, que separa a los dos pueblos, son distintas.

En Vejer, las mujeres salen a la calle, envueltas en mantos que les cubren casi totalmente el rostro; rastro de las costumbres que dejó la dominación mora.

En Barbate, las muchachas pasean al caer de la noche, por el trozo de carretera más limpio, mezcladas con los varones. En Vejer, la gente vive más encerrada y solitaria y también es menos expansiva.

Quizá debe atribuirse este carácter, no sólo a los labores tan distintas que explotan dichas poblaciones, sino también a las pesadumbres que sobre los terratenientes y campesinos andaluces, pesan hoy con tanta intensidad, pues ninguno de ambos, sabe cómo se resolverá en el porvenir los candentes problemas que hoy les preocupan, y que constituyen el exclusivo tema de su conversación; tema que posiblemente al argentino de la ciudad le parezca un poco incomprensible, pero que aquí es el “leitmotiv” de las conversaciones del casino, de la fonda y del café.

Mas dejemos la crisis agraria para otro día y detengámonos en los molinos de viento... los maravillosos molinos que el caballero cervantino confundió con los hosclos gigantes, por sus manoplas giradoras, como las del fenomenal Briareo el de los cien brazos de la titanomaquia helénica.

Los molinos de viento de Vejer, construidos en la época de la dominación mora, como casi todo Vejer (año 1200), ocupan el lugar más alto de la colina, asiento del poblado.

Y aunque parezca paradójico afirmarlo, no es extraño que don Quijote, cuya imaginación no necesitaba un trampolín excesivamente largo para lanzarse a las nubes, haya confundido, a los molinos con gigantes. ¿Por qué no?

Estos molinos son confundibles con gigantes. O, si ustedes los permiten, con monstruos descomunales.

Tan confundibles, que estoy creyendo que Wells en su “Guerra de los Mundos” tomó el modelo de los guerreros marcianos que invaden la Tierra, de la novela de Cervantes o de un molino, cuyas aspas vio girar en las crestas de algún monte.

Estos molinos, restos de la dominación árabe, son pequeñas fortalezas cilíndricas, cuyos muros de piedra soldada por cal hidráulica miden cerca de dos metros de espesor. Semejantes a colmenas gigantescas o a termiteras, aparecen desde lejos coronados por un capicete de madera, entre cuya junta se introduce el eje que acciona las aspas.

Cuatro aspas de tronco podado con hachuela y cuya cruz desplaza un círculo de treinta y seis varas de diámetro.

Entre cada aspa va suspendido un triángulo de velamen, tela inflada por el viento con zumbido de vendaval, y que imprime a los cuatro brazos rápidas rotaciones. Recientemente,

junto a ellos, escuchando la sorda marea del viento, tasando la pesantez de los troncos de árbol que rotan, la velocidad periférica de la cruz, se comprende que el molino de viento, al cual quiso lancear el Quijote, le enviara a él y a Rocinante a una peligrosa altura por los aires.

Al entrar a un molino se descubre que su interior está dividido en dos pisos. La parte alta, ocupada por el eje, un tronco de acebuche de veinte centímetros de diámetro, es decir, tan grueso como el eje de las hélices de un trasatlántico, y el engranaje, una rueda vertical, también de madera, con dientes encastrados lateralmente y saledizos. A esta máquina recia y primitiva, le imprime rapidísima rotación el eje de una rueda de piedra blanca, plana, de un metro y veinte centímetros de diámetro y diez y seis pulgadas de grosos, que gira separadamente de otra piedra, fija, sobre el lecho de trigo, que cae lentamente de un depósito de madera.

En la planta baja se recoge en sacos, el grano convertido en harina, que cae de entre las ruedas de la muela por un tubo de madera.

Cuando el viento es favorable, se pulverizan en estas antiquísimas fábricas de piedra, madera y tela, hasta veinticinco fanegas diarias de grano, lo cual equivale a mil kilogramos de harina.

A dichas moliendas afluyen los cereales de los pequeños labradores locales, y resulta espectáculo gustoso de ver el cuadro de los labradores, sentados en compañía de los molineros, a la sombra de la colmena blanca. Los borricos husmean la hierba, mientras aquéllos tocados de campanudos sombreros de alas planas y la chaqueta abierta sobre la camisa charlan lentamente, liando un cigarro y mirando la vega, extendida a doscientos metros de profundidad, en colinas donde el tono de los sembradíos semeja felpudos de distinto matiz verde.

Vejer de la Frontera

El Mundo, 25/04/1935

Penosamente sube el automóvil por el camino, que serpentea los flancos de la colina. La cinta del río morado, queda muy abajo; la carretera, volviendo, la cabeza, aparece enmarcada en el verde de las arboledas paralelas. El viento sopla en la pelambre de los molinos girando sus aspas, doscientos metros de altura, una curva de granito y, repentinamente, en lo alto de la colina, Vejer de la Frontera.

Quizá el prodigioso espectáculo que ofrece este pueblo, resida en que no existiendo diferencia de color en el baño blanco que tiñe, la masa total de sus viviendas, semejante a una pirámide trunca, parece esculpida en un bloque cósmico de cal.

Cubos de casas blancas, sobreponiendo tejados verdinosos. Se avanza por una calle, Diego de Luna, y la calle, en vez de estar bloqueada por una fachada frontera, está lindada por un enverjado, desde el cual, muy abajo se contempla el río, la cinta canela de los caminos y el retrepar de los sembradíos por los altozanos.

Se continúa andando, y se llega frente a la plazuela del ayuntamiento, y el corazón se queda extático de gozo.

Una lluvia de leche de cal, ha rociado las sobrepuestas masas de cubos y triángulos, desde las balaustradas hasta los cimientos. Rigurosamente.

El sol rebota en tanta blancura sin ofender los ojos. Diríase que el alma desde hace muchísimos años hubiera apetecido esta fantasmagórica creación, cuyas líneas de planos blancos, cortándose en lo azul del cielo, torna aéreos los bloques de piedra y tan puras las murallas, que el viajero no se atreve a encender una cerilla, raspándola en el muro.

Las casas retrepan y separan sus espesores. Los muros de una hilera arrancan donde terminan los tejadillos de la otra. Desde la galería de una vivienda se contempla el solitario jardín enmurado del vecino.

Piedra y cal, cal y piedra, piedra y cal...

Las calles trepan de dulce manera, con curvas circundadas de pueriles barandas. Los muros de las viviendas se ligan unos a otros mediante arcos de piedra. Los vidrios de los ventanales rectangulares, sobresaliendo de las fachadas, brillan al sol, y la más mínima flor de un tiesto luce, sobre el calimo de los muros, como un precioso regalo de la naturaleza.

Casas, cuyos muros miden dos metros de espesor, taladrados por enrejadas saeteras; zaguanes con zócalo revestido de azulejos de siete mil colores; puertas de tablones de cuatro pulgadas de espesor, tachonadas de clavos de bronce; callejuelas que se desploman en un declive de tobogán y entre cuyas piedras brota la hierba que picotean gallinas rojas. De pronto se vuelve la cabeza y se descubre que dando un paso más se cae sobre un tejado.

Cruces en ochavas de plazuelas pentagonales. Cruces de hierro negro mordido por el tiempo.

Muchachas que pasan envueltas en un manto repujado, sobre la espalda en triángulo con relieves rojos y verdes; otras (resabio árabe), que vuelven de la misa envueltas en un manto cerrado sobre el rostro que por la hendidura sólo se distingue un ojo. Un gato más jaspeado que un mármol de Sierra Nevada juega con su sombra azul en el muro blanco, y el reloj del Ayuntamiento, enclavado bajo una campana, señala la hora.

Las casas son como fortalezas: de sólidos muros que exigirían para derribarlos el bombardeo de un cañón, con los patiecillos interiores reforzados de arcos que pueden soportar el paso de un tren; bloques de piedra y almenas, y ojos de donde en otro tiempo se dispararían las saetas de las ballestas y las pelotas de los arcabuces; y de estos ojos rejados se escapa un aliento húmedo de siglos. El viajero se detiene con asombro, y entonces los corralillos internos se pueblan de mujeres. Luego se va y se viene en este pueblo, en que la mañana soleada diezma, con su prodigio de blancura, todo intento de palabra, y por momentos uno se pregunta si el cuadro que los ojos contemplan – torres, cubos, triángulos – no es creación de un sueño que será llorado cuando desaparezca como las hermosas fantasías de la niñez. Piedra y cal, piedra y cal... transfigurado por este sol de España.

Se regresa a la plazuela del ayuntamiento; se deja caer uno sobre los bancos de piedra revestidos de azulejos. Fija uno los ojos en el retroceso de fachadas escalonadas, y el éxtasis penetra nuevamente en el corazón. Si de pronto la puerta del Ayuntamiento se abriera y saliera de él una procesión de reyes magos, con barbas hasta las rodillas y coronas sobre las cabezas, acompañados de un ángel moviendo las alas, parecería cosa tan natural como esta

alucinación roquera, piramidal y blanca, de una albura como jamás se haya visto ni en el mármol ni en la leche ni en las más finas sábanas de lino.

Semana Santa en Sevilla (primera parte)

El Mundo, 28/04/1935

Quince días antes de comenzar la Semana Santa en Sevilla, un escuadrón de genios febriles, guiados por el Diablo Cojuelo, se meten en la ciudad, y los sevillanos bajo ese impulso que les empuja a renovarlo todo para recibir a los turistas que concurren a presenciar la fiesta, lo único que no hacen es tirar abajo los tejados de sus viviendas.

Las casas permanecen abiertas todo el día. En las callejas bloqueadas de altos muros, los pintores lavan puertas y enlucen fachadas con espesas pinturas de aceite. Los albañiles refaccionan los frentes, en el fondo de los patios los colchoneros, cardando lana, levantan nubes de polvo; los dueños de fondas barnizan por sí mismos el esqueleto de las camas al tiempo que sus guapísimas hijas, decoran los macetones de las palmeras y los peones de limpieza, encalan los muros de las habitaciones, mientras los pregoneros vocean en las calles: ¡programa de Semana Santa a diez céntimos. A gorda...!

¿Se limita a esto, la actividad que suscita el Diablo Cojuelo y su brigada de genios? ¡Oh no! Los sastres trabajan tras las rejas de sus obradores hasta muy entrada la noche, en la calle continuamente se tropieza con mandaderas que van a entregar ropas de fiesta; las bordadoras y zurcidoras están acaparadas por las cuarenta cofradías de Sevilla en la reparación de las capas de las Vírgenes que desfilarán en los “pasos”, el martillo de los carpinteros suena en los patios floridos de las iglesias, refaccionando las armaduras de los “pasos”; los tapiceros encaramados en las altas escaleras, ponen en condiciones la ornamentación de los templos, frente al Ayuntamiento; los electricistas tienden las instalaciones, así como en las plazoletas de los que saldrán procesiones. La gente conversa inólitamente hasta altas horas de la noche, en las bocacalles de las esquinas principales.

En el transcurso de cada día se descubren nuevas caras en las calles. Los amos de hospedaje, les enseñan a sus huéspedes correspondencia llegada del interior de España. Es un modo de justificar las tarifas. Escriben desde todas las provincias. En la pensión donde me alojo, el patrón me lee las cartas del regente de una escuela de Badajoz, solicitando plaza para él y cincuenta niños. “Los más pequeños – escribe el angélico – pueden dormir de tres en una cama”. El amo, escalofriado ante la perspectiva de convertir su cueva en un loquero de párvulos, contestó negativamente. Desde lejos se reservan habitaciones. Pagan mitad de pensión durante el plazo que no las ocupan. Se habilitan para los huéspedes cuartujos imposibles, triángulos bajo escaleras, espeluncas junta a las cocinas. Manos espesas de cal borran los rastros de vejez. Las pulgas huyen espantadas en todas direcciones, os perros pipones, merodean desconcertados por patios de esas casas vueltas patas arriba. Cien veces al día le preguntan a uno:

-¿Así que no ha visto Semana Santa en Sevilla? ¡Pues las verá usted! Única en el mundo. (Y después de haberla visto, juro que así es.)

Las radios, por la mañana y la tarde, transmiten saetas, truenos que retumban su angustia en el fondo oscuro de los patios. Tristeza alegre que todos los sentidos gozan y apetecen.

¡Rostros nuevos todos los días en las calles! Coches que cruzan cargados de maletas y extranjeros. Timbrazos de telegramas que llegan.

La calle Sierpes y Tetuán, los puestos de periódicos del Mercado y la Campan, las rinconadas de los cafés de la plaza de San Francisco, así como los muros, están tapiados de fotografías panorámicas de Sevilla. Las librerías exponen cuadros de patios andaluces, monografías sevillanas; los periódicos dedican columnas de adjetivos a la proximidad del acontecimiento; el alcalde lanza pragmáticas contra los hoteleros que intentan saquear a los turistas (y se aplicaron después varias multas); las casas de artículos de moda exhiben en sus vidrieras montañas de peinetas altas como coronas turriculascas y mantillas que son una agonía de tan hermosas.

Desfilarán cuarenta cofradías con ochenta “pasos”. Los cofrades, civiles que visten un hábito blanco o negro con un bonete astrológico, rojo o violeta, no comen ni duermen, organizando los desfiles, que algunas hermandades, como la de Jesús del Gran Poder, hacen desfilir mil doscientas asociados. Se les ve cruzar atareados de sus casas a los almacenes de las iglesias, conversar febrilmente con músicos y teleros. Por otra parte, es el único tema de conversación. Semana Santa. En los cafés, en los cines, en las tabernas, en los clubs, en las fábricas, Semana Santa, que nos se realizaba oficialmente desde hacía varios años, constituye el tema único. Psicosis colectiva a la cual no se puede sustraer el visitante. Termina uno por interesarse más seriamente de los que quiere, en los pormenores de la fiesta, y reponer un poco audazmente, cuando alguien le dice que también en Málaga se realiza una semanilla santa:

-Sí; pero no puede ser mejor que las de Sevilla. ¡Imposible!

Los sevillanos aplauden y gozan estas palabras. Os toman entre tres o cuatro y comienzan: “¿Ha visto usted los preparativos? ¿No es cierto que no se produce nada parecido en el mundo? ¡Verá usted lo que es Semana Santa!” Y bajo la presión de estos entusiasmos usted dice que “sí” a todo. Pero ahora, en serio, y en la soledad del cuarto donde preparo urgentemente estas notas, para remitirlas por correo aéreo, después de haber visto el desfile de ochenta “pasos” en seis días, afirmo que nada semejante puede presenciarse en el mundo. Semana Santa de Sevilla es única en el planeta.

Qué son y cómo se organizan los “Pasos” en la Semana Santa de Sevilla

El Mundo, 30/04/1935

En seis días, desde domingo de Ramos a viernes por la noche, desfilan en Sevilla los ochenta “pasos” de cuarenta cofradías.

Se denomina “paso” al conjunto que forma el edificio de madera, donde figuras talladas en cedro, representan los episodios de la Pasión de Cristo. Se pasean únicamente en Semana Santa, desde el templo en el cual le guarda su cofradía, hasta la Catedral, por la cual es peregrinado, hasta regresar nuevamente a su sede. Los “pasos” entran en Sevilla por la

llamada la Campana, y siguen por Sierpes hasta el ayuntamiento, y de allí a la Catedral, volviendo por la calle de Tetuán, de regreso hasta la Campana.

Los “pasos” grandes, miden seis metros de largo, por tres de ancho. El conjunto, para resistir su propio peso, más las cargas de imágenes, candelabros y tapices que le adornan, debe ser sumamente sólido. Se le construye con vigas cuyos espesores oscilan entre tres y cinco pulgadas. Una vez aderezado, con las gualdrapas que disimulan la armazón, y el palio que cubre las figuras, esta fábrica pesa ¡hasta cuatro mil kilos!

La forma del paramento es la de un cajón, cuya boca estuviera vuelta al suelo. Bajo su tapa se colocan los cuarenta hombres que le conducen. Cuando el “paso” está en marcha, sólo es visible de los cargadores bajo los tapices, la punta de las alpargatas. Como la estrechez de este recinto hace imposible el movimiento de brazos y la articulación de piernas, la tapa de la máquina, lleva atravesados juegos de vigas que cargan a modo de yugo como en la cerviz de los bueyes, sobre la nuca de los faquines. Estos, para defenderse del roce, se protegen el cuello con recios almohadillados. De esta manera, bajo el tablado, con la cabeza agobiada, caminan tiesos, los brazos inertes a lo largo del cuerpo, y arrastrando rítmicamente los pies, diez centímetros a cada avance. Forma de caminar que adelanta el “paso” con un balance semejante al de un enorme paquidermo.

Para ‘poner en marcha el ‘paso’”, los hombres se inclinan ligeramente sobre las rodillas, acomodan la nuca bajo las vigas, y a un golpe de aldabón, que el guía da en el retablo, los faquines se ponen simultáneamente de pie. La máquina se levanta oscilante en el aire y avanza.

El equipo invisible, obedece únicamente las órdenes de su guía, que debe ser un experto en este trabajo, pues unas veces las calles son tan estrechas, que la enorme fábrica con sus costados dorados pasa a un palmo de los muros, y otras, la altura de las imágenes sobre el tablado, tal, que los remates de los crucifijos, o las lanzas de los soldados romanos, no rozan por una pulgada los cables eléctricos, y en la ordenanza de estas maniobras, que el guía dispone con sus gritos clásicos, es menester mucho tino y pupila.

Cada treinta metros, el paso se detiene, los hombres se inclinan sobre sus rodillas, el paramento reposa sobre sus pies naturales y los tapices se entreabren. Asoman el rostro de los bueyes humanos, con la cabeza a semejanza de sarracenos, envuelta en un turbante de toallas. El sudor corre por sus rostros. Servidores de la cofradía, que sigue el “paso”, les ofrecen jarros de vino y cuencos de chocolate.

El trabajo es terrible y penoso. Cada hombre lleva cargado sobre la nuca, cien kilos y a veces más. Algunos se desmayan, otros suelen ser retirados, derramando sangre por los oídos. Cada uno cobra cuarenta pesetas diarias, por esta crucifixión laica. Cada “paso” (y hay cofradías ricas que tienen hasta cuatro de ellos) va adornado de preciosas estofas y valiosísimas pedrerías. Le escoltan cuatro guardias civiles con bayoneta calada. Sigue al “paso” los hermanos de cofradía, a quienes por su hábito se les llama “nazarenos”. Los “nazarenos” son civiles asociados con el fin religioso del ceremonial de Semana Santa. En esta oportunidad, visten túnicas que les llegan hasta los pies, capa y un bonete astrológico, cuyo barbiquejo, les cubre totalmente con el antifaz, la barba y el pecho. Provocó la aparición de ese hábito, una bula del papa Clemente VI. Durante el siglo XIV, estos penitentes se

flagelaban en público, costumbre que el Pontífice prohibió, si no iban los disciplinantes totalmente cubiertos de ropas. Actualmente ninguno de los nazarenos se azota a sí mismo, pero muchos en cumplimiento de un voto, cargan una cruz, o marchan descalzos, o guardan silencio durante todo el trayecto. Indistintamente llevan en una mano un grueso cirio negro, rojo o violeta, con el pabilo encendido, y un abanderado, imitación que han hecho las cofradías del ceremonial del Cabildo Eclesiástico que durante Semana Santa despliega su bandera. En algunas cofradías, los hermanos llevan gruesas trompetas de plata labrada, con cuyos sones lastimeros tratan de recordar a los espectadores, los ayes del Ajusticiado por el tribunal de Pilatos. Hay hermandades de éstas que hacen desfilar mil doscientos miembros uniformados como he descrito.

Siguen al “paso” bandas de música de todas las instituciones armadas, guardiaciviles, carabineros, policía municipal, guardias de asalto, escuela de aviación y fanfarrias de infantería, caballería e ingenieros. Como cada uno de estos cuerpos viste su uniforme de gala, tradicional, los ojos se ciegan en una mar de colores.

El valor de algunos pasos es fabuloso. Las dalmáticas de ciertas vírgenes, los palios de oro, los fanales de plata, cuestan millares y millares de pesetas. Las familias de los miembros más pudientes de las cofradías, facilitan para festejo de Semana Santa, sus mejores joyas; de modo que algunas imágenes están materialmente cuajadas de piedras preciosas, anillos, aros, medallas, escapularios, collares de perlas, a tal punto que las luces de los escalones de cirios, envuelven a las imágenes en un incesante centelleo de chispas y destellos.

El esplendor de Arabia: la opulencia del Asia; tal la Semana Santa en Sevilla

El Mundo, 30/04/1935

Sólo presenciándola, se puede creer en la oriental magnificencia de la Semana Santa en Sevilla.

Atardecer soleado sobre un mar de cabezas. Redobles de tambores y estrídulos de trompetas. Súbitamente el negro mar humano se raja, y en la distancia, en el fondo del pasaje, aparecen altos bonetes rojos sobre túnicas blancas. Son nazarenos. Traen en la mano cárdenos cirios encendidos y varas de plata. Tras ellos, oscilante, como cargado por un paquidermo, avanza un paramento cubierto de gualdrapas de terciopelo hasta el suelo, y lleno de imágenes que casi tocan los cables eléctricos: es el “paso”. Ochenta y como éste desfilan durante Semana Santa por Sevilla.

Escoltándole, a los costados de la multitud, los nazarenos de bonete rojo y veste blanca, forman dos filas. Monaguillos escarlatas, avanzan hamacando incensarios de plata. Nubes de humo ascienden hasta los balcones de los segundos pisos. Suenan las trompetas y rítmico, lento, avanza el “paso”. Sus imágenes, la Virgen, Jesús, los Apóstolos, Soldados y Judíos, comparecen vestidos como ídolos asiáticos, tiesos en sus sayas y mantos de terciopelos recamados de oro y plata. Las Vírgenes, rostros de adoloridas niñas andaluzas, muestran manos cuajadas de anillos resplandecientes. Son auténticas piedras preciosas. Llevan la cabeza coronada de nimbos de oro, florecidos de temblorosos lirios. A sus pies,

gradinatas de cirios encendidos, cuyas luces temblequean y se reflejan en los palios de terciopelo escarlata, recamados de dragones de oro y ángeles verdes.

El sol centella en las gemas de las colgaduras, entrechocando chispas lilas, violáceas, azules. Por el callejón que forman los bonetes rojos y vestes blancas, avanzan banderas negras reticuladas de cruces moradas. Las cofradías de nazarenos desfilan, unos de manto negro y capa blanca, otros de bonete violeta, y veste amarilla. Algunos llevan una cruz al hombro, otros marchan descalzos cumpliendo un voto; muchos cargan una cruz y los delanteros llevan las insignias, varas de plata rematadas de escudos simbólicos. Los maestros de la cofradía llevan estandartes de terciopelo azul recamado de águilas bifrontes, y otros una trompeta e plata repujada, de la cual penden tiesos escudos de brocados, con bordados de martillos, grifos, arcángeles, espadas y cruces.

Las callejas de muros forrados de mosaicos, azulean de humo de incienso. Entre las bayonetas de los guardias civiles que hacen guardia de honor, el “paso” avanza oscilante. Ahora no es una Virgen, sino uno Cristo aplastado por el peso de su cruz, envuelto en una tunicela morada, las manos amarradas por sogas de oro. El INRI de la cruz está a pocas pulgadas de la intersección de unos cables eléctricos. Cada vez se acerca más. El tablado de seis metros de largo por tres de ancho, oscila sobre el pescuezo de cuarenta hombres, de los cuales son visibles únicamente las puntas de las alpargatas. Se arrastran a un solo compás. Cuando el retablo se detiene, por las juntas de los tapices asoma una mano para recoger un jarro de agua.

Entre la multitud estallan voces. Las “saetas” vuelan hacia el rostro de la Virgen, que tiene el rostro de una dolida niña andaluza. Ruedan flores de los balcones, y las fanfarrias de las bandas callan y sólo redoblan siniestros y frenéticos los tambores, y de pronto suenan los aullidos agoreros de las trompetas de caballería y los aplausos revientan en las manos, y lágrimas gordas como guisantes ruedan por muchas mejillas. Algunas caen de rodillas y rezan; otros, se apoyan sobre los hombros de un vecino y sollozan. ¡Es magnífico y terrible!

¡Es esplendor de Arabia en Sevilla, la opulencia de Asia en Europa!

Todos los metales sobre los que se posa la vista son preciosos; las varas de las insignias son de plata, y de plata los incensarios, y de plata los cálices y candelabros, y de plata los angelillos de los zócalos y los jarros repujados, y las ánforas y los signos de muerte, y los pedestales de las imágenes, y de plata trabajada, roída, mordida, los zócalos del “paso”, las cornetas de la cofradía, y las cañas del palio; y de oro los palios, y los trencellines, y los velos de las imágenes, y los lirios de los nimbos, y también los galones de los palios son de oro, y las franjas de puntillas de oro, y también de oro son los marcos de terciopelo, y sus verduguillos y locetas, y de oro las cadenas, las medallas, los escapularios, las arracadas y las pulseras, y las dalmáticas son de terciopelo bordado en oro, y gemas preciosas, amatistas y brillantes, y de terciopelo rojo los astrológicos bonetes de los penitentes, y de terciopelo violeta, las vestiduras de los Cristos, y de tisú de plata las sayas de las Vírgenes, y sus capas son jardines de orfebrería, donde ponen en la velluda extensión de los terciopelos celestes y verdes, su corteza de relieves de oro y de plata, las imágenes de los Patronos, leyendas de santos y símbolos de penitencia.

Y que diré de las iluminaciones de estos “pasos” bloqueados de fanales de plata, en cuyo interior lucen pentágonos de cirios, y también de las gradas de cirios blancos, que en lo bajo del rellano encienden de resplandores las vestiduras de la Virgen, y cuando alumbran a los Cristos, con cirios negros, violetas, escarlatas, cuya llama tétrica vuelve más enjuta y morisca la figura del Ajusticiado, de pie, tendidos, agobiados sobre sábanas de violetas y de rosas, o brazadas de claveles blancos y morados. Y como si esto no fuera suficiente, ornamentan los frentes de las casas, colgaduras, manteles, mantones, tapices y brocados, y las mujeres con sus mantillas se aprietan en los balcones, y cuando pasa la Virgen, le arrojan flores y piropos como si fuera una niña guapísima, mientras otros les cantan saetas o se quedan pálidos y sin habla. ¡Nada semejante puede verse en el mundo!

Pasos y cofradías. Rivalidades. El anecdotario de la Semana Santa

El Mundo, 01/05/1935

El regreso por la noche de un “paso” a la cofradía de la cual ha salido por la tarde, y que retorna después de catorce horas de marcha – en el caso de la Virgen de la Macarena, o seis en el de la Virgen de la Universidad – confirma las palabras que en el pueblo de la Victoria dijo este año el ex ministro de agricultura y profesor de Derecho Canónico, don Manuel Gómez Fernández:

“El católico español es apasionado por la liturgia e ignora el dogma”. Ciertamente. El pueblo es apasionado por la liturgia suntuosa, colorida, musicada, que rodea a sus imágenes, lo cual no le impide, aquí en Sevilla, al regreso de un “paso”, entrar a una taberna a reponer fuerza, dejando la imagen en la calle por la que desfila, al cuidado de los guardias civiles, a los que generosamente también le alcanzan cuartillos de aguardiente.

Semana Santa en Sevilla, es fiesta religiosa y es fiesta pagana. En su cumplimiento se observan las anomalías más extraordinarias. En el año 1933, la Virgen de Triana llamada Nuestra Señora de la Estrella, fue sacada en procesión por los comunistas de aquel barrio; y ahora, muchos la apodan “La Virgen Comunista”, lo cual es verdaderamente antidialéctico. Pero al pueblo andaluz no le interesan estos bizantinismos. Sus cofradías, a través de los siglos, siempre en competencia de lujo y suntuosidad, se han subdividido en distintos “pasos”, sin apartarse de la cofradía madre, de manera que en la Parroquia de Omniun Santorun, la misma hermandad tiene tres “pasos” distintos, de los cuales uno se llama Sagrada Cena Sacramental, el segundo Santísimo Cristo la Humanidad y paciencia, y el tercero, Nuestra Señora del Subterráneo. La hermandad de la Iglesia de San Jacinto, en Triana, en las procesiones luce dos “pasos”, Nuestro Padre Jesús de las Penas y la famosa Nuestra Señora de la Estrella. Por este procedimiento podemos contar ochenta “pasos” en Sevilla.

Hay cofradías temibles. La de Triana, compuesta por alfareros y chalanes, gente de carácter violento, le arrojó a un legado que se presentó para reformar la institución, un cubo de aceite teñido de azul, que estropeó por completo la tapicería del automóvil del comedido. Desde ese día, ningún moscardón reformista, se presentó más por el barrio.

Con la Virgen de Macarena, ocurrió otro hecho presente en todas las memorias. Al Regreso del “paso”, como es de costumbre, “nazarenos” encapuchados, cargadores, guardias

civiles y compañía, se metieron en una taberna. El entusiasmo montó a tal punto, que uno de los hermanos le arrojó su vaso de vino, incluso con la copa, al rostro de la Virgen, que resultó desconchado, y cuya avería aunque se reparó, aún hoy se nota. Detenido el hombre, se comprobó que era uno de los más antiguos afiliados de la cofradía, fue puesto en libertad; pero el aparente sacrílego se impuso a sí mismo el castigo de seguir todos los años a la imagen, en la procesión con los pies descalzos y amarrados con cadenas; penitencia que cumplió hasta que falleció.

Una de las preocupaciones que este año ha tomado la autoridad, ha sido la de trazar el camino que seguirán los “pasos”, para evitar que ninguno de ellos se encuentre, pues las rivalidades, hubo un tiempo que explotaban en riñas. Motivaban estas grescas las discusiones sobre quien pasaría primero, con la intervención de los nazarenos, después sobre los méritos, bellezas, milagros y particularidades de cada virgen. De pronto, debajo de las gualdrapas del “paso”, surgían los cargadores hirviendo de indignación; y nunca faltaba un nazareno, más caliente que los otros, que con el tronco de su cirio le hundía a su adversario el bonete hasta el ombligo; y esta señal era suficiente para que los mozos de cuerda, todos cargadores del puerto y de sangre hervorosa, desnudaran las facas.

Por la noche, cuando al regresar el “paso”, después de diez o doce horas de trajín, los hermanos se quitan el bonete, o levantan el barboquejo, metiéndose a la taberna que encuentran al paso, en compañía de los cargadores, a quienes es necesario reanimar con cuartillos de aguardiente. Aquí la fiesta comienza de nuevo, porque las manzanillas recalientan la sangre de nazarenos y faquines; la gente rodea, se pagan ruedas, y el más entusiasta comienza a cantarle saetas a la Virgen, que sola, con su carita de niña dolida, en la calle estrecha se inclina sobre los escalones de cirios que iluminan con sus temblorosa llama. Este espectáculo emociona a las sensibilidades más recias. Muchos se detienen y la echan piropos, otros le cantan. Se explica que el nazareno de la Macarena en un raptó de entusiasmo delirante le haya arrojado su copa. Durante la revolución en Triana, un gitano, que participaba del asalto de la iglesia, desenfundó su faca cuando vio que amenazaban con el fuego al Cristo llamado el Cachorro, y gritó “De aquí nadie pasa”. Y nadie pasó.

“Lo llevamos en la sangre”, dicen los apasionados, con los cuales converso de estas anécdotas. Y es cierto. Lo sabroso del sentimiento, le quita valor a las formalidades que en otro país, escandalizarían al creyente. Y si alguien duda de lo que afirmo, piense que en este culto litúrgico, habitualmente popular, radica el éxito de la Semana Santa de Sevilla, en la cual participan indistintamente todas las clases sociales.

Pueblo y aristocracia en la Semana Santa de Sevilla

El Mundo, 02/05/1935

Desde las cuatro de la tarde, la ciudad adornada de bonetes rojos y violetas de los nazarenos, se puebla de multitudes tan compactas, que para recorrer quinientos metros se demora más de media hora. Un estrépito fantástico retumba entre las altas paredes, más allá de los cables eléctricos. Son las charangas de los “pasos” dorados que avanzan bajo ramalazos de sol, las voces de la multitud, el ruido de los cascos de los caballos en las losas, los pitos de

los pájaros artificiales, el redoble de los tambores, las “saetas” que transmiten las radios, las voces de los vendedores ambulantes, las explosiones de los aplausos...

En las alturas, las cigüeñas huyen espantadas.

Por las calles no se puede transitar. Todo el trayecto, por el que circulan las cofradías, está bloqueado de dos y tres filas de sillas, sobre cada fachada. Se calculan treinta mil asientos así alineados.

Estos días han entrado en Sevilla turistas a razón de seis mil por día. Alojarlos ha sido un problema. Muchos se ven obligados, por no haber reservado habitación quince días antes (pagando media pensión durante ese intervalo), a ir a dormir a pueblos distantes diez y quince kilómetros. Brigadas de forasteros, con los carruajes cargados de maletas, se presentan en las casas de pensión, fondas, hoteles, pidiendo albergue en cualquier condición. No lo hay. Están ocupados hasta los triángulos bajo las escaleras. En algunas habitaciones duermen hasta ocho turistas. Los comedores sirven por turno. Las ochavas frente a los martillos que forman estos corredores de calles estrechas, han sido ocupadas por mesas de tablas y sillas de cocina, donde cafés improvisados en garitas grises, con un quinqué de acetileno, sirven cerveza y vino. Muchos llevan su comida empaquetada, y comen allí mismo, sobre un mantel de papel. Bordalesas de manzanilla tapian los corredores. El suelo está sembrado de cortezas de avellanas y rojas cáscaras de langostinos. Un estrépito infernal sopla su fuelle en todas las calles. Fabricantes de churros han instalado sus carpas en las plazas y bocacalles, y hasta altas horas de la noche fríen en sus enormes cacharros, de los que se desprende una rígida columna de humo grasiento. Voces. Voces infatigables. Gritan los vendedores de corujos, maníes, roscas, mariscos, patatas fritas, avellanas, jeringos, pasteles, agua; gritan los vendedores de helados, pollos, bocadillos, barquillos, torrijas y guindas; circulan entre la multitud voceando su mercancía y haciendo crujir sus cestas, cajones, bandejas y palos, los fotógrafos ambulantes, los corbateros, los lustrabotas, los niños harapientos, los ciegos que tocan la guitarra, los pañueleros, los globeros y los vendedores de pirulines. Los órganos, financiados por cojos y mancos, lanzan al aire sus chotis, y pasan mujeres con peinetas fabulosas y mantillas pegadas a las ondulaciones de sus preciosos costados, y también pasan inglesas, americanos, familias de gallegos, alemanes con pantalón de golf, norteamericanos con suéter, gitanos con perro, un caballo rengo y un mono de ancas peladas, y también pasan curas, hermanos de cofradías con el capirote en la mano. El caos, el disloque.

Los balcones de hierro, con tapices colgantes, están amazacotados de mujeres con mantillas y peinetas. Las forasteras se reconocen por su rostro fatigado del viaje. Los “pasos” dorados, con sus altos retablos, avanzan bajo los cables eléctricos; humean los incensarios; las bocacalles están apretujadas de gente. Frente a la plaza San Francisco es casi imposible moverse. En la ancha calle, frente al Ayuntamiento, se han instalado en grada, cinco filas de palcos, revestidos de paños rojos y en frente a estos palcos se extienden diez hileras de sillas, de cien metros de largo. Las fronteras ventanas del Palacio de Justicia y del Ayuntamiento están tapizadas de colgaduras simbólicas y escudos heráldicos. El único pasaje libre es el destinado al desfile de las cofradías. La multitud empuja las hileras de carabineros y guardias de asalto. En los palcos al aire libre, la crema de la sociedad sevillana hace sociabilidad. Las marquesas rubias o trigueñas, flirtea en los estrados. La Niña de la Alfalfa canta saetas desde

la ventana del Ayuntamiento. Sus jipíos no interrumpen los idilios mundanos de estos palcos carmesíes, que negrean de ancianos que tienen la sardónica sonrisa de gitanos viejos. Yo he sido presentado al presidente de la Audiencia, quien dispuso se me diera un asiento en el palco oficial. Desde allí me dediqué a observar a mi alrededor. Nadie mira los “pasos” y sí las mujeres. Muchas ni se pintan, pero cuando os miran con los labios apretados os causan vértigos. Las ancianas consultan los programas y enumeran la riqueza de los ‘pasos’; la juventud dorada hace el amor con un poco de chulería gitana en el habla. De la emoción popular que vibra quinientos metros más abajo en la Campana, nada resta aquí. El acto del desfile sacro se ha convertido en una reunión social. Las mujeres bonitas de pie, rivalizan con los mismos “pasos”, y los admiradores no entornan los ojos para no perder ni un pedacito de la gloria de mirarlas. Los viejos hablan de política; los diplomáticos sesguean sonrisas de enjuagues internacionales, y las mujeres, con los ojos relampagueantes y los labios entreabiertos, esparcen una fragancia que muerde los tuétanos con su incitación. Es inútil que Longino le clave su lanza al Cristo, y que las tres Marías lloren a los pies del Ajusticiado. Una marquesa rubia, con un bonete azul sonríe tan graciosamente y entorna los ojos con tanta coquetería que nadie se entera del desfile, no sólo de una cofradía, sino tampoco del desplome de la Giralda, si ésta tuviera la ocurrencia de desmoronar su torre, cuyos vértices anaranjados se recortan en el azul nocturno de este cielo sevillano, para gloria del Eterno.

El día de la mujer sevillana. Claveles y mantillas lucen en el Jueves Santo

El Mundo, 04/05/1935

El Jueves Santo por la tarde es tradicional en Sevilla que las mujeres, antes de comenzar el desfile de los “pasos”, salgan a la calle ataviadas con la mantilla.

Después de las tres de la tarde, vestidas con faldas de seda negra, cuyo ruedo les roza los tacones, y una alta y cóncava peineta, se pasean por las calles en grupos de seis y de siete. Las mantillas suspendidas de la “peina” les enmarcan el rostro y los hombros, cayendo a lo largo del cuerpo, que con sus movimientos arranca de las mantillas reflejos foscos. En las manos, calzadas de guantes blancos, llevan un rosario de oro o de coral, y prendido al pecho un manojo de claveles rojos.

Es un espectáculo cuya uniformidad estética exalta los sentidos hasta que la emoción reviente en piropos apasionados, que ellas acogen con el donaire de una mirada larga y un comentario sonriente.

Los hombres no pasean. Hoy es el día de las mujeres. De ella es la calle, y los balcones. Esta tarde del año les pertenece, como a las musulmanas el Día de los Muertos. Los varones adoptan en esta circunstancia una pose de zánganos contemplativos. Ocupan todas las sillas libres destinadas a las familias durante el desfile de los “pasos”, y sus hileras también se extienden a lo largo de los muros, bajo los pintados retablos de mosaicos. Miran desfilar a estas jóvenes enlutadas y prodigiosas cuya cabeza lleva, a guisa de corona, una peineta de reflejos carnosos y dorados.

Pasean en grupos: si uno se acerca a echarles un requiebro, se detienen, casi complacidas para escuchar.

Las mantillas de seda tejida, horadadas de grandes ojos romboidales, dejan libres los lóbulos de sus orejas. Los peinados de las morenas son lisos y casi azules de renegridos. Sus alones, recogidos en un rodete en el hueco de la nuca, les dan una gracia huidiza y cierta fiereza de gavilancitos. El peinado de las rubias, caracoles de oro entre el negro de la mantilla, reviste de tanta suntuosidad a sus personas, que más que mujeres parecen cuadros para ser siempre contemplados. Pasean por las calles de Tetuán y de Sierpes, y en la vía Gran Capitán.

La circulación de los tranvías está interrumpida en el centro. Ellas, en cambio, desfilan ininterrumpidamente.

Se reconocen mujeres que nunca salen a la calle, jovencitas pálidas, cuyos ojos enormes, son almendras de azabache en córneas de porcelana. Otras tienen el rostro sonrosado de pelusilla y los labios como si sangraran, sin pintar. Se identifica a las montañesas, por los ojos verdes y tez de cobre; a las del norte, por su epidermis más lechosa que la misma nata. Algunas llevan una mantilla cuya orla les roza los talones, y cuando pasan frente a una bocacalle soleada, la tremenda claridad del sol, parece que incendia las peinas, centellantes por sus horadados florones, como torres de oro. Muchas son más hermosas que las mismas vírgenes que desfilan en los “pasos”.

Los forasteros, con la boca entreabierta, se detienen para mirar pasar a estas diosas. Ellas sonríen gozosas de su triunfo. Han salido a la calle para eso. Es su día que el consenso común les destina para exhibirse, y sus perfumes llenan las calles estrechas de céfiros, de violetas, de alimentados ramalazos de claveles, de ásperas fragancias de madera. Las turistas contemplan estas mujeres con el asombro pintado en el rostro.

Y son tan numerosas que para pasar es preciso abrirse paso con los codos, y uno se pregunta si será realmente inagotable la belleza femenina en Sevilla. Los vestidos más estudiados por los modistos, carecen de la gracia de este severo atavío de mantilla cuando enfunda lo que aquí lleva dentro.

“Canela en rama”, como me dijo una amiga. Esto es lo que son esas preciosas muchachas.

Hay un instante en que la sensibilidad se embota, fatigada por la rapidísima sucesión de tanta hermosura. Porque no son, ni cien ni mil, sino varios miles de mujeres, todas las mujeres de Sevilla en la calle, a la misma hora, con el mismo traje, la misma peineta, la misma manta, los mismos claveles. Forman grupos de estatuas enlutadas, perfumadas, que caminan, volviendo al soslayo los ojos relampagueantes, los arcos de las cejas como trazados con un compás, la frente abombada, la mantilla flotante en torno de los hombros.

La admiración vuela hacia ellas con ingenio gitano. Sonríen. Ellas saben también que son “un paso”, quizá el más precioso, para festejar la próxima resurrección del Cristo.

Y hasta el incrédulo, bendice al Eterno que no tiene nombre.

Jueves Santo, a las 10 de la noche, en la Catedral. Visiones medioevales

El Mundo, 08/05/1935

Hoy jueves por la tarde, después de la romería de sevillanas, continúa el desfile de “pasos”, hasta mañana viernes, a las once; para recomenzar a las seis de la tarde y terminar definitivamente a las diez de la noche.

Todas las cofradías desfilan por la Catedral. Debí decir, la Ciudad de Piedra.

A las diez de la noche ha comenzado a cantarse allí el Miserere, a cargo de un grupo de particulares, de pie en el coro verjado de lanzas de bronce, frente al altar mayor, cubierto verticalmente por una sábana violeta de veinte metros de altura.

Aquí adentro, los seres humanos son pequeños como hormigas. Por las losas blancas y negras de la ciudad de piedra, más oscura abajo, que allá en los cruces de sus nervaduras tachonadas de globos de luz, desfilan encapuchados negros, con cirios rojos. Un murmullo cósmico ondula contenido por los arcos de la ciudad de piedra, erguida en sus columnas de cuarenta metros de altura y dieciséis pasos de perímetro. En las losas oscilan los reflejos de los cirios cárdenos, apoyados en los costados de los nazarenos, que se hincan al pasar frente al Monumento. Así se denomina, el edificio octagonal, de mármol blanco, de cinco pisos de altura, cuyos vértices defienden guerreros de barbas ondulantes y espadas desnudas, y que se encuentra a los pocos pasos de entrar a la Catedral. Me dicen que allí ha sido depositada la Sagrada Forma. Al margen de estas murallas de piedra gris, levemente sonrosadas en la altura y negruscas abajo, una opresión, entabla la respiración del pecho. Se cree haber retrocedido a la Edad Media.

La multitud. Escasa, circula arrancando con la suela de los zapatos un leve bisbiseo del suelo. Frente al sepulcro de Cristóbal Colón, custodiado por cuatro reyes que cargan los brazos de la urna que contiene las cenizas del Almirante sobre los hombros, desfilan hileras de bonetes negros con agujeros redondos a la altura de los ojos. Como en una ciudad sacudida por un terremoto, hombres y mujeres se han sentado en los zócalos de los altares, más enrejados que leoneras. Algunas mujeres amamantan a sus criaturas, otros parten un pan y lo devoran silenciosamente. Las figuras de madera que adornan los coros, tienen un color avellanado que se esfuma en negro en las cavidades de los bultos.

Claridad de trasmundo ilumina a los ángeles fronteros, arrodillados, sosteniendo coronas, con los brazos extendidos. Las calaveras que rematan los frisos de madera tallada, parecen lívidas cabezas de gatos ahogados. Enmarcadas por las columnas ciclópeas de piedra, los zócalos de figuras humanas que soportan el tubaje de los órganos, pierden su conformación. Inciertamente se distinguen codos de brazos doblados hacia la cabeza; más arriba, los tubos de puntas cónicas, y más en alto aún, el broche de luz de un ábside de piedra, ilumina una nebulosa gloria del Señor, la orla de túnica y una trompeta cuya boca se difuma en los aires.

Pero más religiosa que los cantos, y los encapuchados, y los monjes negros, y los nazarenos escarlatas, más dura, implacable y tremenda es la salvaje desnudez de piedra gris, cuya verticalidad parece una deidad de labios apretados y mirada terrible.

En esta oscuridad, rojiza hacia las alturas, como un atardecer de invierno, el monumento, palacio de mármol blanco, de cinco pisos, soportados por columnas alabastrinas, pone un luminoso tañido de campana de plata, con sus ángulos y planos iluminados de cirios

blancos. Sólo allá, arriba, el monumento se torna espantoso. Cruces hostiles de leños sin descortezas, muslos de Cristos rotos, trapos brutales en torno de la cintura.

Las tazas de plata de los lampadarios, oscilan levemente, y el fondo circular de las columnas refleja bonetes negros. Insensiblemente crece la multitud bajo las bóvedas. Es un río turbio, irresoluto, que escucha desganado el Miserere. Mantillas, peinas, cuchicheos, risas sofocadas. Creyentes de rodillas. Las llamas de los cirios, junto a los altares, al oscilar en las manos de los nazarenos, descubren los relieves de las figuras talladas en los púlpitos de bronce.

Desfilan estandartes, lábaros, fanales plateados. Las voces del Miserere estallan su tempestad; un “paso” se detiene ante el altar mayor.

La cúpula es de piedra, radiada de nervaduras artesonadas de óvalos, y éstas se funden oblicuamente en las columnas de granito que bloquean el altar mayor. Están revestidas, hasta la mitad de su altura de terciopelo rojo, en donde se engarza una verja de bronce de doce metros de altura. La Virgen del “paso”, el cuerpo ligeramente inclinado hacia delante, sobre la escalinata de cirios que la alumbran, ante esta verja sombría, de tremendas lanzas, parece una dolida criatura de siete años. La multitud se acerca a ella con piadosa y conmovida curiosidad. Ella no entiende el Miserere, pero sí comprende a la madre, hacia la que dirige todas sus miradas.

Último día. El Jesús del Gran Poder. Saetas y lamentaciones

El Mundo, 12/05/1935

Dos de la madrugada en la poligonal plazuela de San Lorenzo. La multitud aguarda la salida de Jesús del Gran Poder. Luna de agua plateada en las alturas. Palmeras. Balcones arracimados de gente. Azoteas, balaustradas dentadas de espectadores. Alumbran a las Vírgenes de mosaicos incrustadas en los muros, farolillos rojos y verdes. Acacias, fachadas oscuras, interiores clareados, mostrando roperos; familias en torno de las mesas en los segundos pisos. En un estante de cedro se ven los pots de porcelana de un droguero. Las casas celestes por fuera y violentamente iluminadas por dentro. Tienen un quimérico aspecto de cubos de cartón, situados en un escenario. La luna de agua plateada, recorta con su claridad la verdosa ceniza del follaje. Suena una campanada. Simultáneamente se apagan las lámparas de todas las casas; los focos de las calles. Permanecemos en tinieblas compactas. La multitud retiene su respiración. Silencio absoluto. Otra campanada. Bruscamente las hojas del pórtico de la iglesia se abren, y tieso, en fondo de neblina amarilla, un alto crucito de oro macizo. Es Jesús del Gran Poder. Tableteo frenético de aplausos. Gritos unánimes angustiadísimos.

¡Jesús del Gran Poder! ¡Salva a España! ¡Sálvala Jesús, sálvala! Pañuelo en los ojos; gente que se arrodilla en los canteros. La cofradía comienza a desfilar. Silencio. En la oscuridad, desde una terraza celeste, canta una voz:

“Ayuarde yo quisiera
A llevá tu crú pesá
Cirineo podé sé
Las llevas con humilde

Siendo Tú el del Gran Podé”

Durante veinticinco minutos salen del interior de la iglesia parejas de nazarenos encapuchados con cirios encendidos, oblicuamente apoyados en la cintura.

¡Desde el Domingo de Ramos que desfilan cofradías por Sevilla! Todo el jueves por la tarde, todo el jueves por la noche, todo el viernes por la madrugada hasta once de la mañana, todo el viernes por la tarde hasta las diez de la noche, en que pasa la última: Nuestra Señora de la Bondad.

El espectador está mareado, tiene los ojos quemados por la luz de los “pasos” y la multiplicidad de sus colores y erguidas figuras.

Se camina con dificultad por las calles. Tres y media de la madrugada. Intento cruzar frente al Ayuntamiento. Es imposible. Cien metros antes, lo impide una muralla de multitud. En las calles laterales humean las cocinas ambulantes. La gente con un periódico sobre las rodillas sentada en los cordones, come torrijas y parte nueces.

Se han improvisado mesas de cajones en cuyo redor toman manzanilla familias numerosas. Las conchas de mariscos crujen bajo las suelas. A las cinco de la mañana intento tomar café en la Plaza del Duque. No se puede atravesar las masas humanas que abarrotan la campana. Redoble de tambores. Siempre este sonoro martilleo.

Las teclas de la máquina bailotean ante mis ojos. Me recuesto. A las diez de la mañana salgo apresurado para el correo. Tengo que tomar por malditas calles perdidas, porque aún hierve en la calle esta masa rabiosamente infatigable. Tuerca. Constante. Es algo espantoso. No se puede caminar por ninguna parte. En las bocacalles aún humean los hornos de las freidoras de buñuelos. Las mujeres tienen cercos negros en torno de los ojos. Redobra sordamente un tambor. Un hombre se apoya en el hombro de su compañero, y retorciéndose, canta una saeta. El otro lo escucha compungido, tragando saliva.

Junto al mercado, frente a una casa de tres pisos, se ha detenido un “paso”: la Virgen de los gitanos. Los cargadores, sentados en el suelo, barbudos, con la cabeza envuelta en toallas mojadas y los ojos amarillos, beben vasos de vino, que un nazareno de bonete violeta va derramando de una damajuana. Las ventanas están pobladas de rostros fatigados: mujeres ojerosas, hombres desgarrados. Un señor gordo canta una saeta. Los músicos le siguen a coro. Un guardia civil, rechaza un vaso de vino. Los cirios del “paso” se consumen a la luz del sol. Los cargadores se meten bajo las gualdrapas y el “paso” comienza a marchar con torpeza de elefante. Sus colgaduras entrechocan. De pronto, la gente de las ventanas grita:

-Dejadla, no la llevéis: dejadla. Y entonces el “paso” retrocede y los faquines salen de abajo, y el señor gordo canta otra saeta. Termina y le aplauden rabiosamente, y entonces el señor cuchichea el oído de un criado, y al momento sale éste a la calle cargado con un tonelillo de manzanilla, y otro con bandeja de vasos y comienzan a beber todos los que quieren participar del obsequio. Le aplauden.

Comienza a cantar un gitano, la cara cárdena del esfuerzo, las venas del cogote hinchadas a lo toro; se retuercen como un tornillo, no se entiende lo que dice, pero canta con una emoción tan espantosa y fúnebre, que un nazareno, del sufrimiento y la exaltación, de un golpe contra las piedras tuerce la vara plateada de su insignia, y luego se coge la cabeza con las manos crispadas de furor. La gente revienta en aplausos y el hombre gordo, desde el

balcón, canta también otra saeta, y los criados reparten vasos entre los servidores de la Virgen Gitana, que inclinada ligeramente sobre su gradinata de cirios, bajo el peso de su enorme capa de terciopelo verde recamada de oro, hace exclamar con enternecimiento, a la gente que la contempla:

-Pero, ¡mira qué hermosa es! ¡Anda, bendita, habla!

Esta tarde terminará el desfile de cofradías y “pasos”. La gente descansará hasta el día jueves, en que comienzan las ferias, que como se dicen ingenuamente “son fiestas de alegría”. No duran nada más que tres noches y cuatro días.

el cabo Porrita

El Mundo, 13/05/1935

En el mismo compartimiento del coche de tercera que me instalo para ir a Jerez de la Frontera, se ubican tres guardias civiles y un cabo de infantería.

Porrita, cabo de guardias civiles, pesa ciento quince kilos. Porrita tiene dos rollos de grasa en el cuello, pero no es torpe como pudiera suponerse por su kilaje, sino ágil y corpulento como cuadra a un hombre de tricornio, que tiene que jugarse la piel frecuentemente. Porrita le grita a un tío que vende rifas a perra chica, para ganar un paquete de caramelos (si se acierta).

-Anda con Dios, niño... si Dios te quiere acompañar.

Está pintado el hombre.

Pasa una mujer fea y vieja, y Porrita, mirándome, exclama:

-Qué pazel de bronce... qué pazel de bronce. Por mué semejante uno podría dejar la carrera. ¡Ay, mi mare!...

Al rato:

-Qué no daría yo por tener una bota de gato con su galón de Valdepeñas.

Pregunto asombrado:

-¿Las botas de vino se hacen de piel de gato?

-Si, señó... las mejores son de pellejo de gato... Usté empina y bebe, y la bota hace: miau, miau, miau...

Porrita envasa todo un actor. Sus cofrades le contemplan sonriendo y admirados. Se habla de grados y escalafón, y Porrita exclama:

-Lo más que llegaré será a sargento furriel.

Me mira, y como ve que no entiendo, aclara:

-Hombre, furriel es el que echa agua al vino.

Porrita explica a los que le escuchamos que se desayuna con una taza de café con leche que contiene más de un litro. Luego nos interioriza de su vida doméstica:

-Mi mué es muy buena, y tengo un niño ¡uy!, que es una gloria. Un chiquillo precioso como un coral. Mi mué, casera, honraa; que ello es una suerte para un guardia civil, porque ahora, está aquí, mañana allá...

Cuenta esto con un vozarrón que se escucha de extremo del coche. Luego porrita recalca en el pasado, evoca amores.

Durante seis años estuvo de novio en Sevilla. En el Barrio de la Macarena. Pero la madre de la novia, durante los seis años repitió infatigable:

-No quiero guardias civiles por mi casa.

Y como las hijas piensan a la par de la madre, si piensan, yo me casé con otra. Es la confidencia de Porrita.

-Pero todavía la quiero, sí señó..., a pesar de estar casado... en fin... -y Porrita suspira bajo sus arneses como si un bulto le pesara sobre el pecho.

Cuando termina sus historias, comienza a preguntarme:

Primero, qué edad; después, a dónde voy; más tarde, qué sueldo gano como periodista; a continuación, de mi madre, de mi padre...

No encubre ninguna intención policial en sus preguntas. Con la misma ingenuidad con que relata las tazas de café con leche que se bebe, el color de los camisones de su mujer, los desvíos de la novia que no se quiso casar con un guardia civil, - con esa misma ingenuidad y naturalidad os pregunta él... él y todos...

Al describirnos a Porrita, no he querido trazar una figura de excepción en el ambiente andaluz, sino precisamente reflejar el tipo medio.

La gente habla de las interioridades domésticas de su hogar con una naturalidad que nos espanta a nosotros, los argentinos.

En el hotel de Jerez, tropiezo con un hijo de ingleses, natural de Gibraltar y andaluzado hasta el tuétano. De inglés tiene el cuero colorado, los ojos grises, la nariz de gallo rojo; pero habla, el habla es andaluza. Al cuarto de hora de estar sentado frente a mí en la mesa, charla hasta los codos; me habla de los negocios de su padre, de los apuros que tuvo una hermana suya con motivo de unas deudas que contrajo el pillastre del marido, de otro hermano radicado en Buenos Aires, de su madre, a quien quiere mucho; de los líos que ha tenido en La Línea, con el vecino tramposo que no le pagó una cuenta a su padre, y que es muy amigo de un amigo suyo...

La gente no se guarda nada. Los rencores son breves. Aquí, son desconocidos los complejos de inferioridad, el ridículo... A nadie se le ocurre que puede ser ridículo hablar de sus negocios o sus preocupaciones más íntimas con el primer desconocido que el azar le echa a las narices. El concepto del ridículo se me ocurre que es argentino... o producto de gente gastada.

Conversar de amor, o de sufrimiento profundos ante desconocidos, constituye un "traspíe" en el cual no incurre nunca el argentino, ni casi con sus amigos. En nuestro país, cada civilizado lleva en el interior de su alma, un hermoso tacho de basura (fuente de psicología) donde resulta sus cóleras, sus envidias, sus pequeñas vilezas, sus sentimientos más bonitos y espontáneos, porque si los confesara se burlarían de él o le "cacharían", y este revoltijo interno constituye la vida interior. Aquí, la vida interior se resuelve en formas más simples y profundas; pero este es un tema que trataré otro día.

Jerez y sus bodegas

El Mundo, 14/05/1935

Al acercarse el tren, entre suaves colinas, a los viñedos de Jerez, el viajero espera, quizá por desconocimiento de las distintas técnicas de la fabricación del vino, regalar su vista con verdes abovedados de viñas, tal se ven en Italia, Francia o el Rhin, pero en Jerez el cultivo de las cepas es hijo del primitivo estilo griego, introducido por la colonia toscana en Marsella, y en vez de pámpanos sombreando el tránsito de viñadoras arremangadas, los viñedos se presentan semejantes a campos de labranza. Las vides se apartan del suelo uno o dos pies, razón por la cual se las denominan rastreras. La ilusión de una posible visión poética, se desmenuza ante los yermos tronquecillos retorcidos, cuyo color terroso se confundiera con la tierra, si no los diferenciaban las líneas oblicuas del trazado.

La visita a las bodegas no carece de interés. Las de Domech y las de Gonzáles Byass, se encuentran en el perímetro de la ciudad, en un declive arbolado.

La bodega, por el recogido silencio que pesa sobre ella, su aspecto conventual (en algunos casos son ex conventos industrializados), con sus patios de vastas arcadas, las pilastras encaladas, los portones de antigua maderalasa, hileras de árboles que sombrean los talleres, sus toneleros trabajando en los patios bajo cúpula de los eucaliptus, evocan en el visitante, cualquier actividad menos aquella destinada a elaborar un zumo que solivianta la alegría y enardece la sensualidad.

Cantan los pajaritos en el follaje, y el trabajo aquí, es recoleto, sin estrépito. Las masas y las voladeras se mueven con cuidado, como si los que las manejan quisieran confirmar lo que dice el maestro Martín del cuento de Hoffman:

“¿Piensa usted que baste apretar los aros sobre las duelas para que el tonel esté hecho?”

La madera de los barriles, es preciosamente curada, y se comprende que la industria de los vinos generosos, constituya un arte incompatible con la velocidad de las imitaciones y la superproducción.

Un olor fresco y dulce, flota en el aire, y lo impregna. Hasta se encuentra este aroma ligeramente acidulado en el cemento que liga la piedra.

Cada bodega está a cargo de un vigilante catador, hombre excepcional que por instinto consigna en la memoria de su paladar, los distintos matices del sabor del envejecimiento del vino. Este guardián pasa los años entre sus toneles, los conoce personalmente, tiene catalogadas en su memoria las virtudes y singularidades de las maderas, sabe cuáles son las duelas más dulces y cuáles las más amargas.

Los cuidados que prodiga a los vinos que envejecen en las botas, son infinitos e imperceptibles. Hoy corre la cortina de esparto que cubre una ventana para permitir entrar un mayor caudal de luz, mañana con esa misma hipersensibilidad mediante la cual se comunica con el espíritu del bouquet del vino, cierra totalmente la cortina, y allí adentro, bajo esas bóvedas sombrías, se pasea como un rey mago que confecciona filtros, gira, catando con la “venencia” (una barba de ballena por un dedal de plata) la capitosidad de los zumos confiados a su custodia.

Son seres maravillosos, impregnados y amantes del vino, hasta el tuétano. Tienen los ojos inyectados de venitas de sangre y chalecos de terciopelo que adornan gruesas cadenas de plata.

Cuando llega el visitante a su bodega, cogen alegremente los vasos, destapan el tonel y con agilidad de relámpago sumergen y derraman el dedal de plata en el cáliz, lo miran al trasluz y os lo ofrecen con la misma religiosidad que si os “regalaran la sangre de Cristo”. ¡Imposible resistirse!

He catado en la bodega de González Byass, vinos maravillosos, negros como la brea y tan espesos que el sol no puede traspasar con sus rayos vinos cuya tensión superficial parece recubierta de vaho tempranero. He probado un Pedro Jiménez estacionado hacia cincuenta años. Era como enjuagar el paladar con licuados diamantes negros. Cada gota que cataba extendía en la boca arabescos de perfume, una ambrosía por la cual se pudiera vender el alma al diablo, y que convertía al feliz guardián de aquel tesoro en un personaje ante el cual uno se inclinaba con fabuloso respeto.

Los toneles exhiben el nombre de las viñas donde nacieron los vinos madres; La Perla del Carrascal, Jardinito, Dulce Nombre, Amorosa, Tula, Chispa. Bodegas hay, más monstruosas que el delirio del Tonelero de Nuremberg, pues estiban siete mil toneles; otra, la llaman los Doce Apóstoles, doce torres gigantes, arrimadas como en línea de batalla, tocando las tejas de la techumbre, con escudo en la panza que ennoblecen su jerarquía y grifos de bronce. Caminando al azar, se llega a rincones donde, por amor al pasado, sobre vigas mordidas por la polilla, se conservan inútiles barriles de vino madre. Cuentan trescientos, cuatrocientos años de reclusión. Aunque las duelas han sido reforzadas por cinturones de hierro mohoso, algunas ceden ya, pero el vino, adentro, convertido en una masa dulce no se derramará jamás, y las telarañas cubren de terciopelo gris las vigas de los rincones donde el guía explica:

-Con estos cuatro toneles comenzó la casa.

Cuando uno sale a la calle, la tierra gira bajo los pies...

Jerez es una evocación de pasadas glorias

El Mundo, 15/05/1935

Cádiz y Jerez inscriben casi el mismo número de habitantes en sus padrones, y Primo de Rivera que era jerezano y habitué del Círculo Lebrero (nombre originario posiblemente en las aficiones de algunos socios a la caza de la liebre) pensó durante un momento de su dictadura en erigir a Jerez en capital de la provincia de Cádiz. Así dicen sus admiradores.

Una diferencia substancial se revela al pasajero, en estas dos ciudades. Apenas 60 kilómetros distantes una de otra.

Cádiz es una ciudad bulliciosa. En sus pasillos, que le sirven de calles, turbas de chiquillos promuevan de la mañana a la noche un estrépito infernal. La gente canta, los mulos anuncian su presencia con alegre tintineo de campanillas, los mendigos lanzan al aire sus coplas fúnebres, los organillos callejeros repiten sin interrupción el último fandanguillo de la temporada y una multitud inagotable llena sus calles de bote a bote.

Jerez, con el mismo número de habitantes y la misma proporción de desocupados, y las idénticas mendigas que os piden el terrón de azúcar que sobró y se halla sobre la mesa o el

trozo de pan que no habéis terminado de comer, es mortalmente silenciosa y triste. ¡Ni sus vinos consiguen regocijarla!

Sus callejuelas antiquísimas infunden ese pavor que es la aureola natural de las cosas muertas. Al final de una plaza, bajando los escalones, se hunde el viajero en un dédalo (labirinto) de menguadas callejuelas, entre cuyo entrevero, solitaria, majestuosa, se encuentra la Colegiata, un templo de piedra rugosa y amarillenta, en torno de cuya cúpula negra, alquitranada, levantan una teológica guardia las estatuas de los apóstoles. La sorpresa es maravillosa. Sobre el fondo negro, las figuras de piedra.

Algunas cigüeñas, inmóviles sobre las largas patas sonrosadas, duermen sobre los hombros de las estatuas, una siesta que no alcanza a interrumpir la insuficiente trayectoria de las pedradas que han mutilado barbas y rostros de los retablos que adornan los pórticos platerescos de la iglesia. ¿Pedradas? Son los mismos chicos que guerrear contra los faroles porteños.

El sol cae sobre los lienzos de muro amarillento en los repechos oscurecidos abajo. Se camina al azar, y siempre la misma soledad bloqueada de murallas altas y lisas, vereduelas por cuyas lozas quebradas avanza una vieja agobiada, o el vacío, este vacío que parece caer de los elevados ventanales, como una lluvia de ceniza condenatoria de toda alegría terrestre.

Se tropieza con ángulos de pared, donde un enjalbegador (responsable por blanquear las casas) antiguo trazó el medio arco de un reloj de sol que vomita la boca de una gárgola, con portales donde las jambas han sido sustituidas por columnas salomónicas y retorcidas como por un dolor, y en cuyo dintel se puede leer “MARIA CONCEBIDA SIN PECADO ORIGINAL”. La hierba crece en la junta de los ciclópeos adoquines. De pronto aparece una muralla más lisa que la de una cárcel, una puerta chapada de clavos de hierro y en el fondo un retablo, semicírculo de azulejos, pregonando la gloria de una coronada virgen azul, rodeada de prelados de hábito marrón. En el barrio de Santiago perduran las torres de piedra mohosa, donde se adosan los caseríos de la pobre gente y las barracas de los ricos comerciantes.

Lo inesperado acecha (vigila) a cada rato.

En patios fangosos se eleva a veces una columna de mármol, cuyos arcos de cimbra ostentan filigranas recamadas por un maravilloso cincel desconocido. Otras, el abominable muro de una casa cuyo tejadillo se viene abajo esta revestido de mármoles cuyas espesas placas valdrían gordas bolsas de dinero en otro país. Pero aunque camina uno hasta desparse, no tropieza con esos grupos bulliciosos de los que hice referencia en Cádiz o Barbate.

Silenciosos, penumbra, laberintos, ventanas sin macetas, rejas, una casa señorial de fachada encalada y cuyo alucinante pórtico semeja al marco de un altar, con efigies entrelazadas de piedra, cruces que santifican el remate, corazones como granadas ardientes... pero estas casas vetustas, calladas, son más tristes que las mismas iglesias de piedra. Los templos roídos por los signos, las batallas, la intemperie, muestran cúpulas de azulejos reventados, campanarios que se desmoronan, arcos que se abren vencidos por el peso de la carga. Y la cigüeña que se despioja o duerme al sol con la cabeza hundida entre los alones, da testimonio de un hundimiento definitivo e irreparable.

Nos encontramos en otro mundo. El alma se echa a vagar por la ciudad de las altas murallas cuyos recuerdos terrestres han perecido. Quedan los guerreros de mármol bajo sus

vestes musgosas, las hornacinas que albergan un santo de yertos dedos entrelazados, las farolas suspendidas de cadenas para el nocturno culto de la devoción encendida, las caparazones de los templos de piedra, quietos el sol como tortugas, el serpenteo de los pasajes moriscos entrelazados por arcos... y de pronto un grito surge del entendimiento con esta pregunta:

-¿Cómo fue la vida de la gente en otros siglos, aquí?

Comprendemos la antigua fuerza de la Iglesia, su poder omnímodo (que abarca y comprende todo). Los esfuerzos humanos más puros, las inteligencias más extraordinarias, los artesanos más hábiles, le debían sus esfuerzos. Cada casa es una pequeña iglesia por dentro. El adorno no sigue sino las huellas de las formas que revisten las fuerzas divinas. Los plásticos reproducen escenas del Nuevo o Viejo Testamento. Por donde se manifieste el indicio humano, encontramos la señal de la iglesia, la prolongación de los instrumentos del rito, la Teología, el Martirologio, la Leyenda Dorada.

Y la vida parece ausente.

Las rejas y las súper rejas de Jerez

El Mundo, 16/05/1935

Pese al limitado movimiento burbujeante en la calle Duque de Almodóvar y a las tres o cuatro condesas auténticas que van a beber un vaso de amontillado a la una de la tarde a la mesitas del bar “Español”, Jerez, con el laberinto de sus callejuelas y fachadas adornadas con figuras de bulto que ornamenten las puertas de místicos retablos, es la ciudad menos alegre que he conocido en mis breves andanzas por tierras andaluzas.

Aun a la hora de la compra, escasas mujeres recorren sus calles. En esta ausencia femenina se descubre la presión del ritual musulmán que las prohíbe exhibirse en los parajes públicos.

Ya en Vejer de la Frontera anoté el detalle de las encapuchadas, de las cuales sólo es visible un ojo, por la hendidura que entreabren las arrugas del capuchón. La figura humana aparece oculta por el hábito negro, vigorosa reminiscencia de costumbres árabes que impregna el Sur español, y el alma de sus habitantes. Esta influencia oriental es más profunda de lo que supone, ya que llega a perpetuar el rito musulmán en familias andaluzas que se consideran muy cristianas. El tema es demasiado complejo para desperdigarlo ahora en un artículo, y me ocuparé de él en breve y extensamente.

En Jerez de la Frontera, las mujeres no cubren sus formas ni ocultan su rostro con paños negros, pero, en cambio, es más difícil verlas que en la misma Verjer, porque sus casas son cárceles de rejas tupidas, defendidas por mallas de alambre, opacas a la mirada profanadora.

La casa española de los siglos pasados abunda en rejas hasta la pesadilla. De rejas es la puerta cancel, rejas de hierro protegen las ventanas exteriores e internas, y rejas hay en las puertas que clausuran los pasillos. Mediante un juego de cadenas y cuerdas, embutidas en los muros, la puerta principal de la vivienda, cada vez que alguien llama, se abre desde el primer piso, al accionar, ya sea una transmisión a la palanca, o una cuerda que juega en el pestillo.

Abriendo la puerta de una vivienda que consta de varios pisos, todos los habitantes de la casa, cuyas ventanas miran siempre sobre el patio cuadrangular, se enteran de quién llega. En otros términos, sumamente difícil es entrar subrepticamente.

En Cádiz, en Vejer o en Sevilla, la planta alta de las viviendas abre balconadas a la calle, en Jerez no. La reja ocupa la altura total del hueco abierto en el muro, salvo en los frentes de la calle principal y alguna que otra morada de excepción.

Mas, como si las reciedumbres de los hierros no hubiera sido juzgada eficiente, en las ventanas de las plantas bajas, descubrimos adosada a las rejas una celosía “sui generis”: el alambrado.

El alambrado (le motejo yo así) es un bastidor de madera de las mismas dimensiones que la reja en cuanto anchura. Va pegado a ella, cubriendo la reja hasta la altura de una persona, que en la parte interior estuviera conversando de pie. El primer destino que improvisé para la fementida alambra, valla de rostros y barrera impuesta a la curiosidad humana, fue la de coraza defensiva contra mosquitos y alimañas, mas como no cierra totalmente la caja de la ventana, y vi que una pareja se daba las manos, permaneciendo invisible el rostro de ella, por sobre el marco del bastidor a través de los hierros, comprendí que el tamiz de la terrible malla de alambre, defendía, hasta la inverosimilitud, el pudor de las mujeres, puesto que por orificios tan pequeños ni un dedo podía pasar.

Este artefacto, desesperación de enamorados, rigor de maridos y trabuco de adúlteros, protege el setenta por ciento de las ventanas de planta baja de las casas de Jerez. En los primeros pisos, el siniestro adminículo desaparece, porque su función protectora no se justificaría... salvo que los jerezanos dieran de hoy para mañana con el arte de volar.

Los novios conversan en el zaguán, pero separados por una puerta sólida, y cuyo ventanillo, también enrejado, se abre por dentro.

El amor, forzosamente tiene que alcanzar presiones volcánicas, enchalecado al misticismo por referencias tan físicas y violentas. ¡Hay parejas que hablan de un segundo piso el idioma de los sordomudos: él en la calzada, ella haciendo signos tras de una reja!

Un señor con quien comento mis seudos descubrimientos, me repone:

-Nosotros los andaluces estamos orgullosos de nuestras mujeres. Son sumamente caseras. Se distraen bordando, tejiendo...

Y es cierto. Bordan. Tejen. Las he visto desde un primer piso, arrimadas a la ventana enrejada, con un bastidor cilíndrico, recamando flores en desolado círculo de tela blanca. Bordan... tejen... y los domingos salen ir a misa. Esa es su vida.

Casas y jardines de la vieja España

El Mundo, 18/05/1935

Las necesidades de la fortificación y defensa de la comunidad, han determinado el clásico tipo de ciudad española que ha llegado hasta nuestros días convirtiéndose en un objeto de turismo, sobre todo para el ciudadano americano, cuyas condiciones de vida son tan opuestas a las europeas.

El habitante de la ciudad española antigua o actual, estaba imposibilitado de adornar su casa con lo que más apetecía: un jardín. Jardín equivale a admitir la posibilidad de un espacio soleado.

En la antigua ciudad española (de la cual sólo han desaparecido parcialmente las murallas), el jardín, la casa de campo, la arquería, se encontraban situados fuera de las murallas que circunvalaban defensivamente a la ciudad.

Para ir a la casa de campo había que salir por el puente levadizo. Estas visitas, paseos, se realizaban los domingos, y en ellas participaba la burguesía de la ciudad. La caza, otro privilegio de la nobleza, constituía un excelente pretexto para alejarse del día crepuscular, que pesaba sobre todas las viviendas.

Y aquí llegamos a la casa española, de la cual deseo hablar.

La vivienda

En España habitualmente se mora en casas construidas durante la Edad Media, o el Renacimiento.

La edificación se eleva en redor de un patio cuadrangular, llamado jardín español, porque en su interior, para adorno de la morada y refugio de los habitantes contra las elevadas temperaturas en el verano, se encuentra una fuente rodeada de palmeras.

Demás está decir que en las casas señoriales este jardín, alcanza proporciones fastuosas, pero en las viviendas habitadas por la clase media, el patio es reducido.

La necesidad de embellecer la vivienda y de presentar a los ojos, un movimiento de colores, ausente por la falta de sol, ha originado el adorno de calle, mosaico también llamado retablo, y el de los zaguanes y patios, que asombran al forastero por la elegancia y limpieza de sus matices que casi siempre representan asuntos religiosos.

Los muros que rodean el patio cuadrangular, están casi siempre revestidos de mármol o azulejos. Estos, en una infinita combinación de líneas, pentágonos y caracoles, convierten el patio en cuyo centro se desgrana la fuente en una taza de mármol, en una fresca caja de piedra, donde la sombra perpetua dilata los ojos de los moradores de estos semi retiros ciudadanos, tan singulares.

Se entra al patio por un zaguán, cuya abertura de medio arco árabe, tiene las jambas revestidas de mármol afiligranado o también losanges de bronce de recamada labor. La puerta de hierro forjado es casi siempre un joyel de herrería artística, y el zaguán con el plafón artesonado, o de madera ataraceada de colores espesos, detiene al viajero con su obra de encantamiento.

Zaguán, patio, cancelas, este es el lujo parco de la casa española. El interior, monástico. Las habitaciones, de techo alto, muestran el viguerío ciclópeo que soporta los caballetes de las tejas. Los muros carecen de pintura imitativa, están pulcramente encalados. El español del sur, experimenta apasionamiento por esta blancura recia y seca. El piso de la vivienda es de baldosa, o losas de mármol, piedra o enladrillado. El adorno es religioso, austero. Ya es una cruz, o una pila o una hornacina conteniendo la imagen de un santo, o un cuadro piadoso. Nada más. El forastero en las fondas de los pueblos, se sorprende al entrar a

su cuarto y encontrar sobre la cabecera de las camas de los huéspedes estampas cromáticas que reproducen escenas de la Pasión o pasajes del Nuevo o Viejo Testamento.

La liturgia ha trascendido a la calle, adorna la fachada de las casas, las ochavas de las callejas y son raras las calles donde no se encuentra un retablo de mosaicos incrustado en el muro. A veces se levanta la vista y allí donde el caminante distraído nunca había visto nada, descubre la efigie de un santo, perpetuada en mayólica, o el frontis de una vivienda, circunvalado en todas sus aberturas por contramarcos ataraceados, cuya flora y mitología fantástica no ha sido totalmente desteñida por el agua del tiempo.

Evidentemente, se ha tratado de remplazar el jardín ausente, con dibujos en piedra y la flora de greda, de manera que la ornamentación de la casa y de las calles si no sustituye el jardín, atempera con sus gamas de colores la necesidad de vegetales, prohibida por la limitación a que fue constreñida la necesidad.

El Décimo congreso de Federaciones de Autores

El Mundo, 20/05/1935

El día 4 de mayo se han iniciado en Sevilla las reuniones de X congreso de representantes de Sociedades de Autores Líricos y Dramáticos, en el salón de actos públicos de la Plaza España.

Han concurrido delegados de Alemania, Austria, Bélgica, Brasil, Dinamarca, España, Estados Unidos, Francia, Inglaterra, Holanda, Hungría, Italia, Noruega, Portugal, Rumania, Suecia, Checoslovaquia y representantes de diversas sociedades de autores. La República Argentina, por intermedio del Círculo de Autores, ha delegado su representación en los señores Eduardo Marquina y Francisco Serrano Anguita.

Tuvo lugar el 1^{er} Congreso en París durante el año 1926, habiéndose resuelto en el congreso efectuado en Varsovia durante el año 1934, que la reunión actualmente en curso se realizara en Sevilla, bajo la presidencia del escritor Marquina. En esta reunión habrán de ultimarse los detalles de la adhesión al Congreso de la Cuarta Federación de Autores constituida por la sociedad “Gens de letras”, con lo cual se habrá formado el frente único de todos los escritores *del mundo*, con excepción de los autores rusos, que no han sido invitados a concurrir a éste ni a los anteriores congresos.

La orden del día del X Congreso es la siguiente:

1º. – Preparación de la revisión del convenio de Berna y unificación de los convenios de Berna y de la Habana.

2º. – Relaciones de la confederación con las industrias del cine, disco y radio.

3º. – Cuestiones de solidaridad interfederal y del consejo Profesional.

De las ponencias que son objeto de discusión en el presente congreso, algunas merecen destacarse por su interés técnico-económico y también jurídico.

Así, por ejemplo, la propuesta del señor José Forns, director de la Sociedad de Autores Cinematográficos Españoles, encara el problema del idioma, para los que participen en la traducción de los diálogos en las películas sonoras. El Forns sostiene que la exigüidad de pago en traducciones de diálogo, impide que se dediquen a dicha labor verdaderos autores,

problema que se podría resolver equitativamente dando una participación a los traductores escritores, seleccionándolos por consiguiente.

Otro de los temas interesantes a tratarse dentro de la industria del cine es la ponencia del señor Hans Fritz Von Zwehl (de la sociedad alemana) quien en una entusiasta defensa de los escritores y músicos, como autores privativos de la cinta cinematográfica, sostiene que ellos con su imaginación son sus únicos creadores. Los demás elementos que en ella intervienen son meros auxiliares de orden artístico. Respecto a la participación de los productores en los derechos de autor, estima pertinente que ello sea una sección de este congreso, proponiendo además en forma sumamente concreta:

1º. – Que el aprovechamiento de la obra se halle reservado a sus autores, fuera del dominio del film.

2º. – Que les sea atribuido un porcentaje sobre las entradas.

3º. – Que sus nombres sean mencionados en todos los “affiches” y demás publicaciones, en letras por lo menos del mismo tamaño, que las de sus colaboradores, comprendidos los ejecutantes.

Otra propuesta interesante, es la presentada por el presidente de la Sociedad Rumana de Autores Dramáticos, señor Caton Theodorian, quien sugiere la celebración de una “Olimpiada Cerebral” frente a la “Olimpiada del Bíceps”. He aquí sus postulados:

1º. – La Confederación Internacional de Sociedades de autores y Compositores, instituye un concurso entre los miembros de las sociedades adheridas, para las mejores obras dramáticas y musicales.

2º. – Este será anunciado por “Inter Auteurs”, en el mayor número posible de revistas y publicaciones de arte, y por mediación de las sociedades adheridas, en la prensa de los países respectivos.

3º. – Los trabajos serán preferentemente piezas teatrales, en un acto, o composiciones musicales que no requieren más de 15 a 20 minutos para su ejecución, y se enviarán a la Confederación (aquellas en francés), lo menos cinco meses antes de la fecha fijada por el congreso. Serán excluidos los autores o compositores de los países que se hallen representados en el jurado que conceda el premio.

4º. – El jurado se hallará compuesto de diez miembros, pertenecientes a los países en los que la literatura dramática y la música, sean universalmente notorias: España, Francia, Italia, Inglaterra y Alemania. Cinco autores por cada especialidad funcionarán en la Confederación.

6º. – El jurado se reunirá los primeros días del congreso y designará el trabajo digno de premio, debiendo los miembros del jurado formular sus opiniones por escrito.

7º. – El fallo se dará a conocer anualmente, en la sección de clausura del congreso, publicándose en “Inter Auteurs”.

8º. – Las dos obras, teatral y musical, deberán ser presentadas en el congreso siguiente (para la literaria en lengua francesa), poniendo como norma, no hacer juzgar nunca en un país, las piezas de sus autores autóctonos.

En las últimas reuniones del congreso, se han debatido los asuntos concernientes a la revisión del Congreso de Berna, que abarca los siguientes tópicos: “Radiodifusión. Derecho

de los ejecutantes. Institución de un tribunal internacional y de sanciones jurisdiccionales en materia de derecho de autor. Armonización de los convenios de La Habana. Protección de los traductores de actos oficiales. Derecho de los ejecutantes. Interpretación y aplicación del Convenio, tratándose de la confederación de Trabajadores Intelectuales, los asuntos de dominio público y pago.

Las conferencias se han cerrado el día 11 de mayo, habiendo nombrado los delegados como presidentes del próximo congreso a realizarse en Nuremberg, Alemania, al delegado italiano, señor Dino Alfieri.

Los congresales han sido agasajados con actos públicos en el Alcázar, banquetes en el hotel Palace Andalucía, fiestas teatrales y visita a lugares de excursión.

La muralla en la ciudad española

El Mundo, 30/05/1935

Cuando el viajero pone el pie en estas metrópolis pequeñísimas y pobladísimas, recorridas de tranvías pequeños y de carros de caja estrecha y carruajes, desde cuyo interior sacando un brazo se rozan los muros, no se explica el motivo por el cual la ciudad española ha sido construida infringiendo todos los impulsos emocionales y aficiones estéticas del habitante de la península.

Los españoles amaban el sol y precisamente construyeron ciudades donde el sol está desterrado; los españoles aman la naturaleza eglógica, los campos, los jardines, las flores y los pájaros, y en sus ciudades donde las viviendas se aprietan unas contra otras, el jardín no encuentra lugar y queda limitado al tieso ventanero, o la palmera que se coloca en el centro de un cuadrangular al cual conduce el zaguán cuya cancela se abre a la calle.

¿Cuál es la razón de tanta aparente sinrazón?

Las murallas que la fortifican

Todas las ciudades de alguna importancia, los pueblos de cierta categoría, estaban amurallados, circundados por un cinturón de piedra de diez o quince metros de altura, en el cual, de distancia a distancia, se incrustaba una torre donde moraban y vigilaban los soldados de la ciudad.

La muralla es la única arma táctica defensiva de la época. La ciudad no tiene posibilidad de perdurar en su condición de centro nervioso de un radio campesino si previamente no ha construido su coraza de bloques de roca. Sus enemigos son todos los que están afuera. A veces el mismo campesino oprimido, otras los pueblos vecinos, los señoríos próximos, las naciones, los ducados, los reinos, los emiratos. Sin muralla, no hay ciudad. Su defensa, salvo los accidentes naturales, radica exclusivamente en la solidez del anillo de piedra que la circunda. Allí (y en eso se diferencia de las ciudades sudamericanas) no puede extenderse indefinidamente la llanura. Cuanto más se dilatan horizontalmente sus edificaciones, más dilatada es la periferia de la metrópoli y de consiguiente más costosa su fortificación. El sultán de Túnez para fortificar su ciudad obligó a 65.000 cautivos a trabajar durante diez años. La primera precaución que toma Abderramán cuando Sancho el Gordo le

visita en compañía de su abuela Tora, en Córdoba, para pedirle protección contra su primo Ordoño el Malo, es exigirle la demolición de diez fortalezas y murallas que defienden a León.

La muralla (nosotros estamos poco habituados a este concepto defensivo) nos es fortificación de excepción ni de lujo. No. Es la defensa corriente de la ciudad antigua. En Vejer de la Frontera, un pueblecillo reducido, situado a una colina a más de doscientos metros de altura, las afueras del pueblo se hallan circundadas de un muro de piedra de mayor altura que un hombre. Allí, cada casa, en realidad, es una pequeña fortaleza, con torres, troneras y saeteras. En Jerez de la Frontera, el límite de muralla y torreones ha sido recubierto por el caserío, pero aún son visibles trozos de almena, así como en el centro de la ciudad, la torre del Alcázar modernizada. En Sevilla, en el barrio de la Macarena, frente al río Guadalquivir, se mantienen en pie algunos bastiones, una puerta romana con inscripciones latinas, y el Alcázar a pocos pasos de la Catedral. Enmarca el límite antiguo de las defensas que ceñían el caserío del burgo.

Estrictamente supeditada a las necesidades de la defensa, la ciudad no puede extralimitar sus murallas. Cuando su población aumenta, crece verticalmente. Técnica edilicia, que engendra la callejuela estrecha, la edificación caprichosa y en zigzag, pues el habitante utiliza la más mínima parcela de terreno libre para construir su vivienda.

Eran aquéllos, tiempos de guerra cruel e ininterrumpida. Mientras Sevilla se entrega a Felipe el Bizco, Granada está aún en manos de los moros. Árabes, cristianos, moriscos, fatimitas, israelitas, renegados, berberiscos, leoneses, navarros, guerrear entre sí. Los mismos señores de las ciudades se envenenan, degüellan, crucifican y asesinan. Unas veces los árabes piden auxilio a los cristianos y otras, viceversa.

El horno arroja terribles llamaradas; cada noble aventurero hace de su vivienda una fortaleza inexpugnable que luego el poder real unificado, condena a la demolición. Yo vivo a un paso de la triangular plazuela del Duque, donde en otros siglos libraron sangrientísimas reyertas los partidarios del duque de Medina Sidonia y los del de Arcos. Es comprensible entonces; la urbe no puede distraer su tierra en gollerías bucólicas. El arte se derrama en los templos, las mezquitas, en las estatuas, en los retablos, pero la tierra que el hombre pisa con sus dos pies, es preciosa y cara. El individuo no puede vivir aislado, pues le sería imposible sobrellevar así las carnicerías de la época y requiere la forma social de la ciudad. A ésta, a su vez, bloqueada de enemigos de credo, raciales y políticos, detestada a veces por su poderío comercial, temida por su labor de sojuzgamiento, no le queda otro recurso que apretujarse, soldar sus muros, cercarse de gordos cinturones de piedra robustecidos de ciclópeos torreones, y aun entre murallas y la tierra libre, interponer un profundo foso de agua.

Y como la edad actual ha ubicado sus tranvías, carteles, talleres y altoparlantes en la ciudad antigua, es por ello que el visitante descubre la extrañeza de vivir aquí, entre el ayer de otros siglos y el hoy tan desligado de aquellos tiempos muertos y, sin embargo, presentes en el testimonio de cada piedra.

Belleza morisca en las sevillanas

El Mundo, 02/06/1935

Hace algunos años en Buenos Aires admirábamos los singulares cuadros de Romero de Torres. Si no supiéramos que eran gitanos los modelos del pintor, creeríamos que se inspiró en la belleza de la mujer sevillana.

¡Parecen sevillanas las modelos de esos pasteles de bronce! ¡Andaluzas moriscas, con cabello peonado en dos bandos que se anudaba en rodete sobre la nuca, la caja de una guitarra en el regazo, y a las espaldas el tormentoso fondo de un paisaje calizo, o de un barranco cortando un arenal. También a veces era el muro de una cárcel, cuyo enrejado partía en damero el lívido perfil de un aprisionado.

La mirada no se fatigaba de reconsiderar la palidez bronceada de esas mujeres, sus almendrados ojos renegridos, la lisa austeridad del peinado y el sufridor recogimiento de su presencia, seca y más desolada que la temperatura que muerde el paisaje con sus oros calientes.

Y cuanto más se contemplaban estos cuadros, más se pensaba que la pasión amorosa ocuparía tremendas magnitudes en la raigambre nerviosa de semejantes prototipos, a cuyo perfil frío, como el de las medallas romanas, nariz breve y recta y frente abombada, lo desmentía el relampagueo de los ojos, la calidez del cutis de canela, los cabellos azulados de renegridos.

Y ninguna palabra podía encarecer, la emoción de este sentimiento estético, que terminaba su trabajo de contemplación con una quejosa pregunta:

-¿Dónde habrá encontrado el pintor tan excepcionales modelos? – porque, para el espectador habituado a la belleza rubia y Standard que los norteamericanos han popularizado en sus películas, extremando la moda hasta arrastrar a las mujeres a la tontería de arruinarse el cabello con teñidos, la modelo de los cuadros de Romero de Torres, forzosamente constituía una excepción artificiosamente buscada.

Ni en Cádiz ni después en Barbate, ni más tarde en Jerez de la Frontera, encontraba el tipo de mujer que Romero de Torres había pintado. Hasta que llegué a Sevilla.

Las ardorosas asechanzas de belleza, que nosotros los sudamericanos conocemos a través de los cuadros de Romero de Torres, no son creaciones de un imaginativo, sino reproducciones fieles de la mujer de la calle, de la mujer que aquí en Sevilla, en el recodo de cualquier callejuela, a la salida de San Gregorio, o en la calle d Sierpes, o en el paseo de María Luisa, o en el barrio de Triana, o en un mercado de la Macarena o en un ventanillo de Santa Cruz, podemos encontrar. Romero de Torres ha tenido la genial ingenuidad de reproducir a la sevillana o granadina, tal cual es ella, soldadura de razas orientales, por cuyas venas circula sangra morisca, árabe y berberisca. Lo que a nosotros, acostumbrados a un grosero tipo de belleza carnaria y germánica, se nos antoja estilización artística, es en Andalucía, a medida que interna en el paisaje, la estampa de la mujer corriente.

Ella es más bien alta, caja torácica ancha talle flexible, majestuosa y consciente de su majestuosidad. La nariz es breve y recta, la frente plana y armoniosamente curvada en las sienes, el arco de las cejas es perfecto, el color del rostro bronceado y con tintes de canela, la expresión ligeramente concentrada pero despierta, y con un dejo de melancolía que es el sello de las almas intrínsecamente honestas y apasionadas. No se corta el cabello, sino que lo peina en dos bandós que se recogen en dos rodela sobre las sienes o en un nudo sobre la nuca.

Escasamente usan sombrero, la andaluza prefiere su tocado natal que enraiga en el hábito musulmán de velar el rostro a la mirada de los extraños. Usa una alta peineta de carey, que suporta un velo negro cuyos livianos pliegues le caen a lo largo de las mejillas, de manera que la bronceada palidez de su rostro se acentúa y perfecciona en el negro fondo puntillado, que las recuadra como hornacinas donde arde una penitencia afiebrada.

Y esta hermosura delicada, poética, voluptuosa, no es patrimonio de una clase, sino que la encontramos en los barrios más pobres y sucios, en las puertas de los “corrales de vecinos”. Junto a las jambas de caserones, allí, con un manojo de claveles o flores silvestres sobre una sien, tropezamos con esta locura de mujeres, que en alpargatas, cosen unas ropas o cuelgan unos fundillos del soguerío en común.

No se fatigan los ojos de contemplarlas, y ellas mismas saben cuán hermosas son, y aman sobre todas las cosas de la tierra la gracia y la belleza.

Conversando yo con una de ellas de mí asombro, me contestó:

-Espere usted que llegue Semana Santa y que todas salgan a la calle. Entonces las verá. Son canela de rama. ¡Y tenía razón!

El color, consecuencia de la ciudad

El Mundo, 03/06/1935

En Barbate, (¡qué claro lo recuerdo!) por las calles donde osaban los cochinos y los perros merendaban tripas de pez espada, vi pasar más de una vez, parejas de hombres siniestros, vestidos de negro de pies a cabeza, capa endrina, espadín dorado y gorra de capitán de fragata, tan ancha era la franja de oro. Y yo estaba intrigado, pues no podía explicarme qué se les habría perdido en aquel aduar a los capitanes de fragata, cuando me enteré que no eran capitanes de fragata sino serenos.

Luego, aquí en Sevilla, he tropezado con otros hombres, traje color kaki, sombrero de copa alta y alas planas, adornado por una cinta verde, y un dedo más arriba de la cinta verde, una escarapela española, disco rojo y amarillo, de vistosidad tropical. ¡Eran capataces de peones camineros!

¡Qué diré de los guardia civiles, con su tricornio negro, el correa amarillo, las vueltas de las bocamangas rojas, y qué diré de los polizontes de casco de charol blanco, y de la borla roja que cae del gorro de los pistos, de guardia frente al cuartel?...

¿Y qué diré de las fotografías...?

El ochenta por ciento de las fotografías destinadas a recuerdos de turistas, reproducen árboles, palmeras, trozos de jardines. En la calle de las Sierpes, se venden unos maravillosos cuadritos, jardines en arco iris, del barrio de Santa Cruz, por dos pesetas. O ventanales floridos, rejas de las que se derrama la mar de flores. La misma plaza de Santa Cruz, constituye el motivo de estas pastorales, de manera que, aunque con un poco de desconfianza, ya, me encaminé a la plaza de Santa Cruz.

La Plaza de Santa Cruz es un óvalo de tierra de veinte pasos de diámetro, en los polos más alejados del centro. Un pañolón de tierra, entre algunas casas de fachada encalada, con una cruz de hierro labrado en el centro. Por más buena voluntad que tenga el visitante no

puede entusiasmarse. Mira la cruz, obra de un cerrajero del año 1600, el barrio, calleja típica con tejadillos sobrepuestos, y luego se marcha, pensando en los pintores que han reproducido el jardín de santa Cruz, y en los fotógrafos, y en la guía que le recomienda al turista no perderse ese “cuadro típico”.

El paseante termina por preguntarse:

¿Qué es lo que mueve al autor de la guía y al fotógrafo, a darle carácter de bellezas encomiables a unas inocentes palmeras y a ciertos pañizuelos de tierra, y a la autorizada cabeza del ayuntamiento a decorar a los beneméritos servidores del orden público como cacaúas tropicales?

Pues, la falta de color.

El fotógrafo como el alcalde, son hombres en substancia, y no pueden sustraerse a la obsesión de la comunidad de la cual ellos forman parte. Al ciudadano español le agradan con locura los jardines, pero él no puede sembrarlos a troche y moche como nosotros, y entonces se consuela fotografiando el mismo parque desde cien mil puntos de enfoque distintos. En cambio, ni por broma le reproducirá en esa abundancia las sillerías de los coros en los templos, que constituyen maravillas que el visitante no se fatiga de admirar, ni tampoco los retablos o los frentes platerescos, o las estatuas, que por variadísima posición y arte con que han sido realizadas se exhibirían en hornacinas en nuestro país. El fotógrafo, ciudadano de una ciudad escasa de verdes galas, se le antoja que su intricado deseo es el mismo de los forasteros. ¿Consecuencias? El turista protesta, en las casas de papel, cuando le alcanzan el álbum fotográfico que es casi un ininterrumpido desfile de palmeras.

¿Y el alcalde?

Con todo respeto que me merece su alta investidura, se me ocurre que muchos alcaldes, cuando van a tomar asiento de sus cargos lo hacen pensando qué nuevo colorín podrán agregar al uniforme de sus inmediatos inferiores. Y semejante reflexión, aunque festiva, no debe serlo. El alcalde es un hombre de carne y hueso y como su prójimo, el fotógrafo, ama las flores, los parques, los jardines. ¿Qué mejor, entonces, que convertir en una flor ambulante al capataz de peones camineros, o en una magnolia negra al inocuo sereno? ¿Qué la ciudad no tiene flores? ¿Qué aquí no puede haber jardines porque la temperatura y las murallas obligaron a estrecharse las casas entre sí como si tuvieran la mar de frío? Pues bien, mosaicos en los zaguanes y las fachadas, escarapelas en los sombreros, vueltas rojas en las bocamangas, franjas doradas en las gorras, sustituirán la rosa y el clavel, las azaleas y las violetas. Y esta es la sencillísima y psicológica causa del tropicalismo en el uniforme y la foto española.

La cerámica de Triana. El Cristo llamado “El Cachorro”

El Mundo, 04/06/1935

Triana es un arrabal morisco, de casas cúbicas de tres pisos y callejuelas tortuosas, a la derecha del Guadalquivir. Los rapabarbas, a la puerta del mercado, en la vereda, afeitan a sus clientes, mientras el aprendiz de Barbero, aguarda para acercar la bacía, que don Quijote confundió con el yelmo de Mambrino, y en la cual, como en los tiempos manchegos, el

vecino se remoja la cara. Niños y cerdos corretean por la calle, y los “corrales de vecinos”, que albergan hasta cuatrocientas familias, muestran sus patios adoquinados, en los que flamean innúmeras prendas de ropa interior. Carboneros renegrido, asoman a la puerta de sus cuevas, semejantes a demonios; en las escuelas particulares, sentados en sillitas de paja, repiten la lección sesenta o setenta alumnos que forman el aula, siguiendo con los ojos, la vara de la maestra, que señala el pizarrón.

Las muchachas en alpargatas verdes o anaranjadas, con un manojo de flores en el rodete de la trenza gritan sus diálogos, y las viejas venden guindas en aguardiente, irrisorias con el clavel que les rojea en la oreja. Esta es la España mozárabe más cristiana. En su iglesia, se guarda el famoso Cristo llamado “El Cachorro”. Deriva su nombre, al parecer irreverente, de la piadosa exclamación que lanzó una gitana, al ver en una procesión, el Cristo del Montañés, tendido con tanta Dulzura entre los brazos de la virgen:

-Jozú, zi paeze un cachorro.

Desde ese día, el pueblo reconoció a su Cristo bajo el nombre de “El Cachorro”, y su cofradía también es la de “El Cachorro”.

La doliente cara del crucificado, reproduce el rostro de un gitano, a quien el Montañés vio morir en una riña, con el puñal clavado en el corazón.

Al hincársele el hierro en la carne, el rostro del reñidor se transfiguró tan dolorosamente, que el Montañés, testigo accidental de la pelea, no pudo ya olvidárselo, y se puso inmediatamente a tallarlo en madera. En este arrabal, de recovas cuyo suelo está más bajo del nivel de la calzada, humean los hornos de los ceramistas más acreditados de España.

La referencia carecería de interés, si no la avivara un antecedente curioso:

Los estilos de labor de los andaluces actuales, son semejantes a los que empleaban los andaluces musulmanes del siglo XII y XV.

Nada ha variado aquí. Los hornos, los procedimientos químicos, los estilos artísticos, la técnica de trabajo, incluso las expresiones relacionadas con la labor son auténticamente árabes.

El trabajo Standard es desconocido aquí. Toda labor es individual. Salvo el amasado de la greda, en la cual algunos talleres de alfarería utilizan maquinaria, el resto de las operaciones: preparación de losetas, barnizado, diseño, así como el torneado de tinajeras y jarrones artísticos decorados, es manual. Para la preparación de mosaicos y retablos aún se utiliza el procedimiento árabe, denominado de “soga seca”, consistente en separar los colores que tiñen una composición, mediante franjas de grasa y manganeso. Los diseños que se quieren reproducir en la loseta o en un conjunto, se trazan en un papel blanco, luego se pican con alfiler, se coloca esta matriz completa o seccionada sobre las placas de greda, y se espolvorea con carbón. Muchachas dedicadas a este trabajo, pintan con aceite y manganeso la separación de los colores, que después aplican con pinceles remojados en cuencos de óxidos metálicos disueltos en agua.

Nunca dos motivos iguales son semejantes, una vez cocidos; operación que lleva de diez a catorce horas de fuego a mil grados de temperatura.

Los talleres donde se trabaja, son barracas con un agujero que deja entrar la luz por claraboyas, y frecuentemente adosadas a los gruesos muros de los hornos. Las pintoras ganan tres pesetas diarias por cada ocho horas de labor.

De estos obradores, salen con composiciones multicolores, que reflejan los más variados aspectos de la vida andaluza. Corridas de toros, danzas de ferias, procesiones, escenas de la vida campestre, amores tras una reja, así como la reproducción de los paisajes más típicos sevillanos. Los motivos religiosos ocupan un índice interminable; las reproducciones del Cristo, y los retablos inspirados en el Nuevo y Viejo Testamento, incontables. Una colección curiosa y vastísima por los motivos que la informan, es la vida de Don Quijote de la Mancha. Se ha confeccionado una loseta de casi cada uno de sus pasos. Suelen presentarse tres y más figuras, de cinco y seis colores. Cada una de ellas, cuesta la ínfima suma de una peseta o sean cincuenta centavos argentinos. Muchas familias decoran el cuarto de sus niños, hasta la altura de un hombre, de un zócalo donde alterna una baldosa blanca con mosaico ilustrado por Sancho, Don Quijote y sus apaleadores.

Importante es también el sector de los vasijeros, plateros y jarreros. Trabajan en un torno que accionan con el pie, como los antiguos moriscos, y con la mano imprimen a la grada gris la forma del cacharro que trabajan. Espolvorean estas vasijas de pintura a base de óxidos metálico “vinagre fuerte, dos reales de plata en polvo, bermellón y almagre”, que luego de cocinarse en horno adquieren los reflejos dorados y de bronce que las aquilatan. En estas cuevas oscuras la temperatura es permanentemente fresca y en su interior se regresa al pasado, al tiempo de Abderramán y Almanzor.

Calle de la Muerte

El Mundo, 06/06/1935

De las calles de Sevilla no conozco ninguna cuya leyenda sea más fúnebre que la llamada calle de La Muerte. Situada en el barrio de Santa Cruz, antigua judería de Sevilla, antiguas degollinas allí han regado todas sus piedras de sangre. En sus vericuetos oscuros han ocurrido hechos que palidecen las aventuras de Don Pedro el Cruel, y se cuenta, entre otras, la siniestra historia de la judía Susona, cuya calavera, porque ella así los mandó en su testamento antes de morir, se balanceó amarrada de una cadena durante largo tiempo, frente a la fachada de la casa donde cometió su gran pecado. Y por eso el pueblo nombró a esta calle la de La Muerte.

Historia de Susona la hermosa

Por el año 1492, moraba en el barrio de Santa Cruz, un rico mercader judío, llamado por sus convecinos, Diego el Susón. A pesar de su categoría, Diego el Susón no abandonaba el mostrador de su tienda de cambio, tocado como todos los de su profesión de un casquete cónico escarlata, amplia veste de púrpura, calzas blancas y zapatos encarnados con punta doblada hacia arriba como la proa de las góndolas venecianas. Cuando no se presentaban cristianos a tramitar empréstitos, Diego el Susón tirándose de su larga barba meditaba sobre los tiempos inciertos porque atravesaba. Diez años antes, a instigaciones del Arcediano de Sevilla, don Fernando Martínez, se habían degollado diez mil judíos, y ahora el advenimiento

de la Santa Inquisición, establecida hacía poco tiempo en la ciudad, le preocupaba como a todos los de su sangre. Sabía que la presencia del tribunal en la ciudad podía resultar en abundantes chamusquinas de cofrades. Aún no se había conducido a nadie al quemadero, pero los tiempos pronosticaban temperaturas de hoguera. Instigado por los suyos, se dedicó a conspirar en compañía de don Pedro Fernández Veneras, mayordomo de la Catedral, y otros caballeros cristianos, y también judíos, pues a los primeros el tribunal de la inquisición les incomodaba en sus trampas, beneficios y pensamientos. Todos estos gerifaltes del buen negocio conciliabuleaban en la casa del prestamista. Sus reuniones no podían ocultarse a Susona, la hija del mercader. Para su desgracia, Susona estaba enamorada de un caballero cristiano, a quien le comunicaba los pormenores más insignificantes de las reuniones de los conspiradores. Acosada por su amante, que le inculpaba de querer perder su alma y la suya, Susana cometió el pecado más terrible que puede cometer un ser humano: denunció a su progenitor y a los demás conspiradores a la justicia (Moraleja: no conspiréis nunca en presencia de mujeres). Inmediatamente los conspiradores fueron detenidos y ajuiciados, siendo de los primeros que inauguran el ruedo del quemadero. Los cronicos cuentan que cuando el prestamista marchaba camino del suplicio, los pies se le enredaban con una cuerda que le amarraba las manos. Al enfrentarse con un bulto de mirones, el negociante, que tenía fama de mordaz e ingenioso, le dijo a uno de ellos:

-“Anda niño, álzame esa toca tunezí”.

Pereció achicharrado el buen don Diego, y la Susona, acosada de remordimientos, se convirtió al cristianismo y luego, a instancias del obispo Reginaldo Romero, resolvió tomar los hábitos con el fin de hacerse monja, pero mientras cumplía el noviciado, sintió el hastío de la vida monacal y huyó de allí, enloquecida por sus propios pensamientos, a encenagarse en una vida terrible.

Así acabó hasta desbarrancarse en el barrio de los pícaros más feroces y tremebundos de Sevilla, al Arenal.

Poco tiempo antes de morir, la Susona llamó a un escribano e hizo testamento. En él ordenaba que, después de muerta, le separaran la cabeza del cuerpo y se la colgaran, amarrada a una cadena, a modo de farola, en la fachada de la casa, “donde había vivido mal, para ejemplo y castigo de sus pecados”.

Era aquella una hermosa época. La gente, si no se manifestaba respetuosa de la voluntad de los vivos, en cambio obedecía puntualmente la manda de los muertos. Los teólogos que revisaron el testamento lo hallaron muy en su punto, ya que no sólo no contrariaba la moral de la iglesia, sino que la enaltecía. Sin más dilaciones degollaron el cadáver y amarraron la cabeza a una cadena, colgándola sobre la puerta que antaño daba acceso a la morada, en la que don Diego el Susón, acicalado en su hermosa veste escarlata, se miraba caviloso la punta de las pantuflas.

Durante mucho tiempo aquella armazón de hueso, apeadero de pájaros, se balanceó en la siniestra callejuela de La Muerte. Por la noche, a la luz de un farolejo, la calavera, hamacada por el viento, hacía palidecer a más de un valiente. Los vecinos al pasar se persignaban, pensando cual el destino hallado en el otro mundo por el alma de la terrible pecadora que a sí misma había impuesto castigo tan infamante.

Pero, hablando de cosas más alegres, el ensanche de la Plaza de los Caballos hizo desaparecer, en el año 1833, la calleja que hoy enmarca la plaza inocentemente denominada Doña Elvira, en recuerdo de la víctima de don Juan Tenorio... ¡Pero hay tantas historias aquí, que para recogerlas se necesitarían años!

Viveza criolla y sinceridad hispana

El Mundo, 09/06/1935

Los primeros días de mi llegada a España, la curiosa perplejidad se movía en torno de una sola pregunta: ¿a qué se debe que la gente sea tan afable; pues esa continua amabilidad que descubría a los seres más humildes, chocaba con mis hábitos de argentino, habitante de una ciudad donde la hostilidad constituye el estado natural de sus pobladores.

Reflexionando, me dije probablemente la benevolencia se mantuviera en el ciudadano español debido a su poca frecuentación de extranjeros; razón fácil, que de tan fácil me parecía equívoca, y no sin causa. Luego regresé al temperamento; pero definir la afabilidad personal como consecuencia de un carácter excelente, no es resolver una incógnita, sino eludirla, hasta que finalmente, deteniéndome en el perímetro de la ciudad, aclaré mi curiosidad:

Prácticamente la vida de un individuo socialmente malvado sería imposible en la pequeña ciudad española.

La ciudad, pequeña, obliga a conocerse a todos entre sí. La convivencia en la comunidad no puede realizarse sino en base de una conducta honesta sociable, comunicable. El individuo está obligado a ser claro con sus prójimos, y el hábito de la normalidad que acompaña al sujeto desde su infancia dota de una decencia que es la medula de sus actos y la fuerza de su simpatía. Un comerciante no puede engañar impunemente a sus clientes, porque sino en breve tendría que cerrar las puertas de su establecimiento.

Los negocios se tratan con claridad en la ciudad pequeña. Ser honrado no constituye la excepción, sino la norma del todo. La palabra “sinvergüenza” es una calificación grave. La vergüenza, el pudor y el respeto a sí mismo son el eje del ser humano. Al español de la pequeña ciudad le resultaría incomprensible y repugnante la vida que llevan numerosos prójimos de nuestras grandes ciudades sudamericanas. La cárcel por delito pasional o político le parece honrosa, pero la cárcel por conducta antisocial y amoral, le asquea.

No supone el mal. Las casas de pensión y hoteles de las pequeñas ciudades no son inhospitalarios guarecimientos, sino hogares, donde el servicio no se presta con miras a la utilidad, sino con la cordial atención que merece el ser humano por su condición tal.

Es formal. En Barbate, ya he narrado cómo después de tres minutos de conversación con el mozo de un cafetín quedó convenido que me tramitaría la busca de un pescador, y cómo, a las tres y media de la madrugada, el pescador desconocido vino a buscarme.

La vida es formal en todas sus direcciones.

Entro en un café y ocupo la única mesa libre. A los pocos minutos entra una señora con una criada y un niño. La señora mira alrededor, luego viene y se sienta a mi mesa. Yo la observo, un poco sorprendido. La señora mira hacia la puerta, y no han pasado cinco minutos y llega su esposo en compañía de otra señora, y también se sientan a la mesa y comienzan a

conversar de sus asuntos. Esto sería imposible en Buenos Aires. Más aún. La señora trae un paquetito; piden café con leche a todos; la señora desata el paquetito y saca tortas que ha comprado en una confitería y las reparte entre ellos. Yo observo el rostro de los que me rodean, para ver si sorprende alguna mueca burlona. No. Ni el mismo mozo parece percatarse.

La trampa, la engañifa, la picardía, la viveza, el agarrarlo todo con pinzas, el estar sobre aviso para que no le “cachen”, el chiste pegoteado para hacer gracioso, la torcedura de frases que se estilan entre nosotros para convertir una oración seria en un juego de ingenio, que deslustra al que habla y le da patente de pseudo inteligente al que interrumpió, son absolutamente desconocidos aquí. Más aún; no creo que se tolerarían, porque constituyen una ofensa. Incluso las tonterías se dicen seriamente.

No es que la vida se tome en serio, sino que los sentimientos son serios... lo cual es muy distinto. Entre nosotros, se finge la profundidad, por exceso de superficialidad; aquí no es menester semejante ardid. La gente se mueve con normalidad, sus sentimientos son sanos, sus ocurrencias graciosas; no porque hayan pretendido ser ingeniosos, sino porque la gracia es un accidente involuntario de la psicología andaluza.

Un lustrabotas me limpia los zapatos. Otro, que le mira, dice a un tercer cofrade:

-Mia tú, que zepillo gazta el bendito. Y el tercero reflexiona:

-Pue allí eztá el mérito... hazerlo bien, cazi zin avío.

El chiste nunca se hace en desmedro de otro. Su mecanismo es diferente al nuestro.

Un ser humano con las modalidades porteñas, exteriorizándose en este medio ambiente, no podría vivir mucho tiempo sin que le aislaran como un leproso.

Ahora me explico el fracaso de muchos “vivos” argentinos, inteligentes algunos, en España. La gente no les soporta, y vense obligados a marcharse a otra parte con las malas hierbas de su ingenio.

La ciudad pequeña, con intensa vida común, no podría tolerar semejantes cardos en su seno.

La ofrenda de almanzor a Alá

El Mundo, 10/06/1935

El andaluz Jacobo Abu Juceph Almanzor, Comendador de los Creyentes, Califa de Andalucía, era hombre que acostumbraba terminar sus empresas a conciencia.

Después de haber vencido a los cristianos españoles, en la batalla de Alarcos, haciendo degollar a los vencidos en una vendimia tan recia, que sus soldados berberiscos pudieron levantar pirámides de cabezas cortadas y jugar con ellas a los bolos, al califa quiso darle las gracias al Eterno por la victoria que le concedió, y el día 13 del mes de Safar, del año 580 de la Hégira, numerosos cautivos cristianos, graciosamente estimulados por los bastones de los capataces que se quebraban en sus espaldas, comenzaron a cavar los cimientos de lo que hoy se denomina la Giralda, y que entonces era el alminar de la mezquita, desde cuyas alturas, barbudos muezines, cantaban las plegarias, enmarcados por rojos arcos angrelados.

Jacobo Abu Juceph Almanzor, determinó además que el monumento que ofrecía la gloria del Eterno, se fundamentara sobre las ruinas de los inimigos del Islam, y en los

cimientos de la torre, se arrojaron despojos de las antiguas fábricas latinas y visigodas, merlones de murallas y plintos de estatuas. No sin razón un monje dijo, cuando falleció Jacobo Abu Juceph Almanzor:

-“Hoy fue enterrado en los infiernos un demonio llamado Almanzor”.

Lo evidente es que el Comendador de los Creyentes le zurró la badana a todos sus enemigos, y para congraciarse con Alá, según algunos cronistas, le encargó al arquitecto musulmán Hever, la fábrica del alminar. En cambio, según Ebn-Said, autor del siglo XII, “sus arquitectos, como los alarifes, carpinteros, alfareros, pintores y jardineros, son naturales de la tierra andaluza”, razón por la cual, la Giralda es una obra de arte, perteneciente al periodo de la España musulmana, desde cualquier ángulo que se la mire.

No pararon aquí los cuidados del excelente Jacobo Abu Juceph Almanzor, sino que cuando la obra llegó a su máxima altura, siempre para la gloria del Eterno, la hizo rematar por cuatro manzanas de oro, de la cual la mayor “estaba tasada en 100.000 dinares de oro”. Su diámetro era tan portentoso, que hubo que derribar el arco de una puerta fortificada, para poderla pasar. Después de lo cual, Jacobo Abu Juceph Almanzor, durmió tranquilo.

La Giralda actual

Cruzando el atrio, que a espaldas de la Catedral, sirve de limosnadero a numerosas viejecitas desdentadas, se tropieza con una puerta cuyas jambas de ladrillos rojos, estrechas y altas, permiten la entrada a un pasillo igualmente siniestro por su angostura y elevación. En el fondo del pasillo se descubre un ropero, una mesa, una plancha eléctrica y una robusta mujer, la consorte del campanero, que plancha las camisas de su honorable cónyuge.

Sin apartar la mirada de sus prendas os dice: “Veinticinco céntimos”. Es el pago de subida a la torre.

No se puede visitar individualmente la Giralda. Como en el lapso de cinco años se han arrojado desde los noventa y cinco metros de su altura seis suicidas (la última una mujer que al caer aplastó a otra, en la calle), en la entrada os ofrecen sus servicios numerosos famélicos, presuntos cuidadores de suicidas. Ellos son responsables ante Ayuntamiento de cualquier desgracia, y su función se limita a desmayarlo de un puñetazo al visitante que pretenda dar el gran salto de infalibles resultados.

El monumento es interesante. Se trata de una torre cuadrangular, que mide trece metros sesenta centímetros por cada uno de sus costados. Carece de escaleras de peldaños, y se sube a ella, por rampa que sobre cada cara, va ascendiendo en sus nueve pasos de largo, de modo que al dar la vuelta completa a los cuatro flancos, se ha subido una altura de dos metros. Para llegar hasta el campanario, reforma cristiana que data del siglo XIV, se caminan treinta y cuatro rampas.

A cada tres o cuatro planos ascendentes, hay abierto en el muro un ajimez, que deja entrar al pasillo ocupado por la rampa, un golpe de luz que ilumina la bóveda elíptica de ladrillo rojo. Los muros internos, así como las columnitas de mármol de las ventanas, están materialmente oscurecidos por los nombres de los visitantes. Muchos, con un cortaplumas, los han labrado en los ladrillos.

El viajero se fatiga mucho menos de lo que cree al subir los planos, cuyo ascenso disminuye a medida que se eleva. Como el suelo está pavimentado de ladrillos de canto, su

adherencia ayuda al caminante. El ancho de estos pasillos es tal, que se puede subir a lo alto de la torre en un caballo panzudo. Hubo un bárbaro que intentó hacerlo en motocicleta, pero fracaso en su intento. Indudablemente, si el excelente Jacobo Abu Juceph Almanzor hubiera sido testigo de semejante iniquidad, hubiera creído que había llegado la hora en que Israfil el Ángel de la Muerte, hace sonar su trompeta de plata, anuncio del día del Juicio Final.

El panorama, desde la altura, es magnífico. Hacia el Norte se distinguen los cordones azulados de las sierras de Ronda; la Plaza de Toros parece el fondo de un plato, el Guadalquivir serpentea y ciñe la ciudad con su cinturón color de acero, y una mar de techos de tejas, entre las cuales no se puede distinguir las sinuosidades de las callejas sino al pie de la torre, ofrece al espectador el plano singular de una ciudad sin el trazado de calles.

Roldanas amarradas a los muros rojos, retienen las sogas de las campanas, fijas en tremendos cruceros de madera pintada de verde. Los badajos están carcomidos por el óxido, pero cuando una campana oscila en su fábrica, el golpe de sonido tiene una magnitud tan punzante que los tímpanos se retraen hasta el estómago y el visitante se encoge sobre sí mismo, como si hubiera recibido un puñetazo en el vientre.

Al descender, el mortal bendice la memoria del Comendador de los creyentes y también el Eterno por haberle librado de la tentación del suicidio y de las fatigas que presupone una ascensión al cielo sin ascensor.

La andalucía musulmanizante

El Mundo, 12/06/1935

Puede afirmarse que un alto porcentaje de jornaleros y campesinos sin tierra, andaluces, descienden de los andaluces musulmanes, despojados de sus bienes por la conquista cristiana. La indiferencia de estas masas por la religión oficial son evidentes. En cuanto los conquistadores dejaron de pasar lista en las iglesias, el campesino morisco dejó de concurrir a ellas. Diferenciación de sentimientos que obliga a muchos historiadores extranjeros a considerar a Andalucía como un país dentro de España, y a España como un diminuto continente de naciones insoldadas.

En Andalucía, correspondiendo a esta efervescencia recial, llevo a plasmar en el Círculo Andaluz, una corriente de pensamiento pro creación del Estado Libre de Andalucía, cuyo primer candidato fue Ramón Franco, el aviador, detenido a raíz del llamado, complot de la Tablada, que en realidad no fue un complot, sino un acto público, organizado por los epígonos del neomusulmanismo español.

Consignas del movimiento

El dirigente del movimiento y en consecuencia su teórico, es don Blas Infante, licenciado en leyes y pariente de aquel conquistador andaluz que nosotros conocemos con el nombre de Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Don Blas Infante es un arabista que ha consagrado todos sus esfuerzos a la propagación del movimiento, actualmente atenuado y obligado a maniobrar en la ilegalidad. Ha expuesto las causas y consignas del movimiento en numerosos folletos, desparramados al campesinado de la campiña andaluza y a los intelectuales del sur de la península.

En dichas consignas se desglosa lo económico de lo político un poco confusamente y se plantean con recursos sentimentales la finalidad del movimiento, concentrado (después de la disolución del Centro Andaluz, efectuada por Primo de Rivera) en la organización clandestina de Junta Liberalista de Andalucía.

He aquí lo que se propone y auspicia la Junta:

1º. Restaurar la unidad cultural con Oriente. Constituir el centro espiritual de los musulmanes de habla española, en la Mezquita de Córdoba. Según los corifeos del movimiento, un millón doscientos mil españoles musulmanes y mosaicos se extienden desde Tánger a Damasco. Estas familias andaluzas de musulmanes y mosaicos, expatriadas en colonias africanas, sienten la nostalgia de España a través de Andalucía. Aunque Francia ha erigido en París, un gran Aljama, los fieles del Islam, continúan afirmando que el único hogar espiritual del creyente es la gran Aljama de Córdoba. De consiguiente, la restitución de la mezquita cordobesa al culto musulmán colaboraría por la potencia espiritual de España en Afro-Asia, más que todos los ejércitos de Francia.

2º. Que el estado español delegue en Andalucía la relación internacional con los pueblos de Oriente.

3º. Que Marruecos forme un estado autónomo englobado con Andalucía.

4º. Restitución de tierras a los descendientes de familias musulmanas y mosaicas andaluzas, expulsadas de la península por intolerancias religiosas.

Dice Fermín Requena en una conferencia leída en la casa de España en Alhucemas: “Decir Andalucía es decir Marruecos. El ‘Al-Andalus’ es la palabra mágica que al igual del pasado congregará en el futuro, más tarde o más temprano, bajo las espléndidas columnas de la Mezquita Cordobesa a todos los creyentes del Profeta. Y no nos asustemos de ello. Hace falta borrar muchos capítulos de la historia de España, para reconstruirla nuevamente. En Andalucía, bajo la héjida de los Califas, convivieron fraternalmente dos pueblos: los hispanos árabes y los hebreos, y tres religiones, la de Jesús, Mahoma y Moisés. Todos ellos tenían una sola patria: Andalucía. He aquí porque su nombre constituye un talismán mágico, de potente atracción. Preguntad por ella a cualquier marroquí desde Tánger al desierto y veréis que efectos de goce y satisfacción asoman a su rostro y las dulces palabras de loor que pronuncian sus labios. No quede duda. Podemos afirmar de un modo rotundo: Los andaluces y los musulmanes marroquíes somos hermanos, los desterrados que pasaron el estrecho, refugiándose en las ciudades hermanas, siendo padres de nuestros que abdicaron en la península de sus creencias, son guardadores de nuestras más rancias virtudes, de nuestras más grandes esperanzas.”

De igual modo se expresó en Delhi, ante el congreso celebrado por el Comité Insurreccional de los Pueblos de Oriente, el poeta andaluz Abel puera, delegado por la Junta Liberalista de Andalucía.

En Tetuán este movimiento estaba apoyado por la simpatía de Bennuna, ex ministro del Majzen, quien entrevistado por uno de los líderes del movimiento, don Juan Osorio, declaró:

—“La libertad de cultos da derecho a los andaluces musulmanes a soñar con la restitución de su Mezquita, porque la mezquita hoy, en su estado actual, tal como se muestra a

los turistas que visitan a Córdoba, no es mezquita ni catedral”. Y luego: “Debe fomentarse más el habla del árabe en España, sobre todo en Andalucía, como nosotros fomentamos aquí el castellano”.

Como se puede apreciar, el movimiento, aunque sordo y subrepticio, se ha extendido muscularmente. Su propaganda es clandestina, pero insistente. Se puede reconocer al andaluz musulmán, por su invencible repugnancia a dejarse fotografiar, y en su casa por la prolongación del culto, no tanto en su forma religiosa como artística. El andaluz musulmán como el árabe, es más bien escéptico en materias religiosas.

En cambio su tradicionalismo es rabioso. Hay casas andaluzas que por fuera no permiten suponer el interior totalmente árabe. Hasta los criados descienden de familias que fueron obligadas a convertirse al catolicismo, y su rencor a los invasores es tan profundo que evitan nombrarlos, apelando al circunloquio de “ellos”. Ellos, son los cristianos. Con mis propios ojos he visto llorar a señoras aparentemente católicas, cuando evocaban los sufrimientos de sus hermanos de raza, expulsados por la conquista, y cuya odisea se ha transmitido oralmente como un culto doméstico, inaccesible a los extraños de raza.

Y son numerosas las familias andaluzas, que bajo un apellido español, ocultan un señorío de nobleza árabe, del cual únicamente les resta la tradición y algunos pergaminos cuidadosamente ocultos.

La mentira de la indolencia andaluza

El Mundo, 13/06/1935

Es necesario quebrarle las piernas a la agravante mentira de la indolencia andaluza. Por uno de esos prodigios, en que la mistificación resulta más corpulenta que la verdad, esta leyenda, perpetuándose a través de literatos chirles y falsos, ha dado la vuelta al mundo presentando al pueblo andaluz, en la visión de un conglomerado de holgazanes, cuya exclusiva ocupación consistiría en lanzar coplas al aire y mayar el “cante jondo”.

¿Es posible que esos farsantes hayan puesto los pies en Andalucía? ¿Es posible que hayan cruzado sus campos, visitado sus alquerías, penetrado en sus fábricas?

Cuando se piensa en semejante calumnia sube la sangre a la cara, tan criminal por el fondo de inhumana indiferencia, encierra el consenso de esta mentira.

¿Quieren saber algo del campesino andaluz? Aquí va:

Ya en tiempos del conde de Aranda, le escribía a éste el gran Campomanes:

“Le aseguro a V. E., que al considerar la situación del jornalero andaluz, acuden lágrimas a mis ojos”.

Dauzat, refiriéndose al trabajador del sur de España, escribe:

“... no hay situación en el mundo a la suya comparable”.

Y don Blas Infante en su libro “Ideal Andaluz” recopilación de conferencias leídas en el Ateneo de Sevilla, dice:

“... he presenciado como son repartidos entre los vecinos acomodados, para que éstos le otorguen una limosna al trabajo, y tan sólo por fueros de caridad. Los he contemplado en los cortijos, desarrollando una vida que se confunde con la de las bestias; los he visto dormir

hacinados en las sucias gañanías, comer el negro pan de los esclavos esponjados en el gazpacho maloliente y servido como manadas de siervos en el dornillo común; empapados por la lluvia en el invierno, caldeados en la siega por los ardores de la canícula, trabajar de sol a sol, y he sentido indignación, al ver que sus mujeres se deforman consumidas por la miseria en la ruda faena de los campos”.

En el año 1915, el jornal que ganaban estos “holgazanes” oscilaba entre una y dos pesetas diarias, según la localidad. Parajes había donde cobraban cincuenta centavos argentinos, por trabajar de sol a sol. Al advenimiento de la república, estas masas jornaleras consiguieron aumentos, que actualmente rigen cuando hay trabajo, con estas tarifas, que son en cierto modo, teóricas.

Para segar habas en verano: 8,50 pesetas diarias.

Para segar cebada, en verano: 9,50 pesetas diarias.

Para segar trigo: 10 pesetas diarias.

Estas labores cuando no se utiliza maquinaria agrícola, duran dos meses, luego el jornal oscila entre seis pesetas y tres. La terrible crisis agraria que mina la vida económica de la nación sumada a las pérdidas de veinticinco a treinta por ciento que experimentan los precios ficticios de tasa, agravados por los intereses usuarios que por sus obligados préstamos tienen que pagar los pequeños agricultores, han determinado tal paro, que el obrero agrario se ve obligado a ofrecer en masa por lo que buenamente quieran pagarle, y ni así encuentra trabajo.

Ahora bien, en un país como éste, donde la carne vale ocho pesetas el kilo y el litro de leche casi una peseta ¿qué es lo que puede darle de comer un campesino a su mujer y a sus hijos con un jornal de tres o cuatro pesetas diarias? No lo sé, y no he encontrado nadie que pueda explicármelo.

Un informe hecho por el Ministerio de la Gobernación, asegurando que las necesidades de la vida nutritiva le absorben al obrero español el setenta por ciento de su salario, termina con estas palabras:

“Si se comparase en fin, la situación de los obreros agrícolas de Andalucía y Extremadura con los de otras regiones de la península, se apreciarían seguramente diferencias muy significativas”.

Si ustedes tienen la caridad de reflexionar sobre estos datos terroríficos, comprenderán que tachar de “indolentes” a seres humanos que trabajan por los jornales antes enumerados, es simplemente un delito de lesa humanidad.

Y no se cometa la torpeza de suponer que el trabajo de campo del jornalero andaluz se verifica en las mismas condiciones favorables que facilitan la tarea del agricultor argentino. ¡Oh, no!

Andalucía no ofrece las vastas llanuras que conocemos en Sudamérica. Su tierra es casi una ininterrumpida sucesión de valles y colinas, donde el sembradío retrepa y desciende. El trabajador de campo tiene que ejecutar su trabajo en repechos y codonadas. La tierra en ciertas zonas es tan consistente, que el arado no penetra y la cavazón debe efectuarse a pico.

Las temperaturas elevadas que en el verano alcanzan a más de cincuenta grados, convierten el trabajo agrario en labor realmente infernal.

¿Qué diré ahora de las muchachas de las fábricas, de los obreros de los talleres, de los innúmeros artesanos que trabajan ¡hasta de domingo! En sus tallercitos oscuros?

Y sin embargo la leyenda desgraciada del andaluz, en el fondo de una taberna, con su guitarra y un vaso de vino, corre por los mundos. Recrea la imaginación de babiecas y el ensueño de papanatas, que creen que en las tierras de María Santísima las perdices caen asadas del cielo y los perros se atan con longanizas.

El jardín de Cerámica. Una fiesta permanente de color

El Mundo, 14/06/1935

En mis artículos referentes a las dimensiones de la ciudad española, me referí a la imposibilidad que tenían sus moradores, árabes primero y después cristianos, de embellecer la vivienda con el clásico jardín, tal cual lo conocemos en América, adornando moradas de la pequeña clase media. Sin embargo, el andaluz, bajo sus tres denominaciones de árabe, moro o cristiano, nunca renunció imaginativamente a los goces estéticos que proporciona un rincón de tierra florida. La afición social por el colorido, que encuentra su máxima expresión en el jardín, tradujo sus necesidades en el florecimiento de la cerámica, típicamente decorativa.

Sevilla era, y es, su centro más importante. Sus artistas produjeron monumentales obras de arte, que sólo puede superar la técnica moderna. Los archivos guardan documentos de transacciones comerciales efectuadas allá por el siglo XII, con diversas naciones de la cristiandad. Sus exportaciones al extranjero eran considerables. Los mosaicos andaluces llegan al Cairo, a Nápoles, a Londres. En la capilla mayor de Bristol, se encuentran retablos andaluces. Los artífices mozárabes desde fines del siglo XIV extienden su nombre por las costas del mediterráneo. En el barrio de Triana trabajan célebres maestros, Abraham de la Aguja, Mahomed Oberí, Abadía de la Rosa, Lope Agudo. Los obradores del arrabal sevillano son célebres. Entonces como hoy, humeaban los hornos y hervían los talleres de aprendices, y los carros tinajeros hacían su alto en las orillas del Guadalquivir que, serpenteando en torno de Sevilla, le concede gráficamente la forma del carozo de un durazno, incrustado en la pulpa mora de Andalucía.

CERÁMICA CALLEJERA

Marea la vista, en las calles de Sevilla, la sorprendente abundancia de mosaicos verticales. Sus losetas de diferentes colores, rayadas de guardas, verduguillos, zig zags, dientes de sierra, rosetones, y de matices agamuzados, metálicos de cobre y vegetales de verde manzana, contramarkan ventanas y puertas. Otras veces son motivos bucólicos, evolución del mozárabe al cristianismo, cornucopias celestes derramando rosas arrepolladas, tallos verduzcos, frutas, trofeos militares, corazas, espadas, arcabuces, quimeras, antílopes, sirenas, burocráneos, dotando la esquina de una calle, el muro de un convento, o la portada de una casa nobiliaria, de una permanente fiesta de colores, que la sequedad del clima no puede marchitar, ni la oscuridad proveniente de lo angosto de las calles, apagar.

La atención del caminante es estimulada a cada paso, por el prestigio de figuras, reptantes, quimeras de doble cabeza, águilas bifrontes, colas de dragones, carátulas de boca

disforme, ángeles de alas moradas, vírgenes de tieso manto de porcelana celeste y rostro de pelusa de damasco, y penitentes achocolatados, retorciéndose entre llamas.

¿Se ha detenido aquí, la cerámica árabe-cristiana? ¡Oh no! La falta de jardín y la simpatía oriental por el policromado, característica del andaluz, le conduce al rebuscamiento de todas las posibilidades que pueden satisfacer su tendencia colorista, y la cerámica se introduce simultáneamente en la vivienda y en la iglesia. Los artesanos de la industria alfarera mozárabe, y luego cristiana, fabrican para adorno de la casa andaluza, brocales de pozo, pilas bautismales, jarros, tinajas, azulejería y un sinnúmero de otros usos. La industria de la cerámica es tan poderosa, que cuando Fernando III llegó a Sevilla y subió a la torre de la Giralda en compañía de su bufón Pajás, éste, señalándole los despoblados barrios de Triana, de los cuales habían huido los moriscos, obligó a decir entre dientes al monarca:

-Si así lo desean, que se queden esos perros. Prudentemente, el rey seguía la política de Constantino, quien al subir al trono de Bizancio eximio de impuestos a los ceramistas.

Los ricos, aunque cristianos, continúan las costumbres de los árabes, adornando sus casas de altísimos zócalos de mosaicos. Fue Niculoso Pisano quien revolucionó el arte de la cerámica. Rompiendo la tradición árabe, sujeta a los preceptos del Alcorán de no representar formas vivientes; Niculoso introduce la figura humana en el mosaico. Sus retablos hacen delirar a los grandes señores. Penetran a los claustros y las iglesias se los disputan. Su portada del templo de Santa Paula le consagra. El retablo del altar mayor, en el oratorio alto de los Reyes Católicos en el Alcázar, obliga a los reyes a cumplimentarle.

Sus figuras de duros contornos monásticos, que nos recuerdan las aguafuertes de Durero, son aún hoy deleite de los amantes a las artes de la cerámica. Pero el arte mozárabe recibe un duro golpe. La combinación de líneas geométricas, rosetones, dientes de sierra, se convierte en un arte secundario. El reino vegetal, animal, mitológico y angélico, sustituye la agotada fantasía de la línea. Los talleres de Pisano, en Triana, rebosan de trabajo. Los grandes señores lo visitan y no desdeñan los duques, ni las abadesas, ni los cardenales manchar las ricas estofas de sus trajes en la greda azulada de la Cuesta de Castilleja o en polvo rojizo, de las vegas de Triana. Y desde entonces los mosaicos de Pisano se conocieron en Londres, Milán y Nápoles para convertirse en una gran industria.

El Arenal es la Corte de los Milagros en Andalucía

El Mundo, 15/06/1935

Se entra al Arenal, barrio de Sevilla, por una puerta de arco, abierta en lo espeso de un trozo de muralla almenada, soldadura de mampostería de dos esquinas de calle y denominada con su antiguo nombre de Postigo del Aceite, porque allí traficaban muchos aceituneros en los siglos pasados.

Sobre el arco del pórtico encalado, un escudo de mármol, que el polvo ha vuelto gris y en el cual campean las armas reales. A los costados de la puerta, el barrio extiende sus callejones tortuosos animados de fárrago comercial, zapateros de portal, carnicerías de carne

de toro, tiendas de ultramarinos. En el aire flota olor de langostinos, pimientos y café tostado. Al caer la tarde, las criaturas hacen resonar las castañuelas y ensayan pasos de “sevillanas”.

En las puertas de las tabernas, sillones y mesas cojas sirven de apeadero a viandantes y proletarios.

La tasca más famosa es la de los Caracoles, con los muros enrejados de alambre, tras de los cuales retrepan lentamente los crustáceos. En el Arenal se halla la Plaza de Toros de la Maestranza, y la Aduana de Sevilla. Antiguamente, en su malecón, atracaba la flota de galeones que partía o venía de Indias.

Actualmente el Arenal tiene una jurisdicción menos extensa que en los siglos pasados; las grandes zonas edificadas se extendían entonces a lo largo del Guadalquivir, hasta la puerta de Triana, en campos y bañados, espesos de enneas, juncos y mimbrales. Esta marisma era un refugio propicio para los maleantes que esquivaban el bulto a las indagaciones de los alguaciles. La clásica bribonería peninsular, de calzas destrozadas, famélica, valentona, atrevida, convierte en timbre de honor haber cursado las artes de la estafa, del hurto y el embrollo, en las siniestras cuevas del Arenal. Desdichado el ingenuo que se deja arrastrar hasta allí. Quevedo, en su Carta de Escarraman a la Méndez, le hace decir al chafarote:

“Remolón fue hecho cuenta (condenado a galeras)
de la sarta de la mar,
porque desabrigó a cuatro
de noche en el Arenal”

Allí se encontraba la célebre feria llamada de Baratillo (y que aún persiste con aquel nombre) organizada permanentemente a espaldas de las pragmáticas del rey, por la ladronería de Sevilla. Aquel a quien habían robado, sabía donde ir en procura de la mercadería desaparecida. En el Baratillo se desnudaba a los provincianos, se robaba a los ingenuos, “la peca” era moneda corriente, el Pícaro Guzmán de Alfarache, refiriéndose a sus medios de vida, cuenta: “La noche, en el Baratillo, ganábase de comer honradamente y todos salíamos bien”. Por “veinte reales” “relucieron” en el Baratillo, Riconete y Cortadillo, un bulto de camisas robadas. La hez de España merodea soturna por el Arenal. La gente se mata a la luz del sol; las riñas y puñaladas son comidilla diaria, de esos angélicos que, con el rostro hecho un mapa de chirlos, bravean por el Arrabal. Algunas casas allí, al decir de un cronista sevillano de la época, parecen castillos por lo reforzadas, “tenían mucha fortaleza, con puentes levadizos, fosos, rebellines y otros pertrechos como para tiempo de guerra”.

La peste del año 1649 lo diezmó. La gente caía en Sevilla como las moscas. Los horrores que cuenta Manzini de la peste de Milán en “Los Novios”, palidecen frente al relato de un mercader, Andrés de la Vega, domiciliado en la calle Francos. “En uno de los días del mes de junio, habiendo salido a pasearme, convaleciente del contagio, vi que de una de las casas, al salir por la puerta del Arenal y llegando a la Cruz del Baratillo, que está junto al muro que llaman del Hierro Viejo, sacaban arrastrando atado por el pescuezo, un cuerpo difunto, tirando de él con una soga muy larga, encaminándose con el hombre muerto a lo alto del muladar que está allí enfrente de estas casas, y poco después vi que con otra soga larga iban tirando de dos muchachos de hasta doce años, ya difuntos, y encaminándose con ellos al mismo sitio, para que de allí los llevasen a enterrar en los carros, porque como toda la gente

que habita aquellas casas sea pobre, no podían pagar el precio que llevaban los hombres, que se habían dedicado a buscar la vida valiéndose de este mérito”.

Un siglo después, el Arenal ofrece el mismo aspecto.

La hermandad del Cristo de la Expiración fabrica por el 1700, ante el Postigo del Aceite y el Mesón de Cristo, una capilla pública con su correspondiente retablo, para inclinar a las encorajinadas conciencias del arrabal a vida más piadosa. Pero durante el año 1731, dicha hermandad se dirige en queja al Cabildo Eclesiástico elevándole esta memoria: “A causa de las muchas inmundicias y cienos que con frecuencia corren de las casas que hay en la callejuela de junto y las que salen de dicha posada, que uniéndose todas ellas delante de dicho tabernáculo y remanzadas en el sitio donde está la capilla, ocasión del mal olor que se agrega a la indispensable concurrencia de los carros y carretas que debajo de dicho tabernáculo se ponen a cargar el estiércol que se hace en dicha posada, de que resulta pública indecencia a tal sagrada imagen”.

Como los venerables miembros del Cabildo Eclesiástico no podían convertirse de teólogos a cloaqueros, la cofradía tuvo que aguantar las pestilencias y el culto el infortunado tabernáculo fue mermado.

Después de leer estas memorias de la época, uno no sabe si reírse o indignarse al pasar la vista por estos versos de Lope de Vega”

“y de su hermoso Arenal
Solo se precia Sevilla
Que es octava maravilla
Y una plaza universal”.

¡Vaya Ud. a creer a los poetas!

La cabeza del Rey Don Pedro

El Mundo, 17/06/1935

¡Son tan apasionantes estas historias antiguas, y verídicas!

Alcanzándole cierta vez, un monje, al terrible don Felipe II, la historia del Rey don Pedro el Cruel, el monarca leyó oblicuamente el título y sin pronunciar palabra cogió una pluma y tachando el motejo de Cruel, escribió en su lugar El Justiciero.

Cruel o Justiciero, don Pedro no pudo evitar su sino, y murió concienzudamente apuñaleado, en el campo de Montiel, a manos de su hermano bastardo don Enrique, que, desde entonces, fue reconocido con el alias del Fraticida. Don Enrique el Fraticida no falleció de remordimientos, sino de vejez, y en su cama, y muy tranquilo y honrado por sus prójimos. Lo cual sugiere que los remordimientos deben ser un fenómeno histérico.

Lope de Ayala que sirvió a don Pedro el Cruel, escribe de su amo:

“E fue el Rey don Pedro azas grande cuerpo, e blanco e rubio, e ceceaba en poco en la fabla. Fue mui sofridor de trabajos. Era muy templado e bien acostumbrado en el comer e beber. Dormía poco e amó mucho a mujeres”.

El barrio de Santa Cruz, aquí en Sevilla, era la sede del Rey don Pedro. Recorriendo sus curvados callejones amarillos, con los balcones adornados de macetas de geranios, no

puede uno menos que evocar la vida de este rey del siglo XIV, de continuo liado con las más hermosas judías y moriscas del arrabal. En la esquina de los callejones Aire y Mármol estaba su casaquinta. Aún se ven las antiguas columnas romanas de granito, ceñidas de aros de hierro y por las que trepan las hiedras, y allí, a dos pasos, en una hornacina de la calle que por ese motivo se llama La Cabeza del Rey Don Pedro, se encuentra el busto de barro, su propio busto, que el Rey don Pedro hizo ahorcar, para castigarse a si mismo de un homicidio que cometió.

El busto tieso y rojo, con su cabeza de rey de baraja, metido en la cavidad del muro está protegido por una malla de hierro para defenderlo de las pedradas de los niños, y mira a una bocacalle triangular, pequeñita, en la cual desembocan los corredores de seis callejuelas.

He aquí la historia, tal cual narran los cronicones:

En aquella época, en Sevilla, los robos y homicidios, eran tan frecuentes, que raro era el día que no amaneciera algún ciudadano horadado de cuerpo y bolsa. Una mañana, en que don Pedro se despertó más avinagrado que de costumbre, mandó a llamar al Alcalde Mayor, don Diego Cerón, quien compareció en compañía de sus alguaciles. Don Pedro descargó su cólera, y el don Diego se marchó con las orejas gachas. Por la noche don Pedro salió de juerga, sus juergas solitarias, y al regresar tropezó con un desconocido y le dio de estocadas. Una vejezuela, que vivía en el primer piso de un edificio, cuya planta baja ocupa hoy un vendedor de leche de cabra, reconoció al Rey a la luz de su candilejo de aceite, (que aún permanece colgado de la reja en la calle llamada del Candilejo), y cuando el alguacil apareció para indagar el hecho, la vejezuela, le informó haber reconocido en el autor del “homicidio”, a su majestad don Pedro.

Esa misma mañana, pomposo, don diego Cerón hace transportar su silla al Alcázar y se sienta, permaneciendo tieso con la vara de justicia en la mano, a esperar a que el Rey salga de misa de Santa María. No tardó don Pedro en ponerse bien con Dios, y al salir y ver al Alcalde que le hace un a reverencia, don Pedro, mirándole de hito en hito, exclamó:

-“¿Cómo estáis despacio, habiéndome dicho los malos fechos y muertes habida esta noche?”

El Alcalde que traía la sangre en el ojo, por la reprimenda del día anterior, contestó:

-“Ya está todo averiguado, y el matador no ha fuido, que está presente”.

Preguntó el Rey:

-“¿Quién es, que yo le faré quitar la cabeza y ponella en el lugar de la muerte?”

Al escuchar la sentencia, Diego Ceron se echó a los pies de Pedro y le dijo:

-“Vuestra señoría ha dado sentencia, mas yo porné la cabeza de mi fijo Martín Cerón por la vuestra señoría.”

Don Pedro meditó un instante, y después de contestar que la sentencia estaba bien dada, ordenó que su propia cabeza fuera puesta en el lugar que llaman del Candilejo, y don Diego Cerón, ufano, colgó la vara de justicia a la puerta de las Capillas Reales, por haber tenido al rey en su juicio. Y así, de manera tan salomónica, se resolvió el problema. Y los sevillanos gozaron la dicha de contemplar a su rey, colgado de una soga por el pescuezo.

Aún no se ha hecho justicia a la memoria de don Pedro. La medida de la calidad de su temperamento, la da el mismo don Enrique el Fraticida. Poco antes de morir, llamando a su

hijo y sucesor, don Juan I, le recomendó que desconfiara en absoluto de todos aquellos que le habían ayudado a matar a don Pedro el Cruel, y que en cambio se fiara por completo de los partidarios del Justiciero.

Extraordinario debió haber sido este don Pedro; extraordinario, porque le buscaron enemigos para quitarle su reino, en Aragón, en Portugal, en Francia, en Roma, en Granada, y hasta en África... y sólo le pudo asesinar su hermano, engañándole. Que descanse en paz.

La Feria de Sevilla

El Mundo, 18/06/1935

Días después de los festejos de la Semana Santa, comienzan las fiestas de la llamada Feria de Sevilla.

El ferial sevillano trata de hermanar los negocios con las diversiones. De los alrededores de la provincia, acuden campesinos con ganado, para venderlo. Este intercambio antiquísimo es el que ha originado los esparcimientos populares, al cual concurren también las familias de Sevilla.

A espaldas de los corrales de mulos y vacas, en una calle de tierra de trescientos metros de longitud, diversas sociedades sevillanas, así como también familias reunidas y cotizándose por partes iguales, levantan pequeños edificios de tela y papel. La temperatura cálida, permite alojarse en estas viviendas escenográficas, cuya arquitectura casi siempre reproduce el patio andaluz ideal, pero un patio que más parece reproducción del patio de sainete que del real, adornado de tiesos, flores, mantones, guirnalda y farolillos chinos. Allí se ubican pianos (pocos) y organitos de manubrio (muchos), además de reglamentarios barrilitos de manzanilla. El centro del patio lo constituye un tablado. Allí se baila, y en redor, líneas de sillas.

Muchas familias se alojan en la casita, proveídas de vituallas y comen y duermen en ese paraje hasta que termine la fiesta.

La feria dura cuatro días, y los festejos, los inicia por la mañana, un desfile de jinetes, las piernas protegidas con guardamontes. Llevan sombrero de alas planas y copa cónica, chaqueta breve y en la grupa del caballo, una mujer con un manojo de claveles en el cabello. Forman en el corso, carrozas antiguas, arrastradas por tres pares de mulas campanilleras, cabezales adornados de madroños rojos, cuyos conductores usan botas de cuero crudo. El vaivén se prolonga hasta la una de la tarde.

A esa hora la gente se retira para almorzar, y a las tres, comienza nuevamente la romería, pero ya no de a caballo. Las mujeres concurren como por la mañana, vestidas algunas a la manera gitana, con sayas acampanadas o cargadas de volantes, mantón de Manilla y gran peinado. Bailan entre sí en el interior de las casetas, una danza típica denominada "sevillana". La sevillana se baila integrada por grupos de dos o más parejas de mujeres. Un mozo da vueltas al manubrio del órgano, desde las tres de la tarde a las dos de la madrugada. ¡Siempre con la misma música se baila el mismo baile! Ciertamente que este tiene siete variaciones sobre el mismo motivo musical, mas como las variaciones consisten en

movimientos de pie, y los pies desaparecen bajo la campana de vestidos multicolores, aparentemente la danza carece de vivacidad coreográfica.

Las muchachas, castañuelas entre los dedos, los brazos en alto, una pierna combada, danzan una en torno de otra, de manera que sus rostros se encuentran y esquivan, tratando de expresar el juego de las emociones.

A pesar del colorido de los vestidos, de las flores y de los globos de luz, la fiesta es monótona para los que no beben. En algunas casetas más amplias y con orquesta, se bailan valeses, tangos, la carioca; pero como son escasos los grupos que pueden costearse una orquesta, el baile de la “sevillana” es el espectáculo más constante. Es decir, se bailan sevillanas, nueve horas al día.

Hago un descubrimiento. El estilo, de Mato Rodríguez, titulado “Margarita Punzó” es en su comienzo la reproducción acabada de una sevillana.

Las bailarinas se renuevan, yendo de visita de una caseta a otra. Participan en las danzas, chiquillas de siete años, y generalmente las pequeñas bailan con más gracia que las mayores.

Algunas casetas, las de sociedades económicamente fuertes, ocupan espacios considerables. En casi todas se abona la entrada. En algunas, en cambio, no se les cobra a los extranjeros.

Artísticamente, la fiesta es pobre. La monotonía de una música, repetida por un órgano de manubrio, desde las tres de la tarde a las dos de la madrugada, aletarga e irrita la simetría nerviosa más templada. Insuficiente es la gracia de las chicas y el tableteo de las castañuelas, para desvanecer la modorra tirriosa, que provoca esa musiquita mecánica repetida centenares de veces en cada caseta.

Gran parte de la población de Sevilla, con ese entusiasmo tan suyo, para divertirse, se vuelca en la Feria. A espaldas de las casetas, duermen al raso los campesinos y gitanos que han concurrido a la feria a mercar sus burros cojos y sus caballos tuertos. Paralelo al callejón donde ellos reposan al pie de sus bestias, humean los hornos de los buñueleros, graznan las calesitas, explotan los fusiles del tiro al blanco, vocean los altoparlantes y rebuznan los asnos.

Ambos sexos, beben razonablemente. Lo más singular para el extranjero es la participación de los niños en la fiesta nocturna. En las casetas bailan muchachas de veinte años en compañía de chiquillas de ocho. El conjunto de vestidos estampados de diversos añiles, los ramos de flores, el repiqueteo de las castañuelas, los faroles chinos, le conceden a la fiesta cierto parecido con nuestros bailes de disfraz de Carnaval. Pero la gente se divierte y eso es suficiente.

Ante las ruinas de Itálica

El Mundo, 21/06/1935

¿Quién de nosotros no recuerda el clásico verso?:

“Estás, Fabio ¡oh dolor! Que ves ahora, etc.,...

Fueron un tiempo Itálica famosa”.

Situadas a diez kilómetros de Sevilla, en el camino de Mérida, cuyas pendientes sombrean añosos olivares, hombres cavando la tierra, recuas de borricos, y en un barranco, un circo romano. Jaspean sus gradas de piedra cenicienta, altas yerbas crecidas en las juntas de los bloques y rojas amapolas.

¡Son las ruinas de Itálica, famosa! Ciudad que fundó Publio Scipión, 204 años antes del nacimiento de Cristo, después de expulsar a los cartagineses de Cádiz. ¡Itálica famosa, cuna del emperador Trajano! La habitaron opulentas familias ibéricas, adictas al imperio romano, y que dedicaron templos a los genios Lares de César Augusto. Ellos se paseaban ufanos ante sus pórticos, y en las calles de cloacas abovedadas, cuyo fondo empedrado aun se conserva intacto. Los jóvenes desarrollaban sus fuerzas físicas en el gimnasio, su elocuencia en el foro, sus actividades intelectuales en el teatro, y su piedad jurídica en el templo. Y sin embargo, a pesar de su orgullo, de su poderío y de la Loba, hoy sus huesos son el polvo que huella la suela del viajero y que llena las árganas de los borricos.

De aquel donoso esplendor de mármoles sólo ha quedado intacto el circo donde se despedazaban los bestiarios y se arrojaban los mártires a los leones; alguna que otra columna de mármol de capitel labrado y coronando un pollo el mortero de un tahonero. De las suntuosas habitaciones sólo perduran los suelos de mosaico, con las figuras de Ceres y Flora, y la leyenda de Hércules, compuestas por diminutos trozos de piedra de distintos colores, que sobre un cemento muy adherente fijaban los artesanos de la época.

Las calles conservan aún sus calzadas empedradas. En sus bocas se descubren cloacas, eficientemente amuralladas y pavimentadas. Produce admiración, pues muchas ciudades modernas españolas carecen de ellas. Los romanos fueron maestros en labores de ingeniería. No me permiten fotografiar las cloacas, ni las columnas, ni los mosaicos, porque parece que una empresa con fines comerciales se ha reservado los derechos de publicar fotografías del paraje. El director de las excavaciones se muestra sumamente reservado, causa la impresión de que es el primer descubridor de las primeras ruinas romanas en el planeta. Me dice que en arqueología existe una prioridad sobre los descubrimientos como aquella que tiene el autor sobre su obra. Me autorizan en cambio a sacar fotos del circo.

El anfiteatro es de forma ligeramente ovoide, la arena tiene un diámetro de treinta metros más o menos. Su centro está cruzado por un foso, en aquella época cubierto de recios tablones, donde se guardaban las fieras encerradas en jaulones. El circo es más bien pequeño, los alaridos de las víctimas al ser despedazadas por las bestias se escucharían perfectamente en todo su perímetro, y los aficionados no perderían ningún detalle sabroso de las carnicerías humanas. Bajo las gradas circulares corre un pasadizo de piedra de más de un metro de anchura, abovedado y sumamente fresco. Por allí afanosamente transitaban damas romanas de opulento pecho y alto peinado aderezado con agujas de madera, esclavos etíopes con un trapo ceñido a la cintura, cuestores con vergajos, y soldados.

Se calcula que la ciudad estaba defendida por trece a quince mil legionarios. Sus habitantes eran sumamente conservadores, admiraban el poder del imperio al cual ellos le dieron un emperador: Trajano.

En sus ruinas se ha encontrado un grupo de mármol alusivo a la política de penetración romana: el toro tarteso vencido por la loba pitolina.

Pero en mi concepto el hallazgo más curioso, más humano, aquel que más convincente nos demuestra que la naturaleza picaresca es semejante a través de los siglos, consiste en un cubo de piedra de cuatro milímetros de lado.

Es un dado... el dado de un jugador tramposo.

En sus caras se cuentan dos seis, dos cincos, dos cuatros. Su dueño, forzosamente tenía que ganar manipulando con un poco de habilidad.

Desde hace algunos años se trae baja ordenadamente en Itálica. Supónese, y no sin razón, que el pueblo de Santiponce, edificado en una loma de tierra, y en cuya jurisdicción se encuentra el circo, recubre las ruinas totales de la ciudad romana.

Si se araña la tierra, entre los olivares se encuentran trocitos de mosaicos, asideras de ánforas, cascotes de vidrio, símbolos fálicos contra el mal de ojo, agujas de madera para el peinado femenino, monedas. Hace ya varios años, la condesa de Lebrija mandó excavar por su cuenta en Itálica y transportar a su casa todo lo que le interesaba. Después de su muerte, su casa se convirtió en un pequeño museo público de antigüedades.

Actualmente, Itálica es importante por su circo. Cuando uno se detiene sobre las rústicas gradas de piedra y contempla el panorama, las campánulas rojas de las amapolas temblando sobre sus finos tallos, las lagartijas verdosas jugando al sol, el foso de las fieras, cuidadosamente enladrillado, las bocas amarillas de los pasadizos ante los cuales revolotean atolondradas mariposas, una involuntaria tristeza sobrecoge el corazón. La historia se hace verídica. Los romanos existieron, existieron con una intensidad de la cual no puede darnos una sensación ni la fotografía ni la literatura, y si estas piedras donde como antaño uno cree escuchar al clamor de un vasto pueblo en sus gradas mientras que entrechocan las espadas de los gladiadores enfangados de sangre, y asoman a la boca de los azafranados fosos las cabezas de los leones melencolios, bostezando de hambre.

El problema agrario español (primera parte) 27/06/1935

No me ocuparía del problema agrario español, si no tuviera contraída una grave responsabilidad: viajar por España remitiendo notas al diario **EL MUNDO**. La responsabilidad dimana de las apreciaciones vertidas en dichos artículos. Ahora bien; como contra mi voluntad me veo obligado a referirme más de cuenta, al malestar económico peninsular, corro el riesgo ante algunos lectores de la colectividad española en la Argentina, de aparecer como un cronista cuyas versiones pueden ser antojadizas, irreflexivas o unilaterales. El único procedimiento para evitar que se produzca este doloroso equívoco, donde se juega mi prestigio y mi seriedad de periodista, es referirme con cifras, y en estudio documentado, a la crisis agraria peninsular, cuya agudeza, por otra parte, es el motivo cotidiano de los editoriales de todos los periódicos de las distintas regiones ibéricas.

La crisis agraria en España es grave porque ella involucra el 80% de las actividades de su población. Me he documentado, aparte de largas conversaciones que he sostenido con campesinos, en la monumental obra que escribió el ingeniero Pascual Carrión, secretario de la

Junta Central de Reforma Agraria. Se titula “Los latifundios en España”, y apareció en Madrid durante el año 1932, de manera que sus datos son recientes. Prácticamente es lo más serio que se ha escrito en esa dirección, y su prologuista, el ex ministro D. Fernando de los Ríos, la elogia como obra de “documentación irrefutable”.

Me ocuparé del tema de la crisis agraria española en tres artículos. El lector menos documentado podrá, con toda facilidad, penetrar hasta el tuétano de este problema, que de no resolverse (pues constituye el eje de toda política actual) conducirá a España, inevitablemente hacia la bancarrota y a otra revolución.

El antiquísimo problema

Cuando el famoso padre Mariana, autor de la Historia de España, pedía aquí intervención del Estado para impedir la acumulación de tierras en manos de pocos propietarios, su punto de vista de defensor de una clase era exacto. Preveía que el campesino, sin tierras, no sólo volvería las espaldas a la religión, sino que se transformaría en una masa revolucionaria. No historiaré los levantamientos campesinos en la península, por no caer en pedantería, pero desde el año 1900 la Academia de Ciencias Morales y Políticas, convierte el problema de la tierra en el eje de sus deliberaciones, y todos los discursos de Canalejas durante los años 1902 y 3, tratan del problema agrario. En el año 1906 la Comisión del Instituto de Reformas Sociales, presidida por el conde de Romanes, promulgó la famosa Ley de Colonización Interior.

Los resultados de esta ley fueron tan desdichados que en 24 años no se colonizaron más que 11.705 hectáreas y de terrenos tan malos, concedidos para el ensayo, que la colonización fue una burla hecha a la ley.

Esto y algunos proyectos de Alba, fue lo más serio efectuado en esa dirección, para combatir a los improductivos latifundios.

Es preciso aquí, no confundir el latifundio español con el americano. En España técnicamente se considera latifundio a toda propiedad rústica de más de 250 hectáreas. Una menor extensión de tierra corresponde al mediano propietario, y de una a diez hectáreas, al pequeño propietario. Lo cual nos conduce a estudiar la distribución de la propiedad grande y pequeña, en la península. He aquí un cuadro que incluye al campesino pequeño y al latifundista de ocho regiones, y la cantidad de tierra que le corresponde a cada uno:

Regiones	Pequeños propietarios		Latifundios	
	Núm. de propietarios	Extens. med. p. prop. en hectareas	Núm. de propietarios	Extens. med. p. prop. en hectareas

Castellano leonesa	260.520	5,22	734	813,16
Central....	167.132	6,75	973	591
Levante....	335.836	3,77	656	771,26
Suroriental..	127.437	7,96	654	784,02
Mancha....	273.958	6,83	3.556	828,56
Extremeña...	171.361	7,70	2.828	755,41
Bética.....	281.361	8,48	4.101	718,70
Penibética....	934.506	6,28	1.219	751,97
Totales....	1.744.104	6,41	12.721	870,11

Un análisis más minucioso, y no por términos medios, revela:

Hay en España cerca de 8 millones de propiedades de menos de 1 hectárea sw extensión; 1.200.000 de 1 a 5 hectáreas; 144.000 de 5 a 10 hectáreas; 25.700 de 50 a 100 hectáreas; 16.300 de 100 a 250 hectáreas; 3.100 de 500 a 1.000 hectáreas; 1.180 de 1.000 a 2.500 hectáreas; 163 de 2.500 a 5000 hectáreas, y 74 de más de 5.000 hectáreas.

Aparentemente la tierra está subdividida. La mitad de ella pertenece a doce mil familias. El término medio, un campesino cifra asciende a 1.744.104 propietarios, explotan fincas cuya dimensión media oscila entre 1 a 10 hectáreas. De allí extraen su único medio de vida, y ellos soportan la carga casi total de los impuestos. Como sus pequeñas propiedades carecen de resistencia para tolerar los gastos que impone la explotación industrial, el rendimiento líquido de cada una de estas fincas “que hay que trabajar de estrella a estrella”, como me dice un campesino, más que irrisorio es increíble. ¡Tan bajo es su índice!

Tal será el tema del próximo artículo: Los ingresos del campesinado español.

El problema agrario español (continuación)

El Mundo, 01/07/1935

En la nota anterior estudiamos la distribución de la tierra en España; ahora interesa verificar los capitales que pone en movimiento, la actividad casi individual del pequeño propietario campesino y también la del terrateniente.

El cuadro que aquí reproducimos abarca las clasificaciones técnicas en que se dividen las explotaciones agrarias en la península; los gastos totales que absorben; el importe del producto y la ganancia líquida que les deja a sus propietarios.

	Total de gastos	Imp. del producto	Gananc. líquida
Huerta.....	2.750	4.000	1.250
Regadio extensivo	1.330	2.100	770

Viñedo extensivo	1.135	1.500	365
Olivar intensivo	450	700	250
Cereales intensivo	345	535	190
Encinar a pasto y montañera	28	73	45
Dehesa a pastos	10	50	40
Pastizales	4	12	8
Monte bajo	15	27	12
Pinares	20	40	20

Comparando cifras, descubrimos que el dueño de una pequeña huerta, moviliza 100 veces más capital que el dueño de un monte o de unos pastizales. Sus riesgos son infinitamente mayores; el trabajo personal absorbe en la huerta un trabajo equivalente a 1.500 pesetas anuales, en el pastizal, 1.50 peseta anual. ¿Y qué montan las ganancias que recogen del sudor de su frente, estas fuerzas vivas de España? Reproduzco de la obra del ingeniero Carrión:

“El número total de propietarios contribuyentes por riqueza catastrada, es un millón setecientos noventa mil individuos. La riqueza total que ellos reúnen asciende a setecientos millones. El 95% de dichos propietarios no son dueños nada más que del 32,67% de la riqueza total. Teóricamente, las ganancias líquidas anuales de esta masa de 32,67% debían ser 144 pesetas anuales, pero como entre todos ellos no reúnen nada más que 23 millones y medio de pesetas anuales de renta, resulta que el promedio arroja una ganancia anual por propietario, de 24 pesetas.”

“Estas cifras no necesitan comentarios, demuestran que el pequeño propietario español, o sea el 95% del propietario agrícola, no obtiene de sus tierras, en limpio (descontando los gastos), ni un real (12 centavos argentinos), por día”.

“Los propietarios medianos (rentas de 1.000 q 1.500 pesetas anuales), son escasos numéricamente, pues constituyen el 4% del total y suman 73.000 individuos.”

“Los grandes propietarios (menos del 1%) absorben el 42% de la riqueza catastrada, y como son 17 mil individuos, les corresponden a cada uno, anualmente, rentas oscilantes entre 18.000 pesetas, aunque en este grupo se pueden desglosar grandes propietarios con más de 30.000 pesetas anuales de renta.”

He aquí un cuadro de las rentas de grandes, medianos y pequeños propietarios, en pesetas, y por año, producidas por las fincas a sus dueños.

Regiones	Gran des prop. renta anual	Med ianas prop. renta anual	Peque ñas prop. renta anual
----------	----------------------------------	-----------------------------------	-----------------------------------

Castellano			
leonesa	22.820	3.130	103
Central....	13.300	2.000	120
Levante....	10.628	2.111	123
Suroriental..	25.900	5.110	192
Manchega	14.170	2.080	124
Extremeña...	18.000	2.243	149
Penibética...	15.400	2.474	148
Bética....	18.300	2.422	161

Prácticamente (reduciendo a moneda argentina); lo que gana un pequeño propietario campesino, por trabajar de “estrella a estrella”, arriesgando su capital, utilizando la mano de obra suya, de su mujer y de sus hijos, salvados todos los gastos, es en el mejor de los casos, 10 pesos argentinos, por mes.

Estas cifras son dramáticas, si se piensa que involucran a un millón de propietarios de tierra. Mientras que las grandes propiedades absorben nada más que 10 pesetas anuales de gastos y dejan sin trabajo a inmensas masas campesinas, la gran masa de pequeños propietarios, por lo exiguo de sus ganancias, está materialmente imposibilitada para utilizar mano de obra, pues a ese propósito me razonaba un campesino: “¿Cómo se puede contratar gente, para tierras que producen por mes una renta de 10 ó 15 pesetas? ¡Imposible!” Aquí asoma la raíz de la terrible crisis agraria española. El jornalero que quiere trabajar, no puede; el pequeño propietario vive temblando por los cambios climatéricos que pueden destruirle la cosecha y arrojarlo en manos del usurero, pues para él, cien pesetas en la renta de un año; el mediano propietario 100 ó 200 pesos de renta argentinos por mes, cuida sus más ínfimas inversiones con una delicadeza extraordinaria, porque cualquier mal paso puede arrojarle a la quiebra; y los grandes propietarios, que tampoco quieren arriesgar su capital, les basta y sobra con lo que le producen sus tierras, destinadas con el mínimo de los gastos a dehesas y pastizales.

Y, como en un país agrario las ciudades viven del campo, el espectáculo desolador de las ciudades españolas, con sus legiones de parados, sus fábricas sin funcionar, los albañiles sin edificar, revelan a cada paso, con qué profundidad las consecuencias de la crisis agraria engranan con el mecanismo comercial de las urbes, provocando el desmoronamiento de la economía total.

El problema agrario español (tercera parte)

El Mundo, 04/07/1935

Después de examinarse los cuadros de rentas que “disfruta” el pequeño propietario español, salta a la vista que éste no puede obtener créditos para ampliar sus explotaciones en

ninguna institución bancaria. Sus tierras no ofrecen la más mínima garantía. Únicamente le felicitan escasas sumas de dinero los usureros locales.

El latifundista puede obtener capitales, mas no le interesa conseguirlos, y cuando los tienen no los moviliza. Lo prueban estadísticas de bancos andaluces. Excuso decir que no son los latifundistas quienes van a sacar del pantano a los minifundistas. La tesis de los terratenientes es que cuanto menos se produce, más se valorizan los frutos de la tierra. Consecuencias: desocupación y falta de capacidad adquisitiva de las masas campesinas, que repercute en la industria, mermando su producción y provocando nuevos contingentes de desocupados, ya no agrarios, sino industriales.

Cuando el primer gobierno de la República comprobó que los latifundios eran el eje de la crisis agraria y, en consecuencia, de la crisis nacional, creyó resolver el problema rebajando las rentas de la tierra. Suponía que el decreto facilitaría un alto índice de arrendamientos, pero como la tierra no se trabaja con decretos sino con máquinas y capitales, los que precisamente carecían de máquinas y capitales eran los que más necesitaban de esas tierras. A su vez, el Crédito Agrícola fracasó al no responder con amplitud a las urgencias que implicaba la Reforma. Los bancos particulares, depositarios de los bienes de los latifundistas, cerraron sus créditos, y harto pronto aprendieron los aspirantes a propietarios que con la tierra no se come, ni mucho menos.

A su vez, los terratenientes, que veían en las leyes de la República un ataque a sus fueros y en la distribución de la tierra una amenaza de posible superproducción, mermaron dentro de lo factible la extensión de sus sembradíos. Táctica económica que repercutía en la política, pues, ante las inmensas masas de desocupados, ponían de manifiesto la impotencia de la República. El mismo Crédito Agrícola se convirtió, en manos del gobierno, en un arma de doble filo, pues se precario margen determinó la suba de intereses a los prestatarios. Actualmente, muchos, para responder a las obligaciones contraídas, se ven obligados a vender sus productos con un 25 a 30% de pérdida.

Como si esto no fuera suficiente, muchos países que comerciaban con España, para mantener el equilibrio de sus divisas, redujeron al mínimo las importaciones. El progreso de la técnica agroindustrial, en estas mismas naciones (preparándose para guerra por el procedimiento de que cada de ellas trabaja en su territorio con vistas a producir dentro de él lo que necesita), han convertido en ilusorios los proyectos de los terratenientes españoles, que creían que restringiendo el área del cultivo aumentarían el precio de los productos. Agréguese a esto la presión que imponen la suba de las rentas fiscales, la paralización paulatina de las fábricas, trabajando a un mínimo, y se tendrá el panorama de lo que es la desoladora situación de la economía española.

Actualmente muchos políticos inculpan a la Reforma Agraria del desbarajuste campesino, informando que los altos jornales son la causa de tal desequilibrio, pero esta inculpación toca el absurdo. Los precios legales de explotación no rigen. La desocupación campesina, y de consiguiente la superabundancia de mano de obra, han convertido en papel mojado las supuestas ventajas obtenidas por el campesinado al advenimiento de la República. El jornalero actualmente ofrece su fuerza de trabajo a cualquier precio, y no encuentra quien se la compre. ¡Cómo va a contratar jornaleros el dueño de una pequeña extensión de tierra de

cinco o siete hectáreas! La trabaja él, su mejer, sus hijos, sus hermanos, ¡y “de estrella a estrella”! Los medianos propietarios, a su vez, se reducen enormemente en los gastos y los grandes, poco que siembren recogen más que suficiente para subvenir a sus necesidades.

Las clases medias de las ciudades están alarmadas. Los industriales se ven abocados a una ruina en plazo más o menos breve. Hay ciudades muertas, económicamente muertas, Los partidos políticos, fraccionados, luchan por el poder, cada uno propone medidas salvadoras, las eternas medidas que no han salvado todavía la economía de ningún país. Hay un proyecto de nuevas obras públicas cuyas altas inversiones sobresaltan a los que examinan el panorama político, pues es casi ley de economía, que las obras públicas, no pueden remediar la crisis de ningún país, como no sean obras de ingeniería rural... Pero, entonces, volveríamos a lo mismo de antes... ¿Quiénes trabajarán las tierras beneficiadas con riego?..., etc., etc.

En síntesis, una paralización extraordinaria de capitales. Escasea la vivienda, pero no se edifica casi, y edificar significa dar trabajo a carpinteros, mosaiquistas, albañiles y pintores. No se cultiva, y cultivar significa emplear hombres, cargar vagones, poner en juegos intermediarios de las más variadas clases, las fábricas merman su producción, trabajan algunos días por semana, y los desocupados campesinos fluyen a la ciudad. Los obreros de una provincia pasan a la otra, y el problema económico, como ocupa la última etapa de su simetría ruidosa, no ofrece, dentro del actual régimen, ninguna salida a la solución. Tal es su dolorosa realidad, apoyada en cifras.

Los gitanos en la feria

El Mundo, 05/07/1935

La sequía que asuela los campos andaluces (se ha perdido la cosecha) ha deslucido la feria de este año, y son muchos los que han venido a vender sus bestias y pocos a comprar.

De ahí que numéricamente, han llegado más gitanos que campesinos. A lo largo de las casetas de la feria se extendían los corrales de mulos y caballos.

Activos buscavidas, instalaron en los pasillos de tierra, entre los cercados, carros cargados de bordalesas de manzanilla, y también hatos de pasto. Pero los campesinos, con sus pantalones de pana doblados sobre la caña de sus gruesas botas rojizas, y con la chaqueta protegida de una blusa de tela liviana, han bebido poco y meditado mucho. Viejas avellanadas, reteniendo su borrico del ronzal, tironeaban de la manga a un presunto comprador. Algunas preparaban su pitanza bajo la triste mirada de una vaca, y por cierto que ellas no estaban menos acongojadas.

En el campamento de los gitanos, tirado a cordel frente a de los campesinos, los negocios no marchan mejor. Como después de un terremoto, se ven allí, colchones doblados, entre árganas de borricos, descomunales cántaros de tierra amarilla y cabras de grandes ubres. Sus chiquillos, semidesnudos, voraces como fieras, asaltan pedigüños en jauría al que se les acerca. Y eso que el alcalde de Sevilla prohibió la mendicidad, aplicando 100 pesetas de multa a quién diera limosna. Pero los gitanillos se ponen fuera de la ley. Los gitanos – grasientos, barbudos, morenos-, disputan entre sí con dramaticidad de gesto y grandes voces.

Sus desgrednadas mujeres, tratan de apartarlos. Los guardias de asalto les miran reñir, y se ríen. No intervienen.

Asistí a una disputa maravillosa. Una mujer gorda, de cara acaballada y aretes de monedas de plata, permanecía sentada sobre una almohada. Frente a ella, un tío flaco, sombrero campanudo y la mitad de la cara con un crecimiento de carne semejante a una naranja, la recriminaba. El hombre acentuaba sus palabras con los golpes que daba sobre el suelo con una larga rama sin descortezar. La mujer de cara roja y acaballada escuchaba su jerga. El hombre seguía hablando, al tiempo que se contorsionaba como un endemoniado. Yo me decía: “de un momento a otro, asesinaré a esta mujer”. Ella, siempre callada; el energúmeno vociferando, manoteando epiléptico, sacudiendo la vara unas veces frente a la cara de la mujer y otras señalando el cielo. Les rodeaba un círculo de gitanos, de mulos y cabras.

Al cabo de una hora de esta farsa, parece que la mujer perdió la paciencia y se puso de pie.

“¡Aquí la mata!”, me dije; pero el hombre se sentó, y la mujer comenzó a ladrar sus improperios, mientras que el bergante de la larga vara, liaba un cigarrillo y movía la cabeza asintiendo satisfactoriamente. En una de esas quiso reaccionar y ponerse de pie, pero si no se lo quitan de las manos, la mujer lo destroza. Y entonces el gitano se apaciguó y comenzó a hacer muchas reverencias en torno.

A cada instante riñen en el campamento. Parece que la sangre va a correr hasta el río y no sucede nada. Los chiquillos, con la camisita hasta el ombligo, lloran entre los cacharros desparramados, y los hombres gesticulan como matachines. Sus mujeres se les cuelgan de los chalecos para apaciguarlos.

Por la noche, las lámparas coloreadas de la feria iluminan las telas de escasas tiendas. La mayoría de los gitanos duerme al aire libre. Junto a un colchón se ve una cesta con un niño, completamente liado. Los hombres tienen caras de cadáveres barbudos, en algunos, los exangües labios entreabiertos dejan ver el mortecino filo de los dientes. Muchos se han envuelto la cabeza en un pañuelo, sus mujeres vestidas, duermen arrimadas a ellos; pero estos rostros femeninos, cobrizos, en la lasitud del sueño revelan una tremenda fatiga. Me inclino sobre ellas y las miro largamente. No sé porqué, me dan lástima. Uno, para defenderse de la luz de la feria, a la cabecera de su cama ha puesto una sombrilla entreabierta. Junto a unas almohadas, descubro perros durmiendo. Su aliento se mezcla con el de los párvulos. En otros jergones, una cabra acurrucada junto a la cabeza de su dueño, mira al que pasa con su mirada de señorita atildada. Algunos asnos, de pie, a pesar de tener las patas amarradas, arman tal alboroto, que un gitano se despierta sobresaltado, y cogiendo un palo comienza a descargar garrotazos sobre el lomo de los burros.

De la superficie de la tierra se incorpora una mujer dormida, descubre el pecho, y así, dormida, amamanta a su hijo; un hombre duerme con las manos en el alto sobre la frente; algunos mulos se reparten dentelladas, y nada más lúgubre que el perfil roto de las viejas, sumergidas entre pañolones violetas, con la garganta cruzada por la mano de un sietecito.

¡Qué gente!

A la tarde me he hecho la mar de célebre, entre un grupo de gitanas. Me acerco para tomarles fotografías, pero se niegan si no les pago cinco pesetas. Les digo, socarrón, que las cinco pesetas me las tienen que pagar ellas a mí para que las retrate, y una vieja con un collar de coral al cuello, se me arrima, mientras que el clan forma círculo en torno mío.

La bruja, sacando un anillo de utilería, me lo ofrece en venta. Yo la miro, le doy una palmadita en la espalda y le digo, muy atentamente:

-De estos anillos tengo doscientos; te los vendo por un par de duros.

-¿Eres platero?

-No; soy ladrón.

Se dejaron retratar gratis.

La individualidad española

El Mundo, 10/07/1935

Narro hechos pequeños, escuetos, aparentemente insignificantes, pero cuya repetición dentro del tiempo, repujan el perfil de la personalidad española, independiente de toda sujeción y disciplina.

Entro a una librería a encargar cien tarjetas de visita. Un letrero reza en letras gordas:

“No se hace ningún trabajo de imprenta sin abonar el 50 por ciento adelantado”. Voy a entregar el dinero, pero el librero me repone:

-Deje usted, no corre prisa. Abona cuando las retire.

Dos señoritas de veinte años, bien vestidas, se detienen ante un puestecillo callejero de helados, compran dos en forma de bonete, y dándoles lengüetazos se marchan hacia su destino.

Un señor grave, de cuellos y galerín sale del mercado con una cartera notarial bajo el brazo y, en la mano, colgando por las hojas, un mazo de rábanos largos.

En un cine, el letrero luminoso, proyectado en la pantalla, expresa:

“Por orden gubernamental está terminantemente prohibido fumar”; giro la vista y entre el público que fumaba dándose una higa de los decretos gubernamentales, descubre a los acomodadores pitando a la par de los guardias de asalto.

Me dirijo a la secretaría de la Sociedad Internacional de Federaciones de Autores, a pedir gratis, en mi carácter de periodista, una invitación que cuesta veinticinco pesetas, para asistir a las fiestas que en honor de los congresales se efectúan. Me entrevisto con el secretario, le digo que soy periodista; el hombre vacila un instante sobre si me pedirá o no el credencial, luego me extiende y firma la invitación, sin siquiera asegurarse quien soy. Le ha bastado mi palabra.

Una pareja de jóvenes esposos se sienta en un café, piden dos chopos de cerveza, mantel y platos, luego abren un paquete de pescado que habrán comprado en una freiduría, y se ponen a comer.

Una docena de amigos, provistos de trozos de cordero, frío, y varias presas de pollo, se hacen instalar frente al café, en la calzada, varias mesas, y concienzudamente dan fin a la pitanza, rodeados de un círculo de perros, que les contemplan extáticos, devotos y

atentísimos. Los huesos ruedan por el suelo, y los canes no se encorajan uno contra otro, sino que el que ha recibido su limosna, la devora, dando con timonazos de rabo, las gracias al gran dios de los perros.

Entro al estudio de un abogado, y allí, de pie, en un rincón, está su vieja criada, que charla con los clientes y se informa de la marcha de sus pleitos, mientras que el secretario del juriconsulto, un mozo celoso de sus atribuciones, me dice confidencialmente al oído:

-“No he visto mujer más entrometida”. Pero lo son casi todas las criadas. El mozo del café de la Plaza del Duque, a los tres días de conocerme me pide un duro prestado; se lo facilito, me lo devuelve, y ahora que estoy por macharme a Marruecos, casi todos los días me trae un clavel de su casa, y me ha pedido la dirección para escribirme.

El lustrabotas merodea por mi mesa, constata que mis botines tienen el lustre de un espejo, se sienta en el cordón de la vereda y comienza sin que yo le pregunte nada a narrarme sus desventuras en Madrid, y de cómo le estimaba un argentino porque él juega muy bien al tute.

En la pensión donde vivo, cuando escribo, a causa del calor dejo la ventana entreabierta, y entonces se sitúan frente a ella, tranquilamente, las dos criadas, la cocinera, el mozo de limpieza y el mozo del comedor.

¿Con qué objeto narro estos pequeños hechos? Simplemente, deseo que el lector argentino se forme una idea de la estructura íntima de la vida española. La gente no disimula sus impulsos y deseos más espontáneos. Actualmente, a causa de la temperatura, las calles se techan de toldos, desde la mañana hasta muy entrada la noche y resuenan estrepitosamente las carcajadas y risas de los contertulios. La calle estrecha, es en realidad otro patio andaluz. Lo mismo digo de las conversaciones en los tranvías. Son generales, bulliciosas; el que conversa parece que pronunciara un pequeño discurso. Los demás escuchan complacidos. Y si el extranjero gira la cabeza y asiente sonriendo, entonces la mujer o el hombre que está charlando, entona más la voz y únicamente faltan los aplausos. En una corrida de toros, la gente le grita al espalda “maleta, maleta”; yo también a coro vocifero “maleta, maleta”; alguien se da vuelta y me dice: “¡Ah, usted sabe lo que quiere decir ‘maleta’”. Contesto:

-No, no sé, pero me atengo al refrán de: “donde fueras, haz lo que vieras”. La gente se ríe y me aplaude.

En cierto orden de cosas, se vive mucho más independientemente que en América, con más comodidad y familiaridad. El estado de conciencia general, es de predisposición festiva, la gente rebusca en el calendario cualquier pretexto para beber y jaranear. Sólo hay un medio para convertirlo en enemigos mortales:

-Mentarles un solo defecto de su ciudad.

¡Quítate de allí!, Valiente

El Mundo, 13/07/1935

No conozco angustia que más agote y quebrante el sistema nervioso, que la emoción encendida en la sensibilidad, por un torero valiente. A momentos su intensidad convierte al espectador en una agonía, pesadilla dolorosa que todo uno reclama, se termine para siempre.

Algunas personas (jamás habían visto torear) han pretendido comparar el coraje del boxeador con el de un torero. El símil es tan pueril, como comparar el coraje de un gato con el de un tigre.

La apreciación podrá parecer exagerada, pero el valor únicamente se mensura en ese patrón universal que se llama la Muerte. Y el torero, oscila de continuo entre el Ser y el Morir.

Creo sí, mucho más brutal, un espectáculo de boxeo que el de una corrida. Pero el box, a pesar de su brutalidad, es infinitamente menos emocionante. Al salir de una plaza, después de presenciar varias lidias, (cada una dura quince minutos) el físico del espectador tiene las coyunturas doloridas, los músculos relajados, la actividad mental ha quedado considerablemente reducida, el organismo dolorido de un trauma nervioso, reclama imperiosamente reposo. Los sobresaltos que provoca la valentía de un hombre, son tan intensos, que esa misma masa que silba y abuchea al lidiador poco decidido, cuando se encuentra en presencia de un torero que la estremece con su coraje, unánimemente de pie, le grita:

-“No te acerques. Quítate de allí. Quítate”.

Digo que es una agonía ver lidiar a un torero valiente.

Hoy, para no tomar referencias prestadas, vi actuar a Venturita el Jerezano torero de segunda categoría. Aclaración necesaria. Mientras que los diestros de primera categoría ganan diez mil pesetas por corrida, los de segunda dan las gracias cuando les pagan dos mil. Los toreros de primera categoría eligen los bichos a torear, lo cual les facilita la faena. Los de segunda categoría que inician la carrera, tiene que lidiar los animales que le echen, algunos temibilísimos, otros defectuosos y por consiguiente peligrosos, mañeros, inesperados.

Consecuencia: los toreros de segunda categoría, al adquirir cierto prestigio, son más espectaculares, impresionantes y audaces que los de primera categoría, pues éstos han llegado ya, y a lo que tienden es “a salir del paso”, mientras que los novicios, buscando fama y no pesetas (las pesetas las buscan después), se comportan frente al toro como héroes. El espectáculo que hoy ofreció Venturita, impresionó a los espectadores. Le ovacionaron prolongadamente, pidiendo a la presidencia le concediera la “oreja”.

En un pase de capa, al apartarse del toro, Venturita dio un traspié, y cayó en la arena.

El toro, sumamente bravo (ha muerto ya dos caballos), de una cornada le desgarró la taleguilla, sin tocar la camisa. Venturita se levanta un poco nervioso e irritado se va hacia el toro, que nuevamente, de un golpe de hocico, le tira al suelo. Los peones apartan trabajosamente la bestia del jerezano. Los espectadores se ponen de pie. Barruntan un desenlace trágico. Venturita descansa algunos instantes, está pálido como un muerto, luego cita al toro, le aguarda a pie firme, el bicho embiste, y Venturita se desvía; nuevamente acomete el toro, y otra vez el torero esquiva, y cada vez más próximos los pitones del animal, a la tercera esquivada, en la media vuelta, un cuerno de toro arranca de la nalga de Venturita un trozo de pantalón. El calzoncillo no ha sido tocado. ¡Tres incidentes! Pero el torero, a medida que pasan los minutos, es más dueño de sí mismo. Se ríe, provoca al animal, se deja correr por él, le da palmaditas en el testuz; el público emocionado, de pie, le grita:

-Quítate de ahí. Quítate, valiente.

Venturita trabaja constantemente arrimado a los cuernos de la fiera. Los pitones le rozan el pecho, los espectadores contienen el aliento. Venturita se cuadra frente a la bestia, el estoque casi horizontal; el toro aguarda con el testuz bajo, un relámpago, y el estoque se clava hasta los gavilanes en el morrillo de la bestia. El toro se desploma herido por ese rayo.

La plaza blanquea de los pañuelos con los cuales festeje la faena del matador y se pide la oreja, que es galardón para el estoqueador. Le tiran sus sombreros, las mujeres arrojan a la arena sus boinas.

En cambio, al tercer toro, un novillero se espanta. ¡Bueno, no es para menos! El bicho tiene los cuernos abiertos como brazos. Pone espanto en la plaza. El matador, tiembla; en cuanto el toro se le aproxima corre desolado. La gente se indigna; a mí me parece lo más natural que el tipo huya a todo lo que le dan las piernas, lo digo así, y una espectadora contesta:

-Pues, que estudie para cura en vez de torero.

La gente se ríe, le aplaude en pifia. El mozo, lívido, mira al toro, se acerca un paso, vacila, y luego escapa, seguido por el monstruo tumultuoso, y salta con tanta agilidad la barrera, que no queda duda: podría vender su miedo por arrobos.

Al fin mata al toro... pero aquello es un asesinato alevoso. El hombre ha terminado su carrera allí. Y quizá sea mejor, porque así podrá morir en una cama, a tarda edad y rodeado de compungidos familiares. Porque los otros, los valientes, mueren engarzados en los pitones de la fiera. Hasta el mejor, el perfecto, aquel que llamaban el “papá del toreo”, Poselito, finó de una cornada. Y eso que de él se decía, que para matarle, el toro debía arrojarle un cuerno.

El toro y los toreros

El Mundo, 14/07/1935

El que ha presenciado una corrida de toros... vuelve. ¡Volverá siempre! Inútil que el espectador sea un hombre culto, razonador, sensible. La lidia despierta en él, instintos ancestrales, disloca su sensibilidad con un martirio de sobresalto y curiosidad feroz, tan violentas, que todas las nociones de civilidad se trastruecan. De ahí que cuanto más salvaje sea la corrida, más profunda, torva, seductora y repugnante es la atracción. Hipnotiza su espectáculo. Después de una corrida, el organismo queda quebrantado, no se puede dormir. Durante varias noches, los ojos tienen fijos en la retina, el tremendo animal negro de agudas aspas, que por la arena color canela, avanza tardío, a lo largo de la circular barrera roja, vomitando sangre y babas por el morro; estirando tristemente el cuello como si estuviera sediento, hasta que cae sobre sus patas delantera, moviendo los cuernos tal si estuviera sollozando. La muerte de un toro, con el estoque, cuya cruz brilla al sol, y la hoja triangular enterrada entre las paletillas, es tan impresionante como la muerte de un ser humano. Más, porque el ser humano es pequeño y débil y su muerte casi siempre carece de dignidad estética, mientras que el toro muere con su corpulencia repleta de la tristeza que puede experimentar la víctima de la más tremenda injusticia. Sólo se perdona la muerte del toro, porque el coraje del torero es más enorme y magnífico que el desmoronamiento de la fiera.

El toro

Al sonar el clarín y levantarse la compuerta que cierra el toril, donde el toro hace catorce horas que está encerrado en la más completa oscuridad y sin poder menearse para ningún costado, la bestia se desprende de su caserna, poseída de furor inaudito. Algunos animales son tan bravos, que corren el centro de la plaza. En la misma boca de la salida, deteniéndose junto a la barrera, comienzan a cornear los tablones de madera con una terquedad tan espantosa, que las astillas saltan en torno de sus cuernos como las virutas en redor del cepillo de un carpintero enloquecido. Finalmente comprenden que allí no está el enemigo; giran sobre sus patas, levantan el testuz, buscan, divisan una capa roja, y sobre sus patas chueca, balanceando el cuerpo, corren velozmente con los cuernos erguidos y el morro temblante. Y esta masa alta como un edificio negro, que se precipita dando grandes saltos, atemoriza a todos. Los periodistas, y también los guardia, se esconden precipitadamente al amparo de los burladeros, instalados tras de la barrera, porque a veces el toro salta a su interior. Y sin embargo, el torero hace frente con su capa a la fiera, la deja avanzar hasta su pecho y sin apartarse gira sobre sí mismo y le da las espaldas. El público ovaciona y se estremece. Suena otra vez el clarín y tercian entonces en la lidia, a caballo, los picadores con lanzas de madera rematadas en puntas de hierro.

Los picadores tienen las piernas guarnecidas de zahones de hoja de lata, y desde hace diez años, para evitar el repugnante espectáculo de los caballos destripados, los jamelgos llevan al costado izquierdo protegido por un acolchado de cuero y algodón. Sin embargo, el empuje del toro es tal, que sus cuernos levantan al caballo y al picador, cuya lanza le desgarran los músculos junto a los brazuelos.

Otras veces, caballo y jinete se desmoronan; los peones, con sus capas se miran y se desean, para apartar el toro, que hunde sus cuernos en las carnes del coitado. Nuevamente suena el clarín, y los picadores salen del ruedo, los pencos cojeando, y a veces, por efecto de una cornada muy baja, perdiendo las entrañas. Sin embargo, la protección del acolchado es bastante eficaz. Antiguamente morían de doce a catorce caballos por corrida; actualmente, un caballo tiene una vida media, oscilante entre tres y cuatro corridas. Debía, aquí describir el trabajo de banderillas, pero lo dejaré para otra nota.

El color de los toreros

Desde la barrera (ring-side de la plaza, destinado a toreros fotógrafos en acción y toreros que aguardan su turno) por momentos se siguen las incidencias de la lucha del hombre y del toro, a una distancia menor de dos metros.

Lo que más impresiona al observador es la lividez de los toreros y sus peones. Me dice un carpintero (destinado a reparar los destrozos que hace el toro en la barrera), a quien le hago observar este detalle:

-Tien la zangre cuajá.

Sí el miedo y la extraordinaria superstición nerviosa. En ese juego atroz, en el que el hombre esquiva las cornadas de la fiera, cualquier descuido es mortal. Por momentos, torero y bestia se estudian recíprocamente. El toro, con los ojos encendidos, erizada la crin del testuz, raspando la arena con sus pezuñas delanteras: el diestro, perfilado frente a los cuernos, el estoque casi horizontal en una mano, la muleta en la otra; los “capeadores” vigilando en torno. Corre viento fresco en la plaza, pero el torero tiene el rostro bañado de sudor; los hombres que

le acompañan si son blancos están amarillos, y si son morenos, se han puesto del color de la ceniza. Cuando para “trabajar” el toro, los peones le apartan al centro de la plaza, el espada respira y se enjuga la frente. Por valiente que sea el lidiador, ante el toro la cara se le queda sin sangre.

En esos minutos terribles, el tiempo pierde su significación, el brazo del hombre se fatiga bajo el peso del estoque; a veces el estoque mal clavado en la aguja de la bestia, se desprende y vuela por los aires, sus cuernos amenazan en todas las direcciones, el animal congestionado ya no distingue la muleta ni las capas, y se precipita inesperadamente sobre los “capeadores”. La fatiga y la desesperación por acabar con esta fiera, es terrible. Cuando, por fin, el torero, abalanzándose a la bestia, que aguarda para embestir, le clava el estoque en sus tres cuartas partes en el morro, y el toro se desploma, el torero respira.

Ahora sabe que está vivo. Que no ha muerto. Que está vivo de verdad.

“El Niño de las Palmas” y las banderillas

El Mundo, 16/07/1935

No participo de la repulsión de mucha gente por los toros. Si este espectáculo no me hubiera agradado grandemente, no escribiría una sola palabra sobre él. Satisfecha ahora, con los anteriores artículos, la curiosidad emocional del lector, se puede entrar en consideraciones marginales respecto a la estética de la corrida.

Aquel que concurre por primera vez a una plaza, ha escuchado historias escalofriantes de despanzurramiento de caballos. No hay tal, y se produce es por excepción. Los caballos mueren, es cierto, pero a mí me produce mucha menos lástima, verles acabar de efectos de una corrida, que agonizar atados a un tremendo carro bajo látigo. Además, están protegidos por acolchados, que les defienden de desgarramientos.

También cree el espectador novicio que el momento más culminante de la corrida es la matanza del bicho, pero después de haber asistido a una fiesta taurina, y de ajustar la sensibilidad a la velocidad de los incidentes, prontamente se hace cargo que una faena es un espectáculo vistoso, desde que el toro entra al ruedo hasta que se le clava el estoque en la aguja.

Durante la lidia, casi ninguna operación está exenta de peligro mortal. La aparición de la fiera, movediza y negra, al sol que la deslumbra, corriendo velozmente sobre sus patas chuecas, los cuernos enhiestos, el hocico temblante de coraje, y el ensañamiento con que se lanza sobre las capas, empuje-salto que al tropezar en el vacío hace rodar al toro sobre su cabeza, dando a veces una voltereta en el aire, es un espectáculo de belleza prehistórica. La acometividad y empuje de la fiera es tal (e insisto sobre este particular) que a veces salta la barrera, y los que se encuentran allí de pie, por necesidades de su oficio, tienen que agazaparse tras de los burladeros anteriores, y otros, en cambio por no esconderse a tiempo, huir a todo lo que les dan las piernas por el ruedo, y refugiarse donde mejor pueden.

La habilidad del picador (único individuo de la cuadrilla que corre menos peligro) en defender su caballo y detener el empuje del toro con la pica, es otro espectáculo que el público entendido aplaude, cuando el hombre ha defendido con brío al animal. Picadores hay,

que aunque estén por los aires, encima de su caballo que levanta por las altura el toro sobre sus cuernos, no pierden el tino y atacan rudamente a la bestia, clavándoles el rejón en las paletillas, mientras que otros, más pusilánimes o inhábiles, al choque con la fiera, caen al suelo, semejante a tremendos fardos liados en hierro. Los toreros llamados peones se ven obligados, entonces, a desarrollar un ímprobo trabajo con las capas, para apartar de allí al toro furioso, cuyas cornadas hieren de muerte al caballo.

Como se encara ahora la operación de colocar banderillas

Faena peligrosa, emocionante, y que de no ser ejecutada con limpieza, deslucce el espectáculo. Si el banderillero es hábil, su faena se aplaude con la misma intensidad que la del diestro al matar debidamente, y entonces el espectáculo así acabado adquiere la simetría de un ballet emocionantísimo.

El torero se sitúa en el centro del ruedo, y comienza a darle voces al toro, provocándolo. La bestia echa a correr hacia él. En el mismo instante el hombre ataja velozmente a la fiera, yendo a su encuentro, con los brazos abiertos, sostenidas las banderillas con la punta de los dedos. A pocos pasos de los cuernos se detiene, lo cita en falso, con un quiebro de la cintura, y le clava las banderillas en el morrillo. Bajo la cruel mordedura el toro da grandes saltos, se revuelve, muge furioso, o se queda inmóvil, listo para el ataque. Otras dos banderillas le entregan al torero, el hombre estatuario modelado por el traje de oro y escarlata, ocupa el centro del ruedo, parece una figura de ballet, ahora no necesita azuzar al toro, éste corre a su encuentro. El torero también parte en su dirección con los brazos abiertos, nuevamente clava las banderillas en el mismo lugar que las anteriores; le entregan al matador otras dos banderillas, la bestia irritada mira al torero, levanta nubes de arena raspando el suelo con las pezuñas, hace intención de embestir pero no embiste, se recoge un instante y parten los dos a un tiempo, hombre y toro; se van a cruzar y en ese instante geométrico en que sus dos bisectrices se cortan, el torero clava las dos últimas banderillas en el mismo sitio de donde cuelgan las otras cuatro, de manera que las seis puntas de arpón, están incrustadas en un círculo de carne tan pequeño como el que puede ocupar una moneda de dos centavos. El toro da gigantescos saltos, mientras que el público ovaciona interminablemente al Niño de las Palmas, las tribunas han blanqueado de pañuelos, el hombre amarillo y sudoroso saluda al público que le aplaude.

La faena no es fácil, muchos banderilleros, de seis banderillas clavan tres, y malamente, al azar.

El que acabo de describir es un espectáculo de arte, digno de la pluma de un escritor; la única diferencia que este espectáculo guarda con tantos otros que aplaudimos porque nos deleitan, consiste en que si el torero se equivoca en sus cálculos volará por los aires, perforado por los cuernos del toro. Nada más.

Fiesta de Corpus en Granada. Desgracia con suerte.

Desencajonando los toros

18/07/1935

El día 17 comienzan las fiestas de corpus Christi en Granada, y cuando finalicen estaremos todos borrachos “perdí”, pues el leer el programa me he escalofriado. 13 jornadas de jarana, sin temor al nefasto uno tres. Acabarán el 30 de junio y Dios se apiade de nosotros.

Ya han entoldado las calles principales. Ya han llegado los carruseles y los tubos de la risa, y las montañas rusas de madera, y las barracas de los fotógrafos grotescos, y los teatrines con parodistas de Laurel y Hardy, y la mujer barbuda. Granada estrepita como una cajonería. Desde las nueve de la mañana el estampido de los martillos retumba en las callejuelas y en las plazas, bajo la copa de los enormes nogales. Por la noche el estrépito es tan desaforado, que desde las ventanas abiertas del hotel, se ven guirnaldas de lámparas rojas y azules que hacen trepidar los trineos de madera precipitados por planos inclinados. Se tiene la impresión de estar asentado sobre un volcán, cuyas entrañas hierven.

Ayer domingo, se preambuló la fiesta, con desencajonamiento de toros en la Plaza Nueva. Hubo corrida de novilleros, en la cual, el diestro Pedro Barrera, en un lance de capa, casi perdió un cuarto kilo de cuarto, y si aún vive, es porque existe una providencia caprichosa, singularísima, que a veces convierte el accidente, en la más extraordinaria de las casualidades inofensivas.

Por otra parte, el accidente es como rayo. En un match de box, se puede prever el K. O., en una corrida jamás. Creo haber dicho que el torero sabe que no ha muerto cuando sale del ruedo.

Acudió mucho público a la plaza (qué desagradable es hacer la descripción de un accidente) debido a lo baratillo de la entrada; además interesaba ver desencajonar a los toros de la ganadería de Santa Coloma, que el jueves por la tarde, después de la procesión del Santísimo, lidiarán los diestros Cagancho, Maravilla y Colomo.

Cantaban los pajaritos y Pedro Barrera toreaba a gusto del público su segundo toro, cuando se le vio dar un paso de baile frente a la fiera, escudarse en su capa y girar para darle las espaldas al toro, operación que se llama verónica. De pronto se vio al hombre enganchado en los cuernos del toro que lo sacudió reciamente hasta proyectarlo en el aire. El torero cayó como un saco de sal en la arena. Nuevamente se abalanzó el toro, pero consiguieron apartarle del caído los hombres de la cuadrilla, mientras que la gente se precipitaba a las barreras, y otros tomaban en brazos al torero. Por fin, todos respiramos cuando vimos que Barrera se ponía a caminar, yendo trabajosamente a descansar a la barrera. El pantalón estaba despedazado, pero no corría sangre. El accidente resultó prodigiosamente feliz. El torero resultó enganchado por un pliegue del pantalón y no por la carne. Pero estaba más amarillo que sí lo hubieran pintado con azafrán, y sus compañeros le palmeaban felicitándole por haber escapado tan afortunadamente. Después de descansar unos instantes, adolorido aún del porrazo, Barrera se fue al toro, le capeó y le clavó el estoque hasta los gavilanes.

Terminó al caer de la tarde. El sol estaba allá en las últimas gradas de ladrillo, cuando a la arena sombreada entró el siniestro camión gris, cargado con los seis cajones que contenían los toros para la lidia del jueves.

Todo el redondel de la plaza está moteado de viruelas blancas. La gente está en mangas de camisa; hace mucho calor. Un alegre sonido de cencerros, y por la puerta del toril entran cinco bueyes amaestrados en la labor de conducir a los toros bravos. Los bueyes

avanzan lentamente por la arena; huelen sangre derramada. Los gañanes colocan ante el camión una rampa de gruesos maderos; se levanta la compuerta del primer cajón, asoman dos cuernos, y como si le proyectara una catapulta, sale el primer toro, embiste la barrera, distingue a los bueyes y se va a ellos bravoso. Los bueyes se desvían y corren despacio, perseguidos por el toro. Es una fuga misteriosa, blanda, ladeada. El toro podría cornearles pero parece que tropezara con un obstáculo invisible; siempre ese vacío extraño, muelle; una anulación grupal que amontona a los bueyes en grupos de a tres, que entornan la cabeza hacia el toro irresoluto en sus amagos de cornada. Durante algunos minutos prosigue este juego singular, el toro embistiendo sin fuerza, los bueyes apartándose sin violencia. Abren la puerta del segundo cajón; los pastores, tras de la barrera, hacen chasquear sus ondas; las pedradas restallan y el segundo toro negro sale del cajón. Tropieza con tres bueyes que le apartan del otro toro y las dos fieras se miran a la distancia, dando rodeos. Corren una al encuentro de la otra; los cuernos rozan el suelo y las bestias se huelen y reconocen. Después de enzarzarse los cuernos blandamente, se apartan; distinguen la gorra escarlata de un peón tras la barrera y los dos toros a la par, corren al encuentro del enemigo. Y así, uno a uno, van bajando hasta que se abre la puerta del toril. El buey más grande se dirige a él y los toros le siguen, y ya no saldrán de allí sino para entrar en la muerte.

Una fiesta de alegría.
Evocaciones pintorescas de la antigua Granada
El Mundo, 19/07/1935

Mediodía. Sol africano, reverberando en lo blanco de los muros. A pesar de estar las calles entoldadas, el resplandor se cuela por los resquicios y deja manchas amarillas en las cabezas de la multitud apiñada. En los claros de gente, los Cabezudos que escoltan a los Gigantes, hacen chasquear sus vejigas de aire, golpeándolas en la cara y pecho de las personas. Las máscaras enormes, de negros y viejas, entre cuyos colmillos de jabalí trasuda un rostro congestionado, se mueven en las manchas de sol, semejantes a una humanidad saturniana, y al descargarse las vejigas, los caballos se encabritan, haciendo zozobrar los antiguos alguaciles. Ellos van trajeados como en el siglo XV, con gorra de terciopelo negro, veste roja y medias moradas. Apoyan en el muslo, la vara de un bando, y avanzan por las calles estrechas, entre un estrépito de bombas y petardos y el repicar de todas las campanas echadas a vuelo.

Una multitud heterogénea se abre paso, trabajosamente, en los estrechos pasajes. Chicos descalzos, mozas de la mancebía, tullidos con muletas, mendigos de pie enyesado, mujeres con quitasol, ciegos que golpean rudamente el suelo con sus bastones ferrados, campesinos de gruesas botas de elástico y pantalón negro, blanco de polvo. Esta multitud resulta pigmea, junto a los Gigantes, dos reyes moros, con la cabeza y la garganta refajada por la cabeza del turbante y una chilaba blanca, sobre el uniforme bermejo, cruzada por el pomo desdorado de una descomunal espada.

La angostura de las calles multiplica la resonancia del estrépito. Graznidos de claxon, campanilleo de tranvías, petardos, cornetas y campanas, estremecen el aire candente del

mediodía, como ráfagas volcánicas. El sudor corre por los pescuezos enrojecidos, la gente se apeñusca en las bocacalles, para ver pasar la Tarasca Verde, antiguo dragón de los mitos greco – latino – cristiano. Sobre un estrado la conducen mozos de cordel. La Tarasca Verde, tiene el redondo cuerpo de un sapo, cuello de jirafa, testuz de chiva, rostro de serpiente, cola de dragón. Sobre su lomo, tiesa, una señorita de cera, con sombrero, parasol y abanico. Antigüamente, sobre el caparazón de la Tarasca Verde, iba dignamente sentada una matrona, símbolo de la Teología. Otras, la Teología era sustituida por una negra de pechos desnudos y pelo anillado, rememoración de las breas y alquitranes del infierno. “Castigat riendo”, diría el pedante.

Los pobres diablos disfrazados de Cabezudos, hacen resonar sus vejigas en las cabezas de los chicos, dos caballos con la cola hecha un plumero en un atadillo de cordeles rojos y violetas, tiran de un carro de flores, claveles, rosas y magnolias; dos pajes de armas, orondos en el jardín, se dejan pasear con el escudo de la ciudad y las llaves de la Alhambra.

Se camina sudando a mares en la neblina incandescente. Rebuznan los borricos cargados de tinajones de agua, y todas las verduleras de la plaza Bibarrambía, se precipitan al encuentro del cortejo. Antaño, aquí se corrían cañas y toros, y se detenían los carros de la farsa, y los truhanes recitaban versos de malicia, ante el Real Acuerdo, la Maestranza, los abogados, el alcaide de la Alhambra, los escribanos y el Cabildo secular, rodeadas todas estas señorías, de arreboladas hembras, rodrigones, dueñas, pajes, criados, corchetes y aguaciles.

Tañen las campanas, que ya lo dejaron mandado los Reyes Católicos, para conmemorar el fin del asedio y la toma de Granada.

“LA FIESTA HA DE SER TAL E TAN GRANDE LA ALEGRÍA E CONTENTAMIENTO, QUE PAREZCÁIS LOCOS”.

Pero ya no lucen como entonces, en las esquinas de las calles, los retablos de la Teología y la Muerte, ni está pavimentado el suelo ardiente con manojos de juricias olorosas, ni las fachadas de las casas, adornadas de espejos, cuadros, colchas, mantones, terciopelos más preciosos que los mudéjares de Pastrana, ni tampoco de brocales, lamas, catalufas, damascos y rasos.

Dan ganas de exclamar:

¿Qué se han hecho los juegos hidráulicos de fontanas, y los jeroglíficos piadosos, y las calles abovedadas de sedas, y los conciertos de trompetas y chirimías, y los gitanos que bailan da danza zíngara?

¿Do están ahora los ceñudos nigromantes, y los niños disfrazados de diablos verdes, y las ramerías con abanicos de flores en la moña y los bravosos rufianes que a fuerza de codo expulsaban del corral de representaciones a los honrados burgueses? ¿Qué se han hecho las procesiones de luminarias y hachetas de cera, y vasos de aceite, y bocacalles adornadas de estatuas italianas? Ceniza, ceniza...

Baten las campanas y estallan los petardos. Por la angostura de las calles candentes como bocas de hornos, se precipita la multitud tras de los carros de flores. Chasquean las vejigas de aire, y la pólvora desparrama tufos malolientes. El sol blanquea a los lienzos encalados, centellean los bronce, los gigantes avanzan bajo los cables de alumbrado, la Tarasca Verde sigue detrás, los ciegos golpean el suelo con sus bastones ferrados y trotan las

verduleras; la multitud derriba las banderas de puestos de toros, y baten las campanas, mientras los borricos rebuznan y las vejigas de aire restallan en las cabezas, haciendo encabritar a los caballos

Corpus Christi en Granada

El Mundo, 21/07/1935

Un rayo de siete mil colores ha caído sobre Granada.

Han decorado el mercado del pescado de cuadros antiguos y espejos de marco sobre dorado, y el céfiro ondula los matones que cuelgan de las ventanas, mientras las pescaderas, envueltas en sedas tachonadas de rosas, con la cabeza radiando abanicos de flores, destripan peces de plata, y alcanzan manojos de sardinas. En la angosta calle de la Pescadería, arden los cirios de un altar esquinado, entre puestos de manzanas y cerezas.

Camino deslumbrado por el rayo de siete mil colores. Ningún escritor de la tierra podrá dar jamás la visión panorámica de esta mañana ardiente, en las diez horas de la maravilla. El fuego blanco del sol, se filtra por el tolderío. Llego a la plazoleta de la Catedral, de triple pórtico de piedra, recuadrado por muros de casas de cuatro pisos. Los balcones cubiertos de tapices, brocados, sedas, mantones, alfombras, rasos, gasas anaranjadas. Millares de mujeres menean sus abanicos, cuya silueta se alarga y encoge en las colgaduras. Zigzaguean en lo azul multitud de palomas, y a la vera de los edificios de cuatro pisos, bandeados de haces de sombras calientes, carros antiguos. Carros antiguos con toros negros uncidos al mástil, toros negros con el lomo cubierto de gualdrapas floreadas, y los testuces, coronados de claveles y las ruedas tachonadas de rosas. Están cargados de niñas vestidas como gitanas, moviéndose entre manojos de espigas amarillas. Las siluetas chinescas de los abanicos, mueven sus rayos en las paredes blancas, saltan en los tapices anaranjados, en los mantones de seda constelados de rosetones escarlatas.

Estoy deslumbrado, por el rayo de siete mil colores que centellea sobre Granada. Frente al pórtico ceniciento de la Catedral de piedra, vuelan innumerables pájaros y las niñas en los carros de los toros negros parecen manojos de flores, y el sol centellea en los caracoles de bronce de las trompetas de la caballería, y las tocas de las monjas, en las altas ventanas enrejadas del palacio arzobispal, se inclinan para mirar el fondo de las calles donde ondulan serpientes amarillas, filas de niños con manojos de gallombas amarillas, y por momentos parece que las grandes sombras achocolatadas de las callejas angostas, giran sobre su eje, y se abren nuevas perspectivas, muros entapizados, con colgaduras cuyos flecos ondula el viento, un viento blando que entreabre los cortinados verde manzana, granates, blancos. Lentamente avanzan los toros negros de los carretones, adornados de ramos de flores vivientes, el sol restalla en las gualdrapas, las espigas amarillas, las guirnaldas de claveles rojos se pierden en el fondo de la calle amarilla y comienzan a desfilar las cofradías. Sol, sol murmullos de trompeta, niños sentados en las aceras, escalones de multitud oscura, cordones de guardias, océanos de cabezas, innumerable pantallar de abanicos en todos los ventanales, donde los tonos oscuros de las sombrillas claras festonean de siluetas los rostros de las muchachas reclinadas en los tapices escarlatas.

El pavimento está cubierto de hierba olorosa y húmeda.

En el fondo de las habitaciones de los terceros pisos, familias de visitas, sombras calientes de chocolate en las esquinas, sombras de agua fría en las piedras, de acuarela en los frisos, chicos trepados en las verjas de la Catedral, en los faroles, en las rejas. Flujo y reflujo de voces humanas sobre las cabezas de la multitud. Desfile lento de cofradías, procesiones de niñas de blanco sosteniendo candelabros de plata, cruces de oro. Monagos escarlatas. Huérfanos con candelas encendidas bajo el sol. Suenan las trompetas y de las cabezas de los apóstoles de piedra que guardan los pórticos de la Catedral, se desprenden nubes de pájaros, baten las campanas y estallan los petardos. Desfilan los hombres de bragas bermejas y medias blancas y gorra con donaire de plumas. Desfilan los antiguos fanales de bronce, y los estandartes envejecidos por los siglos y los coadjutores de las parroquias, y las insignias en forma de medallones, de tridentes tachonadas de platos, de escudos y banderolas, y después cortejos de pequeñas niñas vestidas de ángeles celestes, con alas de plumas iguales a las espaldas. Y tras ellas, otras que con ángeles de oro con alas de igual color, y tras ellas otras que son ángeles color capullo de rosa. La puerta de la Catedral, parece infatigable. De ella continúan saliendo perpendiculares estandartes de terciopelo, de damasco, de brocado, algunos con pastoras verdes aplastando dragones de fuego, otros con ángeles violetas y ermitaños anaranjados, y se cierran los ojos, y cuando se abren continúan desfilando los estandartes de terciopelo negro con palmas de oro y los escarlatas con ramaduras de plata, y en el aire blanco de sol, tiemblan las innumerables flocaduras, y pasa el estandarte que tremoló el conde de Tendilla en la torre de la Vela al tomar posesión de la Alhambra, que es el estandarte de Castilla, y pasa banderolas violetas y escudos de paños con coronas imperiales y águilas bicéfalas, y luego una corona de rosas blancas que conducen los pajes blancos, y tras ellos la custodia de oro que regaló a Granada, Isabel la Católica, sobre un trono de plata bloqueado de candelabros de plata, y atrás, el arzobispo con el báculo de oro pastoral, y el Cabildo Eclesiástico con capas pluviales tejidas por monjas en el tiempo de Carlos V, capas amarillas historiadas por motetes verdes, monjes de barbas onduladas y panoramas del desierto.

Y atrás del Cabildo y de los monjes, marchan lacayos que conducen el sillón escarlata del arzobispo, y luego las literas de la época en que se conducía el Viático con decorados de soles y cigüeñas y cargadas por mozos que visten trajes de estofas acuchilladas por enrejados de plata, y después un carroza del tiempo de Felipe II, dorada con ruedas de color rosa, y los palafrenes conduciendo por la brida los potros blancos, y se entrecierran los ojos... y han pasado dos horas... y por otra calle llega el principio de la procesión, mientras el final, recién se aleja del triple pórtico de la Catedral.

El séptimo día de fiesta en Granada
La incontenible alegría del alma española
El Mundo, 22/07/1935

Medianoche. Llovizna. ¡Y la gente bailando en las plazas!

Después de siete días de jolgorio. Por desgracia para el espectador, la fiesta de Corpus en Granada carece del brillo y variedad que anima a la Semana Santa de Sevilla, pero, a pesar de todo, estos españoles son maravillosos.

A las nueve de la noche comienza a garuar. A las diez, el agua tamborilea en las tejas, pero salgo pensando: “no habrá nadie por las calles”, mas llego al café Royal, frente al Ayuntamiento, y tropiezo con la gente tomando café bajo la lluvia, con los paraguas abiertos. Agua cenagosa corre bajo sus pies. Aunque ando solo, me río de verles. Realmente, no hay quien les haga acostar temprano. El concierto que daba Arbós en el palacio Carlos V ha quedado suspendido. Pienso en meterme en un cine, pero como ando corto de dinero, resuelvo irme a dormir.

Al llegar a la pensión me encuentro con un telegrama anunciando giro, y entonces, reconfortado vuelvo a la calle. Llueve y no llueve. Las familias van llegando al café, y las que no encuentran sitio bajo el toldo se ubican bajo el cielo encapotado, con paraguas al alcance de la mano. Llueve. Las gotas rebotan en el mármol; ellos abren el paraguas, riéndose. ¿Digan ustedes si no es para encantarse con gente semejante? A las once y media de la noche se detiene un organillo frente al café, con el borriquillo tan cubierto con una manta, que de él sólo son visibles las largas orejas. El cojuelo del órgano da vueltas al manubrio, y comienza a desgranarse el “Ay Rocío. Ay Rocío mío”.

A las doce de la noche estallan petardos. Miro, alarmados, en redor. La gente se levanta precipitadamente de las mesas, y le pregunto al mozo qué es lo que sucede.

-La verbena, en la plaza de Bib-Rambla.

-Pero si llueve...

-¡Ah! No importa.

Me levanto, diciéndome nuevamente: “No debe haber nadie”, y marcho hacia la plaza. Nubarrones de humo de aceite flotan en el aire iluminado sobre las cabezas de la multitud. Los tenderetes de churros, con los calderos que se amontonan cenizas y brasas, están rodeados de grupos de gentes. Las vendedoras, con abanicos de flores sobre la cabeza y flecados mantones de Manila, echan a las sartenes ringlas de chorizos de harina. En cada extremo de la plaza toca una orquesta, y en los recuadros baila la multitud. Las mujeres, como grandes manojos, mientras que en los mármoles de las mesas chispean las gotas de agua que caen.

“Pero si llueve – me digo, - ¿Qué hace esta gente, que no se va a dormir? ¡Están locos!”

No hay nada que hacer. No se marcharán hasta que no descargue un diluvio. En cuanto arrecia un poco el agua, se refugian bajo los portales, maldicen el tiempo, riéndose y sacudiéndose como perros después de un chapuzón. Amaina la lluvia, y la muchedumbre, a coro, comienza a aplaudir, lo cual significa insinuarle alegremente a las orquestas que ocupen su sitio, y sobre las baldosas mojadas, el baile renovado arrastra cometas de huellas, y los mozos enjugan apresuradamente las mesas, y sobre los mármoles húmedos se acomodan nuevamente ringlas de familias.

Por momentos relampaguea. Los balcones de las casas de cuatro pisos están violentamente iluminados como arcos voltaicos. El viento menea los cordeles de banderillas que enguirnaldan la plaza como un despacho de bebidas. Yo merodeo entre los grupos de

familias, me detengo frente a las mesas, observo a la gente tomar su café con leche y devorar sus churros, sus sorbetes y refrescos, y me encantan y apasionan estas viejas amables, estas parejas de novios, los matrimonios con sus chiquitines dormidos en el regazo. Uno a uno les voy mirando el rostro, tratando de empaparme de ese espíritu que les anima a ellos a realizar una vida de alegría, que es su auténtica, y permanente belleza.

¡Y no se van a dormir!...

Las gotas caen en los mármoles grasientos. Levantan las cabezas, miran el cielo tormentoso, y después parecen decirse:

-Pero si no son nada más que gotas de agua.

¿Para qué les cuento esta historia? Pues para que puedan catar las magnitudes de esta alma española, la fuerza con que está clavada a las expansiones de la vida, la violencia con que ama y goza a la vida.

Yo no sé si otros pueblos del planeta son semejantes, pero sí puedo afirmar que nosotros, en América, no nos comportamos del mismo modo.

Y no se van a dormir...

Sonríó mientras escribo, y pienso en “Y no se van a dormir”.

Ciertamente. Odian el sueño, la oscuridad del cuarto, el aislamiento. Y odian la monotonía y la seriedad aburrida, y mientras termino de escribir estas palabras, evoco algunas verbenas de la crema de la sociedad granadina, a las que he asistido, y donde el espíritu es el mismo. La maja, la picardía de la vendedora de mercado y de la chula aparece en la dama más empingorotada. Podrán mantenerse tías en cuarto de hora, pero al minuto dieciséis estalla en ellas la chispa de la gitanería. En los hombres el smoking es un disfraz, el disfraz menos adecuado para su temperamento encendido.

La tortura más grave que se le puede infligir a esta gente es obligarles a callar durante media hora. No aguantan. Necesitan moverse, estrepitar. En los conciertos de Arbos, el murmullo de esta masa humana de smoking y mantones recordaba el de una plaza de toros. Los filarmónicos enloquecían de furor. Más en lugar que Arbos hubiera estado allí un organillo de manubrio.

Con Blas Infante, líder del andalucismo. El sentido de amistad en España

Visita de despedida. Me voy al África

El Mundo, 24/07/1935

Si a don Blas Infante le dijeran:

-Dígame, ¿usted sabe quién es Roberto Arlt? – se vería obligado a contestar vagamente:

-Hombre... sí... Un mozo argentino, que dice que es periodista...

-¿Y quién se lo presentó a usted...

-Pues, hombre... francamente... no sé... Creo... sí, me trajo una tarjeta... o un amigo...

-Pero usted le ha llevado a su casa, él le visita aquí en el bufete... ¿Qué sabe de él?

Juro que ante estas preguntas respeto a mi persona, don Blas Infante se vería en un apuro para contestarlas.

No sabe quién soy yo, salvo lo que le he dicho de mí. Pero el día que he necesitado libros inhallables en las bibliotecas, o datos, o también la tarde que estaba aburrido, he ido caminando hasta su bufete, he tocado el timbre. Una cadena abre le cerrojo de la puerta cancel, dejo mi sombrero en el perchero, subo una escalera de mármol, me detengo ante la puerta del escritorio donde está corrida una cortina de terciopelo rojo, don Blas, sentado en un sillón que perteneció a Cautelar, escribe con las gafas caladas sobre la frente, y un cigarrillo entre los dedos de la mano izquierda. Levanta los ojos fatigados, me ve, sonríe, extiende la mano y exclama:

¡Hombre! ¿Usted por acá? Siéntese. Pilar... niño, anda, dile a Pilar que traiga un café para el señor... ¿Su apellido, que siempre se me olvida?...

-Arlt...

-Un café para el señor Arlt, niño... Y a propósito, hombre, ¿por qué no se viene el domingo a almorzar a casa? Vendrán varios amigos. Charlaremos. Don Blas tiene casa en Coria del Río, un pueblecito de colinas. He pasado allí horas gratas. Don Blas inclina la cabeza y aparece Pilar. Pilar es la criada, una viuda madre de dos niños. Totalmente analfabeta, “pero muy lista”, como me dice un cortijero. Cuando el estudio está lleno de gente, Pilar, decentemente vestida, circula por allí con bandeja de café y le pregunta a los litigantes por sus juicios. Cuando don Blas diserta, Pilar, con los brazos cruzados, le escucha devotamente.

-Siéntese aquí, hombre – me dice don Blas. – Pero, ¿cómo es que se ha perdido tantos días?

-Tengo que trabajar como una bestia, don Blas...

Don Blas levanta la cabeza, una hermosa cabeza redonda, entrecanosa, su rostro moreno se ilumina de una sonrisa, luego se inclina sobre un oficio que le ha traído un procurador, y yo allí arrellanado en un butacón, contemplo al hombre y al paisaje.

Por el cajón de vidrio de la ventana se distingue el lomo negro de una iglesia, A causa del contraluz, parece la cresta de una montaña. Los ramojos de las acacias verdean intensamente. Aparto la mirada de allí y la fijo en la cabeza de don Blas, más arriba, donde un cuadro que parece de la escuela italiana, representa un San Juan, de brazos musculosos medio cuerpo envuelto en un ropón morado, escribiendo frente a un corte de sierra borrosa.

El bufete está adornado de chucherías antiguas, cuadros, escribanías de plata, un reloj de vieja máquina, retratos amarillos, una biblioteca de cedro; bajo los pies, para no enfriarse con el fresco del mosaico, don Blas tiene un felpudo.

-¿Está saborío?

-Sí, Pilar; gracias...

Pilar se regodea y goza el prestigio de su amo, y la sabiduría de su amo. Le contempla con cierta admiración y orgullo perruno. Su mirada parece expresar: “Mi amo no es cualquier cosa. Ven qué dichosa soy yo en servir a tan grande hombre”.

Yo bebo silenciosamente mi café, y miro a don Blas, pienso en la curiosa e improvisada amistad que me une a este señor, en las atenciones que ha tenido para conmigo,

en la naturalidad con que nos tratamos como si hiciera la mar de tiempo que nos conociéramos y una emoción cálida, profunda, me sube por el pecho. ¿Qué sabe él de mí? Nada absolutamente. Y yo estoy aquí, fumando, mientras él escribe y un propietario rural me dice al oído:

-Ministro podría haber sido este hombre, si hubiera querido...

Yo sonrío. Gozo profundamente el paisaje de montaña que no existe; la auténtica paz provinciana, la vejez de estos libros entarimados, el silencio la estampa de Pilar con sus dientes saledizos a lo perro bulldog y el pelo rubio, ondulado y el rostro pecoso mira escribir a su amo con los brazos cruzados. Don Blas levanta a momentos la mirada fatigada de los papelotes, las gafas sobre las cejas, chupa su cigarrillo, sonrío, inclina nuevamente la cabeza; de pronto le digo:

-Don Blas; me marcharé a Marruecos la semana que viene...

-¡Hombre! Pues le daré una recomendación para Requena.

-Muchas gracias...

-Hombre, quédese...

-Tengo que escribir, don Blas... vendré el sábado.

-Bueno; no se pierda usted, hombre... y venga el domingo a comer a Coria.

Yo me marchó. He pasado un rato agradable, quieto, sedante, en la casa de un señor que me recibe cordialmente y que no me conoce. Esto sólo ocurre en España.

De Sevilla a algeciras. Pasamos por Alcalá de los Gazules

Circo, toros y gente dominguera

El Mundo, 25 /07/1935

[nota de la redacción – Publicamos hoy la última correspondencia de Roberto Arlt sobre su visita a la ciudad de Granada, porque a partir de mañana nuestros lectores comenzarán a gustar sus nuevas impresiones sobre el África musulmana. El enviado especial de EL MUNDO en España cruzó, en efecto, el estrecho, en procura de temas y como un paréntesis a sus tareas en la Península. A través de sus narraciones africanas podrá apreciarse hasta qué punto lo novelesco se mezcla con la realidad pintoresca en esos países cuyo paisaje, cuyas ciudades y cuyas costumbres han estimulado siempre la pluma de los escritores y cronistas. Roberto Arlt ha sido testigo y actor de sucesos interesantes y pintorescos. Inquieto y andariego; desenfadado y curioso de las más diversas sensaciones, su presencia no podía pasar por cierto inadvertida para los que están encargados de vigilar la actividad de los viajeros que no aparecen identificados con el medio ambiente. Y esto le ha dado motivo, no sólo para describir el espectáculo de pueblos seculares, sino para narrar episodios que prueban que en la edad moderna son posibles ciertos hechos comunes en otras épocas remotas. Por otra parte, su manera característica de ver y de contar encuentra cómo ser aplicada, con esos rasgos de su estilo que lo emparentan con más de una página de la literatura picaresca española. No desfilarán, pues, por esas crónicas, en las que sopla el aire caliente del desierto, ni las aldeas de mar, ni caseríos montañoses, ni campos labrantíos.

Poblados moriscos, aduares sombríos, rostros bronceados, desfilarán por sus relatos, que han de acrecentar, sin duda, el eco que los anteriores han encontrado en el público lector.]

Para dirigirse a Marruecos es necesario embarcarse en Algeciras. Tomo en Sevilla pasaje de autobús. Hoy estas líneas de vehículos recorren en todas direcciones a España. Los caminos de la República se prestan admirablemente para dicho servicio, aunque deben mermar considerablemente los ingresos de los ferrocarriles.

A las siete de la mañana del día 12 salgo de Sevilla. Llegando a Jerez de la Frontera, el ómnibus se aparta del camino que conduce a Cádiz, tomando ruta hacia Alcalá de los Gazules. Marchamos a lo largo de valles profundos y de colinas tapizadas de florecillas naturales de diversos colores. La metáfora de los poetas bucólicos y pastoriles, es verídica aplicada al campo español. Donde no avanza el cultivo, esmaltan la tierra grandes manchas de flores temblorosas. Al borde del camino, árboles añosos, retorcidos al estilo que se contempla en los cromos de caza, en un desorden cuya simetría asombra por su natural distribución estética. Por momentos, el camino de automóvil bordea abismos tan verticales y hondos como los del Valle Traful, en Neuquén. El paisaje ofrece planos inclinados, semejantes a los de las fotografías tomadas desde un avión.

Se charla en el autobús. Viene un señor con dolor de muelas, apretándose la boca con un pañuelo, un matrimonio de portugueses, bastos y groseros, dos familias alemanas y tres parejas que integran el elenco de un circo ambulante por feriales. Los del circo traen metido en un cesto a un perro sabio; de tanto en tanto la señora, que lleva el canasto sobre las rodillas, entreabre la tapa y el can negro asoma un hocico humanizado por su mirada plañidera. La gente se encanta con el chucho y la señora enumera explicativa:

-Conoce a los revisores de trenes y a los guardias de asalto.

Una vaca brava se detiene en medio del camino; duda un momento si acometer o no al autobús; luego, inteligentemente, se aparta de él. A propósito de vaca, se conversa de toros; yo cuento mis impresiones de novel aficionado, y un señor, sentado a mi lado, me cuenta detalles del aprendizaje de torero. Es digno de novela picaresca y trágica.

El aficionado a torear, además de carecer de hacienda para mantenerse a sí mismo, nunca cuenta con medios para comprar un toro. ¿Cómo resuelve el problema? Pues toreando clandestinamente. En la imposibilidad de aprender a torear por correspondencia, ni tampoco poniéndole untar de cuernos a una bicicleta, como aparece en serio, aunque es grotesco, en la película de George Raft, titulada “Cuando suena el clarín”, el aficionado a torear se introduce subrepticamente en los campos donde pacen los toros bravos. Allí, después de apartar a un animal irritándolo con el capotillo, lo torea, sin matarlo por supuesto. En las noches de verano estos aficionados lidian a la fiera a la luz de la luna. El espectáculo es fantástico. Algunos han sido encontrados por los garrochistas al día siguiente, muertos a cornadas. Joselito (que en paz descansa) descubrió a Belmonte una noche en que éste, desnudo, cruzaba el Guadalquivir para meterse en sus campos a torearle reses. Así han hecho su aprendizaje casi todos los grandes toreros y otros que han perecido en los primeros ensayos.

Ahora subimos una cuesta de cuatro kilómetros, que conduce a Alcalá de los Gazules. Valles cuyos bosques aparecen diminutos en le fondo, cordones de montañas de color de

hierro, tras de ellas otros cordones color humo de cigarro, y más atrás aún, montes altos, diluidos como gasas. Alcalá de los Gazules aparece en un codo del camino, con sus cubos de casas encimadas en las estribaciones del cerro. Es domingo; la calle principal negrea de muchachas calzadas con zapatos excesivamente grandes, sombreros irrisorios y carteras en la mano. Algunas van con guantes y sin sombreros. Un ciego aparece limosneando; la propietaria del perro sabio saca un cobre y lo entrega al mendicante, luego explica:

-Cada vez que veo a un ciego se me representa mi padre, que está muy dolido de la vista.

El marido, de boina, frente a ella, ratifica ampliamente la conducta de su cónyuge y, dogmático, dicta cátedra a los oyentes.

-Ninguna limosna es mejor dada que al ciego, porque los ciegos son de por sí comedidos y exentos de vicios. En cambio, jamás debe hacerse merced a los lisiados, porque son daos a las malas amistades y en cuanto beben un vaso de vino se deslenguan.

La tesis del titiritero confirma numerosas experiencias de los circunstantes, y la gente mueve la cabeza, asintiendo.

Por fin salimos de Alcalá de los Gazules.

El paisaje continúa boscoso, pero ahora con una particularidad sumamente curiosa: todos los árboles están descortezados hasta la altura de las ramas. Los troncos lisos, desnudos, contrastan con una prolongación de ramas rugosas, y como este ejemplo se repite durante kilómetros y kilómetros de camino, pregunto qué es lo que pasa en ellos y me explican:

-Son alcornoques, cuya corteza de corcho se destina a los fines industriales que conocemos. Si al alcornoque se le despojara enteramente de su corteza, el árbol perecería; en cambio, dejando a las ramas con su envoltura natural, el tronco resiste la operación quirúrgica a que se le somete cada nueve años.

El camino describe curvas ininterrumpidamente. De pronto una mancha azul de agua centelleante, un anfiteatro de montañas, un ramalazo de olor a sardinas, y el cobrador del autobús exclama:

-Algeciras.

No sospecho lo que me aguarda en Algeciras.

Complicaciones a causa de mi apellido. La pesadilla del espionaje.

El agente nº 80. "Puede embarcarse"

El Mundo, 26/07/1935

Oficialmente, la entrada de Tánger es factible para cualquier ciudadano del mundo, cuyos papeles estén en orden; pero, prácticamente, no llega a Tánger sino aquel a quien la policía internacional de la zona permite entrar. Vigilancia extrema controla a los viajeros; mi apellido alemán resulta sospechosos, y en la Compañía de Navegación Trasmediterránea, cuando quiero comprar el pasaje, me indican la conveniencia de conversar previamente con el agente de la policía internacional, número 80, que hace el servicio de vigilancia entre Algeciras y Tánger.

En una nota próxima narraré el episodio que me ocurrió con un agente, también de policía, no sé si al servicio de Inglaterra, Francia o España, al volver de Gibraltar. Pero volvamos ahora a Algeciras.

Algeciras es España, pero una España cuyas características se nos aparecen completamente trastocadas. Sus hoteleros ofrecen aquí una catadura enigmática, sospechosa. Los hombres serviciales y bondadosos que nos acogen cordialmente en las ciudades españolas, y que encienden una vela a la Virgen en los vestíbulos de sus hospedajes han desaparecido. Aquí, cada hotelero, tiene la prestancia de una agente de investigaciones; mirada en la chispea la incredulidad, palabras donde se bifurca lo capciosos de la pregunta. Casi todos ellos son ex agentes de policía internacional, y aun dentro de la piel del posadero deben prestar sus pequeños servicios a la policía y recibir remuneraciones y propinas. El ambiente es traidor, turbio, desagradables; la zona internacional revela su proximidad equivoca. La Línea, pueblo de contrabandistas de sedas y tabacos, se encuentra a un paso de Algeciras. Los tiroteos son frecuentes entre contrabandistas y polizontes del Monopolio de Tabaco. La policía política no se queda atrás en el meneo de riñones, África, es trabajada intensamente por los agitadores profesionales de diversas tendencias políticas. Los alemanes, fascistas o antifascistas no pueden entrar a Marruecos. Además, se trata de evitar la infiltración del comunismo, que les interesa a los jóvenes árabes. La vigilancia es intensa, reiterada.

Resuelvo por lo tanto entrevistarme con él agente número 80, porque si no tendré que resignarme a no visitar Marruecos. Si se tratara de ver a un ministro, no cuidaría mayormente el aliño; pero como estos polizontes son tan impresionistas, me afeito y engomino escrupulosamente. La penetración psicológica de esta gente no atraviesa el espesor de un traje. Allí se detienen todas sus observaciones. Además, no hay que olvidarse que en Europa el traje es el uniforme de una clase, y la policía respeta el uniforme.

Un empleado de la agencia de navegación me indica que espere al polizone en un bar. Este viene a verme vestido de particular. Es alto, flaco, amarillo, nariz aguilina, cejas mefistofélicas. La propia estampa del conquistador o espadachín que nos ha encantado en los grabados de madera de las novelas de aventuras. El policía pide un chope, y comenzamos a charlar. Primero examina cuidadosamente mi pasaporte, luego...

- ¿Usted es argentino o extranjero naturalizado?
- Argentino. ¿Necesita mi libreta de enrolamiento?
- ¡Oh!, no. Pero, ¿para qué quiere ir a Tánger?
- No sólo a Tánger sino a otros puntos. Soy periodista.
- ¿Qué va a escribir sobre eso?
- Paisaje, notas pintorescas...
- ¿Su diario es argentino?
- Sí.
- ¿Qué dinero lleva usted para Marruecos?
- Más de mil pesetas.
- ¿Trabaja con algún banco en España?
- Sí. Con el Hispano Americano.

-¿Cuánto tiempo piensa estar en Marruecos?

-Depende del material que encuentre para escribir.

Pero en ese instante la conversación se interrumpe. Entra al bar una mujer, se dirige a nuestra mesa y le entrega al polizonte una foto. Al sesgo veo dos figuras: una de la propia mujer, que está de pie delante de nosotros, y la otra, una desconocida, que por falta de viveza se ha dejado fotografiar en compañía de la espía... Moraleja: cuando se navega en asuntos políticos, no hay que fotografiarse en compañía de desconocidos. La mujer se marcha, y yo haciéndome el zonzo:

-¿A qué se debe tanta vigilancia...?

-A los comunistas y a los alemanes. Entran por todas partes y si no soliviantan los trabajadores, sublevan las tribus.

-¿Mucho comunismo en Marruecos?

-Por desgracia, mucho, y también mucho pájaro de cuenta. ¿Cuándo piensa ir a Tánger?

-No sé; martes o miércoles. ¿Qué tal es aquello?

-Le va a interesar mucho. ¿Viaja solo usted o con alguna mujer?

-Solo.

-Bueno, perfectamente. Cuando quiera puede embarcarse.

Ha terminado el interrogatorio. El hombre se echa al estómago el cubo de cerveza, y sin hacer el gesto de pagar, se marcha a sus aventuras soturnas.

El Peñón de Gibraltar. La ciudadela. Una ciudad sombría y limpia

El Mundo, 27/07/1935

El Peñón de Gibraltar parece un perro de Terranova echado sobre las aguas, con el hocico apoyado en las manos. Vigila la entrada del estrecho, erizado de casamatas, torres metálicas, semáforos. Su lomo muestra cicatrices de cemento armado, rayas oblicuas, boquetes de morteros, nidos de ametralladoras disimulados en los boscajes. Por dentro, el peñón, ha sido ahuecado a dinamita; circulan trenes eléctricos en sus pasadizos.

Travesía de cuarenta y cinco minutos desde Algeciras. El barco atraca, se desembarca como en las películas inglesas; policemen con casco alto y escudo del imperio, marineros ingleses, soldados ingleses, banderas inglesas. Estamos en Inglaterra, no en España.

Entro a la ciudadela por la calle Main Street. Está entoldada de banderas del imperio. Letreros de tela, la cruzan de fachada a fachada. Leo uno: "BULCHAND'S JUBILEE SALE". Gallardetes de todos los colores flamean sus triángulos al aire; el retrato de rey Jorge y la reina, adorna los frentes de las casas, cuyos muros están revestidos de banderas inglesas: rojo, blanco y azul. Recorro las calles. Nombres ingleses. Flat Bastion Road, Prince Edwards Road, Library Street. Camino por la Kings Yard Lane, por la Cannon Lane, y en todas las vidrieras, cromos, acuarelas, cuadros, representando al rey Jorge.

Nombres ingleses donde se fija la vista. Grand Stores, Royal Army Ordnance Corps. Frente a los cuarteles levantan la guardia soldados escoceses, piernas desnudas, pollerita hasta

las rodillas, escudo de crin sobre el vientre, medias a cuadros rojos y blancos, gorrito negro con largas cintas caídas sobre las espaldas.

Son raros los letreros no redactados en inglés. Incluso los de las farmacias de turno. Placas de mármol y bronce con inscripciones inglesas. Marineros con polainas blancas y barba en punta. “Sea scouts” con el uniforme de marineros; pero el pantalón corto, y puñal a la cintura. Rostros afeitados, fríos; la gente se detiene asombrada a contemplar a los soldados escoceses, que hacen la guardia. Diez pasos, media vuelta en cuatro tiempos, con un intervalo de un segundo en cada tiempo. El espectáculo es impresionante. Alguien murmura a mis espaldas:

-No son hombres, sino autómatas.

Pienso que tiene razón. Si el mismo rey Jorge estuviera detenido frente a este soldado, la conversión en cuatro tiempos no podría ser ejecutada más correctamente. Es una máquina cuya mirada, aunque uno se detenga frente a él, no os mira nunca. Una ametralladora de carne.

Camino. Fachadas enguirnaldadas con colores rojo, azul y blanco del imperio. Retratos del rey... de la reina.

Del rey Jorge uniformado de marino, sentado en una butaca de estera, el rey Jorge con su mujer, de espaldas al trono, ambos de gala, él y ella con la capa de terciopelo rojo y las vueltas de marta, retratos del rey Jorge trajeado de general de infantería, la barba entrecana en punta, los labios rojos, retratos de rey Jorge vestido como un particular, cuello palomita, escribiendo una carta en el borde de un escritorio bajo en grupo estilizado de caballeros medioevales, retratos del rey Jorge de almirante, entorchados, galones gordos. En la vidriera de una tabaquería, entre habanos estibados en cajas de cedro, dos retratos de la reina Victoria. Uno del año 1837. La emperatriz tiene cierto parecido con una joven andaluza, el pelo negro, separado con raya al medio, en dos bandos que se anudan en la nuca; el segundo del año 1897, nos muestra a la reina de perfil, vestida de blanco, pensativa. Nos recuerda los retratos de la infanta Isabel.

Esta es una ciudad inglesa, sombría, limpia, tan limpia que en ninguna de sus calles asfaltadas se encuentra un trozo de papel. Policemen en cada esquina, oficiales de la armada del imperio, suboficiales, soldados. Vigilancia por donde se pone el pie.

Señoras inglesas con institutrices inglesas y niños rubios, adolescentes ingleses en motocicleta, niños ingleses en bicicleta.

Hacia donde se mira, la bandera del imperio. Murallas de piedra y cemento armado de varios metros de espesor. Cañones antiguos en las bocacalles y jardines. Ordenanzas en inglés. Nombres de todas las calles en inglés.

Orden “system” incrustado en los hombres, en las piedras, en los vegetales. No ha perdonado ni los árboles. Todas calles están sombreadas de cúpulas verdes, en torno de los troncos jóvenes triangulares empalizadas de tablas pintadas de verde. Silencio, canto de pajaritos, voces altas, pero de españoles. Los marineros ingleses hablan en voz baja, aun de paseo marchan militarmente de frente. Dos jóvenes “sea scouts” detienen a una mujerzuela y correctamente la acompañan al desembarcadero, y hasta que el barco que va a Algeciras no se separa de la costa, ellos no se marchan. Desde lejos, sin que ellos le vean, les observa un

inglés alto, rostro de hielo pálido, ojos de tigre. Y él tampoco se mueve de su lugar hasta que el barco zarpe. Orden “sytem”...

Tengo la sensación del imperio, del gato de nueve colas, de los ahorcamientos sumarios y correctos. Hierro, cemento armado; un sacerdote católico inglés acompaña a cuatro hombres que llevan sobre los hombros las puntas negras de un ataúd negro; vuelvo la cara y en cada vidriera, en cada fachada, cromos, cuadros, fotografías del rey Jorge, banderas del imperio...

Policía política. Una cadena de agentes vigila a los viajeros.

Imperialismo y comunismo

El Mundo, 29/07/1935

Antes de partir de Sevilla, para Marruecos, me habían advertido que tuviese cuidado con los moros. Yo, en mi fuero interno, resuelvo tener, no sólo cuidado con la gente de color, sino con los blancos, a quienes conceptúo infinitamente más peligrosos.

Después del interrogatorio a que me sometió el agente internacional número 80, visito Gibraltar. Al caer la tarde y retirarme del peñón, le pregunto a un policía el significado de los negros boquetes que bordean lo alto de la muralla. El hombre me contesta que pertenecen a fortificaciones antiguas, y en cuanto me aparto de él, se me acerca un señor alto, moreno, delgado, quien, muy comedidamente, me dice:

-Si usted me permite, señor, le advertiré que ese policía le ha engañado.

-¡Ah!, sí.

-Sí, señor. Los agujeros que usted ha visto, pertenecen a baterías de cañones y nidos de ametralladoras... Pero, usted es argentino, ¿no?...

Ha quedado establecido el nexo de la conversación. El hombre es correctísimo, pero pronto tengo el presentimiento: “Este individuo va a tratar de sacarme mis ideas políticas, ¡ojo!, nene”. Y no termino de pensarlo, cuando el hombre comienza a desarrollar una tesis sobre el imperialismo y la crisis, que ya me sé de memoria. Yo escucho fríamente. Se ha producido lo que preveía. Estoy en compañía de un agente de policía política, que de tanto en tanto se interrumpe su labor cortésmente, e invitándome con cigarrillos rubios, me pregunta:

-¿Qué opina usted?

-Pues, hombre... yo no opino nada, porque no entiendo ni jota esos asuntos económicos...

-Es que, vea usted... Etc., etc.

¡Al diablo con la costa de África! Han tendido hasta la salida de España, una cadena de espías provocadores y soplones, que espanta. Alemanes, rusos, austriacos y polacos, encuentran dificultades enormes para entrar al África. En Gibraltar, no se puede permanecer por la noche, sin solicitar autorización de la autoridad militar. Las puertas de la muralla se cierran por la noche.

El policía moscardea en mis oídos. ¿Cuál es el objeto de mi visita a Tánger? Él es muy admirador de los alemanes. ¿Viven mis padres? Si yo pudiera imaginarme la estima que siente por la Argentina... etc.

Yo lo observo, pero me digo para mis adentros:

-¿De dónde habrán sacado a este desgraciado? ¡Vean que “trabajarlo de conversación a un porteño”! No aparto la mirada del moscardón, y, de tanto en tanto:

-¡Ah, sí. Pero no me diga, ché. ¡Quién iba a pensarlo! ¿De modo que hubo revolución en Asturias?...

El provocador se pone nervioso.

-¡Cómo! ¿Usted es periodista y nos está enterado de la revolución en Asturias?

-Sí, pero soy un periodista “sui generis”, ¿sabe? A mí me interesa el paisaje.

Como le hablo imperturbable, el tipo está entre la duda de si le estoy “cachando” o soy un imbécil de solemnidad.

-¿Y qué opina usted del comunismo? ¿Hay comunismo en su país?...

-¿Comunismo? ¿Comunismo? ¿Qué es el comunismo?

-¡Hombre! Yo creía que ustedes los periodistas argentinos eran hombres que dominaban estos interesantes problemas sociales... Vea que todo el mundo hoy va hacia la izquierda...

Ahora yo extendiendo el dedo, señalándole:

-¿De modo que usted es comunista, entonces?

-¡Hombre! Yo no... pero, en fin...

-Pues vea, amigo (y le palmeo las espaldas), ¿por qué no me explica usted lo que es el comunismo?

El policía tiene la boca seca. Habla con voz sibilante. De pronto comprende que por el lado de las ideas políticas no puede sacarme una palabra, y se destapa por otro ángulo.

-Yo traigo un contrabando de Gibraltar. ¿Usted no sabe si revisan a la salida de la aduana? (Como para no saberlo él, si a todo el mundo o registran). Tengo un miedo de que me encuentren algo... ¿Usted no trae nada?...

Yo también traigo contrabando: películas fotográficas, que cuestan la mitad de precio que en España, tabaco, un encendedor automático precioso, cintas de máquina; pero muy digno le contesto:

-No me parece correcto que un ciudadano defraude la aduana de su país. Mire, si todos los españoles procedieran como usted...

El sujeto me mira en vilo. Debe pensar: “este es el más grande otario que ha puesto el pie en Algeciras o el estúpido más extraordinario que nos remite América”. Sin embargo no se desalienta. Me propone:

-Usted, como hijo de la madre patria, me resulta simpático. (Gracias). ¿NO quiere que nos encontremos esta noche después de cenar?

-Lamento mucho, pero yo de noche trabajo y duermo.

El hombre ha empalidecido. El barco atraca en el puerto. Mi interlocutor, trabajosamente me extiende una mano floja, sudada; luego se aparta. Yo lo vigilo. Cuando llega a la puerta de la Aduana, pasa sin que lo registren. A todos los pasajeros los cachean. Yo llego a la puerta y exclamo en voz alta:

-¡Argentino! Entonces los guardias me señalan la puerta, y salgo también sin que me revisen...

Pero no han terminado aquí mis coloquios con la policía. En Tánger se renuevan a los pocos días.

Aguafuertes Africanas

**El agente N° 80 y su sustituto. Dos malandrines que se reverencian.
cada turista puede ser el mendrugo de un chivato.**

El Mundo, 30/07/1935

El cruce de Algeciras a Tánger como el de Málaga a Melilla, está sembrado de espiones. Yo voy amablemente escoltado por el agente de policía internacional, número 80, pero cuando éste se aparta de mí, otro señor, que desde que comenzamos a cruzar el estrecho no separa la vista de mi persona, se me acerca y señalándome la orilla montuosa de Tarifa me pregunta:

-Dígame, señor: ¿esa es la costa de África?

Muy serio le respondo:

No; creo que es la de Groenlandia – y le vuelvo las espaldas. El tipo no insiste y se aparta.

En el llamado Zoco Chico, entro a comprar cigarrillos a una tabaquería; tras de mí, un señor de gorro de lana, cara fina y larga y chilaba celeste. Al escuchar que reprendo el niño del mostrador porque no me atiende prestamente, me hace una reverencia y me pregunta:

-¿Usted es argentino, señor?

-Hombre; ¿y en qué lo ha conocido usted?

-En el acento.

En fin, es verosímil que le conozca a uno a un árabe por el acento, pero ya estoy sobre aviso, y a continuación se produce lo de siempre.

-¿No quiere que salgamos a conversar? ¿Qué hace usted aquí?

-Soy periodista...

-¡Ah! Periodista... Yo también he sido periodista... Además he estudiado diplomacia en Alemania. "Spikint deicht".

Indudablemente, este señor por comunicación del plano astral, ha sabido que soy hijo de alemanes y que por lo tanto es muy posible que hable en alemán (los alemanes fascistas o antifascistas, necesitan un permiso especial para entrar en Tánger).

A renglón seguido la eterna conversación. Él es izquierdista, pero germanófilo, y además nacionalista. ¡Vean que pot pourri! Grandes elogios de Alemania. Yo lo escucho fríamente. Me pregunta si mis padres viven, quiere ofrecerme un regalo para mis padres; yo le hago una exquisita reverencia a la que él corresponde; nuevamente retorna a la carga, pero a sus preguntas yo le contesto haciendo otras preguntas; el árabe, cuya mirada salta como una avispa sobre mis expresiones, me dice por qué no le contesto a sus preguntas y yo le respondo que en nuestro país no tenemos costumbre de conversar con desconocidos de política, y que nosotros respetamos esa costumbre como ellos los nacionalistas árabes respetan el Corán.

Nuevas genuflexiones. Frente a un surtidor de nafta, nos detiene el humilde señor que da vueltas a manita de una gasolinera; es un inglés de expresión inteligentísima; conversa en árabe con este señor y en continuación me comunica que está muy contento de conocerme, que aquí, en la Sell Mex trabaja un argentino, si quiere dejarle mi nombre, él se lo entregará al argentino, el cual vendrá a visitarme; irónicamente le dejo mis señas a este inglés tan servicial y políglota que se gana la vida en un surtidor de nafta en vez de traducir los poemas de Abul Kasin Feroussi, y me marchó. Luego me informo, y me comunican que el argentino es un entrerriano judío, que trabaja al servicio de la policía. Él inglés también es espía, el surtidor de nafta es un puesto de vigilancia sumamente estratégico.

Escortado por el árabe eterno de mirada de avispa, echo a caminar; me invita a comer al día siguiente en su casa, acepto, pero dispuesto a no ir, y el moscardón, agradecido, me hace una genuflexión a la que contesto con otra, y así vamos por las calles, semejantes a dos malandrines que se reverencian el uno al otro. Al separarme de esa avispa, converso en el hotel con el espía de la Cancillería de España, un señor Luis Morente. Don Luís Morente cita como frase de otro una de la cual él es el autor: “si a mediodía, en el Zoco Chico se tirara el tricornio de un gendarme, es seguro que de las cien personas que hay sentadas en los cafés, no quedarían diez”. Yo festejo a don Luís Morente; le aseguro que es más inteligente que Quevedo, y don Luís pica el anzuelo y cuando le narro la aventura del árabe, me confidencia:

-Esos son tipos que en argot madrileño llamamos chivatos. Trabajan al servicio de la policía, pero no cobran sueldo, sino cuatro pesetas por informe escrito, que pasan sobre cada forastero sospechoso a quien vigilan e interrogan. Como son varios los que se dedican a este trabajo, se reúnen los informes de todos sobre la misma persona, se estudian, y de allí se confecciona una ficha. Cuando estos chivatos averiguan algo interesante, se les paga mucho más. Cada cancillería europea tiene aquí su cuerpo de espías. La mayor parte de esos europeos se sientan a tomar el café en el Zoco Chico, y aunque parecen personas decentes, son bribones terribles, delincuentes políticos. Aquí se aportan bien, incluso fingen una profesión o un corretaje, pero en Tánger es donde se preparan los golpes de mano, las campañas políticas clandestinas, los atentados. Yo, siguiendo el sistema del zorro con el cuervo, lo elogio a don Luís; le digo que sus conocimientos son preciosos; él me informa de que levanta la guardia desde un balcón alto que mira al Zoco Chico y, que se encuentra en el Club Español; enfrente hay un hotel con piso alto, en la ventana de allí, vigila un agente francés...

Como podrán apreciar ustedes, una atmósfera angelical, poética. Espionaje, contraespionaje... y provocadores que son unos desgraciados, muy fáciles de “operar”.

El Tánger. Martirologio del turista. Plaga de guías. Persecución sistemática hasta el tercer día.

El Mundo 31/07/1935

El martirologio del turista en Tánger, comienza al llegar al puerto. Una cáfila de moros descalzos, negros rapados, ancianos, niños con un collar de roña en torno del cogote, se precipitan sobre las maletas con tal furor, que el viajero se ve obligado a solicitar la ayuda de

la policía indígena, para que no le arranquen los bultos de las manos o le revienten las maletas, precipitando su contenido al malecón.

Se pone en salvo de estos bandidos trepando a un coche. El coche, ofrece características carnavalescas. O va cubierto de un toldo rosa, o con un paraguas, y lleva además, bocina de automóvil. Al lado del cochero se instalan uno o dos moros, sus amigos, mientras trepados a los estribos, jóvenes de color, corredores de hoteles, restriegan por las narices del visitante las tarjetas de los hospedajes, pensiones y fondas.

Una vez instalados los bártulos en el hotel, el viajero, como es natural, hambriento de paisajes nuevos, se lanza a la calle. Y aquí su situación ofrece un solo símil posible:

El de una liebre acosada por una trailla de podencos. En cuanto el desdichado pone un pie en la calle, una brigada de guías moros, que aguarda su salida, se precipitan a él, ofreciéndole sus servicios, exhibiendo sus chapas de cobre, para demostrarle al pasajero que ellos no son asaltantes, sino guías. Inútil es que el extranjero menee la cabeza, afirmando que no necesita brújula de ninguna especie. Los forajidos de chilaba y fez encarnado marchan imperturbables tras él, disputándose entre sí, la piel de oso, es decir, la propina que esperan recibir de la víctima que escoltan, señalándole cada uno por su cuenta, entradas de calles y parajes curiosos.

Ingenuamente ¡Oh candor occidental! Ignorante de la paciencia y tenacidad oriental, el viajero y sus siete mil sombras, se ubica en una mesa de café, pensando: “se marcharán”, pero no ha terminado de pedirle al mozo lo que va a beber, cuando cae sobre él, semejante a una nube de langostas, los vendedores de baratijas.

Cualquiera diría que hay un convenio entre los guías, y estos bandoleros.

Primero son vendedores de babuchas, pero no uno, ni tres, sino cinco, diez, quince, desfilando sin interrupción, procediendo como si no estuvieran esterados que el desconocido no quiere babuchas ni para caminar sobre una plancha de hierro candente; después los fabricantes de guitarras árabes, una concha de tortuga con un mástil que es un palo de escoba. Para que el forastero no dude de la sonoridad del instrumento, rasgan las tensas cuerdas; después, los vendedores de carteras, ilustradas con paisajes árabes y que se fabrican en Barcelona y que al turista se la pasan como confeccionadas en el país, luego los vendedores de feces cónicos y gorros de lana, después los mercaderes de alfombras, de panderos, de anillos contra el mal de ojo, de platos de cobre, de cojines de cuero.

Toda esta canallada, persistente, pegajosa, hediendo a manteca rancia, forma un círculo implacable, en torno de la mesa del turista. Psicólogos profundos, proceden contra el forastero por el procedimiento del agotamiento, pues en cuanto uno de ellos se marcha, otro ocupa su lugar, y así, durante horas y horas.

¿Qué se ha hecho de los guías? ¿Se han marchado? No.

Ellos esperan. Levanta usted la mirada de su diario, el mejor procedimiento para sacarse de encima a los vendedores de baratijas, y allí, ubicado uno tras de una columna otro bajo un arco, el tercero en una bocacalle, aguardan.

Se marcha usted a almorzar. Vuelve al café. Pues allí están los guías. Esperándole. Silenciosos. Echa a caminar, ellos atrás, ofreciéndoseles:

-Fuera – grita usted rabioso, y los hombres correctos, sonríen, una genuflexión, y se marchan. Usted se cree por fin solo, a las tres cuadras, nuevamente los fulanos que brotan de un embrollado laberinto de callejuelas y que le sonríen y saludan haciéndose los enconradizos, como si terminaran de verle.

Se mete usted al café. “Se han marchado”, piensa usted respirando, pero no, allí queda uno, inmóvil junto a una columna, contemplándole como un gato mira a un pescado. Al verse descubierto, el guía os saluda llevándose la mano a los labios, con la mayor frescura del mundo se acerca a vuestra mesa y muy cortésmente os pregunta:

-¿Cómo estar salud, señor? Muy bonito esto. ¿Gusta usted?

Uno no sabe si echarse a reír o emprenderla a puntapiés con un hombre tan perfectamente educado. Respondo entre dientes, y el árabe, atento:

-Yo llevar a ver palacio Muley Hafid, el Marchan; Mezquita, Muley Idris.

-Quiero que me dejen tranquilo.

Y el guía desaparece bajo un arco. Usted paladea su café, y al cuarto de hora, nuevamente, siente la presión de una mirada, gira la vista, y allí, con el perfil junto a una columna, inmóvil bajo su chilaba celeste, está él, esperando a que la paciencia se os acabe.

Dos días dura este trabajo. Al tercero si habéis resistido, el guía pasa a vuestro lado, os saluda atentamente, pero no se detiene. Sabe que no estáis dispuesto a dejaros robar. Además han llegado otros barcos con turistas, y no están ellos para perder su tiempo. Y a su vez, uno se regocija contemplando a los flamantes recién llegados víctimas de los trabajos por los cuales uno ha pasado, porque estos mercaderes tienen una memoria tan prodigiosa que ni por equivocación se aproximan a uno, al tercer día de radicarse en Tánger.

Lo estupendo es el espectáculo que ofrecen los turistas, al caer la tarde, y de vuelta de sus excursiones, acompañados por los moros. Los polizontes se vuelven locos para arreglar las diferencias que se promueven entre los occidentales que se saben robados y disputan agriamente y los moros, que hacen valer tarifas fantásticas y extras insospechados. El saqueo es total. Una botella de cerveza, le cuesta al forastero que se marcha en el día, en el Zoco Chico, quince francos. Los vigilantes les dan razón a los nativos. Es inútil que el turista de paso proteste. Las que más padecen con estos atracos, son las señoras. Cuando ven a sus maridos vaciar la cartera, se aprietan acongojadas las bolsas contra el pecho. Y uno que ha pasado por ello, contemplando el espectáculo, se ríe divertido.

El Zoco Grande de Tánger. Mercaderes y campesinos. Uñas pintadas y tatuajes. “Flirt” sin trascendencias.

El Mundo 01/08/1935

Por la empinada calle de la secta de los Siaghins se llega al Zoco Grande, mercado de los campesinos de Tánger.

Descaradamente me instalo en el cajón de un mercader, entre un círculo de moras, y desde allí, semejante a un rey mago, me dedico a observar el trajín del mercado. Se encuentra instalado en un pentágono pavimentado, con grandes árboles. Los traficantes depositan sus legumbres, cacharros, arneses y flores en el suelo. Cuando uno camina tiene que cuidar de no

aplastar las cabezas de ajos, las patatas pequeñas, los manojos de hierba y los discos de huevos.

Las campesinas se cubren de anchos y campanudo sombreros de esterilla, cuyas alas, para que no caigan sobre las mejillas, se sostienen mediante cordones de algodón negro o azul, amarrados a la copa del sombrero. Usan pantalones color rosa o verde, ajustados al tobillo. Casi todas van descalzas; algunas jovencitas tienen las uñas de los pies pintadas de rojo, y a lo largo de la pierna, tatuajes de un celeste muerto, rayas dentadas, lunas, estrellas, la rosa de los vientos. Se envuelven el cuerpo en una saya abierta, rayada verticalmente con listas bermejas y blancas, son raras las que no se adornan con ajorcas de plata, pulseras y largos pendientes. Las campesinas más pobres, llevan pantalón únicamente hasta las rodillas, el resto de la pierna lo envuelven en cueros pelados de oveja. Las madres de niños muy pequeños, llevan sus infantes enfardelados a la espalda. Cuando los pequeños plañen lo amamantan. A pesar de su fealdad, se cubren el rostro sobre la frente y la nariz, de modo que apenas son visibles de ellas, los ojos, o un solo ojo. Los gandules de sus maridos, recostados en el suelo fuman o charlan, por excepción trabajan: con la cabeza liada de un turbante y las velludas patas desnudas, aderezan ramos de azucenas, manojos de claveles.

Una muchedumbre de nativos y extranjeros pulula en este muladar. Negras inmensas, apoyándose en largos bastones, con collares de coral hasta el ombligo; viejos que venden escudillas de leche, desarrapados con andrajosas chilabas color de barro, llagas en los tobillos, cráneo rapado; esclavos con casquetes de algodón y enormes espuelas. Hay europeas que vienen a hacer compras, seguidas de moritos enfáticos, descalzos, con pantalones bombachas recamados de oro; inglesas de traje sastre, cocotas francesas, tremendamente escotadas. Las flores forman trincheras, las campesinas se inclinan hacia los caminantes ofreciéndoles pepinos y pequeños huevos marroquíes.

El agua encharca el pavimento. Bajo las ramosas cúpulas, los mercaderes, de turbante, juegan con piedritas o monedas. Algunos se lavan los pies en la plaza pública, otros se cubren las llagas de las piernas con emplastos de yerbas y ceniza, y una pestilencia de pimienta, manteca rancia y pescados flota por donde se va.

Me entretengo en flirtear con las moritas por excepción bonitas. Cuando reparan que uno las mira, vuelven la cara fingiendo enojo, dejan pasar un minuto, luego lentamente giran la cabeza y espían, y se nuevamente encuentran la mirada del extranjero, simulan irritarse, tapándose el rostro con el embozo. Así otro minuto, luego se descubren lentamente y se echan a reír mostrando hileras de dientes brillantes. Son pequeños animalitos.

Yo las saludo al modo oriental, llevándome los dedos al corazón, a los labios y a la frente. El gesto las hace chillar de alegría.

Gozo y paladeo el espesor de esta atmósfera tosca y brutal. Me acerco a las campesinas jóvenes con críos en los brazos, los hay muy bonitos; le juego a los parvulillos con dedos y las pobres mujeres me miran extáticas, arrobadas.

En el Zoco Grande se encuentran los puestos de aceiteros, cerrajeros, cambistas. Los cambistas son casi todos judíos. Tienen sus mesitas colocadas a lo largo de las murallas de la mezquita. Sobre la tabla, las monedas francesas, árabes y españolas, forman pilas de discos.

Las monedas árabes son curiosas, con relieves simétricos, triangulares, pentagonales, inscripciones más seductoras que encajes y guardas.

A pocos pasos de allí, trafican los montañeses, ante cuyas esteras los terrones de sal forman pequeñas pirámides deslumbrantes de blancura; los cordeleros con mazos de sogas de paja trenzada; los alfareros que venden anchos platos, como ruedas, de arcilla roja.

En torno del zoco hay cafés, cuchitriles, en cuyo interior un esclavo negro vigila una tinaja de cobre donde hierve té moruno. En las puertas y a lo largo de los muros encalados, se extienden las mesonas pintadas de rojo. Los campesinos toman vasos de té verde con hojas de menta y cederrón, otros juegan a los naipes, o con discos de lata. Los más ancianos chupan sus largas pipas o repasan un rosario musulmán de cuentas gordas.

Las mujeres trazan conjuntos abigarrados, bultos blancos, las formas femeninas desaparecen bajo los enormes ropones que deforman el pecho, los brazos, la cabeza, casi todas ellas están prodigiosamente envejecidas.

El sol centella en los charcos de agua, los perfumes de las flores fermentan, los gatos pasan por las orillas de los puestos con el rabo tieso; los negros se escarban la nariz; los carabineros indígenas, de bombacha azul y casaca roja, desfilan arrastrando el sable; los burros marroquíes, casi tan pequeños como perros de Terranova, rebuznan prodigiosamente, y la única forma limpia, pura y simétrica, es la torre de la mezquita, rectangular, recortando el cielo con sus aristas agudas y planos revestidos de mosaicos pentagonales blancos y negros.

Pero ningún muecín canta la hora en ella...

¿Dónde está la poesía oriental? Las desdichadas mujeres del Islam.

Mugre y hospitalidad.

El Mundo 02/ 08/ 1935

Uno de dos, o yo soy de la naturaleza más antipoética de la tierra, y por consiguiente, incapacitado para apreciar las delicadas bellezas del planeta, o de lo contrario, los que han escrito sobre la poesía de Oriente, han dejado actuar libremente su fantasía, olvidados totalmente de la realidad.

Pero tengo a mi favor dos antecedentes sugestivos: en España, cuando se quiere indicar un paraje sucio, se sintetiza: “Vamos, hombre, África”. También la novela “Tartarín de Tarascón”, bajo la festividad irónica del chiste, deja asomar al África que bajo la acción del europeo se ha convertido de kabila sucia en mugrienta factoría.

Me expreso con esta rudeza, porque pronto hace una semana que me paseo por Tánger, intrigando a la policía de la administración italiana, francesa, inglesa y española, que aún no creen en mi misión periodística, y juro que de mañana, de tarde y de noche, hay tan fétidos olores en sus callejas como pienso olerlos jamás.

Y hablemos ahora de poesía, si ustedes quieren.

La única literatura verdadera a la psicología de Oriente, es el libro de “Las mil y una noches”. “Las mil y una noches”, son los relatos que corresponden al temperamento de una raza materialista, sustituyendo el trabajo de la imaginación creadora, por la fantasía que acciona ilógicamente en el terreno de lo maravilloso como de lo real. Estética primaria de la

que me ocuparé en otra nota, cuando hable de la vida de los comerciantes africanos, así como funcionarios, cuyo *modus vivendi* está muy ligado a los bizantinos interiores de las famosas historias.

Detengámonos ahora en la vida popular y en las causas de su evidente falta de poesía, derrochada en sus escritos, por muchos que probablemente jamás han visto Oriente.

La vida de Marruecos y en general de las ciudades africanas que practican la religión musulmana, carece de poesía, porque la mujer, elemento de inquietud y estímulo y consiguiente de intrincadas actividades sensoriales, no participa absolutamente a ninguna actividad de la vida social.

Es el primer fenómeno que se observa en Tánger, y eso que Tánger es una ciudad europeizada. No he visto aún a un árabe comerciante o de la clase media, en compañía de su mujer por la calle, como no ser a los campesinos, y éstos por necesidad, pues los hombres llevan las criaturas en brazos mientras sus mujeres van cargadas de tremendos fardos de pasto, de leña o de carbón, y como simultáneamente las desdichadas no pueden llevar al crío y la carga, ellos las acompañan montados en burros, cruzados de piernas, con el parvulillo junto al pecho.

Las mujeres a su vez carecen de encantamiento y seducción femenina, provocador del sobresalto imaginativo o poético. Desfiguradas en el interior de sus mantas, la cabeza encapuchada, la frente vendada, el rastro cubierto casi hasta el nacimiento de la nariz con una tela cruzada que deja visible únicamente los ojos, son menos atractivas que una monja tornera, cuyo aspecto reproducen con ostensible y superior deformidad. Leo no sé en que revista, de un señor que encarece la poesía de Oriente, que “estas mujeres se pierden por las calles como fantasmas”; a mí más que fantasmas me parecen bolsas ambulantes. Descalzas, mostrando los calcañares amarillentos por las babuchas aplastadas, desafío a nadie que pueda encontrar inspiración poética en fuentes tan bastas.

Las mujeres del pueblo, así como las de la clase media son totalmente analfabetas; sólo raros ejemplares de la aristocracia árabe leen y escriben o reciben educación de institutrices europeas. Al menos, aquí en la zona de Marruecos. Dichas mujeres, en la intimidad producen una vivísima desilusión, pues carecen no sólo de la técnica de la coquetería, sino también del arte de agradar mediante la sociabilidad.

Se casan sin conocer ni haber conversado jamás con el hombre que será su esposo (en otra nota describo un casamiento marroquí), frecuentemente en la clase media este acto social queda reducido a una operación comercial, en el cual, la mujer tiene que aportar una dote, que varía según las fortunas de los contratantes. Los comerciantes pudientes mantienen un harem con cuatro o cinco mujeres, pero en el cual siempre conserva su primacía la primera esposa, a la cual están casi jerárquicamente sometidas las otras. Anuladas en la función social, desprovistas en absoluto de las más rudimentarias nociones de cultura, convencidas ellas mismas por efectos de la educación de su inmensa inferioridad respecto al hombre, son pequeñas bestias junto a las cuales se pasa indiferentemente como ante un muro.

La ciudad africana es más sucia que un cajón de basura. Casi todas carecen de agua corriente, la gente se baña raramente, los moros huelen a manteca rancia. Cuando se entra a un obrador es menester taparse las narices disimuladamente; pero me informan que el estado

higiénico de la ciudad de Tánger es loable comparado con otras ciudades africanas del Sur. A medida que uno se interna en el continente aumentan los malos olores. Los hombres son de una amabilidad exquisita, gentiles, aun los más desarrapados. Asombra encontrar tan buenos modales en personas cargadas de piojos. Son espontáneamente generosos y caritativos. Si se tiene con ellos una atención, no reposan hasta cumplimentarle a uno con el doble de lo que han recibido. Sus granujas son prodigiosamente sutiles, peligrosos y simpáticos.

El narrador de cuentos. Abuso de ingenuos y piadosos. Precursores del teatro.

El Mundo 03/08/1935

Toda la piojosería de Tánger forma círculo en cuclillas, a espaldas de unos andamios, en el Zoco Grande. Escucha al “xej-el-clam”, o sea el narrador de cuentos. Caras redondas color aceituna, barbas en collar y en triángulo, viejos de pantorrillas desnudas, freidores de pescado con babuchas color limón, negros esclavos sudaneses, con la mota cubierta de una redecilla de conchas blancas caracoles verdes, y una melena de abalorios violetas sobre el cogote. Mozos de tahona con los hombros desnudos y los brazos enharinados, mandaderos de carnicería con un delantal que se mete por la cabeza y piernas sonrosadas, faquines de carbón con narices de caballo y una lana amarilla por barba, niños de chocolate que sonrén con dulzura de gacelas entornando tímidamente ojos de buey, turcos blancos, gordotes, mejillas como bifes, barba lacia en collar y fez escarlata ladeado sobre la cabeza rapada, moros andaluces, de bronce finos y tiesos junto a los troncos de los árboles, bereberes que mascan trozos de madera y escupen astillas, vendedores de flores con un ramo de rosas aplastado sobre la cabeza, rifeños campesinos, envueltos en chilabas vastas y enormes, cortadores de babuchas, tejedores de cestos de caña, cosechadoras de “leben” embozadas totalmente en su lana blanca, cargadores de agua, con odre de pelo lacio colgado al flanco.

Viejos con turbante blanco rematado en una calabaza roja, fumando largas pipas de hornillo corto. Toda esta multitud de narices vastas, de frentes estrechas, con fajas de bandidos, forman un círculo en el suelo de piedra. Mantienen las piernas cruzadas, mostrando la planta del pie calloso. Algunos se acarician dulcemente los dedos de los pies, otros parásitos en el canto de las piedras. Me abro paso entre esta multitud musulmana y me siento en cuclillas, en el suelo, a semejanza de ellos. Les agrada y sonrén cuando les fotografío.

En medio de este círculo de piedra, está el narrador de cuentos, el “xej-el-clam”, descalzo, con los pies hinchados por tumores lívidos, una chilaba negra caída sobre los hombros, rostro mongólico fino color tabaco, con un musgo de barba blanca en el mentón y vivaces ojos oblicuos. En una mano soporta una vara, y en otra un florero de cartón con fondo de cuero. Es el tam-tam.

Narra un cuento en idioma árabe. Pronuncia media docena de palabras y golpea tres veces el fondo del tam-tam. Pronuncia otras seis palabras, y nuevamente golpea con los dedos tiesos el fondo del cuero del florero. Toma la vara y señala un punto en el suelo de piedra. Los espectadores vuelven los ojos a ese punto y menean la cabeza afirmativamente como si vieran allí algo que confirma las palabras del narrador. El xej separa el bastón del suelo y se queda contemplándolos a todos en silencio, increpa el espacio, protesta con movimientos de cabeza

y golpes del pie desnudo en el suelo; vertiginosamente su mano extiende al cielo, pronuncia unas palabras y rápidamente todos los espectadores se llevan los dedos de la mano derecha a los labios y a la frente. Ha pronunciado el nombre de Dios. Nuevamente el xej-el-clam golpea con sus dedos callosos el tam-tam; silencio, pero ahora el narrador habla en voz baja, debe reproducir un diálogo al oído de alguien. Los viejos insensiblemente dejan apagarse sus pipas. Los niños entreabren los bellos infectos, dejan de rascarse; todos mueven la cabeza a esa voz que murmura quedo, mientras que los párvulos se dan con el codo, asombrados, como diciéndose: “Quién iba a predecir semejante complicación”.

De pronto el narrador levanta la voz, pronuncia tres palabras y todos estallan en carcajadas. Algo aquí ha ocurrido; el xej se encorva, su cara se llena de terror, su palo se mueve en el aire. Evidentemente, está combatiendo con un espíritu invisible; todos contemplan espantados el enemigo con el cual batalla el narrador. De pronto el xej lanza un grito, levanta las manos al cielo; nuevamente pronuncia el nombre del Clemente, del Misericordioso; los dedos de la multitud vuelan de los labios a la frente; todos se quitan el gorro, vitorean el triunfo de Alá su profeta. Los viejos sonríen satisfechos; el narrador se frota la frente con la manga negra de la chilaba. Y señala a lo lejos. La multitud vuelve la cabeza para mirar huir al enemigo; el xej se sienta en cuclillas; para despabilar al auditorio arranca un redoble sordo del tambor, y luego extiende las manos.

Rebotan las monedas de cobre en las piedras. Desparrramados que no tienen ni para comer, le arrojan su óbolo; los chicos de tahona, los freidores de pescado, los mandaderos, se rascan los bolsillos; los vendedores de agua registran sus harapos; un ciego alarga la mano con un disco negro; el narrador examina las monedas a sus pies y señalándolas con las puntas del bastón, oblicuando los ojos, se niega a recogerlas. Son pocas. Para reiterar su disconformidad se cubre la cabeza con el capuchón de la chilaba. Nuevamente los desparrramados se registran los bolsillos, un chico gordo con gorro cónico de lana, rapado, arroja dos cobres más; un jorobadito, penosamente se desprende de su moneda; el xej no se digna mirar, permanece un rato cubierto; el círculo de miserable le contempla afectado. El narrador se destapa, mira las monedas, se pone tieso como un resorte, lleva las manos al pecho, luego señala al cielo celeste y nombra al Clemente. Prestamente todas las manos se detienen en los labios y en la frente; los espectadores se raspan los bolsillos; los esclavos negros hurgan sus harapos. Un viejo abre su monedero. Yo arrojé mi cuarta moneda, pero de plata esta vez. El xej-el-clam me señala con su bastón; me propone como un ejemplo que debe avergonzar a los buenos musulmanes; todos me miran y otra lluvia de cobres rebota el pavimento. Entonces, digno, serio, el narrador se inclina y recoge la limosna, mientras que yo, asombrado de esta piedad y generosidad del pueblo me digo:

-He asistido al nacimiento del teatro antiguo. Homero recitó sus versos entre círculos de miserables, iguales a éstos, que aún, ¡oh prodigio!, visten del mismo modo que veinte siglos antes de Cristo.

El trabajo de los niños y las mujeres.

El Mundo 05/08/1935

Hoy pensaba en las distintas versiones cinematográficas de Marruecos. Y me decía que aquella película dirigida por Von Sternberg, es falsa y convencional a todas luces.

En cambio sé que Jacques Feyder ha visto a Marruecos. También un film standart titulado “Una noche en el Cairo”, de Ramón Novarro, refleja con sorprendente exactitud la psicología del guía árabe, así como La Atlántida, y Baraud, presentan paisajes típicamente africanos y personajes normalmente verídicos.

África es La Atlántida; Baraud, Le Grans Jeu, “Una noche en el Cairo”; pero nunca el Marruecos de Von Sternberg y de Marlene Dietrich.

-No diga, Marruecos: diga, África – me dice un espía, y tiene razón.

África, África que me suscita y desenrosca de nuestros corazones los sentimientos más contradictorios, África que por momentos nos seduce con su color y en otros emana de su carnaza una bestialidad tan repulsiva que aterroriza...

-No diga Marruecos, diga África...

Cuando dejo de escribir merodeo en busca de impresiones por sus callejuelas tan estrechas, que de día es noche allí, por sus bazares con intercolumnios, donde los mercaderes que ya me conocen me invitan con expresiones de sincera amabilidad a beber vasos de té verde; me gusta perderme por estas calles de martillo cerradas en recoveco por puertas macizas ornadas de arabescos, con aldabones y rejas de bronce, y criadas en los jardines con pantalones y toalla a la cabeza; subo las escaleras de piedra que conducen al arrabal, fortificado de murallas en cuyas gradas crecen higueras de la época del dominio portugués, y a veces me detengo largamente para contemplar en las explanadas de los callejones los obradores de los tejedores de chilabas, a los niños de seis años, que trabajan once y doce horas diarias.

¡Porque los niños trabajan en África! Trabajan desde la edad de seis años. Y para que ustedes no duden les remito fotografías.

Los padres conchaban a los varones de seis años de edad en adelante en las hileras morunas, y en los talleres donde se confecciona chilabas o mantos moriscos.

El trabajo de estas criaturas, y los datos los obtengo del dueño de una chilabería, comienza a las siete de la mañana y se interrumpe a las doce. A la una y media de la tarde vuelven los niños a entrar al taller y salen a las ocho o las nueve de la noche.

Total, de once a doce horas y media de trabajo, con un descanso intermedio de una hora y media. Los más pequeños, trabajan de pie, sosteniendo con cada mano los hilo que entrecruzan velozmente a medida que el tejedor pespuntea la ornamentación de trencilla dela chilaba. Los aprendices más aventajados, sentados en cuclillas, sobre esteras, cosen mantos. Los niños de seis años ganan mensualmente por este trabajo un “duro assani” o sean menos de \$ 2,50 argentinos. Los varones de ocho y nueve años, cosedores, dos “duros assani”.

Las criatura sometidas a este régimen espantoso de trabajo, son diezmadas por la tuberculosis. Los que resisten, se deforman lentamente, las piernas se les arquean, los brazos se deforman, cuando se les destina a tejer el trencillado, el exceso de horas en que permanecen inclinados sobre el lienzo, les abomba la caja torácica.

La mano de obra infantil es sumamente explotada por el precio insignificante a que se le paga. Los babucheros emplean casi todos ellos niños de ocho y nueve años para cortar la

suela; los fabricantes de bolsas de cuero y tapices, también; las tahonerías para el pesado trabajo de repartir el pan, utilizan varones de once años; constantemente se les ve cruzar las callejuelas de la ciudad, con tablas sobre la cabeza cargadas de pilas de panes redondos.

Los pequeños dependientes de comercio, siete, ocho, nueve años, trabajan hasta quince y dieciséis horas diarias. ¡Cuántas veces recorriendo Tánger de noche, al tomar por el laberinto de callejuelas que rodean al Zoco Chico, o al mercado del Zoco Grande, a las once de la noche, he visto a estas criaturas, de cabeza rapada, cabeceando agotadas por la fatiga y el sueño! Cuando alguien se acerca despiertan sobresaltados.

El trabajo de la campesina se desarrolla en análogas condiciones. He visto mujeres cargadas de enormes fardos de leña, caminar a pie por cuestas que conducen a las cavilas, seguidas por sus maridos, montados en burro, y llevando ellos por toda carga la criatura en brazos. Espectáculo que produce una indignación tremenda. Ellas siembran el campo cuando un animal es insuficiente para tirar del arado, la mujer se une a él, como otra bestia.

En el mercado, se encargan de vender, de limpiar la verdura, de aderezarla, de almohazar y cargar las bestias, de amamantar las criaturas mientras que los zanganotes de sus cónyuges, recostados en el suelo, o en una estera del café moro, o la sombra de una higuera, beben té, juegan a las chinas, o fuman sus largas pipas.

-No diga Marruecos, diga África...

Cierto, esta es África, el África misteriosa, seductora, de mezquitas inaccesibles, de puertas cerradas, con bodas tristes como sacrificio mortal y los vicios más atroces convertidos en fuentes de placer popular.

Y, sin embargo, a pesar de todo, le atrae a uno con el magnético prestigio de su barbarie.

Noviazgo moro en Marruecos en el año 1935.

El Mundo 06/08/1935

La madre musulmana (Tetuán, Tánger, Xexauen), comprende que su hijo se encuentra ya en edad de tomar estado, y sentada en la azotea de su casa, rodeada de esclavas que tejen o cantan “a lallá, la lallá / a lallá, la lallá”, medita en cuál de las muchachas de la vecindad puede ser convenientemente la esposa de su hijo. Aixa, la hija del platero, es demasiado cara; seguramente sus padres pedirán la misma dote que si su hijo fuera un caíd; Menana es ligeramente bizca y los padres ocultan inútilmente un secreto que ha dejado de serlo, pues ya de terraza en terraza ha corrido la noticia; Rahma es aficionada a mirar a los cristianos y no será extraño que aquel que se case con ella tenga que hacerla encarcelar por adúltera; Zodia, aunque es bonita, tiene mal aliento; lo sabe por chismes de su esclava. Axuxa, seguramente los padres pedirán cien duros por la muchacha; Axuxa, aunque tiene muslos bien torneados, ideal del marido musulmán, no vale más de ochenta duros; cierto es que cuando ella casó a su hija Festona, pidió por la muchacha cien duros... pero entre Festona y Axuxa hay diferencias; además aquellos eran otros tiempos. Y resuelta la mujer, gira en torno de esa abstracción que se llama Axuxa, hasta que se resuelve a visitar su casa para pedir la mano de la muchacha. Ni ella ha consultado el

varón, ni la madre de Axuxa consultará a ésta. Aquí en Marruecos, en el año 1935, el matrimonio lo conciertan los padres.

La madre del galán desconocido, visita a la madre de la virgen invisible. A la entrevista no asiste la interesada. Se ha refugiado en el cuarto de las mujeres, costumbre marroquí practicada al llegar visitas. Nadie debe ver el rostro de la niña casadera. Puede rumorearse desfavorablemente sobre sus encantos. Sin embargo, las dos familias ya están enteradas, por los chismes de sus respectivas servidumbres, que han volado de azotea en azotea. Al encontrarse las madres, fingiendo ignorar de lo que van a tratar, se saludan así:

-La paz sobre ti.

-La paz.

-Ningún mal sobre ti.

-Ningún mal.

-¿Tu marido bien, tus hijos bien, tu madre bien, tus hermanas bien?

-Bien.

-Alabado sea Dios.

-La bendición de Sidi Mohamed sobre los creyentes.

Luego los circunloquios, los largos circunloquios árabes. Hace diez años, aquí en Tetuán, en el mercado de los esclavos, no se preguntaba cuánto costaba una esclava, sino que el comprador, acercándose al hombre que la vendía, le levantaba los labios a la mujer para examinarle los dientes; luego, dirigiéndose al amo, le preguntaba señalando el jalque de la esclava:

-¿Cuánto vendes este jalque?

Y si el comprador y vendedor se entendían, el adquiriente se llevaba el jalque, naturalmente, con la que lo tenía puesto.

Satisfecho el ritual de los circunloquios, las dos mujeres entran en materia. La visitante pregunta:

-¿Qué pides para casar a tu hija?

La discusión de la dote origina disputas agrias. Una muchacha musulmana, de la pequeña burguesía, cuesta doscientos pesos argentinos, es decir, de ochenta a ciento veinte duros. Si el matrimonio se concierta cuatro días antes de la boda, el novio, que no conoce a la que va a ser su esposa sino por referencias poéticas, envía a la casa de prometida un par de babuchas para cada pariente de la que será su mujer. Los amigos ya han sido avisados y remitan obsequios a la casa de la novia. Dos días antes de la unión, comienza el martirio de la virgen.

La visten con maravillosos pantalones de seda, le calzan los pies con babuchas de terciopelo recamadas de oro, le pintan el cabello, el rostro, las uñas, la adornan de ajorcas y diademas, y la cubren de un gran velo blanco. Luego la sientan en un cojín, ella cierra los ojos y comienzan a desfilar las visitas. Una multitud de mujeres invade la casa. Pero ella no debe ver otro rostro que el del que será su esposo. Las visitas se aproximan al cojín y levantan el velo blanco y miran a la novia, que, inmóvil, permanece allí sentada, con los ojos cerrados. Ella tampoco habla con nadie, porque está escrito que las primeras palabras que debe pronunciar sean dichas en presencia de su esposo. No habla ni mira. Muda y

ciega, como la requiere el rito musulmán en sus relaciones con el esposo. Muda y ciega. Las visitas, los amigos, las parientes, las esclavas, levantan el velo sobre la jovencita diademada que con los párpados cerrados, oye bullir la fiesta y los cánticos en torno de sí, recitar a la esclava negra, la lista de regalos que ha recibido, pero ella no despega los labios ni abre los ojos hasta que se encuentre en presencia del que será su marido. Reconoce a las mujeres que se le acercan por el tono de la voz, pero sus párpados apretados no dejan entrar un solo hilo de luz, sus labios soldados no dejan escapar una sola sílaba. Ciega y muda, para ser conducida a la presencia del esposo desconocido.

Cae el día, la noche se avecina. Tinieblas. De pronto siente que la levantan en los aires, la introducen en una estrecha jaula de madera revestida de telas preciosas, la cargan sobre un asno, abre los ojos, oscuridad de cereza. La han colocado sobre el lomo del burro que la conduce a la mezquita.

Esto ocurre aquí... en las ciudades de África que están a la orilla del Mediterráneo, en el centro de poblaciones circundadas de barrios europeos, con hombres de chilaba que en sus ratos de ocio van al casino y al cine, y en el año 1935.

Boda musulmana en Tánger. Me faltó coraje para usar el magnesio.

Tambores, trompetas y la novia en una jaula. ¿Fiesta o sacrificio?

El Mundo 07/ 08/1935

Hubiera sido temerario usar el magnesio para fotografiar este cortejo nupcial. Era tan pintoresco y sombrío al mismo tiempo, que sentí rabia al no poderlo tomar con mi máquina. Un fogonazo de magnesio hubiera sembrado el espanto y después la cólera, y no habría quedado yo para contarles el asunto: o mejor dicho, la historia.

Trataré de ser meticuloso y exactísimo, reflejando lo más fielmente posible, la ceremonia sagrada de que he sido testigo en Tánger.

Heme aquí sentado en el café del Zoco Chico. Son las diez de la noche. La gente charla sentada en las mesitas; los musulmanes se pasean de arriba para abajo por la calle de los Siaghins. Agentes de la policía internacional espían los rostros de puntos turbios, de pronto, un doloroso quejido de trompetas, súbitas manchas de luz en los muros oblicuos de un pasadizo techado, y bajo el arco encalado aparece una procesión de moros, con vestiduras blancas, la cabeza tocada de gorros cónicos rojos. Entre los hombres de la procesión se levantan fanales de bronce, de casi un metro de altura, poligonales, tras de cuyos vidrios lucen en estrella, cuatro llamas de gas acetileno.

El cortejo avanza lentamente, los fanales oscilan en las alturas de los hombros, sordo retumba el trueno de un tambor y luego cuatro redobles más apagados, tal es su ritmo. Hombres de mejillas infladas, soplan en trompetas de madera un son monótono, doloroso, los moros avanzan con su chilaba aliñada, las babuchas bien calzadas. Algunos padres se tocan con un turbante, y otros traen al primogénito de la mano. Las estrellas de acetileno iluminan, al soslayo, mejillas pálidas, barbas en collar, de pronto, bajo el arco encalado asoma un burro negro, y sobre el lomo del burro una caja de seda blanca, jaula, “mariá”, coronada de rosas, encortinada con visillos color cereza.

En el interior de esta jaula, viene encerrada la novia, invisible para todos los ojos. La traen de la mezquita donde la han hecho dar vuelta al santuario, siempre en el interior de la “maría”; ahora acompañada de los amigos del padre del novio, va hacia la casa del que será su esposo. Estos amigos que no conocen su rostro, que no la conocerán jamás, sostienen la jaula por cada vértice, marchando a los costados del burro. ¿Quién es ella? Ni su mismo esposo conoce aún su semblante. Viene dentro de la caja. Esta novia debe ser muy pequeña, porque en la mezquita se guardan jaulas para las novias de diferente volumen, y ésta es casi como la jaula de un jilguero. Muy pequeña.

Junto a la cola del burro camina una negra, vestida de blanco, con una vela encendida en una mano, y en la otra una caña con un papel. Es el acta jurídica, mediante la cual, la negra esclava, desde hoy queda libre de sus amos; pero es muy probable que la anciana no utilice el permiso, sino continúe sirviendo a su ama. Además, ella en esta ceremonia, desempeña una función importante; debe acompañar a la joven esposa hasta la alcoba, donde aguardan a la novia las matronas, que después de revisarla, le entregan al esposo la camisa, que éste enseñará después a sus amigos.

Tras de la esclava marcha un séquito con servidores cargados de más fanales altos. En las calles estrechas las luces iluminan hasta el tejadillo de las viviendas; las terrazas se llenan de mujeres embozadas; los cristianos asoman a las puertas, los pórticos de las tiendecillas se arraciman de gente, la sombra del burro con sus largas orejas se proyecta en los muros encalados, en los techos de vigas de los pasadizos; el tambor truena siniestramente, las trompetas de madera, derraman su quejido hipnotizante. Yo marchó como un babieca, entre musulmanes de turbante, árabes de fez, tahoneros descalzos, el asno avanza con un paso lento, la jaula blanca coronada de rosas, se bambolea. Es inútil intentar ver la novia pequeña por ningún resquicio. Ella, más embozada, más ricamente vestida que de costumbre, está allí oculta por los muros de seda, como una deidad remota, en cucullas, aturdida quizá por el martillazo del tambor, que retumba tan sordamente, que hasta el mismo corazón se conmueve sacudido por su trepidación, mientras que los músicos soplando las trompetas de madera, inflan tan afanosamente sus carrillos, que las cadenitas de los emboquillados se estremecen sobre sus pechos.

¿Ésta es una boda o un sacrificio? No lo sé. La negra marcha detrás del burro con la vela encendida; el cortejo de fanales dobla en callejuelas tan estrechas, que es menester caminar en fila. Las estrellas de acetileno iluminan fondos sombríos, mesas con escudillas, hombres descalzos sobre esteras, calderos de cobre, pirámides de frutas, embozadas y criaturas desnudas.

Yo miro, hipnotizado por el tambor, la jaula de seda.

Allí adentro va ella, remota, de rostro ignorado para todos, hacia un hombre al cual conoce de referencias, va ella hacia un acto de amor, del cual la primera brutalidad serán las manos de las matronas. El cortejo dobla por callejuelas estrechísimas, techadas, artesonadas, pasa a lo largo de ventanillas enrejadas, de puertas caladas de arabescos. El resplandor de los fanales ilumina como el reverbero de un incendio, torres encaladas, murallas de piedra, pórticos de mezquitas, la sombra de la jaula de seda, agigantada retrepa los ángulos de la calle, se proyecta en corredores sombríos hediendo a manteca rancia, y el tambor estrepita

como un trueno constante, anunciando un sacrificio irremediable, sangriento, mientras que ella, desconocida, remota, en cuclillas, permanece allí adentro de la obscura prisión de la jaula de seda. Y uno no sabe por qué siente ganas de llorar.

Esclavitud del matrimonio. Deseo y terror de la civilización europea.

El Mundo 08/ 08/1935

Al leer esta nota, muchos lectores se dirán para su coleteo:

-No, no es posible, Arlt, aquí exagera.

Yo también acepto que es dificultoso digerir lo que voy a narrar, pues se encuentra en contradicción con nuestras costumbres. Si los hechos que se voy a narrar no me constaran ampliamente, no insistiría en su verosimilitud.

Las prisioneras

Hasta los nueve años de edad, aquí en Marruecos, la mujer musulmana disfruta de libertad infantil. Su vida se desarrolla como la de una criatura normal europea, le está permitido encontrarse o jugar con varones; algunas, muy escasas, concurren a la escuela árabe francesa, pero al llegar a los diez años de edad, las puertas de la calle se cierran para ella; ya no podrá salir más, ningún hombre debe verle el rostro, incluso se ocultan las criaturas a las mujeres que van de visita a la casa de los padres y hasta ocurre que en chismes de vecindad afeen el rostro de la futura mujer, dificultándole con ello la posibilidad de encontrar marido.

De allí que casi todas las mujeres que encontramos por la calle, pertenecen a la llamada clase baja de esta sociedad medieval. Sin medios económicos para rodearse de criadas, se ven obligadas a salir personalmente para hacer las compras.

Las otras, las hijas de la clase media, y de la pequeña burguesía, permanecen rigurosamente enclaustradas hasta el día que se case.

Matrimonio significa para la mujer musulmana, cambiar de prisión doméstica. Algunas sufren horriblemente en proximidad de su matrimonio con un desconocido. Una señora europea que conversa algo en árabe, me contaba que aquí en Tánger, vive la hija de un ex bajá (gobernador) de Fez; hace cinco años que se casó; su esposo condujo en automóvil desde Fez a Tánger, llegaron de noche a ésta, y confiesa que no ha salido una vez a la calle aún, y que por lo tanto ignora la estructura de la ciudad. He citado semejante caso, porque se trata de una dama de sociedad marroquí, y para que el lector comprenda que el encierro de la mujer no es un privilegio retrógrado de las clases bajas, sino de las medias y aristocráticas.

Una acomodadora, del mejor cine de Tánger, el Capitol, me cuenta que el salón concurre alguna vez, una sola señora musulmana, casada con un empleado europeizante del correo español. Es el único caso de mujer honesta que presencia films.

El encierro es rigurosísimo. Una ex vendedora de la casa de máquinas de coser Singer, me contaba que en muchos casos, se ven obligados a transportar las máquinas a la casa de las interesadas musulmanas, porque sus esposos no le permiten concurrir a la agencia. La empresa tiene profesoras de bordado que hablan correctamente el árabe y dan lecciones a

domicilio. Muchas moras pudientes ¡es notable el caso! Para distraerse se dedican a trabajos de costura y bordado, intermediarias especiales colocan en los comercios al por menor.

En el hogar, marido y mujer, viven separados, ellas con sus criadas, él con los suyos. La servidumbre se compone de esclavos, comprados muy pequeños en el mercado, de modo que su adhesión al amo es incondicional. Los esposos se entrevistan alguna hora en el día, cuando el dueño y señor lo quiere. El resto de la jornada la mujer lo transcurre en compañía de sus esclavas, otras recibe las visitas de sus parientas, danzan, narran cuentos, hacen música, preparan confituras y chismorrear en grande. Las criadas les traen del mercado todos los cuentos que circulan por la ciudad, de que Fulana concurrió a una fiesta de boda mal pintada, de que ha visto a Mengano, de quien se dice que se casará con la hija de Perengano, etc. A veces suben a las terrazas, en las que se comunican con sus vecinas, algunas saltan balaustradas, y en estas alturas se han tramado amoríos complicados... Otras veces, concurren a los baños, buscan aventuras, pero esto es excepcional y además peligrosísimo. La esposa es casi siempre acompañada a la calle por su madre, o la madre de su marido o una matrona anciana y respetable. No es muy fácil indagar su vida psíquica. La falta de cultura las priva de elementos de lenguaje, para expresar los matices de diferencian los estados de espíritu. Casi todas ellas son analfabetas. Las europeas que las tratan (son frecuentes las amistades de musulmanas con cristianas, y los marroquíes les enorgullece ver asistir a sus matrimonios a cristianos), tropiezan en sus preguntas no sólo con las dificultades del idioma, sino también con la pobreza de sintaxis de sus interlocutoras, originales en seres humanos casi primitivos, cuya conversación sólo se refiere a partes del vestido o de la alimentación. Sería, haciendo una comparación ajustada, tratar de disertar de metafísica con una vaca, dotada, por un milagro, del don de la palabra.

Sin embargo, son inteligentes; absorben rápidamente los elementos de cultura occidental; una europea un poco pudibunda, me dice que “tienen una facilidad extraordinaria para asimilar los vicios europeos”; creo que esta reflexión es ingenua; los vicios nacen en el harén o en la soledad de estos hogares de secuestradas.

Un comerciante, hace muchos años en Tánger, me dice que las musulmanas viven rabiosas de su estado, al cual no tienen miras de poner remedio en la actualidad. Ellas admiran vivísimamente a las europeas, cuya existencia libre se les antoja un prodigio cósmico, monstruoso, que les aterroriza y arroja en el fondo de cavilaciones inexpressables.

La vida campesina en la ficción y la realidad. Las mujeres, bestias de carga. Treinta kilos por cincuenta kilómetros.

El Mundo 12/08/1935

Nosotros los argentinos, estamos más imposibilitados para formarnos una idea de las espantosas condiciones de vida que martirizan a una campesina marroquí, que un ciego para comprender la diferencia óptica que separa a un color de otro. No dudo que entre los lectores se encuentran personas cultas, interiorizadas de las novelas que giran entorno de la vida de los campesinos. Los autores clásicos, casi todos han dedicado un fragmento de sus adobadas mentiras, al encarecimiento de la vida campesina. Versos, idilios, bucólicas.

A través de ese cristal, la existencia agrícola se nos ha estereotipado en la imaginación, como un estado donde la paz y los goces que en él se encuentran, son dignos de intercambiarse por las inquietudes que ofrece la ciudad.

El cine, prolongación de la adobada mentira literaria, nos ha presentado en sus películas, cuadros semejantes a pastorales: campesinas con la hoz en la mano y al frente un prado de flores, danzas grupales bajo la armazón de los nogales; zagalas con corderitos rizados entre brazos; en síntesis, toda la putrefacta mentira que se confecciona para la curiosa tontería de la ciudad.

Yo ahora les voy a hablar de la campesina marroquí, en África. Pero no en el África Central, sino aquí, en el África costera del Mediterráneo, de los caminos asfaltados, en el África de las puertas de Europa, en el África donde se pasan las películas de Joan Crawford, y se dictan cursos por correspondencia, y donde hay teléfonos. De modo que nadie tenga pretexto de achacarme rebuscamientos de temas curiosos. Hablaré con la más enorme de las ignorancias y con el más extraordinario de los desconocimientos, de la vulgar vida de las campesinas marroquíes, tal cual la he visto desde la ventanilla de un autobús.

Y se les cuajará la sangre de las venas.

EL INFIERNO

Cuando en artículos anteriores escribí sobre el Zoco Grande de Tánger, y sus campesinos, lo único que vi entonces, fue su aspecto pintoresco. Me dijeron que unas veces traían su mercadería al mercado, sobre asnos, y otras, a las espaldas; y yo escuché estas referencias y no les di importancia, porque la mente trabaja únicamente sobre la base de experiencias y comparaciones.

He aquí que hoy tomo pasaje para marchar a Tetuán, en autobús. Tetuán y Tánger están separadas por setenta kilómetros de magnífico camino asfaltado, en el cual sólo descubrimos un inconveniente. Como la carretera bordea las montañas, varía constantemente su cota de nivel, de modo que muchas partes de su trazado el camión tiene que efectuarlas en segunda velocidad. Saliendo del Borch, comienzan las pronunciadas pendientes, los valles profundos, las cuestas tan empinadas que evaporan el agua del radiador.

Una hora después que el autobús ha salido de Tánger, encontramos a lo largo del camino hileras de campesinas. Van descalzas, las piernas revestidas de cueros un pañolón cubriéndoles la cabeza; encima el campanudo sombrero de paja. Muchas llevan sus criaturas en brazos, porque conducen amarradas a las espaldas, con cordeles, enormes cargas de leña, de carbón o forraje.

Se pierden por el camino, luego aparecen otras, y así, de tanto en tanto, una caravana. Las miro indiferentemente. “Miran a sus campos”, pienso vagamente. De pronto el chauffeur:

-¿Ve? Esas son las mujeres que usted vio en el Zoco Grande.

Yo respiro en el asiento:

-¿Qué? ¿Esas mujeres van a Tánger?...

-¡Y claro!...

--¿Y cuánto demorarán en llegar?...

-Dos días y dos noches...

-¡Pero! ¿Y van así cargadas?...

-Naturalmente...

-¿Y cuánto pesan las cargas que llevan?

-Cada una lleva tres atados de carbón, que pesan diez kilos... de modo que cargan treinta a cuarenta kilos...

Los caminos de montaña bailan en mis ojos, Los fardos de forraje, de leña, los niños que soportan en sus brazos, los bultos de carbón a las espaldas, las cuestas que el autobús casi vacío, sube en segunda, ¡dos días y dos noches!...

Son las mujeres que a lo largo del camino he visto “poéticamente” tiradas como bestias entre yuyos, con la cara vuelta al suelo, semejante a cadáveres. Son las viejas prodigiosas de treinta años que en el Zoco, silenciosas, envuelven a su mirada taciturna al que se les acerca, musitas bajo al ala de sus enormes sombreros de paja. Las mismas, las mismas del camino. ¡Treinta kilos a las espaldas! El hijo en brazos. ¿Y este es el trabajo de un día? No, el de todas las jornadas, el de toda la vida, hasta que se las quiebra el corazón y caen, como caen los caballos en los tremendos días de verano, muertos sobre los adoquines.

Pero no hemos llegado al fin, mis queridos señores. ¡Oh, no! Falta lo más substancioso. ¿Saben ustedes en cuánto vende la campesina su carbón, después de haberlo fabricado y de recorrer con él cincuenta kilómetros de cuestas y pendientes, durante dos días y dos noches, con el hijo en brazos?

Pues vende su carga de treinta kilos de carbón en **dos pesos argentino**.

Las frases sentimentales sobran aquí. Usted, como yo, se da cuenta que los presidiarios, los marineros, los hombres de las fundiciones, los domadores de caballos, realizan una vida fácil y alegre, junto a estas pobres mujeres que, con su sangre extenuada, fermentan la leche que a lo largo del camino se detienen para dar de sus pechos a las criaturas que llevan en brazos. Y a veces no se detienen. Los amamantan caminando. Sus hijas, las muchachas de doce y trece años, van a su lado, cargadas de fardos de leña, carbón o forraje. Y de pronto pienso que la noche que una campesina alumbra y de su vientre nace una hija, esa noche la mujer debe llorar de amargura por haber dado al mundo una bestia más.

Tetuán, ciudad de doble personalidad. Me interno en al barrio moro. Reminiscencias cinematográficas.

El Mundo 13/08/1935

Un círculo de montañas dentadas, serruchos de piedra gris, elevándose sobre cónicos triángulos azules. En las cúspides, “blocaus” encalados. Las montañas tan próximas que se alarga la mano para tocarlas. Las pendientes alfombras de sembrados, con cicatrices de caminos de mulos; el autobús describe una curva, entra en un camino empalmerado, una torre blanca esquinando una muralla almenada, un barranco y, de pronto, la primera sorpresa:

¿Se encuentra usted en el centro de Tandil o Rosario? Calles anchas, limpias, pavimentadas y lisas como el paño de un billar, letreros de gas neón, edificios de cinco pisos, con balconadas lisas y pasamanos niquelados, estructura de cemento armado, casas de departamentos. ¿Estamos en África o en Rosario?

Una radio toca el vals “Danubio azul”, un almacén exhibe el título Los Andes, oficiales españoles con fajín azul y rojo, señales de tráfico en la esquina, letreros con inscripciones “Cuidado, Zona Escolar”, algún que otro musulmán con chilaba y un rollo de cables eléctricos en la mano; tiestos de claveles en las ventanas, un mozo de casino con uniforme azul, botones de plata en las bocamangas, chaleco a rayas rojas y negras; automóviles de último modelo, mandaderos uniformados, ómnibus con letreros “Plaza Fermín y Galán”, nuevas avenidas, bocacalle cuyos edificios esquinados parecen la proa de grandes navíos, cafés americanos con taburetes altos...

El espectáculo me desconcierta. Mi olfato, acostumbrado a las emanaciones de leche agria, y líquidos fermentados, cueros en descomposición y pimienta, que apesta las callejuelas de Tánger, extraña la ausencia del tufo nauseabundo.

Camino. Calle de la República. Pasaje Ibarroch. Iluminación moderna. Salones cuya llave se vende en seis, siete, doce mil pesetas. Confiterías modernas, hora de copetín, sillones en las veredas, pasajes con fachadas rayadas, simétricas, bancos ultramodernos, camiones de cierre automático para transporte de la basura.

Solares con letreros: “Vendido a 300 pesetas el metro cuadrado”. Oficinas, edificios que aún huelen a madera cepillada, agencias de automóviles y máquinas de sumar, multiplicar y dividir, un cine descomunal, a tres cuadras otro cine. Murmuro:

-Maldito sea el que me dijo que Tetuán era más característico que Tánger.

Una torre de mezquita. ¡Al diablo la mezquita y los creyentes! Un arco en forma de herradura, dentado en un lienzo de muralla. Me acerco.

Aquí está Marruecos

Aquí... aquí está Marruecos. El Marruecos que ustedes conocen, señores: El de la película de Von Sternberg.

¿Recuerdan ustedes esa calle techada de pámpanos que con sus anchas hojas sombrean el pavimento donde cruzan los legionarios del film? La calle prodigiosa, emparrada como un patio, con troncos de enredaderas clavados a lo largo de las puertecillas de los comercios. Está aquí, en Tetuán, con sus frescas siluetas vegetales y se llama la calle de los Tafirín.

Me detengo extático a la entrada del barrio moro. Ahora comprendo. La fotografía de la ciudad se diseña ante mis ojos. Lo moderno, es un menor de edad, que recientemente ha cumplido quince años. Hace veinte años, donde hoy beben sus cocktails los oficiales de fajina, se extendía el arenal, dunas que el viento cambiaba de dirección. Tetuán moderna, ocupa el centro de la herradura dentada que traza el semicírculo de montañas desde cuya punta de divisa la cinta azul del Mediterráneo. A diferencia de Tánger donde lo moderno y lo antiguo se anudan, como en la selva las raíces de las plantas distintas, Tetuán conserva una delimitación turística, natural, perfecta. La ciudad en el centro. La ciudad moderna, rodeada de una muralla encalada. Tras de esta muralla se encuentra el barrio moro cuyo fondo también lo cierra otra muralla almenada. Subsisten las almenas, los viejos cañones que asoman entre enredaderas, sus obscuras bocas como desagües, las puertas con arcos ojivales...

Ahora camino por la calle de los Tafirín. Las terrazas de sus hileras de casas, comercios de cambistas, babucheros, vendedores de sedas, soportan las puntas de vigas de

madera, escuadradas, en las que se enroscan los sarmientos de las viñas plantadas al pie de los muros. Allí frotan el lomo y afilan su uñas, gatos jaspeados como leopardos.

Una multitud descalza, de largas vestiduras gesticula en la calle. Los cambistas hacen resonar sus bolsas de “assanis”, francos y pesetas, bajo el emparrado que techas la calle. El sol atraviesa las hojas tiernamente verdes, recorta las siluetas en el pavimento, por los que graves, con las orejas tiesas, pasan sufridas recuas de asnos. De tanto en tanto, penden de las vigas, entre la hojarasca, como un patio, fanales de bronce, más enormes que las lámparas de los juncos chinos, el bronce de la armadura recortado en láminas finas, calado como una puntilla de innumerables arabescos.

Algunas puertas ostentan techines laqueados de rojo, donde se repite al infinito, el capricho musulmán de la línea curva, que puede ser también una inscripción cúfica o coránica. Mercaderes gordos, la cabeza envuelta en un turbante, aguardan sentados entre sus pilas de seda la llegada de traficantes, las campesinas con sus piernas liadas de cueros, pasan con enormes cargas de forraje y carbón atadas a las espaldas; más allá la abertura de una catacumba... muros bastamente encalados, pavimento de punta de piedra de río. Me interno en el Tetuán antiguo, en la ciudad que casi tiene cinco siglos de vida oscura y cavernaria.

El arrabal moruno. Mis amigos los tenderos. Saludos genuflexiones y parasitos. Un refugio de paz y tranquilidad.

El Mundo 18/08/1935

Vagabundeo por las catacumbas celestes del arrabal moruno. Mi sensibilidad de occidental se descentra como en el panorama de un sueño de opio en estos laberintos encalados de lejía azul, techados de viguetas, con agujeros verticales por los que distingo un trozo de cielo. Cuando estoy muy fatigado de andar, me siento en el umbral de una casa de puerta cerrada, bajo un porche de ladrillo, y con la espalda apoyada en la fresca jamba del muro húmedo, me quedo largo rato, mirando abstraído los pilares blanqueados, los arcos enormes, las buhardillas encaladas sobre un pasadizo negro con un ojo cerca de la terraza, tan enrejado, que por allí no puede pasar una mano. Y los conductores de mulos, las criadas embozadas, las esclavas negras que pasan con un serón, me examinan con curiosidad. A veces suena a mi espalda una risa cristalina; vuelvo la cabeza y no veo a nadie. Por el arroyo oscuro corre el tiempo a mis pies, como un agua turbia, y yo comprendo qué bueno y qué santo es esto de poderse sentar en el umbral de las puertas de las calles techadas con troncos de árboles, quedarse así el tiempo que se le da la gana a uno, mirando abstraído los borricos que pasean, apartándose mansamente de mis pies, y las negras con petos revestidos de pelos de oro, y los chicos de fez rojo que pasan fugazmente.

Olor de moho oscuro flota en el aire. La luz tiene el color de la claridad en subsuelos. A veces, al volver bruscamente la cabeza, veo tres muchachas espiándome tras la junta de una puerta. Chillan al encontrarse con mis ojos, y las tres, sacándome la lengua, cierran la poterna con un recio golpe, y yo no me muevo; me quedo allí, sentado en el suelo, reposando de esa multitud de visiones estampadas en mi memoria, y que cuando esté lejos de África, las recordaré como se recuerda la tenencia de un precioso tesoro que ahora paladeo con lentitud

gozosa. Por momentos evoco escenas de la película “La Atlántida”. ¡Qué exactos son los cuadros representando al teniente de Saint Avit extraviado en estos mismos pasadizos encalados!

Todas las horas que tengo libres, es decir, aquellas en que no escribo, las gano merodeando por las catacumbas del arrabal moruno.

Ya me conocen los tenderos, los tratantes de la lana, los vendedores de aceite, los cortadores de babuchas, los cosedores de chilabas, los fundidores de plata.

A veces, como un gato que aguarda que le echen un trozo de hígado, me siento en el suelo, frente a la puerta de sus cuevas. Ellos me ofrecen un almohadón de cuero, y así me quedo ratos prolongadísimos, contemplándoles en silencio. Algunos de ellos me invitan un vaso de té moruno, té verde, que huele a hierbas y a mente. Presumo que les encanta mi atorrantismo de occidental barbudo que pendiente de una mano, por un fino lazo de cuero negro, lleva una magnífica máquina fotográfica, cuyo telémetro les arrebatara los ojos.

Me siento a la puerta de sus tiendas, en un escalón, y sin decir palabra les observo, así como a sus diminutos aprendices de cinco y seis años de edad, que trabajan catorce horas por día. Les invito con cigarrillos, y respetando las canas, ofrezco tabaco primero a los ancianos y luego a los jóvenes. Ellos casi todos me hablan en árabe, y yo les respondo en castellano, nos reímos recíprocamente, inclinan la cabeza sobre sus costura, y para siempre amigos. Cuando me marchó, todos me hacen una reverencia, y yo me quito el sombrero. El árabe, aun cuando esté cargado de insectos, es un dechado de cortesía, y ahora, al merodear por el arrabal, tropiezo con grupos de ellos que me saludan con finas zalemas. Cortesía que no ha impedido comprarme un peine fino para “desparasitarme” diariamente.

Otras, me meto al corral de los vecinos, en la calle de los Tafirín. Es un patio de tierra, rodeado de chamizos, donde trabajan curtidores y babucheros. El pavimento está alfombrado de cueros húmedos, hediondos, desecándose al sol.

En los cobertizos, adosados a los muros, trabajan remendones de babuchas y arneses de mulos.

Utilizan para suela el cuero crudo de vaca, con el pelo vuelto hacia el suelo.

Bajo dobles arcadas blancuzcas, recuas de borricos devoran su pienso y rebuznan interminablemente.

Los campesinos rifeños, descalzos, y sus mujeres, con campanudos sombreros de paja y las piernas envueltas en secos pellejos de cabra, alivian las bestias de sus cargas y beben té verde, que un mozo de chaleco bermejo, a la entrada del corral, prepara en un caldero de cobre.

En los chamizos se ganan la vida judíos de negra hopalanda y gorrito negro. Componen albardas de mulo. Sus brillantes agujas se mueven rápidamente en las manchas de sol.

El golpe de la maza de los babucheros resuena a madera. Enjambres de moscas se solean en las puertas de tablas; los yuyos crecen en el canto de los muros encalados.

Algunos campesinos, la cabeza cubierta por el capuchón de su rústica chilaba, dormitan sobre las piedras, tirados como muertos en rincones de sombra. Árabes de fino perfil, rostro mongólico, la cabeza envuelta en un turbante que arroja reflejos de oro, sacan de

sus bolsillos husos de plata afiligranada, y se derraman en el canto de la mano polvo de tabaco canela, que sorben por las narices. Un pesador de lana, sentado en un estrado, conversa con dos campesinos en voz baja. A momentos callan los tres, y el pesador apoya la sien en un pañuelo escarlata que llena su puño. Algunas campesinas cuyos rostros parecen máscaras de madera destrozadas por el tiempo, tiradas como bestias junto a sus fardos de forraje, esperan compradores. Los burros asoman tras de los pilares sus largas orejas; un gato famélico, jaspeado de manchas amarillas, merodea esquivando cuidadosamente los charcos de agua pestilente, y flota aquí un magnífico olor de estiércol, grasa rancia y pimienta.

El sol, tamizado por sarmientos de vid, deja en el suelo recortadas manchas de tinta china, y uno, a pesar de la mugre, de los parásitos y del hedor, está bien..., respira... Es como si se encontrara en un sanatorio de bestialidad profunda que le curara de esa larga y terrible enfermedad que se llama civilización.

Visita a la escuela musulmana. Hay que saber el Corán de memoria. El palmetazo es en la planta de los pies. Indiferencia paternal por los conocimientos occidentales.

El Mundo 19/08/1935

Al llegar al recodo oscuro de un pasadizo del barrio moruno, escucho un coro de voces, repitiendo con cadencia de canción, palabras árabes. Me aproximo y por una puertecita, veo en una cueva, como cuarenta niños, sentados en el suelo, sobre esteras, con unas grandes tablas de madera delgada entre las manos, de superficie encalada y signos negros.

Es una escuela coránica, en rigor, la única escuela del Islam marroquí.

El maestro o faki, sentado en un estrado, sobre un tapiz, la mano armada de una flexible vara, sigue con pausado cabeceo los versículos del Corán que recitan los niños, balanceando el cuerpo a medida que cantan los suras. Estoy en presencia del curso de enseñanza primaria musulmana, o sea el Taalim-el-lueli.

Los niños aprenden a escribir espabilados a fuerza de palos en la planta de los pies. Este régimen saludable, desde el punto de vista mental, puesto que sitúa el cerebro en los pies, acelera el curso de enseñanza.

Cada alumno inscribe en una tablita de nogal recubierta de arcilla blanca el verso que le corresponde y lo recita hasta aprenderlo de memoria. Como el Corán consta de setenta partes, y una enorme cantidad de suras, cuando los alumnos han retenido en su memoria todo este bagaje poético, moral, económico, jurídico y social, tienen ya de quince a dieciséis años de edad y las plantas de los pies han consumido considerables cargas de bastones.

El horario de la escuela musulmana es agotador. Comienzan las clases a salida del sol; a las diez de la mañana se interrumpen, el alumno va a almorzar a su casa, regresa a las doce a la escuela, y se prosigue la enseñanza hasta que se pone el sol. No hay recreos intermedios.

Gozan de una fiesta semanal. Esta comienza el mediodía del jueves y termina con la última oración del viernes, día festivo musulmán.

Durante todo el año disfrutan de cuatro vacaciones, las cuales son:

El-Azor, o sea la entrada del año, diez días de holganza.

El-Mulud, periodo en el cual se festeja el nacimiento del profeta, treinta días.

El Aid-el-Seguer, o sea final Ramadan, veinticinco días.

El Aid- el-Kebir, pascua del Cordero, veinticinco días.

Las niñas no van a la escuela. En algunos hogares sumamente piadosos y pudientes reciben enseñanza en su casa. ¡Cuán rara será ésta! que el interlocutor, cuando se refiera a una mujer árabe que ha recibido instrucción primaria, remata el encarecimiento de sus virtudes con estas palabras de asombro:

-¡Y lee y escribe!

Los maestros o fakies se contratan generalmente por el período de un año. Es muy importante la tribu a la cual pertenece el fakí, para mantener el respeto y la disciplina en la clase, pues los alumnos son insubordinados al exceso, y sólo a palos se mantiene el orden. Si el fakí es pariente o descendiente remoto por alguna rama extraviada de algún vagoroso fatimita, se le estima mucho, así como si ha ido de peregrinación a la Meca, hecho éste que da tanto prestigio en el Islam como en América haber viajado por Europa.

Recibe el pago de sus trabajos en metálico y especies. Todas las familias del poblado, tengan o no hijos, están obligadas a entregarle los alimentos para preparar su sustento cotidiano. Considerando el aspecto nutricional de la cuestión, los maestros árabes se encuentran en condiciones sumamente más ventajosas que los fakies argentinos que enseñan y no comen, y no reciben sustento, como no sean los pastos que Dios le depara a los pajaritos en los campos.

Se practica una costumbre curiosa en las kabilas, y es que cuando los padres necesitan de sus párvulos para los trabajos urgentes de la cosecha y no pueden enviarlos a la escuela, el fakí accede a esta irregularidad; pero para ello es menester que la mayoría de sus alumnos le envíen los lunes y viernes un regalo en mercadería que se denomina Taharvira.

El fakí es el jefe espiritual de la enseñanza musulmana. Visito la Escuela Hispano Árabe de Tetuán (España ha instalado cuarenta escuelas de este género en Marruecos), y conversando con el director de la misma el novelista Antonio de la Vega, me conduce a un aula donde se encuentran cincuenta alumnos árabes, horrorosamente sucios, sentados en esteras y recitando a coro los versículos del Corán, mientras que el fakí, con su vara en el centro rige la clase. Me dice:

-Sin esta previa condición de aceptar la enseñanza musulmana, no tendríamos alumnos en la escuela, está desterrado el cristianismo. Yo soy el director de nombre; pero el verdadero director espiritual es el fakí. Tenemos niños cristianos, pero ellos no concurren a la clase coránica. Está prohibido pegarse a los alumnos; pero como yo vengo a la escuela a las nueve, presumo que el fakí entre la salida del sol y mi llegada, debe apalea a sus alumnos para el resto del día. Lo más grave es que a principios de curso vinieron varios padres a quejarse porque no se les pegaba a sus hijos. Y como hay que respetar la costumbre y conceptuar un éxito esto de que le permitan aprender castellano, yo tengo que hacer la vista gorda, y vengo a las nueve, hora en que el fakí debe ya haber quebrado varias varas en las plantas de los pies de sus alumnos. Los niños musulmanes son inteligentes, con facilidad sorprendente para estudiar idiomas y dibujos, pero sumamente rebeldes a la disciplina. Las matemáticas les resultan un poco más dificultosas porque no tienen el cerebro entrenado para razonar.

-¿Les interesa a los padres los conocimientos occidentales que adquieren los hijos?

-Absolutamente nada. Salvo la enseñanza coránica, el resto les deja indiferentes, y nosotros nos valemos precisamente del Taalim-el-lueli, para irles enseñando otras materias. Es cuestión de paciencia... de una infinita paciencia. Precipitarse es perderlo todo. El eje de la escuela es el fakí. Sin él no hacemos nada.

Salida de Tetuán. Hay que irse o enredarse. Rjmo, la de los ojos de miedo. La tristeza de la partida.

El Mundo 21/08/1935

Cuando todo estuvo empaquetado, y comprendí que tenía que salir de Tetuán, partir para siempre, una tristeza horrible entró en mi corazón.

¡Irse de Tetuán!... de la ciudad de la luna. De la ciudad de los mil colores, de las catacumbas celestes... Entonces comprendí la justeza de las palabras de mi amigo, el novelista de la Vega:

-Es mejor que vaya, porque, sino, se va a enredar aquí.

Miradas de Rjmo, la muchacha que tiene los ojos del miedo, como dicen los musulmanes.

-Te la darán por cien duros, “assani”, y será tu esclava siempre.

¡Tetuán... Tetuán...!

Besos de Menana, que tenía una estrella y una luna tatuada en el talón, y que la primera vez que la seguí por un laberinto de pasadizos oscuros, al entrar a su casa, dejó la puerta tachonada de clavos de bronce entreabierta; al acercarme, ella descubriéndose a medias el rostro, me dijo riéndose:

-¿Qué querer de mí tú, cristiano? – y cerró la puerta.

Tristeza de la noche, en que Zoraida partió para el desierto. Estábamos en su casa con el novelista, un maestro, yo trabado en mi traje musulmán, la cabeza apoyada en el regazo de Rjmo, la que tiene los ojos del miedo. Y Axuxa besando tiernamente a Zoraida dejaba caer sus lágrimas, porque Zoraida se iba al desierto.

¡Tetuán, Tetuán!

Conocía a todas las muchachas libres de la morería. Por el bordado de oro o plata de sus sandalias, por el número de ajorcas que llevaban en la mano y si eran anchas como refajos o estrechas como serpientes anudadas, las conocía por el tatuaje de la frente, sobre el ceño, una estrella, un sol, una luna. Las conocía por el corte de los ojos, por la tristeza de la expresión, por la altura del embozo bajo el jeique.

¡Tetuán... Tetuán!...

Alcobas revestidas de esterilla, cojines en el suelo también esterillado, fanales suspendidos de las vigas de cedro, dulce y asordado batir del tam-tam, mientras una muchacha rasca con sus uñas rojas las cuerdas del laúd y otra canta.

“Allaila y lla y lla”

Vasitos de té moruno, la mano tibia de Rjmo apretando la mía, y palabras tan dulces y torpes.

-¿Tú qué país ser?... lejos, lejos. ¿Cuántas lunas?...

-“Es mejor que se vaya, porque sino, se va a enredar aquí.”

Tetuán... Tetuán...

-El que se queda se enreda con una musulmana, Arlt. Tenga cuidado...

¡Oh, “los ojos del miedo” de Rjmo! Zoraida danza oliendo un saquito de perfume, envuelta en sus vestiduras de seda brillante, mientras que el maestro español bate el tam-tam, y Menana rasga las cuerdas del laúd. Una danza lenta, que retrepa por los tobillos, recoge el vientre en su lento atorbellinamiento y sube por el torso como un sufrimiento seco y sabroso. Zoraida se ha echado las manos a la nuca, su rostro cubierto de un velillo blanco resplandece de sonrisas; sus ojos derraman relámpagos y Axuxa llora lentamente.

Al desierto que está lejos... el interior de África. Cruzada la zona de los oasis, Zoraida lejana.

Direcciones distintas de toda la rosa de los vientos.

-¿Tú tener madre, cristiano?

-Sí, Rjmo.

-¿Y hermana también tener?

-También, Rjmo.

Rjmo mueve la cabeza. Vaya a saber en qué piensa.

-Hermana, así tú...

-¿Cómo? ¿Cómo yo?...

Rjmo levanta la mano del suelo indicando altura.

-Sí, más o menos como yo, Rjmo... más baja...

-Baja... baja... – mira interrogante a los otros.

Vega, el novelista, le explica en árabe.

Rjmo escucha y mueve la cabeza comprensivamente.

¡Tetuán...Tetuán! Cuando te nombro se me parte el alma.

La ciudad más linda del mundo. La ciudad que nadie conoce. Que nadie nombra. La ciudad cuyas calles son catacumbas celestes. Cuyos hombres sonríen con amabilidad. Laberintos, arcos encalados, ventanillos enrejados al borde de toscos tragaluces, donde asoma su cabeza un gato o el viento hace temblar las hierbas.

Cuando todo estuvo empaquetado...

De todas las ciudades he partido contento, alborozado, por lo que esperaba conocer; pero cuando salí de Tetuán, tuve que morderme los labios para no dejar escapar las lágrimas. Y cuando llegué a Ceuta, y me apoyé en el puente y miré las montañas de África, que ya no vería más, sufrí tan atrocemente que la gente que pasaba volvía la cabeza para mirarme. Y es que estaba mordiéndome para no llorar.

Aguafuertes Españolas

De Ceuta a Málaga. Noche de perros. No estoy para paisajes. Asalto al único turista.

El Mundo 22/08/1935

En Ceuta me embarco en el transporte “Carmen”, de la compañía Transmediterránea, para llegar al día siguiente a Málaga y tomar autobús para Granada. Es el derrotero más corto a Granada.

No hay camarotes a bordo. El alojamiento de los pasajeros es una carpa en la popa. La noche es tibia. Instalo mi equipaje bajo la lona. Estoy extenuado del viaje y las emociones de la partida. Me tiro al suelo, apoyo la cabeza en mi maleta y quedo dormido.

A eso de las tres de la madrugada me despierta un coro de conversadores. Es un matrimonio de viejos, que estirado a mi lado, en el suelo, desenfardan chorizos, comen, charlan, y ríen con otros pasajeros. Un matrimonio joven y obrero, trae un colchón, lo han abierto y se dan vueltas allí. Miro un instante a este grupo sórdido bajo la luz incierta del farolón, y vuelvo a dormirme.

Se me da una higa la poesía de la luna sobre el mar. Quiero dormir. El rumor del agua contra los flancos del transporte y la leve oscilación de la nave me sumergen nuevamente en una modorra, de la que salgo al amanecer, aterido por el frío. El viento se cuela por las rendijas de la carpa. Estoy con la boca pastosa, como si hubiera marcado sulfato de cobre. Subo por la escalerilla al puente y me meto en la cocinilla, donde un muchacho tuerto, junto a un gran fogaril, calienta un tinajón de agua. El calor de la cocina me reanima. Le pido al muchacho que me sirva un poco de café, y el tío, cabeceando, entre dormido y despierto, me prepara el infame brebaje, hirviendo, en el jarrito de lata en que me lo alcanza. El café me hace bien, me repone, pero ahora experimento dolores en toda la caja del pecho. Resulta que he dormido apoyado por un costado sobre un tirantuelo de hierro y sin aflojarme el cinturón. Consecuencia: estoy maltrecho.

Pasamos a lo largo de la costa, que ni miro. Aún me dura la tristeza de haber partido de Tetuán. Me siento en el cajón que ocupaba el muchacho tuerto atareado, ahora en preparar café para la tripulación y entrecierro los ojos.

El Destino me ha hecho una tremenda injusticia al obligarme a partir de Tetuán. Rondo en torno de esta acidez fija en mi pensamiento, como si estuviera enfermo. Por momentos me digo si Rjmo no me habrá echado algún embrujo en el té. Yo soy un civilizado, pero aún creo en el embrujo. Experimento una rabia sorda contra todo lo que me rodea, le vuelvo la espalda al paisaje. Me digo que quien quiera paisaje, que se tome la molestia de viajar. Yo no estoy personalmente obligado a encantarme en todos los paisajes que se deslizan ante mis ojos, para que la gente cómodamente sentada en un tranvía se regocije con mis descripciones. Si quieren paisaje, que se lo busquen...

El viejo, que a las tres de la madrugada desenfardelaba chorizos, se acerca para darme lata, más que seguro, respecto “a lo bien que he dormido”. Lo veo venir y me marchó, antes de que llegue, a otro rincón de la nave. No quiero charlas insulsas. Para no verme obligado a describir el paisaje, le vuelvo las espaldas. Miro hacia el mar.

Por fin llegamos a Málaga. Tripulantes y pasajeros se acomodan entre las ropas, el contrabando que traen. Íntimamente, deseo que los desnuden y despojen a todos. Estoy enconado. Rjmo me ha echado un embrujo en el té. Sus ojos abiertos como los ojos del miedo, me persiguen en la mañana soleada. Demoramos más de una hora en bajar, porque los malditos aduaneros están durmiendo. Es domingo. Las sirenas suenan a bordo de los buques de guerra, largos y finos como galgos de acero. Hemos llegado a seis y media. Por fin, a las ocho menos cuarto podemos desembarcar. A las ocho menos cinco me desembarazo de lo aduaneros y me rodea una cáfila de corredores de hotel, mozos de cuerdas, cocheros. El chauffeur de un auto insiste en que puedo alcanzar el autobús que sale para Granada. Si pierdo ése, no tendré coche hasta las cinco de la tarde. Los corredores de hotel, a su vez, me aseguran que el chauffeur trata de engañarme. El conductor, ante esta propaganda subversiva – que puede hacerle perder las dos pesetas de pasaje – se pone violáceo de furor y hace ademán de desenfundar la navaja. Un guardia civil interviene para poner paz entre estos energúmenos, desmanados unos por llevarme al hotel, y el otro a la parada del autobús. La gresca desvanece mi mal humor y sonrío dichoso, cuando el chauffeur, amarillo de indignación, exclama, tomando por testigos a todos los desocupados del puerto:

-¡Envidiosos! No pueden verle a uno ganarse la vida. Suba usted, que cogeremos el autobús, aunque haya salido.

La maleta rueda al fondo del coche y salimos a la misma velocidad que si acabáramos de asaltar un banco y enfriar a dos carabineros. Los corredores de hoteles nos maldicen. Volamos a lo largo de camino de palmeras, parques, estatuas, una curva cerrada... Allí está el autobús para Granada. Sale a las ocho y media.

Tortones de algarrobo contra el mareo. Cuestas y zigzags. El encanto del paisaje.

El Mundo 23/08/1935

A las ocho y media de la mañana salimos de Málaga para Granada. La tripulación del autobús, sin interés emocional alguno. Yo, para no descomponerme (son cuatro horas de viaje) he comprado tortones de algarrobo, que degluto despacio. He descubierto que con el estómago atiborrado de alimentos es muy difícil marearse. A otros les sucede lo contrario, y a cada uno que se las entienda con su estómago como las náuseas le indican.

Trepamos un camino en caracol en rededor de cerros. En menos de un cuarto de hora Málaga aparece y desaparece tras los recodos de las montañas, cada vez más abajo. La bahía arenosa se distingue con un arco; el autobús, siempre en segunda, retrepa una cuesta empinadísima. Los techos de los grandes edificios de Málaga, las torres de las iglesias, los rieles del ferrocarril, los barcos en el puerto, presentan planos y perfiles inesperados, a los treinta minutos de haber salido; estamos a mil metros de altura. El camino es fantástico, pavimentado de cemento ¡en montaña!, describe continuamente zig-zags aventuradísimos, curvas secas, en cuyos vértices se distingue un trozo celeste como un abismo interplanetario.

Ahora por los portillos que deja la montaña sobre Málaga, apenas si se discierne el Mediterráneo, una nebulosidad se suspende sobre el mar, todo ha desaparecido, quedando como único vestigio esta suspensión terrosa, astral, que es como la boca de un infierno.

¡El camino!... ¡Estos Caminos!...

Estoy asombrado. Ya en Marruecos me asombro de esta maravilla de caminos españoles, que quisiéramos nosotros tener para un día de fiesta en los alrededores de nuestra ciudad. Caminos fantásticos, lisos, cuidados, trazados en Marruecos entre caos de montañas de piedra, que no da nada, nada. ¿Para qué los han construido los españoles? No lo sé. Ni los mismos españoles en Marruecos, han podido explicarme el objeto de estos caminos, que sobre un río ¡oh poéticas almas latinas!, han construido verjitas, alambradas, puntillosamente pintadas de blanco... allí. ¡Allí entre las piedras que no dan nada, nada!

El tráfico entre Málaga y Granada no es abundante. El camino estupendo, en cuanto se ha presentado un pequeño barranco, los constructores, ¡Dios los bendiga!, han rodeado el borde del camino de bloques de mármol (no piedra, sino mármol) de un metro cincuenta de largo por setenta de alto y ancho. Y como si no fuera suficiente semejante defensa, los bloques de mármol están esculpidos, desbastados. Y para hermanar lo útil a lo hermoso, en algunos trechos los bloques de mármol están separados por conos también de mármol. En otras zonas del trayecto las curvas están alambradas primorosamente, con postes pintados, verjitas poéticas sobre los arroyuelos... y entorno montaña pelada, tráfico de arrieros que llevan recuas de borricos cargados de un pasto especial que se quema en los hornos de las panaderías.

El camino describe curvas por lujo. Pasamos por trechos donde un pequeño barranco es rodeado por zig zags de camino de un largo de más de cien metros, y el barranco pudo haber sido rellenado de piedra, porque no hay corriente de agua por allí. Por momentos tengo la impresión que los constructores, calculadores y empresarios del camino, se han deleitado en alargarlo coquetonamente lo más posible. Esto después de aclarar que no comprendo la causa por la cual se ha construido ese camino, pues nos encontramos en una pista de montaña, donde era suficiente barrer el camino de grandes piedras y dejarlo así, sin necesidad de pavimentarlo con el lujo que se ha hecho. Es como si sobre el asfalto de la Avenida de Mayo se extendiera una calzada de pino tea.

El paisaje abrumador de tan variado. Conos de montaña que surgen como surtidores de piedra de todos los costados, vereditas naturales a lo largo de los cerros, saliendo de los límites de la provincia de Málaga, el paisaje se dulcifica, parecen las colinas semejantes a tableros de ajedrez, cubiertas de paños de sembradío, retazos color papel madera, verde manzana. Las nubes que pasan producen sombras violáceas en los prados. A pesar de ser domingo, yuntas de toros arrastran arados; se ven entre las infinitas lanzas de los labradores, los olivares tropean en la lejanía con sus líneas oblicuas a lo alto de los más altos montes; los graneros encalados, de piedra y ladrillo (en España no se sabe donde comienza el granero o empieza la vivienda) conmueven el entendimiento, con la pulcritud de su espectáculo. El tablero de ajedrez recostado en las colinas se tiñe de las anilinas más violentas y opuestas; las sombras siguen leves singulares; hay trozos de hierba que rojea como si estuviera ensangrentada; paños de montaña donde un halo lila abomba la atmósfera, semejante a una

prodigiosa pompa de jabón; prados de un verde oscuro tan rabioso y sombrío que siendo mediodía, allí se percibe la frescura de la noche y el embrujo de las hadas... Uno termina por entrecerrar los ojos y decirse:

-¡Dichoso yo, que puedo viajar!

Anécdota de Almanzor. Hogares y Graneros de la Vega Granadina. Se aprovechan las bendiciones de la tierra.

El Mundo 25/08/1935

Cuenta Dozzi, en sus historias sobre el dominio musulmán en el sur de España:

“Una vez Almanzor, califa de Andalucía, al revisar sus tropas, sostuvo este diálogo con un oficial berberisco:

“OFICIAL. -¡Señor, te ruego me des una casa donde poder dormir, porque tengo que vivir bajo una tienda!”

“ALMANZOR. -Te regalé un palacio. ¿Qué te has hecho de él?”

“OFICIAL. -Señor, además del palacio, me regalaste tierra, y mis tierras producen tanto trigo que me he visto obligado a guardarlo en el palacio, y ya allí no hay sitio para mí. Y tú comprenderás, señor, que un hombre como yo, que ha vivido en la miseria de África, pensará muchas veces, antes de tirar el grano por la ventana.”

Uno lee la anécdota recogida por Dozzi, y se dice sonriendo burlescamente:

“Dichosos tiempos aquellos en que se guardaban el grano en los palacios”.

EL GRANERO ANDALUZ

Es casi superfluo preguntarles si ustedes conocen los chalets de Belgrano. Esos chalets tan bonitos, con techos de dos aguas, ventanitas de estilo colonial, pisos de baldosas. Quizá alguno de ustedes no los conozcan por dentro, pero por fuera, ¿quién no ha detenido la mirada en ellos?

Los chalets de Belgrano, guardan, es necesario reconocerlo, una diferencia considerable con el granero andaluz. Y la diferencia consiste en que el chalet de Belgrano, salvo excepción está construido de materiales mediocres, y sus cuartujos no los querría un ama andaluza, ni para poner a empollar sus gallinas, mientras que el granero andaluz, la casa donde se guardan los cereales trabajosamente cultivados, las hojas de tabaco las habas segadas, el trigo gordo es un edificio de piedra, construido para la eternidad, revocado por dentro como un convento, con techumbre cuyas vigas soportarían el paso de un tren.

¡Y la cocina!

La cocina es casi un salón para actos públicos. Con hornallas donde se puede cocinar holgadamente un buey, y campanas donde se refugiaría cómodamente una brigada de contrabandistas. En las repisas, calderos de cobre, platos de arcilla. Botijos para el agua de nieve.

El suelo, pavimentado de losetas rojas. Las han rozados tantos pies de hombres que han muerto, que los surcos han trazado huellas. Los muros, encalados. Una mesa, en ella sentado un labrador que toma su café con leche. Frente a él, un perrazo, meneando la cola. Al otro lado, el cuarto del matrimonio, inmenso, casto.

Armario severo, una cama ancha, más severa aún; a un costado, la cuna del niño. En los muros, estampas de policromía. La Virgen, los Santos. Las llamas del infierno. Los oasis del paraíso.

Corredorcillo. Puertas gruesas con candados. El amo hace chirriar el cerrojo y entramos. Una gran habitación, llena hasta un cuarto de altura, de trigo. El hombre toma el grano grueso entre sus manos y me dice:

-Huela.

Olfateo.

-Trigo regio.

Yo estoy escandalizado. Tengo ganas de protestar. ¿Cómo es posible que en un cuarto tan vasto, espacioso y limpio, se guarde trigo? De las vigas del techo penden triangulillos de cuerda, redes fijas.

-Es para colgar las hojas de tabaco.

Otro cerrojo que chirría. Otro cuarto inmenso. En un rincón, en el suelo embaldosado, una pirámide de habas.

Subimos escaleras. Frescura. Blancura. Cal. Cal. Piedra. Cal. Sombras de tinta china. Cerrojos que rechinan. Más trigo guardado, como oro fino. Trigo gordo, simiente pesada que agobia el tallo. Ahora me explico esos remansos en el campo, esos platos verdes ante los cuales el labrador se detiene consternado.

Bajamos. El establo. Cal. Piso de maderos gruesos. Caída de agua. La vaca corre la soga. Una vaca panzuda, gorda, belfuda, el pelo del cuero rizado y brillante como astracán. Las ubres inmensas. Rosadas. La vaca nos lame las manos. Las mangas del traje. Un mozo recoge cuidadosamente su estiércol. Es el jamón del labrador, el jamón que engorda la buena tierra. Que le renueva la sangre. Pasamos a otro cuarto.

En tortas de paja, empollan las gallinas. “Es para entretenerse mi señora”. Diez gallinas empollando. Dios bendiga tus entretenimientos, ama andaluza. El gallinero está cercado por los muros del granero. El suelo sembrado de residuos de paja y estiércol. Me explican. Como el estiércol contiene grano, para utilizar ese grano residuo, se lo echan a las gallinas. No se desperdicia nada, nada. Salimos.

Frente a la cuadra donde se guardan los carros, como no es posible sembrar el suelo se han plantado las vides. Lo que no da su fruto a de tierra, lo dará en la altura.

No qué sé decir. Me asomo a la vega. Cubos blancos de otros graneros en la llanura verde, manchas de olivares, faldas rojizas de las colinas, montes achocolatados, más arriba la sierra azulada con su tejado de nieve y sol que resplandece. Y admirado, me repito:

-Ni una pulgada de tierra desperdiciada... el trigo en los cuartos... La anécdota del oficial berberisco de Almanzor, es verídica.

Giro la cabeza. En una alberca de piedra musgosa, del tiempo de los árabes – todo aquí es de aquel tiempo – murmura el atorbellinado río de agua cristalina que irá a regar cada fila de patatas, de habas, de trigo, de remolachas. Es asombroso como le ayudan a dar a luz a la tierra.

El Mundo 27q08/1935

Dice Gregorio arañón, en el prólogo a la vida de “El Empecinado”, que escribió el espía Federico Hardman:

“Es preciso leer la literatura extranjera sobre España, para encontrar la delectación, el entusiasmo y la disculpa, para todo español, sea bueno, regular o malo. Porque se ha hablado y se habla mucho de lo maltratados que somos por los escritores de otros países, lo cual es verdad; mas también lo es que España goza al privilegio de suscitar, al par que las opiniones más hostiles, los entusiasmos más fervientes”. ¡Qué verdaderas son estas palabras!

Para el extranjero, vivir en España equivale a enamorarse de España. Uno puede individualizar los pozos y lagunas de esta semi civilización, que semejante a un campo polar a la llegada de la primavera, ofrece peñascos de hielos, entre charcos de agua, pero en el interior del observador, surge una fuerza que tiende a disculpar el quebranto de España. Si yo anotara en algunos artículos los altibajos extraordinarios que ofrece este país, estancado contra su voluntad en un cenagal, no faltarían españoles que dijeran que yo era un detractor de España; y, sin embargo soy un apasionado de España; día a día voy ladeándola más profundamente en sus individuos, porque España se paladea como un vino capitoso, se goza en el vivir de cada día, en el declive de cada hora, en la gratitud profunda que suscita en nuestros sentidos. ¿Por qué se vive? No lo sé. Quizá sea su intensidad específica.

Si miramos el cielo, el cielo nos asombra por su pureza y resplandor, como jamás podremos sospecharlo en América. Brillante, profundo, de una azulidad que recuadra los cornizamientos de las casas, como una luz artificial los rechines de un patio de teatro. Hay instantes que el mismo aire tibio, sin que su tibieza se llegue a percibir casi, le escalofría a uno de satisfacción.

¿Qué diré del paisaje y del alma del hombre?

En España, la belleza del paisaje la determina el alma del hombre. Cuántas veces ha ocurrido llegar a un trozo de monte sequizo, donde estaba enclavada una población miserable, y decirme a mí mismo, contemplando ese panorama de miseria:

-¡Esto es horrible!

Pero he aquí que me ponía a conversar con una pobre mujer, o un viejo, o un mozo, y de pronto, a los cinco minutos, no podía menos de exclamar:

-¡Qué hermoso es esto! ¡Qué hermoso!

Las primeras veces, cambios tan súbitos de opinión me desconcertaban un poco respecto a mí mismo; pero la última vez que estuve en el Albaicín y tropecé con un grupo de moradores y un carabinero, que me invitaron les acompañara a beber un vaso de vino, súbitamente comprendí que el paisaje era hermoso, porque allí había gente de alma hermosa.

¿En qué consiste esta hermosura del alma, que para mí es tan sustantiva?

El español de la clase media y pobre, es profundamente sensible. El desconocido que llega a la puerta de su casa, le inspira afecto, alegría, interés. Sus gestos, sus palabras, sus actos, traducen de continuo esa sensibilidad apasionada, que se revela maravillosamente en todos los actos públicos. Es el ser humano más en estado natural que debe poblar Europa. En cambio, el intelectual español nos revela la preocupación de no parecer lo suficiente europeo,

como cuadra a un hombre del viejo continente. Pero uno raspa ese barniz de cultura un poco endurecido, y allí abajo está el español... el eterno español de emotividad profunda., de impulsos de larga trayectoria. Y uno sonríe, pensando que por suerte no han aprendido bien el arte de parecer europeos. Y es que la personalidad no se puede falsear definitivamente con lecciones.

Para mí, el alma del pueblo español, su estado de conciencia permanentemente cordial y alegre, es un milagro, un milagro auténtico, extraordinario, que me conmueve como una descarga eléctrica. Y el fenómeno de esta cordialidad no lo percibo yo solo. Converso aquí en Granada, con un grupo de estudiantes argentinos de arquitectura que están de paso, y las primeras palabras que cruzamos son:

-¡Qué gente notable ésta! ¡Cómo viven la vida! – Y después:

-Allá no nos podemos imaginar esto. Somos todos aburridos al lado de ellos. Y a continuación, la palabra nuestra que designa el desideratum de un estado personal:

-¡Son macanudos!

Y otro estudiante:

-¡Cómo me gustaría traerme aquí a las barras de Avellaneda, para que vieran esto, y una corrida de toros. ¿Se imagina usted cómo reaccionarían vuelven todos convertidos en hinchas de los gaitas.

Y es así. Dice Marañón:

“Yo tengo el achaque de leer libros extranjeros sobre mi país, y la impresión que domina en todos, cuando se conocen unas cuantas docenas, es de la incapacidad del paisaje y de la vida de la península de suscitar opiniones ecuanímes”.

Y es que en España es imposible ser ecuaníme. Por un contagio, por su magnetismo violento, se está decididamente con ella o contra ella. “Hincha” o detractor... No es posible otra posición.

Trogloditas de Granada. Reminiscencias de “El amor brujo”. Visitas de cortesía a las casa cavernas. Una silla y agua fresca.

El Mundo 28/08/1935

Altos de Granada, a espaldas del parque de la Alhambra, en el barranco del Abogado. Caminos de cabras, pedregosos; tapias largas tras las que se levantan los conos de los cipreses y rojean los asteriscos escarlatas de los granados. Los lagartos juegan al sol en las bardas; el paisaje es sequizo, áspero, con Sierra Nevada al frente, sobre cuyos musculosos contrafuertes el sol oblicuo suspende un vaho de cobre. Reminiscencias de paisaje de ballet. Ando al azar, canturreando el “Amor Brujo” de Falla. Mis zapatos han blanqueado de polvo. Sí; este es el paisaje sequizo y áspero del ballet. Aquí no se concibe otra música sino aquella, fundida en un batir de bronce con largos gemidos amarillos de trompeta y ulular de flautas.

Moles blancas, calizas, salinas, de superficie rugosa, con cantos blancos, redondeados; gemas de cristal chispeando al sol. Pequeños montes en cuyo reborde las alanceadas hojas de las pencas y las espinosas de los cactus, recortan el cielo de porcelana celeste diferenciando manchas verdes.

Paisaje de ballet. Canturreo “El Amor Brujo”, y camino más despacio que un convaleciente. El tejado de nieve de la montaña rojea como si lo espolvorearan de canela. Mujeres enlutadas, pequeñas, avellanadas, cosen sus ropas a la sombra de los muros blancos; algunos artesanos baten tinajones de cobre; una yunta de toros pasa arrastrando una carreta, y en el recodo, nuevos montecillos blancos, como cal, de sal, muros rugosos, constelados de gemas áridas que deslumbran la vista. Arriba, en el borde, manchas verdes de pencas y chumberas. Y en el seno del monte un arco ojival, pintado de azul y un letrero, “Peluquería”.

Me acerco. Corro la cortinilla. Estoy ante la habitación cavernaria, troglodita. El mozo barbero juega a las damas con un cofrade, bajo el techo de bóveda. Les pido permiso para examinar la caverna. La casa-caverna. Son tres habitaciones, excavadas en el interior de la masa caliza. Un dormitorio, una cocinilla, y el salón de raer mejillas y rapar cogotes. Techos bajos, abovedados. Frescura y oscuridad de cisterna allí dentro. Pregunto y me explican. La casa cavernaria es fresca en el verano, tibia en el invierno. En cada caverna una lámpara eléctrica. Salgo.

Más casas cavernas. Puertas de tablas. Habitaciones grandes como las primitivas iglesias de cristianos en las catacumbas. Las han encalado, los muros parecen que estuvieran incrustados de conchas y caracoles. Los pobres me reciben bien. Me ofrecen sillas de paja. En cuanto visito una casa, los del monte frontero me exigen que visite las suyas también. La vivienda cavernaria está amueblada sencillamente. Los cacharros son de cobre batido. Las camas, antiguas.

En casi todos los muros, una estampa sagrada.

Entro a cocinillas cuyo hogar ha ennegrecido como si le hubieran pintado de alquitrán, y al salir me hacen entrar un establo cavernario, un pasadizo oscuro a cuyo fondo se abre una gran cueva donde, al sentir pasos, un borrico color ceniza, asoma las largas orejas y se queda examinándome con atención. En otro agujero cavado en la roca, gruñe un cerdo. Me acuerdo de los relatos de Apuleyo, las cavernas de bandidos. Pregunto por los constructores de las cuevas y todos se encogen de hombros. ¡Son tan antiguas! ¡Vaya a saber quién las construyó! Ellos las hubieron de sus padres y sus padres de sus abuelos de... siglos... siglos...

Camino seguido de una pandilla de chicos mugrientos. Los chicos me acosan pidiéndome un “cigarret”. Un viejo me examina con maligna sonrisa, me acerco al viejo y para jugarle una mala pasada le doy cinco cigarrillos diciéndole que los reparta equitativamente entre los chicos. La banda se abalanza sobre el viejo y varias mujeres que se han dado cuenta del final que yo perseguía se ríen a carcajadas del viejo; y el viejo que también ha reparado en la treta, se ríe regocijado.

Llueve canela sobre el tejado de nieve de la sierra. Me paseo gozoso como rey mago en medio de esta mugre de añil. El barranco Abogado se despeña hacia el fondo de la vega. Los altozanos bruscos verdean de pencas espinosas y chumberas. Caminillos tortuosos de cabras, vereditas empinadísimas y pedregosas donde suben mujeres de color de cobre y crenchas casi azules de tan negras. Al retrepar los senderos, muestran bajo las sayas las piernas desnudas y las piedras ruedan bajo sus pies.

En la vuelta de un senderillo, una caverna enrejada, y en el fondo de la caverna en una cueva, tiesa, una Virgen. Los chicos se apeñuscan y me gritan:

-Retrátela, retrátela.

Les tiro unos cobres y retrepando el senderillo de cabras, llego a una cueva donde viven dos mujeres y una vieja. Sencillamente.

-Tengo sed y me voy a sentar, si ustedes permiten.

-Siéntese usted.

Me ofrecen agua helada de un cántaro de greda. Y allí, siempre curiosos, en torno mío, los chicos y las chicas forman un círculo, pero estoy cansado, entrecierro los ojos y me dejo estar, al tiempo que me pregunto:

-¿Estoy en Europa...?

Pero al final qué importa que esto sea o no Europa, si cuando uno está fatigado, la gente le ofrece una silla y una garrafa de agua.

Trato de visitar a Falla. Fortaleza inexpugnable. Un dragón, dos, tres dragones. “Vuelva mañana y le recibirá”.

El Mundo 01/09/1935

A un costado del parque de la Alhambra, en el mismo camino que se toma para ir al “Barranco del Abogado” se filtra una callejuela estrecha, llamada Antequeruela Alta. Paraje de soledad, con bardas encaladas, macetas florecidas en claveles de sangre. Los segundos pisos de las viviendas, rudamente enjalbegados, ostentan en los pasamanos de sus balconillos bolas de cobre. El suelo está pavimentado de cruel y puntiaguda piedra de río. En la última casa de la calle, un farol. La casa de fachada blanca está al fin de un terraplén floreado, vivienda y jardín, forman el carmen donde habita Falla. En el muro rústico se abre una portezuela manida de tablas rajadas por el sol.

Voy a visitar al músico. Estoy profundamente emocionado. Emoción de colegial que se encontrará con su primera novia. Tengo hacia Falla una admiración sin límites. Posiblemente es uno de los mejores valores musicales mundiales. En otra época exterioricé mi admiración hacia él, tomando como motivo de mi novela “El amor Brujo”, episodios de su gitanería sinfónica. Creo haber escrito hermosas páginas describiendo la Danza del Fuego Ritual, ejecutada por una colegiala. La música de Falla “El sombrero de tres picos”, “Jardines de España”, “Paño moruno”, “La vida breve” me conmueven hasta el tuétano. Ha resucitado a la música española, acerca de la cual se creía que Granados, Turina, Chapí y Albéniz lo habían expresado todo. El ha llegado a infiltrarle apasionamiento a la religiosidad. Compone con borbotones de fuego y batir de cobres rojos, en el fondo de una cripta que se ignora si es gitana o cristiana. Su severidad es digna de la enjundia de un templo. Con tal unción ha sido escrito. El virtuosismo de “Jardines de España” es análogo al de Debussi y Ravel de los buenos tiempos. En cuanto a colorido, no es inferior a Rimsky Korsakow. Stravinsky mismo, en Petruska no se ha superado el sufrimiento y la ternura dolida del Amor Brujo. Y mi admiración hacia Falla no es la de un escritor que anticipa eficiencias citando nombres, sino la de un devoto que se aprendió de memoria cuanto él ha compuesto.

Se explica ahora, y a mí mismo me asombra, el temblar de mano, cuando levanto el aldabón de la portezuela de madera, en casa de Falla. He deseado tan ardientemente llegar a

este momento, que la posibilidad inmediata de realizar mi deseo acelera el latido de mi corazón. Me sonrío pensando que en toda admiración existe un fondo infantil, y llamo, llamo dos veces. Son las doce de la mañana. Buena hora. En España se almuerza a las dos de la tarde.

La puerta se abre. No es Falla, sino una criada con bigotes, recia, las mejillas arreboladas. Un dragón acostumbrado a expulsar turistas curiosos y molestos.

-¿Está el señor Falla?

-El señor Falla no está; además se encuentra enfermo y no recibe.

-¿Cómo es eso que está enfermo y no está? Si estuviera enfermo estaría.

La sirvienta vacila; cierra la puerta y aparece acompañada de otro dragón: una criada alta, flaca, pálida. Doy la explicación eterna.

-Soy un periodista argentino que desea ver al señor Falla.

-El señor Falla no está.

-¿No está aquí en su casa, o no está en Granada?

-No; ahora no está aquí, pero sí vive en Granada.

-Perfectamente; ¿y a qué hora se le puede ver?

-Es que está enfermo y no ve a nadie.

-Si estuviera enfermo no saldría a la calle.

La criada ante mi insolencia, vuelve al interior de la casa, mientras que la otra se queda custodiando la puerta de mala manera. Al minuto sale con una tarjeta escrita a máquina en francés, que dice, más o menos así: “El señor Falla ruega a usted excuse no poder recibirle, pues está convaleciente de una gripe reciente y su médico le ha recomendado mucha quietud”. Yo leo la tarjeta, y le digo a la criada:

-Vea; de esto yo no entiendo una palabra porque no sé leer en francés. ¿Qué es lo que dice aquí? Yo soy argentino, no francés. Es como si yo pretendiera que usted, por ser española leyera en inglés.

Las criadas me miran consternadas como si tuvieran que habérselas con un pistolero. Miran la tarjeta, y como ambas son analfabetas, se encogen de hombros, luego nuevamente entran a la casa, y la más morruda regresa acompañada de una señorita de cincuenta años. Es la hermana de Falla, una dama bajita, perfil cesáreo, labios fríos apretados, ojos inyectados de venillas de sangre y una cruz de oro sobre el peto mojlil de su vestido negro. La veo venir y me digo: “¡El gran dragón!”. Y antes de que la señorita Falla tenga tiempo de pronunciar, le digo:

-Buenos días, señorita. Yo y estas mujeres no nos entendemos. Traigo una carta de Halffter para su hermano. ¿Cuándo podré verlo?

-Mi hermano está un poco delicado, pero con todo tendrá mucho gusto en recibirle a usted, mañana a las siete. Tanto gusto, señor.

Y yo me marchó contento. Como Sigfrido, me preparo para penetrar a la caverna y conocer a la princesa encantada.

Con el maestro Falla. Convalecencia. El martirio de los ruidos molestos. El terror de los receptores de radio.

El Mundo 02/09/1935

Domingo. Siete de la tarde. El tejado de nieve de la sierra se ha teñido de cobre. En el jardín de la casa de Falla, bajo un magnolio, entre rosas, sentado en un banco, converso María Carmen, la hermana de Falla. Entre los claros de los ramazones, allá abajo, la vega con sus colinas de terciopelo verde y sus cordones de montañas de papel azul.

El Dragón se ha humanizado. Yo le sonrío, con sonrisa a lo Carlitos Chaplin y Laurel y Hardy. El Dragón me examina con desconfianza terrible. Las criadas pasan y también me observan entre malhumoradas y curiosas. No me perdonan el haberme introducido en la caverna. Yo aguardo a la princesa encantada.

Por fin... él...

En el camino enarenado avanza un viejecito pulcramente vestido de gris, la cabeza monda como una bola de billar, el perfil de un avechicho, gafas. Es la Princesa Encantada. Corro hacia él y le estrecho con mis dos manos su mano que aprieta la mía. Instantes de silencio. El viejecito me mira un poco espantado de esa cordialidad de perrazo. Quiere sentarse a la sombra del magnolio, pero yo, que he pescado la psicología del Dragón Bondadoso, le digo:

-Aquí hay humedad, maestro. Vamos adentro.

Falla mira en redor, atemorizado. Es cierto. Hay humedad. A escape nos metemos en una salita de ventanas enrejadas, conventual. Una estera circunda los muros, una mesita sencilla. En los muros algunos grabados antiguos de picadores. Nos sentamos. El Dragón Bondadoso a un costado, vigilante. Falla en una punta de la mesa. Delgadito, fino consumido. Piel y huesos. Pestañea rápidamente tras los cristales de las gafas.

-¿Así que ha estado con Halfter, en Sevilla?

-Sí; pero ahora vengo de Marruecos...

-¡Ah, de Marruecos!... (Súbitamente, con desesperación): Dígame... ¿hay silencio en Marruecos?

-¿Silencio?

Se toma la cabeza.

-¡Ah, si usted supiera! No se puede vivir aquí a causa de los ruidos sonoros.

-¿Eh?...

-A mí no me molesta el ruido, señor, no. ¡Pero los sonidos! ¡La radio! ¡Es terrible! ¡Se vuelve loco aquí uno!

-Pero si este es el lugar más tranquilo de Granada, maestro.

-Es hora de tomar el remedio, Manuel –interrumpe el Dragón.

Falla, apresuradamente, extrae una cajita de píldoras del bolsillo y coloca sobre la mesa; coge el reloj y mira. Faltan dos minutos para que sea la hora. El mira el minuterio como avanza, al minuto extrae la píldora, espera que transcurra otro minuto y se traga la píldora, bebe un vaso de agua, y continúa;

-¿Tranquilo esto? Tranquilo era hace cinco años. Ahora todos han instalado radio.

El otro día estaba trabajando en la Atlántida, una canalla de chauffeur, que venía de Málaga, se instaló a unos metros de aquí, y empezó a tocar la radio que traía en su coche.

¡Ah! No puede usted calcular el daño que me ha hecho la radio... Es lo mismo que si sobre la tela que está pintando un pintor, proyectaran un film. No es posible pintar así. Lo mismo ocurre componiendo. Dése cuenta como me harán perder el tiempo, que hace tres años me fui a Palma de Mallorca a buscar silencio... No me dejan trabajar. Ya no sé dónde meterme. Cuando nos es la radio, son los organillos callejeros, los fonógrafos... ¡Es horroroso! ¡Sencillamente horroroso!

-Realmente...

-Y en Marruecos, ¿usted cree?...

-Yo creo que en Tetuán... en el barrio moro, usted encontraría silencio...

-¿Te das cuenta, María? En Tetuán... Porque yo, mi querido señor, ya no sé dónde meterme. Quiero trabajar y no puedo... salvo en las horas de la mañana, temprano... pero yo no puedo terminar... Estos vecino...

El viejecito habla con pena; yo lo miro y me digo: ¿Este es Falla?

Luego hablamos de América. De Estados Unidos no le giran el importe de sus discos. No sabe qué hacer para informarse. Es un manojo de nervios, quejándose de todo, adolorido como estuviera lllagado y el contacto del aire le quemara. En España.

-Es cierto lo que me ha dicho Halfter... que usted no puede editar sus composiciones en España. ¿Por qué no encuentra editores?...

-No... aquí en España nunca he encontrado editor. Mi música se edita en París, Londres... ¿pero aquí? ¿De modo que en Marruecos?... ¿Te das cuenta, María? Podríamos ir a Tetuán... Pero, dígame usted, ¿y la temperatura?... ¿no me hará mal el cambio? Yo estoy delicado. Necesito silencio. Y en Marruecos no debe haber silencio. ¿Hay radios en Marruecos?..

-Sí; radios, hay... Pero es en el centro. En el barrio moro... adentro... no.

-¿Escuchas lo que dice el señor, María? Si hay ruido a mí no me molesta, pero los sonidos superponiéndose... ¡Eso si es intolerable!...

Y durante ratos y ratos, se queda hablándome de esa necesidad de silencio, sin decirme, por cierto, que hace algunos años se dirigió a la Municipalidad de Granada solicitando que se hiciera obligatoria una zona de silencio en torno de su casa, lo cual, al saberlo la gente, exclamó con gracejo habitual:

-Ese Falla es un viejo chalao.

Promesas imposibles de cumplir. María Carmen es más locuaz que el maestro. Detalles de la vida de un gran músico.

El Mundo 03/09/1935

La vida de Falla es más austera que la de un monje, más meticulosa que la de un relojero.

Se revela en su modo de vestir, y además el de ingerir los remedios. Si el médico le receta píldoras a las doce y media, no las tomará jamás a las doce y veintinueve minutos ni a las doce y treinta y uno, sino que con el reloj en una mano y la píldora en la otra, aguarda a que la manecilla se coloque frente a las seis, sobre el guión, para tragar la pócima.

Meticulosidad de músico, cuya sensibilidad, graduando en su interior el matiz de los sonidos; alcanza la susceptibilidad nerviosa más fina que es posible imaginar en un ser humano.

Se tienen escasas referencias de la vida íntima de Falla. Hombre educadísimo, salvo cuando lo acosa la desesperación del músico, su conversación soslaya el tema personal. Me ha hecho jurar por lo más sagrado de la tierra, que no escribiría una palabra sobre él, y como es natural, yo convencidísimo, le he jurado treinta veces que podía dormir tranquilo, que no me ocuparía de él, ni en sueños, y mientras juraba, el Dragón no me quitaba la vista de encima.

-Usted me crearía un montón de compromisos desagradables si escribiera sobre mí. Yo me he negado a recibir siempre a periodistas. ¿Qué dirían por haberle recibido a usted? Yo lo he recibido a usted porque vino con una carta de Halfter. Halfter me dice que usted es un gran escritor... Yo no me puedo negar a recibir a un gran escritor; pero sí me opongo a recibir periodistas.

Y lo auténtico del caso es que Falla se niega rotundamente al reportaje. Yo le prometo lo que él quiere que le prometa, y cuando sale un momento, comienzo a sonsacar a la María Carmen:

-¡Qué vida ejemplar la de su hermano! ¡Qué dicha poder estar junto a él! ¡Qué genio! (en esto yo no miento, ya lo he escrito: le admiro profundísimamente).

El Dragón me escucha, y yo prosigo, más cursi que un tendero:

-¿De modo que usted no se ha casado ni él tampoco? Es hermoso. Pasarán a la historia, señorita; no le quede duda. ¿Y cómo fue que él se inició en la música?

El Dragón despegó los labios.

-Nuestra madre tocaba muy bien el piano. Pero no como esas señoritas que creen que tocan el piano, porque...

-Lo entiendo perfectamente, señorita... Tocaban el piano sin devoción. Como quien tira aserrín al río.

-Exacto.

-¿Y así se fue desarrollando en la afición?

Hay una pausa.

-No sé por qué tengo la impresión de que la vida de su hermano ha sido sumamente ejemplar, sin esos desórdenes que por desgracia caracterizan la vida de la juventud actual.

-¡Oh, sí; él es muy bueno y sufrido! Fíjese que cuando éramos chicos, yo a veces me peleaba con él, y entonces era mi carácter tan violento, que le arañaba las manos hasta hacerle sangre. Pues él jamás se quejó ni le dijo una palabra a nuestro padre. Es bueno, pero muy bueno.

-Posiblemente su felicidad estuviera en esos ejercicios que anticipan el talento.

-Le prevengo que era muy aficionado al teatro. Organizábamos siempre teatros de títeres que no sé si por la mala calidad de los juguetes, o porque Manuel les echaba una cerilla sin que le viéramos, la obra, o sus obras terminaban siempre con un incendio.

-¡Qué lástima que no se haya casado!

-Manuel aun ahora, reconoce que tiene vocación para casado... Cuando era joven estuvo de novio con una niña. Los padres se opusieron... Esas cosas de la juventud; y desde entonces...

- ¿Qué vida hace él?
- La de un monje. No sale nunca. Hace tres años que no trasnocha. Compone música; corrige, tacha... Es tan exigente consigo mismo...
- ¿Cómo marcha “La Atlántida”?
- Así, así. Tiene mucho escrito, pero hace... deshace...
- ¿Cuánto demoró en escribir “El amor brujo”?
- Más o menos, seis meses.
- ¿Y “Jardines de España”?
- Eso lo compuso en París. Yo no estaba con él.
- ¿Y qué es lo que le preocupa a él, actualmente?
- Trabajar. La radio; los ruidos le molestan muchísimo. Hacemos muchas veces proyectos de marcharnos de aquí, de ir a algún paraje solitario completamente, pero cuando estamos a punto de emprender el viaje, si no es él soy yo quien comienza a encontrar dificultades insalvables. Y el viaje queda en proyecto.
- Son los viajes más bonitos... aquellos que se hacen en sueños...
- María Carmen sonríe, y por la cuesta del jardín sube Falla. Y el verde me emociona...

Turismo standard y “Pato”. Plática diaria con las bordadoras. Galanterías para Mariú

El Mundo 04q09/1935

En la cuesta de Gomeres, la empinada calleja que conduce al arco que da entrada al tupido bosque que rodea el altozano donde se encuentra edificada la Alhambra, se hallan instalados los talleres de los principales continuadores de los guadamecileros españoles del siglo XVI, que a su vez eran continuadores de los guadamecileros moros, cordobeses o granadinos, que a mano repujan cuero y cobre.

En estos tallercitos de artesanos, muy semejantes a los de Tetuán por su estrechez, se repujan y pintan cueros, se labran metales livianos, se fabrican sillones cuyos respaldos de cuero con relieves heráldicos constituyen el delirio de los estetas; biombo de madera, recubiertos de cuero y pájaros del bosque de los encantamientos; plumajes verde emperador, que detienen largos instantes la mirada.

Converso con los maestros guadamecileros. El negocio marcha mal. Turistas, algo, pero éstos son turistas de faltriquera amarrada, que no gastan un cobre. Además, los convoyes de turistas, las agencias organizadoras de expediciones relámpagos, que en dos horas hacen recorrer toda una ciudad de arte a su rebaño de viejas encandiladas y de jóvenes papanatas de gafas con cristales gruesos, han estropeado el negocio. Visitas “standard”. Camiones que conducen treinta viajeros a las cuestas del Albacín, ida y vuelta, veinte minutos; media hora para recorrer la Alhambra, otra media hora para tomar el almuerzo y afuera, con la música a otra parte. Se le impide al turista pensar en gastar y en llevarse recuerdos. Ni postales compran, porque todos traen máquinas fotográficas. Ni los rollos de películas compran, porque, temerosos que les cobren demás en el rollo, han comprado docenas en su país. Consecuencias: los guadamecileros se roen las uñas.

En esta misma calle se encuentran, también, instalados los talleres de bordados a mano, se confeccionan cortinados y colchas para camas, de cincuenta y cien duros el juego; y las chicas trabajan en zaguanes estrechos, inclinadas sobre largos bastidores, a la vista de todo el mundo.

Me he hecho amigo de todas ellas.

Por la mañana o la tarde, después que vengo de visitar la Alhambra, entro a un corredor de las bordadoras; me siento en un sillín, y permanezco conversando con ellas. En España, para hacerse amigo de las mujeres, no es indispensable otro instrumento que un aparato fotográfico. La fotografía entusiasma a las clases pobres como el automóvil a nuestras muchachas.

Las chicas son simpáticas, y algunas extraordinariamente bonitas. Yo les doy la lata, mientras ellas, con el busto inclinado sobre el tejido, van filtrando los hilos del bordado entre la trama. Al mismo tiempo las indago. Les pregunto de su vida. Trabajan como bestias por sueldos de ciego. Horario: nueve horas y media. Las bordadoras eficientes ganan una peseta por día, es decir, menos de quince pesos al mes. Yo me espanto, y les pregunto qué es lo que comen en sus casas. Se ríen y me responden que si tuvieran que comer de los jornales que ganan, se morirían de hambre. Las veinte y cuatro o menos pesetas que ganan al mes, constituyen una ayuda, nada más. Yo les hablo de los sueldos que ganan las sirvientas españolas en Buenos Aires, y me miran entre incrédulas y espantadas. Casi todas ellas son profundamente católicas, y pertenecen a la orden de las carmelitas. Los carmelitas han organizado células de barrio, la encargada de las chicas del zaguán, es también la tesorera de la célula de barrio, y las vecinas que vienen del mercado le entregan, a cambio de un recibo, la perra gorda de su óbolo. La regenta de las bordadoras me muestra un volante, donde se acusa a los masones, a los judíos, a los anarquistas y a los periódicos liberales de España, de todas desgracias que ocurren en la península.

La regenta de las niñas bordadoras, me dice que yo soy la piel del diablo. Le pregunto por qué, y ella dice que sabe perfectamente lo que me traigo entre manos; pero que pierda las esperanzas, porque Mariú, una bordadora de ojos de gato y tez de cirio (pretuberculosa) está de novia.

Yo me echo a reír, le digo a Mariú que su novio cuando la ve, debe estremecerse y perder el color; que ella me recuerda a esas tigresas aterciopeladas desgarrando con uñas indolentes a un modesto cervato. Disparateo en grande; las chicas se ríen, y el día que dejo de ir a sentarme un rato al obrador, cuando llego al día siguiente, me reciben alborozadas, desde la regenta que me trata de ingrato, hasta Mariú, que levantando sus grandes párpados pestañados, me pregunta si he andado de conquistas, y yo le contesto:

-Mariú, usted, usted a quien amo tanto, ¿me cree capaz de una infidelidad? Mariú, no piense eso porque se va a quebrar el sol y la luna va a llorar sangre.

Mariú sonríe entornando sus ojos verdosos, enormes, inclina pudorosamente la cabeza sobre su bordado. ¡Ah, Mariú! ¡Qué feliz debe ser su novio!

Gitanas del Sacro Monte. Pura escenografía para enandilar a los turistas. Lo falso y lo verdadero.

El Mundo 05/09/1935

Se andan algunos centenares de metros a lo largo de los pretilos de piedra y arcos romanos del Darro. Desde la calleja con farolas oxidadas, se divisan las rojizas torres de la Alhambra y sus ventanales sin marcos, ojivando escudos de cielo desolado; porque no hay cielo más desolado, que aquel que se mira a través del hueco de un muro, donde en otros tiempos pudo haber celosías.

Se camina a lo largo del Darro, pasando junto a fachadas platerescas, algunos cientos de metros y se dobla a la izquierda en la última callejuela; se retrepa una cuesta, y se toma por la derecha. Ya estamos camino del Sacro Monte.

Polvareda por el sendero que bordea la montañuela cónica. Polvareda caliza, al pie del altozano erizado de pencas y cactus espinosos. Criaturas con camisita hasta el ombligo. Sol de fuego, polvo que roe el cuero de los zapatos. Temperatura africana, desolación troglodítica. Monte blanco y espinoso verde. Un hilo de agua entre los breñales. En la cima del monte, entre las manchas verdes, una moza con el cántaro al hombro. De pronto:

Entrada de cavernas. Sol en el roquedal blanquísimo. En un disco de sombra una rueda de gitanas, vestidas a la usanza teatral; las cabezas radiando flores como el abanico de un pavo real; la vestimenta acampanada; rayas violetas con lunares blancos, y faralaes escalonados. Viejas color tabaco, envueltas en pañolones amarillos, sentadas en los escaños de piedra; criaturas tracomatosas, los ojos soldados por hiladuras de pus; mozas ataviadas con prodigiosos mantones color verde emperador. Son grupos violentos, al pie del monte de cal. Camino seguido por un polizonte. Las gitanas me rodean rápidamente. De cerca son horribles. Tienen la piel color cobre manchado, erisipelada. Los labios belfos, algunas bizquean, otras muestran la cara mordida por antiguas viruelas. Mal pintadas, las arracadas de quincalla, los anillos de bronce, la jeta famélica, la mano pedigüeña, la voz zalamera, cascada, falsa.

Abominablemente disfrazadas de gitanas. O mejor dicho, bien. En carácter. Son gitanas, pero maldito sea al que les dictó pragmáticas de belleza, y les enseñó el uso de coloretes, y las adobó tan malamente para la curiosidad de los turistas. ¡Gitanas de labios pintados! Por los clavos de... que no me he costado para ver esto, hasta el Sacro Monte. Las han echado a perder definitivamente. Me hacen pasar a las cavernas puestas para las visitas de los turistas. Cacharros de bronce en los muros. A lo largo de los muros, gandulazos de pantalón de pana y sombrero de ala plana, con la guitarra en la rodilla. Parecen cromos antiguos de nuestros compadritos. Viejas desdentadas, de nariz gótica, sayas bermejas y pañuelos verdes en el fondo encalado. Quietos, los codos apoyados en los muslos.

-Señorito, ¿quiere que bailemos? Quince pesetas la danza.

En la puerta, de azul, a caballo, vigila un polizonte, a fin de evitar que la banda desnude al turista. El charrasco me mira y exclama: (textual).

-¡Quince pesetas! Le cobran mucho menos de lo que ha ordenado el gobierno, señorito. Yo, no es por decir, pero bailan que camelan.

-No me haga la mercadería, agente. He visto bailar a la Mercé – dirigiéndome a las mozas embadurnadas, que en revuelo de pavos reales, me bloquean con sus mantones.

-¿Pueden bailar ustedes mejor que la Mercé?

Las gitanas se callan; luego vuelven a la carga.

-Retrátenos, señorito.

Las retrato.

-Regálenos una peseta, señorito... algo...

Le doy una peseta a la chica que he fotografiado.

-Un cigarrillos, señorito.

Les ofrezco negros y no aceptan. Estas gitanas fuman rubio, como las mises.

-Unos fósforos, señorito.

-Una perra chica para el pequeño, que es mi hermanico.

Me aburren, y exclamo:

-No soy señorito, y no les pienso dar un cobre más. ¿Entendidos? ¡Alá!... Menen los riñones si quieren dinero.

La jauría retrocede despacio en revuelo de mantones. Una vieja prodigiosa, envuelta en un pantalón verde, desdentada, bigotes, bizqueando, se ladea a lo garabato bajo mis ojos, me examina por lo alto como si yo fuera un tejado, y le gruñe a la banda.

-No trajinarle que es muy apañado. Diquela la manga.

Vagabundeo seguido por el eterno polizonte que, arqueando en su jaco, me insiste:

-No le quieren cobrar caro, señor. Quince pesetas. Vea: Yo creo que si usted les ofreciera diez...

-No me interesa. Es mercadería falsa, para turistas. Estas gitanas son tan apócrifas como los apaches de París. Hojalata; yo no he venido a ver eso.

No exageremos. Como cuadro de color, y a la distancia, está muy en su punto. Niños con la camiseta hasta el ombligo, ruedas de sillas de asiento de paja a la sombra de las cavernas blancas, mozas de crenchas renegridas que rascan parásitos y vestidas como para participar en un ballet; manchas de pelo embetunado con abanicos de flores, perfiles de cobre, perros sarnosos, viejas haciendo calceta... el panorama, para mirarse a veinte metros, es de un colorido pirotécnico...

Además, y demos al César lo que es del César... cuando quieren bailan admirablemente, con un apasionamiento tan salvaje y brutal... que me perdone la Mercé, pero sus danzas son frías en expresión comparadas con las de estas pintureras zaparrastrosas.

Lluvia de mendigos. Los hay de toda categoría. La “manga” no es palabra porteña.

¿Hay quienes comen yuyos?

El Mundo 06/09/1935

Dudo que haya ciudades en España tan flageladas por la mendicidad, como Granada. Los mendigos granadinos constituyen ya una población. Se les puede clasificar por órdenes, sexos y edades. Los hay profesionales y obligados, grandes y pequeños, falsos y auténticos.

Llueven como langostas en redor de los cafés. Se va uno y viene otro. A veces hay tres órdenes, pidiendo simultáneamente y mirándose de reojo.

Su variedad es numerosa y digna de clasificarse.

Primero, clasificamos el ciego auténtico. Me informan que hay ciegos que vienen de Murcia para pedir en Granada. Pregunto a qué se debe esa abundancia de ciegos murcianos, y me explican que, como aquellas son tierras escasas de agua, la higiene es escasa también, y de consiguiente las enfermedades de la vista ocasionadas por el ganado, abundantes.

Los ciegos auténticos, van casi siempre remolcados por mujeres; rascan las cuerdas de la guitarra, como para justificar la “manga” (la manga es una frase del caló gitano y no porteño, como creemos nosotros). Algunas veces, las remolcadoras son tuertas o también ya van en camino de cegar, con un ojo cerrado y el otro que da asco. Este espectáculo es muchísimo más frecuente de lo que se cree; pero convincente, pues la gente aterrorizada por el aspecto contagiosos de estos desgraciados, les arroja limosna al platillo, con tal que se marchen. Hallamos después del ciego auténtico, al ciego falso, que finge serlo arrugando ridículamente los párpados, para simular la dolencia oftálmica. Se acompañan de lazarillos, pero casi siempre están con un ojo abierto. En cuanto el transeúnte se acerca, lo cierran y tañen las cuerdas de la guitarra.

Luego vienen los lisiados. Los hay que os muestran una pierna enyesada; otros refajada, una coja auténtica y descarada, baja tres veces al día de su organito frente al café Royal de Granada, se acerca a las mesas e imperativa golpea dos veces con su platillo en el mármol. A veces, en una punta de la fila de mesas está la coja, en otra punta un ciego purulento y en el centro, los niños que mendigan azúcar. Estos rondan durante todo el día en torno de las mesas del café, como moscas. En cuanto distinguen un terrón de azúcar que sobra en la mesa, se acercan a pedirlo. Deben hacer una abundante cosecha.

La sucesión de pedigüeños es constante. Parecería que obedecen a una consigna. Luego vienen los que piden por sus habilidades: el hombre que imita el ruido de un claxon, de la tormenta, de un ferrocarril, de una trompeta, del burro; después la orquesta de comunistas alemanes acompañados de una muchacha rubia; luego el bandolonista solitario, buen mozo, alto, que emociona a las chicas de familia, con una evocación de posible drama cinematográfico. A continuación los vendedores de billetes de lotería...

Podría asegurarse que el veinticinco por ciento de la población masculina de Granada se ha dedicado a vender billetes de lotería, y el otro veinticinco por ciento a lustrar calzado. Se suceden uno tras otro con un ritmo que espanta; y se deshace uno del mozo que os restriega por el hocico el billete de lotería, y nuevamente está allí la coja, o el ciego, o el niño recolector de azúcar, o el viejecito de honesto traje gris que descubriéndose canta entonando:

-Considere usted en la situación que me hallo en mi vejez... Y se marcha el viejo, y por debajo de la mesa aparece una niña suplicante, con un hermanito en brazos, y luego un ciego y una tuerta tracomatosa, y después una mujer flaca y espectral que ni fuerzas tiene para pedir, y no pide, y mira sólo que está traspasada de hambre; y después el parado, y luego el betunero que suplicante os dice: “¿hoy no quiere brillo el señorito?” Y desaparece el cuitado, y por el centro de las filas de mesas, bizqueando inverosímilmente, canturreando el ciego apócrifo, petiso, flaco, con el ala del sombrero de paja ocultándole los ojos...

Es desesperante. Los mendigos se suceden por tandas. A veces, las más toca el órgano en una punta y canta el ciego en otra y no los entiende el mismo diablo, pues al tiempo que ellos gañen, los párvulos cuchichean en una punta de la mesa:

-El azúcar... déme usted el azúcar...

Y tras esta gente menuda, llegan los vendedores de rifas, rifas de muñecas, de perros pequeños, de cajas de bombones, y después curas con el cogote peludo, la boca de oreja a oreja, pidiendo con una estampita en la mano para no sé qué niño, y después chicas de la sociedad, con alcancía, también no dando, y solicitando para la cofradía de cualquier cosa, y cuando nos es ciego, es la madre del párvulo, y cuando no es la madre, es el parado, y cuando no es el parado, es el enfermo crónico. Y llueven como langostas, uno tras otro, uno tras otro, por la mañana, por la tarde, por la noche, al amanecer... El jefe de la policía municipal de Jerez de la Frontera, me decía que los pobres y los desocupados se alimentaban ya de yuyos que juntaban por los alrededores de los campos. Es posible pues "A B C", el periódico madrileño, que no tiene absolutamente ni un pelo de liberal, ha comenzado a publicar una serie de notas terroríficas sobre la miseria de España, en la cual hay pueblos "que viven de manera infrahumana".

Psicología de la masa española

El Mundo 07/09/1935

Estoy sentado en el café Royal frente al Ayuntamiento de Granada. Anochece. Instante en que el cielo español pasa misteriosamente del verde opalino al azul prodigioso del amanecer; hora extraña, más profunda que un decorado teatral. Los bloques de edificios, iluminados internamente, adquieren el aspecto feérico de masas huecas de cartulina, cuyas cornisas tachonan bombonas de cartón. Las mesas del café, dispuestas en hilera hasta la mitad de las calzadas, están ocupadas por familias: hombres de edad y jóvenes, muchachas y señoras. Conversan animadamente, a veces estallan las carcajadas y entonces se ven rostros desfigurados hasta llenárseles los párpados de lágrimas.

Miro largamente estas cabezas rapadas o redondas, estos pescuezos sólidos, de piel curtida, esas dentaduras de encías rojas. Las mujeres llevan cabellera trenzada y arrollada en torno de la cabeza, se pintan poco, son vivas, dignas, apasionadas. Yo miro y saboreo este espectáculo, como se saborea cuando se tiene a mano un trozo de pan caliente. Observo la conversación de los hombres con las mujeres, el natural desenvolvimiento de la charla, las risas espontáneas, las pupilas limpias, la cordialidad sana, y me pregunto:

-¿Hubiera podido escribirse en España, una novela como *El Crimen y el Castigo*, o esa otra que se titula *A la Sombra de las Muchachas en Flor*, o esa otra que se titula *El Artista Adolescente*, o esa otra *Bajo el sol de Satán*?

Y otra voz, en el interior, me contesta:

-No; imposible.

Basta mirar la cara de cualquiera de estos hombres, de cualquiera de estas mujeres, para impregnarse casi de inmediato de la simetría de sus existencias.

Yo no digo que sean perfectas. Ello sería estúpido. Tampoco que sean ejemplarmente buenas. Sería exagerar. Digo que son simétricas; digo que en la media de lo posible, son existencias limpias, cabales, espontáneas.

Y esta suma de existencias limpias, espontáneas y cabales, verifica un espectáculo que, al contemplarlo uno, le obliga a decirse:

-Esta gente parece que hubiera sido lavada con agua lavandina. Brillan al modo de las cocinas antiguas, donde no hay lujo, pero el muro es de piedra, y el caldero de cobre. Y ello es suficiente para cocinar una sana comida.

Eso.

Sanos. Impresión de salud tan violenta y agradable, que uno (y no me canso de repetirlo) siente que renace, que toda la mugre que le habían contagiado las ciudades nerviosas, se le evapora del alma.

No me preocupan las equivocaciones ideológicas de estas masas de pequeños burgueses. Sé perfectamente de qué pie cojean. Lo único que me interesa es lo siguiente: A un leñador se le puede convertir en un atleta, pero a un jorobado, imposible. Y éstos serán metafóricamente leñadores si ustedes quieren, pero con innumerables posibilidades por delante. Basta mirarles. Oírles reír. Hablan y toman por testigos de lo que dicen, al sol y a las estrellas. La fuerza de sus pasiones rebasa la simulación. Es decir, sobra la psicología. Podría afirmarse que la psicología mórbida empieza donde comienza la descristalización del individuo. O donde principia la putrefacción de los sentimientos. Los personajes de las novelas psicológicas aquí en España, morirían de consumición, o se casarían honestamente para tener un hijo cada año. Así como suena.

Viven simétricamente. Pan pan y vino vino. Las complicaciones estilizadas, naturales a otros climas dolorosos y turbios, las rechazan hasta el mismo extranjero cuando se radica aquí un cierto tiempo. Juro que en este medio ambiente, un granuja no tiene otro remedio que volverse decente. ¿Para qué complicaciones, si vivir es una alegría? ¿Comprenden ustedes? Mujeres que no se pintan ni depilan los arcos filiales. Limpias, sanas, fuertes. Mujeres que podrían cargar una mochila o un fusil. Reales hembras. Altas, membrudas, fuertes, graciosas, que cuando se ríen la altivez de sus carcajadas se escucha desde el tercer piso, y que cuando se ponen serias, se comprende cuán graves y profundos son los curcos por donde corren sus sentimientos.

Gente que como a dos carrillos, que bebe e ignora la úlcera al duodeno. ¿Puede pedirse una realidad menos nebulosa, temperamentos menos propensos para literatura psicológica? Esta gente está más allá de la psicología. Son pasionales. En el cine les gusta algo, aplauden; les desagrada, silban a las sombras, abuchean a las siluetas. De allí que la moderna literatura española carezca de esos escritores nerviosos engendrados por las epilépticas civilizaciones de Londres, Leningrado, Berlín o París. Se explica. Un escritor refleja la realidad social y la realidad social de la masa española es sencilla en lo que atañe a su vida psicológica. Al menos en el Sur, que es lo que yo conozco de España. Aunque nos cueste trabajo admitirlo, la Pardo Bazán, Ricardo de León, los Álvarez Quintero reflejan mejor la psicología del pueblo español, que sus Cansinos Asens, Ramones de la Serna, los Valle Inclán, etc. A mí, personalmente, la Pardo Bazán, Ricardo de León, Pereda, Azorín, me aburren y revientan... pero son verídicos.

El bosque de la Alhambra. Ensueños y sugerencias.

El Mundo 08/09/1935

Un arco de piedra amarilla en lo alto de la cuesta de la calle torcida. El sol relumbra hasta cegar. Cortinas tendidas en las ventanas, Polvo abrasador. Se cruza el arco.

El bosque de Tapiz, oscuro como la noche. Fresco como la cisterna. Movedizas redes de sombra en el camino empinado. Lentejuelas de sol verde en el follaje. Golpe de humedad helada en la garganta. La rampa de tierra húmeda y ennegrecida retrepa entre dos altísimas murallas vegetales. Las raíces se retuercen seculares entre las piedras de los parapetos derruidos. Manchas de cielo celeste tras de los negros bultos de follaje. Se respira. Soledad, silencio verde. Cuesta abajo, a los costados del camino con faroles antiguos, corren encajonadas en lechos de piedra musgosa, dos trenzas de agua.

Chasquido subterráneo, tan fresco, que se piensa en Ravel. Debió inspirarse en este susurro misterioso, apetecido, para componer Murmullos de Agua. Tierra vertical, amugada, sonrosada, en la tiniebla verde. Un silencio cuya respiración tiene el ritmo lento de un monstruo. Vuelo de palomas, como en el Bosque del Tapiz. Lluvia de cordones vegetales, casi cristalinos, por donde se ve correr la savia. Árboles cuyas ramas extienden abanicos de verde manzana, tan tierno y luminoso, que se teme por el estallido de una chispa, que puede hacer arder a todo el bosque en una sola llama verde. El corazón se encoge, dulcemente aterrorizado. Bancos de piedra a la vera de farolones antiguos. El caminante se deja caer extenuado y permanece intervalos de tiempo sin medida, arrullando por los murmullos de agua. En lo alto de la rampa de tierra húmeda, las bóvedas de verdura achatadas, dejan traslucir un cielo de plata incandescente. Entre la muchedumbre de troncos, montes de tierra, achocolatada, esponjosa, rezumando agua. A veces cae una hoja bermeja. Violenta sensación de encantamiento. Si los árboles echaran a caminar, nos parecería natural. Si por la pendiente descendiera un largo cortejo de jovencitas, precedidas de un dragón, el episodio sería verídico. Atmósfera de posibilidades donde se hace verosímil la brujería y el endriago. Edad Media. Por cada árbol, corre savia de sangre humana. Cada pulgada de tierra ha sido regada de sangre humana, cada árbol ha presenciado una agonía humana. Frescura de cisterna. Oscuridad nocturna y prodigiosa. En la penumbra, torcidos, oblicuos, flotan troncos negros. Enormes, llagados, ahuecados; y en la juventud de sus cúpulas es de una incandescencia tan verde, que el bosque parece va a estallar en una sola llama verde. Cierro los ojos. Me explico Debussi, sigo a Ravel, comprendo a Falla en “Los Jardines de España”...

La luz tamizada, como debe serlo al otro lado de los planetas. Faroles ennegrecidos a la vera del camino siempre empinado. Cloquear de agua. Se camina al azar, con timidez de romper algo. Quizá esa pompa de silencio, que lo contiene todo, el hombre, las selvas, las ruinas. Trozos de murallas rojizas, polvorientas, almenas derrumbadas saeteras destrozadas, cuyos ojos negros son refugio de lagartos. El agua chasquea en sus lechos, rodando rápidamente cuesta abajo. Y sigue tan a la perfección los accidentes de las piedras redondas que se la ve trenzar y destrenzarse en una continua cabellera lila plateada. En las manchas de sol, sobre los fondos convulsionados por pulpos de raíces, saltan chispas de diamantes. Su ruido atorbellinado empapa de aguda frescura el espacio. Inmóviles en el aire, verde, los troncos parecen formas encantadas.

De pronto una gruta. Desde gran altura se desprende un velo de agua, rueda por siete escalones de granito. La gruta poblada de voces acuáticas, está teñida de ceniza verde. El agua rueda por siete escalones de granito pulimentado, estirando convexas cortinas de cristal, que se deshilachan en flecos. En el cajón de la cascada bien se podría embutir, de pie, el cuerpo de un gigante. Rápidas sombras de pájaros pasan por el suelo; se sube trabajosamente la cuesta. Una curva, y de pronto un torreón de ladrillo, tan mordido por el tiempo, que su arcilla calcinada parece que se va a desmoronar de un instante a otro. Una gradinata de piedra, como en el Bosque del Tapiz, un muro de piedras de sillería y una fuente. Tres grifos embutidos en las bocas de tres carátulas coronadas de ramas de laurel y con barbas de cuernos trenzados. Despegándose del muro un arco custodiado por dos niños desnudos con alas en los homóplatos, un escudo de armas, con una agresiva águila bifronte, y abajo, una loza de piedra: Imperatori Cesari Karolo Quinto. Hispantrun Regi.

Estamos a la entrada de la Alhambra. Un ciego tañe la guitarra, sentado en un pórtico, bajo la protección de una virgen enclaustrada en un nicho.

**De cómo trabé amistad con los gitanos del Sacro Monte. Con la Golondrina y un Éxito
fotogénico se me abren las puertas.**

El Mundo 09/09/1935

Granada, agosto de 1935 (por avión)

¡Trabajo que me ha dado estos malditos gitanos! Pero, al final me los he trajinado y estoy orgulloso. Y permítanme que les cuente mi trabajo de “penetración” en el Sacro Monte, porque es digno de conocerse. Y una explicación, además:

En el caló gitano, “trajinar” guarda equivalencia con el término lunfardo de “trabajarlo a uno”, con la diferencia técnica que el “trajín” es una violenta faena de pedigüeñería, un trabajo acelerado, donde intervienen simultáneamente niñas, pequeños, bailarinas, el poblado en masa, mareando al turista, hasta que éste cede psicológicamente al acoso, y deja allí hasta el forro de sus faltriqueras.

Es casi imposible entablar amistad con los gitanos. Cuando yo en Granada, hablé con el cónsul argentino de mi proyecto, este señor, que es un andaluz residente hace muchos años en esta ciudad, me dijo;

-Lo que voy a aconsejar, se lo dirá cualquier granadino. No pierda tiempo ni dinero en el Sacro Monte, porque no va a sacarles nada a los gitanos.

-Es que, precisamente, a mí el diario me manda para que saque cosas... no para que diga que no se puede sacar.

-En fin... allá usted.

¿Cómo entablar amistad con ellos? A base de dinero era imposible. No sólo que no me agradecerían, sino que se reirían de mí.

Durante cuatro días seguidos, di vueltas por el Sacro Monte sin un céntimo en el bolsillo. Me dejaba expofeso el dinero en la pensión, para no poderles dar una perra gorda aunque me convencieran. Las gitanas me asaltaban, pero no les regalaba ni un miserable

cobre, y, al final, ya me miraban de reojo, despreciativamente, sin saludarme. Lo único que faltaba era que me echaran los perros. Pero se acostumbraron a ver mi rostro.

Una noche, en una fiesta de Corpus, las gitanas fueron contratadas para danzar en un café del paseo del Salón. Yo entré al baile y me senté como de costumbre a observarlas silenciosamente. Una gitanilla muy mona, La Golondrina, que estaba con sus compañeras, comenzó a mirarme y a reírse. Como repitió varias veces esta operación, me acerqué, y le dije:

-¿Qué te pasa niña, que estás tan risueña?

-Yo quería saber, si esa fotografía que nos sacó el primer día que usted vino, salió bien, porque yo estaba en el grupo.

-Sí... salió bien... pero ya envié a Buenos Aires.

-Y porque ni me saca usted otra.

-Perfectamente, mañana a las diez de la mañana, iré al sacro Monte, y te retrataré.

-¿De verdad?

-Te lo prometo.

Le faltó tiempo a La Golondrina para cantarle su triunfo a las otras gitanas, y, por supuesto, nadie creyó en mi promesa. Un rato después me marché del baile.

Al día siguiente, a las diez de la mañana, voy al Sacro Monte. La gitanería dormía de las fatigas de la noche. Mando a llamar a La Golondrina con una chiquilla. La gitanita estaba durmiendo; pero, al recibir mi mensaje se vistió a la disparada, y vino cruzando a saltos las verdes chumberas, con los ojos aún cerrados de sueño.

-¿Viste como he venido, Golondrina?

La Golondrina bailaba de alegría. La fotografié en diversas poses, y le dije:

-Hoy es viernes; el domingo a la tarde, sin falta, tendrás las fotos aquí. Puedes decirles a todos que te he hecho unos retratos maravillosos.

El domingo por la tarde, las gitanas deben haberse reído a mandíbula batiente de La Golondrina que me esperaba. No fui. Dejé pasas otros siete días, sin aparecer por el Sacro Monte. Todos burlarían de la chiquilla que había creído en mí. Era necesario dar un golpe de efecto.

A todo esto, yo hice hacer de la mejor fotografía que le tomé a La Golondrina, una ampliación que admiró a cuantos la vieron, por el juego de sombras, con la gitanilla en un fondo de espinos y piedras. Hasta se podían contar los hilos de los flecos de su mantón.

Diez días después me encamino al Sacro Monte, cruzo por el senderuelo al borde de las colinas. Allá, en un rincón de sombras, al borde de una caverna tremendamente soleada, estaba La Golondrina. Le grito:

-¡Golondrina!

Verme la gitanilla y salir volando por entre las chumberas, con tal violencia que las piedras saltaban bajo sus zapatos, fue todo uno.

-Te traigo una foto estupenda!

Cuando La golondrina quitó el sobre de la fotografía, no podía creer en lo que veía. Cogiéndose la cabeza, exclamaba:

-¡Pero qué guapa estoy! ¡Qué bonita! ¡Oh, si yo sabía que no me iba a engañar! Le pondré marco y cristal. Pero, ¡qué bonita! Y se besa a sí misma en la foto.

En pocos Minutos La Golondrina y yo, estamos rodeados de toda la ginertería del Sacro Monte. La ampliación pasa de mano en mano; viene la tía de La Golondrina, los viejos, las bailarinas. Están asombrados. Me llaman en partes:

-Dígame, ¿y a mí no me va sacar una foto así?

-Usted sabe... esas fotos se le sacan a personas amigas.

-¿Y yo no soy su amiga? O es que cobra por las fotografías.

-Yo no cobro por las fotografías... pero tú sí cobras por mirar.

Síntesis: La gitana más rica y más bandida del Sacro Monte me ha invitado a visitar su cueva; pero su historia es para otro día.

Con los gitanos del Sacro Monte.

El Mundo 10/09/1935

-Nuestro oficio es pedir – me dice una gitana muy guapa, adosándose al parapeto de piedra que separa el sendero del barranco del Darro.

-Pues a mí no me pidas nada como no sea una sogá para ahorcarte – le respondo poniéndome a cubierto de manga.

-¿Y por qué tú quieres que yo me ahorque? Coquetea la muchacha de bronce.

-Pues porque tú debías estar en Sierra Morena, con un trabuco, y no aquí en el Sacro Monte. Mira que esta es una comedia bonita. Ni tú te cansas de pedir, ni yo de contestare que no.

La gitana se larga mirándome abroncada.

Me voy para la cueva de la tía de La Golondrina. La tía de La Golondrina, una vieja de nariz gorda, pelo liso grisáceo sobre el cráneo, me ve, se aparta del fogaril y yo corro a su encuentro, la abrazo, la palmeo en las espaldas y zamarreándola le digo:

-Dichosos mis ojos, abuela, que te ven tan florecida como una ensalada.

La gitana se echa a reír y los ojos se le entrecierran y yo también me río y los ojos se me entrecierran y estoy sentada, a la puerta de la cueva, y la gitana me mira y se ríe, y yo también me río, y no necesitamos pronunciar palabra para entendernos. Yo, siguiendo la guasa, digo:

-Ay quién me diera ser el rey Faraón, abuela.

A la gitana le agrada mi socarronería agitanada allí, y ese sentido populachero mediante el cual les vengo trajinando. Observa de reojo a su sobrina La golondrina, que desde que le he regalado la fotografía ampliada, me sigue como un perro, cada vez que voy al Sacro Monte, y me contesta, meneando la cabeza burlona:

-Ay, lo que piden tus huesos, hijo, lo que piden tus huesos.

Yo le acaricio el pelo a La Golondrina, y luego serio, le contesto:

-Mis huesos no piden nada, abuela; esté tranquila.

Y la gitana se da cuenta que es verdad; “mis huesos” no piden nada.

La Golondrina, como gatita, está acurrucada junto a su tía. Tiene la cara ancha, los ojos finamente almendrados, la boca pequeña, las sayas largas, collares de bolas verdes y rojas en torno del cuello de bronce. La quiero bien a La Golondrina. Me gusta escarbar su alma. Buscándole confidencias, le digo:

-¿No te fijaste que La Víbora no quiso mirar tu retrato? ¿Y cómo es que pasaste tú de largo frente a ella y no le hablaste?

La Víbora es una gitanilla de catorce años, alta, delgada, más venenosa que una culebra. Yo la he visto bailar una bujería, y en un momento dado su gesticulación me causó terror. Es la criatura más pérfida y falsa del Sacro Monte. Cuando abre la boca es para vomitar atrocidades. Baila muy bien.

Salta la tía de La Golondrina.

-¿Esa marrana no quiso ver la fotografía?

Yo, amablemente derramo aceite en el fuego:

-Fíjese, abuela, que primero fingió que no le interesaba la fotografía.

Interviene La Golondrina:

-¿Sabe, tía, luego lo que le dijo a Roberto? Tú tienes que hacer tres como esa.

Meto yo ahora la cuchara en la sopa:

-¿Y sabe qué le contesté yo, abuela? “Pues, ¿por qué te voy a sacar tres fotografías? ¿Eres acaso amiga mía?”

Nuevamente interviene La Golondrina:

-Tía y La Víbora, para darme envidia a mí, esta tarde le dice a Roberto: Tú tienes que venir a mi cueva.

-¿Y sabes que le contesté yo?: A qué voy a ir a tu cueva. ¿A que me desvalijes?

La Golondrina, me coge de la manga del saco y me explica su lío:

-Sabes Roberto, por qué La Víbora está disgustada conmigo. El otro día vino una señora y nos vio bailar a todas. Y después que le pagó a la Capitana, me regaló a mi una peseta, y La Víbora quería que yo le diera la mitad de la peseta, y como es más alta que yo quería quitármela, y yo cogí una piedra.

La tía interviene:

-Le tiene envidia a la chavala porque baila mejor que ella.

Continúo derramando aceite en el fuego, con suavidad dogmática:

-Debe ser una mala cabra esa Víbora.

La vieja inclina confidencialmente la cabeza sobre mi oído, y me explica:

-Fíjate que mala será esa gitana, que gracias a Dios no todos somos así; que a la madre... ¿Tú te has fijado?...

-Sí... ya me he fijado...

-Pues le grita: “Yo lo único que quiero es que te saquen el crío del vientre con ganchos”.

La Golondrina, grave, meneando la cabeza:

-¿Te parece bien, Roberto, que una hija le grite esas cosas a su madre?

Y la chiquilla comenta:

-Pues, mira: si yo llego a tener una hija que me dice eso, durante un mes estaría echando sangre por la boca de la “bofetás” que le daba.

Yo sonrío. Me encuentro, cómodo y a gusto, escuchando chismes que desnudan la naturaleza humana. La luna asoma tras de la Alhambra, sobre los penachos de los cipreses. Y sonrío, gozando este pedazo de mi vida, que es un sueño.

Vida de los gitanos del Sacro Monte.

El Mundo 11/09/1935

Merodeo por los polvorientos senderos del Sacro Monte, Brutales de piedra, pencas y excrementos, como un gato a las puertas de una pescadería.

Me apasiona y deleita este panorama brutal, de viejos ladrones de mulos, montados en burros, con negros sombreros de alas planas, y las perras famélicas, esquiladas a tijerazos que les han dejado grises rayaduras en el pellejo, y los chicos de cobre, desnudos bajo un guardapolvo, a caballo de una escoba, y a las puertas de sus cavernas, y los viejos truhanes, de nariz granujenta, sentados en una roca, charlando despacio, o formando un círculo silencioso, en torno de otro, que deletrea las columnas de un periódico en voz alta.

Hoy he fotografiado a varias gitanas, cuando bajo del monte veo frente a una cueva a una bailarina, y le digo:

-¿Por qué no subiste a la cueva de Antonia? Estuve fotografiando a las chicas. Ahora no tengo película.

La muchacha observa esquivamente mi máquina, y luego me responde:

-Tú bien sabes que estoy disgustada con las de aquella cueva.

El infierno

El Sacro Monte, contra las angélicas sugerencias que desprende su nombre, es un infierno. El infierno de los gitanos.

Estos vagamundos, se aborrecen los unos a los otros. El único lazo que les mantiene unidos, no es la solidaridad racial, ni la simpatía, sino el interés. Personalmente, se detestan. Las mujeres no se despedazan a dentelladas, porque sino ¿quién bailarían? Y los hombres no se dan puñaladas con más frecuencia, porque más que a la cárcel temen a la culata de los fusiles de los guardias civiles. Lo cual no impide que cada mes comparezcan gitanos ante los tribunales por riñas y navajazos. Y es que la situación de los gitanos del Sacro Monte granadino, es especial respecto a la situación de sus otros hermanos, los gitanos.

La afluencia de turistas a Granada, y sus visitas al Sacro Monte, inclinaron a éstos a convertir el baile en un negocio, y la comunidad de holgazanes y ladronzacos se encontró un día con una industria nueva: la Danza Gitana.

En la danza gitana intervienen casi siempre más de veinte mujeres, sin contar los guitarristas. Los ingresos se reparten por partes iguales. Un baile que dura una hora, se cobra un mínimo de cien pesetas, lo cual no es mucho si se tiene en cuenta que esta suma se divide entre tantas personas. En síntesis, cada bailarina no alcanza a sacar dos pesos argentinos, después de una hora de jaleo, danza y canto. En otros tiempos, durante la guerra europea y con anterioridad, el mismo baile se tarifaba en doscientas y trescientas pesetas. Hoy, los

turistas que llegan con la bolsa atornillada al cinto, no pagan más de cincuenta o setenta pesetas.

No hay que olvidar que el baile es una profesión artística, y aunque se realiza colectivamente, siempre hay bailarinas que se destacan más. Para éstas son las propinas del turista, propinas que constituyen un semillero de odios y riñas.

Me dice Lola la Chata (la gitana más rica del Sacro Monte, de quien me ocuparé en una próxima nota):

-Fíjate que el otro día, vinieron unos turistas y La Víbora estaba déle comadrear y moverle los ojos y hacerse de aquí para allá, queriendo llamar la atención de la gente, hasta que un señor le dijo: “Oye, niña, tú no tienes categoría para mí”. Antonia, la otra gitana, a quien estimo algo, me dice:

-Esa Niña del Tazón va a tener un disgusto serio conmigo. Cada vez que entro al baile, me mira de arriba abajo, yo no le hago caso porque soy una mujer... pues bien, a los tres días, esa tía se olvida del desaire que me ha hecho y viene a mi cueva pedirme un poco de polvo. ¿Y sabes qué le contesté yo?

-...

-Pues, vete a la hornilla y coge ceniza si quieres empolvarte.

Se aborrecen. Se envidian. Viven encorajinadas, pensando la una en la otra. La Chata me cuenta:

-cuando yo puse teléfono en mi cueva (!), La víbora estuvo un mes enferma de envidia. Le dio ictericia. Si pudieran, me matarían, ¿sabes por qué? Porque tengo treinta vestidos (!). Tuve que sacar el teléfono de la cueva, porque esas marranas, de la envidia, bajaban de noche a Granada y me llamaban para no dejarme dormir, y también me insultaban. Yo creí que esa vez me iban a matar.

Aunque se odien, tienen que convivir. Una gitana aislada, dificultosamente podría mantenerse. Lo más gracioso es que el turista, que las ve reunidas en una cueva, tomadas de la cintura y danzando sonriendo, no barrunta ni remotamente el infierno de odios que las separa, y las grescas que su propina suscita. Pues en cuanto el forastero ha tomado el volante, y aun no se ha disuelto la nube de polvo, la jauría comienza a ladrarse y maldecirse:

-¡Qué tú lo trajinaste a ese hombre que me miraba a mí!...

Es feroz. Forman grupos, que hablan mirándose de reojo, apretando el mango de las tijeras bajo las sayas floreada. Y es que sus naturalezas instintivas y esencialmente dramática, viven con una intensidad cruel, las bagatelas más ridículas.

Diálogo extraordinario con Lola la Chata.

El Mundo 12/09/1935

Estoy sentado en la puerta de la cueva de La Golondrina, cuando de pronto me sorprende la visión de una muchacha tan sobriamente vestida, que en cualquier boulevard de París no desentonaría por su elegancia, junto a un maniquí viviente.

-¡Diablo!... ¿Eres tú Lola?

-La misma.

Esponáneamente, y con ese entusiasmo que perciben todas las mujeres y con más sensibilidad aún las gitanas, me levanto, la examino de pies a la cabeza, la hago girar sobre si misma, y le digo:

-Chata, ¡qué elegante... pero qué fantásticamente elegante que estás! ¿A dónde vas?

-A Granada. Me espera un amigo.

-¿Quieres que te acompañe?

-¡Cómo no!

Las gitanas, esquivas en las puertas de sus cavernas, me miran partir con Lola la Chata. Porque esta es Lola, la misma que el primer día de mi llegada al Sacro Monte, me asaltó con la falsa voz de:

-Señorito, déme una peseta... déme un cigarret, señorito... déme una perra gorda para mi hermanico...

-¿Te acuerdas, Lola, del primer día que llegué al Sacro Monte? Qué fanea me hicieron.

-Sí... pero no me diste nada más que treinta céntimos...

Nos miramos y nos reímos. Lola quiere pedirme algo, Algo que le da vueltas por dentro. Aunque trata de fingir indiferencia, su deseo le requema las vísceras; la gitana que hay en ella, supera en mucho a la seudo apariencia de civilizada que ostenta. Y de pronto el resorte salta por los aires:

-Muy bonita la fotografía que le hiciste a La Golondrina.

¡Si estoy esperando esa salida de la gitana! No hago más que felicitarme y congratularme vanidosamente a mí mismo por haber acertado con el lado flaco de los gitanos. La envidia. Esa terrible envidia que las encona una contra otra. Pero respondo muy por lo fino:

-Bien hubiera querido sacarte una foto a ti, pero esa mañana nos estabas.

-Porque no viniste a mi cueva.

-Es que tú nunca me invitaste...

-Pues ven cuando quieras, Roberto. Mi cueva es la mejor del Sacro Monte. (¡Vaya la novedad que me comunica! Hace rato que lo sé)

Caminamos por el sendero polvoriento entre cactus y papeles con desperdicios. Los grupos de gitanas que nos ven pasar, vuelven las espaldas para no saludarme, porque voy con La Chata, a quien ellas darían de puñaladas si pudieran, porque La Chata es más rica que ellas, más fiera. Más astuta, más gitana cien por cien.

-¿Adónde vas con tu amigo?

-Al cine.

-¿Te gusta el cine?

-Mucho. Anoche vi por tercera vez "Fatalidad". ¡Qué bien trabaja esa mujer! (la Marlene).

-¿Cuál te gusta más de todas las actrices?

-Katherina Hepburn y Greta Garbo. Y me gusta la Hepburn, porque es fea. Y yo también soy fea. (Es cierto, La Chata está picada por las viruelas y es ligeramente bizca).

De pronto, le digo:

-Me alegro mucho, Lola, que me hayas invitado a visitar tu cueva, porque me han dicho que está muy bien puesta.

-Tengo dos cuevas, Roberto.

-¿Cómo dos?

-Sí, una abajo, donde bailamos y vive mi madre, y otra arriba, en el monte, donde vivo yo y únicamente recibo a mis amigos.

-¿Y son tuyas?

-¡Y tan mías! Tengo escrituras.

-¿Cómo! ¿Por las cuevas dan escrituras?

-Y tan si las dan, que mi escritura me costó veinte duros.

-Pues entonces tú eres una gitana burguesa. Eso sí que está bueno.

-Y en la cueva de arriba tenía teléfono, y tuve que quitarlo porque me molestaban a todas horas, que me costó treinta pesetas colocarlo.

-¿Qué tal es tu cueva, Lola?

-Dicen que es la mejor del Sacro Monte. Está muy bien puesta. Te diré: tengo cama turca y un ropero de tres lunas... aunque el ropero desentona... pero tengo que tenerlo, porque si no, ¿dónde pondría mis treinta trajes?

La miro un rato asombrado, luego:

-Por Dios, Lola, que te sacaré dos fotografías. Una, como estás vestida ahora, y otra de gitana, porque si lo que voy a escribir sobre tu persona, lo cuento sin acompañarlo de fotografías, en Buenos Aires no me creen. Sólo con fotografías podrán admitir que esta novela es realidad. Claro que iré a tu cueva.

-¿Y me vas a dar una foto grande así como la que le regalaste a La Golondrina?

-Creo que sí... sí... cómo no. ¿Qué menos puedo regalarle a una mujer inteligente como tú? (Lo es).

-Pero no todo lo que te diga lo vas a escribir en el periódico.

-Por supuesto... escribiré lo que tú me digas... cuentas claras, amistades largas, Lola.

-Pues ahora te diré una cosa, que no quiero que sepa nadie y que me cuesta un trabajo ocultar: Tú me has dicho que soy una mujer inteligente. Es cierto... pero con toda mi inteligencia, no sé leer ni escribir.

-¿Es posible, Lola?... Y habiendo salido...

-Pues sí... habiéndome criado desnuda en el Sacro Monte, igual que una bestia, con una madre que tiene menos cerebro que una gallina, soy lo que soy, ¿qué te parece?

-Pues que mañana iré a tu cueva aunque venga el Diluvio Universal.

La cueva de la gitana rica.

El Mundo 14/09/1935

39 grados de temperatura a la sombra. Tres de la tarde.

Cruzo el monte de los gitanos, en compañía de una chiquilla de siete años, rubia y morena, que me guía entre el laberinto de los altozanos y senderillos, hacia la cueva de Lola la Chata. Mujeres hurañas, color de cobre, en las puertas de sus viviendas troglodíticas. Sombras

de chumberas en los rústicos muros blancos. Caminitos entre cactus espinosos. Basura, papeles, huesos, excrementos. El sol, casi vertical, reverbera en la rocalla caliza. 39 grados a la sombra. Una puerta azul, en el fondo de un barranco.

-La cueva de la Chata, señorito.

Le doy una perra gorda a la chiquilla, y golpeo las palmas de las manos. Una mujer en peinador asoma a la boca de la caverna. Es la Chata, la gitana más rica del Sacro Monte.

-Ah, eres tú, Roberto. Pasa, hombre... esto está desarreglado... pero entra.

Un Hombre joven, rubio, extremadamente bonito, sentado en la orilla de la cama turca.

-Roberto; te voy a presentar a mi novio.

Es un mozo alemán, ex conde, que trabaja de dentista en Granada. SE va a casar con la Chata. El ex conde me cuenta, risueño, que su familia en Alemania, le ha escrito muy asombrada, de recibir una fotografía de la cueva de la gitana, porque “en Alemania, se cree que únicamente los bandidos viven en cuevas”. Yo no digo oste ni moste. Contemplo al joven “bonafide” con ecuanimidad pasmosa. Ya no me asombro de nada. Creo en las novelas de Posen du Terrail; creo en el disparate, creo en el absurdo.

El mozo sabe que soy periodista; está informado por la gitana. La Chata ha hablado de mí, además de la foto de La golondrina. Esa fotografía las trae trastornadas a todas. He llegado a la conclusión que con una buena colección de discos y un aparato fotográfico se podría enloquecer a estos habitantes tan primitivos y sensibles del Sacro Monte.

-Siéntate, Roberto.

Placidamente me ubico en un sillón. Examino al joven alemán con indulgencia infinita. Bendito sea él y bendita sea su alegría por el asombro que le ha causado a su familia.

La caverna de la Chata es triple. La primera cueva, está ocupada por el comedor y la cocina, la cocina ubicada en un nuevo excavado en el muro, la segunda cueva destinada a dormitorio, y la tercera, al fondo y con un respiradero excavado en el centro de la roca, destinada a la criada..

Es una gitanilla, de alpargatas, que aparece con un cántaro de agua, cargado a las espaldas.

La Chata repara en mi asombro y reflexiona, desde el comedor:

-Tú comprendes que yo no puedo bailar y cocinar al mismo tiempo.

Mi sonrisa es digna de figurar en la cara del Bhuda. El alemanito, le ayuda a vestirse a su novia. Yo examino el dormitorio. Hace fresco aquí. El muro encalado, hasta cierta altura está revestido de paño pardo con estrías moradas, en los muros de roca, abovedados en la altura, hay suspendidos platos de cobre batido, castañuelas, collares de cuentas de madera negra, en una mesilla un florero con claveles, la lámpara eléctrica encendida, proyecta en el abovedamiento calizo, un cono voltaico de estudio cinematográfico. En la cueva de la entrada, flota una atmósfera azulada. La Chata se cambia para que la fotografíe.

-Dónde te vistes, tú – le pregunto.

-en Madrid.

-¡Ah, en Madrid!...

-Sí, los mejores modistos son Gerome y Mofort, después está La Colma, aunque La Colma tiene modelos más feos que los de Gerome, y tú sabes lo que luce un vestido en una mujer bonita. (Y ésta es la mujer que me pedía una perra para el hermanico.)

Habla la gitana y yo pienso: “Si un autor situara este diálogo inverosímil y auténtico en una de sus obras, posiblemente, los críticos teatrales y los otros de gabinete de dirían que estaba loco o que no había puesto jamás los pies en el Sacro Monte. Afortunadamente el testimonio fotográfico hará enmudecer a los escépticos.

-Chata, tu cueva es muy bonita. ¿Cuánto de cuesta?

-Tres mil doscientas pesetas, y la escritura, veinte duros. Fíjate, que anualmente pago de impuestos en el Ayuntamiento, diez pesetas.

-¿Y todos los gitanos que viven aquí, tienen escritura de sus cuevas?

-Pues, es claro. O el dueño. Cada cueva pertenece a un propietario.

¿Te das cuenta, Chata, que ninguno de los turistas que viene por aquí se entera de estas cosas?

-¡No me hables de esos tíos mala sombra!

-¿Te falta mucho para vestirte?

-Me estoy peinando.

-Luego te sacaré otra fotografía vestida de gitana, porque si no la gente de mi país no va a creer en lo que les cuento.

-¿Me mandarás los periódicos?

-Te prometo, que cuando llegue, buscaré la colección y te enviaré esos números.

Y de pronto, el prodigio. Aparece la gitana, vestida en traje de calle. Elástica, fina elegante. A su lado, como en las películas, el ex conde.

Historia de “la Chata”. La gitana analfabeta lee y hace cuentas. Se va a casar con un noble alemán arruinado.

El Mundo 16/09/1935

La Chata recostada en la cama turca de su cueva, en traje de baile. Yo, frente a ella, fumando. Le digo:

-No hay aquí en Granada mujer que tenga tan lindo cuerpo como el tuyo. Lástima que tu rostro sea feo.

-¿Y te crees que no lo sé? Mira, soy un poco bizca del ojo derecho.

-Ya lo sé...

-Si yo no hubiera procedido con inteligencia, sería una mujer repugnante, una de esas gitanas asquerosas, marranas y sucias que tú has visto.

-Ya lo sé. Lo interesante es saber cómo has podido levantarte sobre este medio.

-Pues te contaré. A los trece años, me casaron. El casamiento gitano no es como el vuestro, el hombre se roba la muchacha y se la lleva tres días a su casa. Pues bien, yo a esa edad era una bestia. Lo único que sabía era bailar. Había escuela en el Albacín, pero mi madre jamás me envió. Mi madre es más bruta que una gallina. Un verano vinieron unos turistas

aquí, se formó baile en una cueva y uno me dijo que le leyera la buena ventura, mientras yo fingía leerle en la mano, él me decía, por lo bajo:

-“Vete conmigo a Madrid”.

Mi marido, un grandulazo, estaba en la puerta de la cueva, y yo le contesté al hombre:

A CONQUISTAR MADRID

-“Vea, señorito, que mi marido es aquel hombre de gorra de pana que está en la puerta y si le ve arrimado a mí, cuando salga va a tener usted un jaleo padre.”

-“Te espero esta noche a la una de la mañana en la entrada del Sacro Monte. Yo vivo en el hotel Londres.”

A la una de la mañana me fue imposible salir, pero a las dos, cuando pude escapar, el hombre no estaba ya. Me fui al hotel Londres donde no querían dejarme entrar por verme vestida de gitana. Por fin le llamaron a él, y al día siguiente me llevaba a Madrid. Madrid fue para mí, en esa época, el paraíso. Todo me asombraba. Comencé a civilizarme, aprendí a vestirme... se fue él y vino otro; bailé, me enfermé, volví al Sacro Monte después de ocho años de correr mundo. Mi marido a causa de lo mucho que bebía se volvió loco y lo encerraron en un manicomio. Yo tenía hechos unos ahorros y compré esta cueva; eran aquellos buenos tiempos. Los turistas venían y sólo por vernos nos daban dinero a puñados; un baile por el cual cobramos ahora cien pesetas, en esos tiempos se cobraba cuatrocientas. Salí en giras, bailé en cabarets... Hay gente que cree que un cabaret es un lugar divertido y es lo más aburrido que se conoce...

-Y siempre sin saber leer ni escribir.

-Te contaré esto. Tenía un amigo abogado. Tenía que hacer unos esfuerzos bárbaros para que nos se enterara que era analfabeta. Después se lo dije. No quería creerlo, pues no se había dado cuenta.

-¿Y cómo te las arreglas?

-Lo único que conozco son los números; no sé sumar, pero mira la cuenta al final, hago como si sumara, me dan un diario, finjo que leo y luego respondo:

-“Está bien”, o “¡Qué interesante!”, y así salgo del paso.

SE VA A CASAR

Hablamos ahora del novio.

-¿Se piensa casar contigo?

-Y, dentro de dos meses.

-Me parece que él te quiere a ti, más que tú a él.

-Así es. ¿En qué te diste cuenta?

-Ante todo porque es un muchacho muy joven, y a esa edad es en la que se hacen los disparates más descomunales.

La Chata es una mujer sensata. No se ofende por mis palabras, sino que me responde:

-Yo misma estoy extrañada. Tú has visto que es un chico muy guapo. Te prevengo que aquí en Granada podría casarse con cualquier mujer de sociedad y de dinero. Yo misma se lo he dicho. Ni ha querido escucharme. Yo he hablado con el cónsul, que me ha contado que pertenece a una familia alemana de nobleza antigua, pero completamente arruinada, fíjate que le ha escrito a la madre y le ha enviado fotografías de la cueva...

-El mozo ese es un romántico... pero tu eres una mujer astuta, y puedes hacerle feliz.
¿No te gustaría tener hijos?

-No. No me gustan los chiquillos. Salvo que fuera muy, pero muy guapo... y como una no puede elegir...

La gitana es sincera en la medida de lo posible. Me cuenta:

-Fíjate que cobra el sueldo, y me lo trae íntegro. Yo tengo que darle para que se compre cigarrillos.

-dime Chata, ¿y por qué me cuentas tu todas estas cosas a mí?

-Hombre... tú eres un chico simpático... y se ve que has corrido mundo y que no te espantas de nada. Como que nos trajinaste a todas con la fotografía de La Golondrina.

-¿Te diste cuenta de ello?

-pero niño... ¿tú te crees acaso que yo no me doy cuenta?

La sensibilidad gitana

El Mundo 17/09/1935

Anochece en el Sacro Monte. Legan los gitanos de las sierra, cubiertos de anchos sombreros, los bigotes erizados a lo hocico de gato, al cinto la tijera de esquilas burros, seguidos de mujeres, con el vestido más largo por detrás que por delante, y un crío en los brazos.

Más allá de un barranco, en lo alto de una muralla de tierra roja, la Alhambra sonrosada, y en el azul del cielo, la luna que clava su redondeada uña de plata. Los montes verdean como en un panorama teatral. Rodeado de un círculo de gitanas, apoyo la espalda en el muro de una cueva, sentado en una piedra.

Estamos cantando a coro el “Bolero”, de Ravel. Porque estos analfabetos gozan y aman la música. La viven.

Las gitanas, flores en la cabeza, imitan el redoble del tambor, tableteando las manos, mientras Teresa la bailarina, en el polvo del camino, zapatea levantando nubecillas de tierra, haciendo a un tiempo con su mano de batuta, y con una rodilla adelantada empujando los faralaes de falda roja y verde.

Los gitanos que pasan con la tijera de esquilas burros, al cinto, me saludan. Saludo.

-Ton, ton, ton – repite Teresa siguiendo el ritmo del Bolero.

Estoy empezando a querer esta gente. De pronto, les digo a las gitanas:

Ustedes sabrán que Ravel no podrá componer más música. Todas abren los ojos y yo continúo. – Su automóvil chocó con otro y de la conmoción cerebral, ha quedado tan “chalao”, que para firmar le tienen que llevar la mano.

-¿Morirá? – me pregunta la Golondrina.

-Hija... es peor que si se hubiera muerto.

Se produce un intervalo de silencio. Las gitanas menean la cabeza, como si comprendieran que es peor estar vivo en esas condiciones, que muerto.

-Y tan boniquillo que es Bolero – repone la Golondrina, y salta al centro del camino y comienza a zapatear, levantando nubes de polvo, al tiempo que tararea: “Tan, tan, tan.”

La más bonita de las gitanas del sacro Monte, Teresa, una chiquilla de catorce años, se ha sentado a mi lado. Le digo:

-Canta las coplas del Amor Brujo, niña.

La gitana canta:

“Malhaya el corazón triste,
que en su llama,
te huye y te persigue.”

-La Danza del Terror – grita Antonia.

Teresa baila la Danza del Terror. Zapatea retrocediendo como un torero, frente al acoso del fantasma invisible. Yo paladeo un sueño realizado. Y les digo a las gitanas:

-Lástima grande tener que marcharme.

-¿Te irás pronto?

-Sí... y me gustaría quedarme a vivir, aquí en una cueva entre vosotras.

-“¿De verdad...?”

-Y escribiría una novela, y os pondría en ella con vuestros propios nombres.

La Golondrina se aprieta las manos contra el pecho:

-¿Y me pondrías a mí, así, guapita, y con mi propio nombre de la Golondrina?

Salta Teresa:

-A mí me gustaría que me pusieras en tu historia, bailando junto a una fogata en la noche de San Juan. Y yo pondría una cara así – y la gitanilla desencaja el rostro como si contemplara un espectro entre las llamas de los troncos.

Cae la noche. Estoy cómodo entre esta gente que comienza a quererme. Son duros para entregarse, pero de una sensibilidad prodigiosa. Aman la belleza, hombres y mujeres viven desmesuradamente lo que imaginan. Sus pasiones son vehementes. Ignoran el término medio. Tienen el sentido de la tragedia. Sobre cualquier bagatela desenvuelven un mundo de gesticulaciones, de conmoción. Le pongo la mano en la frente a una gitana para comprobar si no tiene fiebre, e inmediatamente, todas quieren que haga la misma prueba con ellas. Le regalo una foto a un gitano. Casi se echa a llorar porque ha salido feo. Se queda una hora explicándome que él no es feo. Que debió haber salido mejor. Y toma a todo el mundo de testigo. Un drama. Tengo que prometerle que o sacaré bonito. Y sigue. Viene Lola la Chata a pedirme películas de las fotos que saqué, “porque el novio le va a hacer retratos más grandes que los que yo le regalé a La Golondrina”. Lo dice delante de todas, revolviendo el puñal. Para castigarla, no le doy ningún negativo.

Afirmo que podría enloquecerlos a todos llevando una buena victrola al Sacro Monte. La música de los compositores modernos, los trastorna. Para apoderarse de sus almas es menester ir hacia ellos con bellezas extraordinarias. Hombres y mujeres, se puede hacer de ellos lo que se quiere, pero hay que interesar sus sensibilidades apasionadísimas. Ser frío y ardiente. Amarle. Perciben sagazmente el amor, y entonces hay que ser imparcial. Un favor a uno en especial, los enferma a los otros. En síntesis, fieras maravillosas. Artistas. Lástima que no se les proteja ni ayude.

o o o o o o o o